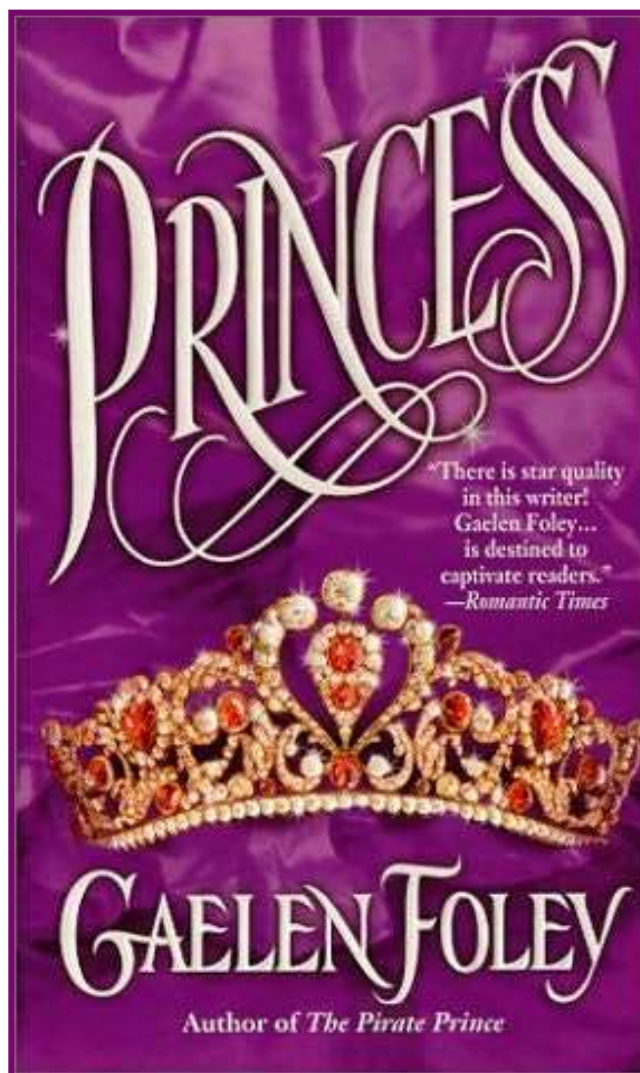




GAELEN FOLEY
PRÍNCIPES DO MAR 02
A PRINCESA



Dedico este livro a meus leais amigos de toda a vida e a minhas irmãs Shana, Elizabeth e Janeen.

Quero agradecer especialmente a minha mãe, cuja perspicácia, baseada em seus anos de experiência com vítimas de violência familiar, ajudou—me muitíssimo a entender as cicatrizes que estas tragédias deixam e a esperança de cura que nos inspira a valentia de seus sobreviventes.

RESUMO:

A formosa e sensual princesa Serafina está apaixonada por Darius Santiago, seu protetor e homem de máxima confiança do rei, desde que era uma menina, mas Darius, que foi resgatado da orfandade pelo rei para se tornar um espião, não se acha merecedor do amor da jovem embora também a ame e, durante anos esconde seus sentimentos.

Assim, quando o rei decide que Serafina deve casar-se com o príncipe russo Tyurinov para que seu país proteja à pequena ilha de Ascensão do ataque de Bonaparte, Darius se desespera e, para evitar o matrimônio, prepara um complô contra Napoleão que suporá um desafio a seu amor e uma ameaça para suas vidas e a sobrevivência do reino. O jovem demonstrou ser capaz de arriscar sua vida por amor, mas será capaz de desvelar seus mais profundos segredos e de abrir seu coração à pessoa que durante anos amou em silêncio?

Revisão inicial: Edith

Revisão final: Sol Moura

Visto Final: Drica

Colaboração: Gabi

Projeto Revisoras Traduções

É uma pérola cujo preço lançou mais de mil navios ao mar e transformou reis coroados em comerciantes.

Shakespeare

Ele vai atrás da honra; eu, do amor.

Shakespeare

Capítulo 1

Maio de 1805

O som de seus rápidos e enérgicos passos invadiu o estreito espaço entre as paredes do labiríntico jardim. As sebes se inclinavam sobre ela, como se quisessem lhe fechar o passo, e o coração pulsava tão forte que pensou que agora sim a ouviriam.

Percorreu lentamente a estreita vereda, seus pés nus deslizando silenciosamente pela fresca e verde grama, seu peito palpitando. Tremia-lhe todo o corpo e sangrava sua mão, talvez machucada depois do murro no rosto que havia dado em Philippe com o cortante fio de seu anel de diamante. Ao menos tinha conseguido desfazer-se dele e esconder-se no labirinto. Não se atrevia a pedir ajuda, pois sabia que só os três homens a ouviriam.

Nessa noite, não havia ninguém mais fora. As gotas de chuva se espalhavam em um céu azul escuro coberto de nuvens. As cigarras cantavam em uníssono enquanto o vento, que soprava primeiro de um lado e depois do outro, trazia consigo fragmentos de um minueto interpretado nos jardins reais, o minueto de um baile: o de sua festa de compromisso. Seu noivo tinha sido incapaz de participar.

Inclinou a cabeça para a esquerda ao ouvir movimentos do outro lado da frondosa sebe.

Ele estava ali. Um sabor ácido do vinho que tinha bebido lhe subiu pela garganta.

Podia ver sua silhueta, alta e elegante. Podia ver a silhueta de uma pistola em sua mão. E soube que da mesma forma, ele poderia ver seu vestido de seda clara através dos ramos. Ficou de cócoras e se afastou com cautela.

—Não tenha medo, Alteza. —OuvIU a melíflua voz de Henri a vários passos de distância.— Não vamos machucá-la. Saia, não há nada que possa fazer.

O francês se afastou de seu companheiro para cercá-la. Reprimiu um soluço, dominando sua fragilidade enquanto tratava de decidir o melhor caminho. Embora tivesse brincado de correr pelo labirinto desde que era menina, o medo a fazia agora duvidar de seu sentido de orientação.

Escutou o pausado murmúrio que provinha da fonte do centro do labirinto e tratou de guiar-se por seu som. Encolheu-se contra o arbusto e dali inspecionou palmo a palmo o caminho, fechando com tanta força os punhos que as unhas se cravavam na palma da mão. Ao final, apertou as costas contra os espinhosos arbustos, muito assustada para superar a curva do caminho. Esperou, tremendo, em um esforço vão por conter os nervos e o nó que lhe oprimia o estômago.

Ela não sabia o que queriam.

Tinha recebido outras vezes propostas dos presunçosos e famintos cortesãos do palácio, mas nenhum deles nunca tinha tratado de retê-la pela força. E muito menos, tinham usado armas.

"Deus, por favor."

Queria gritar, mas tinha muito medo. O vento soprou de novo: trazia aroma de grama, jasmim, homens.

"Já vêm."

—Alteza, não tem nada que temer. Somos seus amigos.

Pôs-se a correr, sua longa e negra cabeleira ao vento. Ouviu-se um trovão, o anúncio de uma tormenta de verão que trazia o vento. Ao chegar ao final da passagem se deteve outra vez, muito assustada para virar na próxima curva, onde ficaria a mercê de Philippe ou do loiro, Henri, que pareciam dispostos a encontrá-la. Não podia deixar de pensar no que lhe dizia sua antiga preceptora, que um dia lhe aconteceria algo mau se continuasse agindo de uma maneira tão selvagem e descarada.

Prometeu-se não ser descarada nunca mais. Não voltaria a coquetear. Não voltaria a confiar em ninguém.

Seu peito se movia para cima e para baixo, para cima e para baixo.

Já chegavam. Sabia que não podia ficar onde estava nem um segundo a mais.

"Fui apanhada. Não há saída."

E de repente, escutou outra voz, apenas audível, como um sussurro fantasmagórico.

—Princesa.

Era como se esta palavra tivesse saído da terra, como se o vento a tivesse deixado sair apenas um momento.

Esteve a ponto de responder em voz alta, desejando com todas suas forças que não fosse uma brincadeira de sua mente confundida pelo pânico. Só uma pessoa a chamava assim, com a versão espanhola de seu título italiano, principessa.

Se alguma vez o tinha necessitado, era agora.

O formoso e obscuro Santiago.

Só ele podia salvá-la deste pesadelo. Entretanto, ele se achava muito distante, ocupado nos assuntos do palácio, reunindo informação e protegendo ao embaixador em Moscou, onde estava se formando a nova coalizão contra Napoleão.

Darius Santiago era um insolente, um bárbaro arrogante, mas não conhecia o significado do medo, pelo que estava certa de que poderia fazer algo. Não o tinha visto em quase um ano, o que não impedia que continuasse a ocupar sua mente, com seu arrogante sorriso e seus olhos negros como azeviche. Uns olhos que pareciam vigiá-la embora estivesse a quilômetros de distância.

—Estou cansado desta perseguição, ma belle —lhe advertiu Henri. Viu um movimento através da fileira de sebes e uns cachos loiros desalinhados. Viu que o francês se detinha e movia a cabeça, como se assim pudesse ouvir melhor.

Com os olhos muito abertos, tampou a boca com as duas mãos. Começou a retroceder sem lhe dar as costas. Esteve a ponto de gritar quando um ramo se enredou no cabelo, e teve que se voltar para comprovar que seus longos cachos negros se engancharam entre os arbustos.

—Princesa.

Sabia que tinha ouvido bem! Mas como era possível? Ficou gelada, seu olhar inspecionando os arredores com veemência.

Como podia saber que estava em perigo? Era o laço que os unia tão poderoso?

E então se deu conta de que podia senti-lo, podia sentir seu estranho e silencioso poder presente na noite, como a iminente tormenta.

—Dirija-se ao centro do pátio. —Era um murmúrio obscuro e leve o que a dirigia.

—Ai, Meu Deus! —sussurrou, aliviada. Tinha vindo.

Certamente que tinha vindo.

Embora não a quisesse, embora não pudesse nunca amá-la, ela era sangue real e sua honra o obrigava a protegê-la.

Darius Santiago era o homem de confiança do rei, um mestre na espionagem e no assassinato. Sua lealdade por seu pai era absoluta. Se havia trabalho sujo que fazer para proteger ao reino e à família real da pequena ilha de Ascensão, Darius se encarregava disso sem recriminações. Sua presença lhe fez dar-se conta de que havia algo mais sério do que pensava na tentativa de Philippe de sequestra-la.

Tirou as mãos da boca, embora seu peito continuasse movendo-se com cada inspiração, e esperou, com a cabeça erguida, as instruções de Darius.

—Vá ao pátio, Alteza. Depressa.

—Onde está? —respirou, tremendo.— Ajude-me.

—Estou perto, mas não posso me aproximar.

—Por favor, me ajude —balbuciou, reprimindo um soluço.

—Shhh —sussurrou-lhe—, vá ao centro da praça.

—Estou perdida, Darius. Esqueci. —Cega agora pelas lágrimas que tinha reprimido por pura sobrevivência, tentou vê-lo entre o denso verde da sebe.

—Calma, seja valente —lhe pediu com suavidade.— Dois giros à direita. Está muito perto. Reunir-me-ei com você ali.

—Certo. —balbuciou.

—Vá. Agora. —E seu sussurro se desvaneceu.

Por um momento, Serafina foi incapaz de mover-se. Mas se armou de coragem e se dirigiu para o pequeno e pavimentado pátio. Tremiam-lhe as pernas e a ferida de seu joelho lhe ardia ainda, fruto de um escorregão anterior na grama. O vestido de gaze que tinha estreado com tanto entusiasmo tinha agora um rasgão à altura dos joelhos. Cada movimento era um suplício que sofria em silêncio, e embora o medo a tornasse torpe, esforçava-se por seguir o som refrescante da fonte.

A cada palmo que avançava, cantarolava mentalmente seu nome, como se assim pudesse conjurá-lo, "*Darius, Darius, Darius*". Assim chegou até a primeira curva.

Tomou forças e olhou a seu redor. "*A salvo*."

Seguiu movendo-se, agora com mais confiança. Imagens de Darius se sucediam em sua mente, imagens da infância, ele sempre vigiando-a, tranquilizando-a com um olhar, seu sério e querido cavalheiro, sempre disposto a protegê-la. Mas quando por fim ela cresceu, nada tinha saído segundo seus planos.

"*Darius, não deixe que me agarrem*."

Ao olhar para frente, viu que teria que passar por uma clareira no qual confluía outro caminho pela esquerda. Rezou para que seus perseguidores não estivessem esperando-a ali, escondidos. Terminava a sebe que a protegia e, vacilante, sentiu que a coragem voltava a abandoná-la.

Uma gota de suor lhe rodou pela testa.

"*Que isto saia nos jornais —pensou nervosa, enxugando a testa com o dorso da mão: Última notícias! A Princesa Real sua!*"

Fechou os olhos brevemente e murmurou uma prece. Depois, lançou-se para frente depois de lançar um olhar furtivo à parte baixa da linha de sebes pela qual caminhava.

A uns seis metros de distância, o rude condutor de Philippe jazia de barriga para baixo, imóvel. Um pedaço de metal brilhava a luz da lua. Tinha sido estrangulado, pensou horrorizada. Darius tinha passado por aqui.

Seguiu caminhando com passos intumescidos e vacilantes enquanto um terror frio se apoderava de seu estômago. O canto das cigarras se reduziu a uma vibração monótona que parecia que ia fazê-la perder os nervos. Quando chegou ao final da linha, fez uma careta, lutando em silêncio consigo mesma para achar a coragem necessária para olhar ao outro lado da curva. Obrigou-se a fazê-lo.

"*Espçoso!*"

A entrada do pátio se via já ao final do corredor. Quase tinha chegado. Tudo o que tinha que fazer era passar outro espaço na metade do caminho.

Fez o giro e correu para passá-lo.

Com a respiração entrecortada, seus pés descalços a levaram rapidamente pela grama sedosa. Estava muito próxima da clareira e ao final da linha via agora com clareza a

entrada do pátio. O céu lançou um punhado de chuva e vento sobre seu rosto. As nuvens cobriam a meia lua dourada.

—Volta aqui, pequena vadia! —gritou uma voz profunda.

Ela se encolheu e olhou por cima dos ombros. Philippe a tinha encontrado.

Correu com todas as suas forças para passar a clareira, e foi então que Henri apareceu pela intercessão e a pegou com os dois braços. Gritou desesperada. Henri se jogou rapidamente sobre ela e, de repente, Darius apareceu, como um resplendor mortal entre as sombras, como um lobo no ataque.

Henri gritou ao perder o equilíbrio em sua tentativa de proteger-se de Darius. Serafina enfrentou seu agressor, e escutou como se rasgava a seda de seu vestido quando por fim se desfazia dele. Correu para o pátio, chorando. Os dedos de seus pés roçaram o asfalto e tropeçaram no pequeno recinto. Cruzou o grotesco olhar lascivo de pedra que Pan lhe dirigia da fonte, com sua boca musgosa jogando água, e se refugiou nas sombras de uma esquina. Agachou-se, encolhida, rezando para que Philippe escolhesse ficar e ajudar a seu amigo a lutar contra Darius em vez de persegui-la. Este pensamento não durou muito porque logo viu aparecer o francês na entrada, e atravessar a bem cuidada sebe.

Descobriu-a em seguida, seus passos fortes, e um olhar de desprezo nos olhos. Caminhou a grandes passos para ela e a puxou pelo braço para que se levantasse.

Serafina gritou. Tampo-lhe a boca com a mão e pôs uma faca em sua garganta, justo no momento em que Darius aparecia correndo pela entrada.

Serafina soluçou seu nome.

Philippe puxou-a.

—Cale-se!

Darius se aproximou, respirando forte enquanto analisava a cena que tinha em frente. Seus ferozes olhos cor ônix esquadriharam a noite com uma intensidade demoníaca. Um raio no céu iluminou sua escura e exótica beleza por um instante, e depois, não houve senão escuridão.

Serafina fixou o olhar e toda sua fé nele enquanto pegava com as duas mãos o braço que rodeava seu pescoço.

—Para trás, Santiago — advertiu Philippe.— Um passo mais e ela morrerá.

—Não seja estúpido, Saint-Laurent. Nós dois sabemos que ele não quer que lhe aconteça nada. —Seu tom era desdenhoso e frio, seu olhar sereno. Entretanto, todo seu corpo emanava perigo ao passear pelo pátio, esbelto e elegante, iluminado apenas por uma lua dourada. Vestido impecavelmente de negro, seus movimentos eram os de um depredador felino.

Debaixo dessa sobrelha arqueada, escondia-se uma expressão selvagem e luminosa. Os olhos profundos e melancólicos refletiam uma natureza apaixonada e misteriosa.

Os austeros ângulos de suas faces ossudas, o nariz altivo e aquilino... tudo completado pela sensualidade de sua zangada boca. Uma pequena ruga, em forma de meia lua, danificava a doçura de seus lábios em uma curva amarga.

Serafina contemplava-o encantada, mas Darius nem sequer a olhou, como se não existisse. Em vez disso, cravou os olhos em Philippe e esboçou um sorriso.

—Pensei que era um profissional, Saint-Laurent —disse com uma voz suave e calma, matizada por seu acento espanhol.— É assim que leva seus negócios, pondo facas nas gargantas das juvenzinhas? —Fez um gesto para eles com ociosa elegância.— Pergunto-me como têm estômago para fazê-lo —remarcou.— Pergunto-me como pode servir a um homem sem honra.

—Não vim aqui para filosofar com você, Santiago —grunhiu Philippe, tão tenso e alterado enquanto Darius permanecia frio.— Vou já, e ela vem comigo.

—Se acredita que vou deixar você passar — disse com amabilidade— está enganando a si mesmo.

—Matá-la-ei! —advertiu-lhe Philippe.

Darius lhe dirigiu um sorriso aterrador.

— Seu senhor não gostaria.

O silêncio cortava o ar como o fio de uma navalha. Os dois homens se olharam desafiantes, os dois treinados para matar, cada um deles esperando que o outro se rendesse, até que Serafina não pôde suportá-lo mais.

—Por favor —suplicou—, me deixe partir.

Ao ouvir seu desamparo, Darius voltou o olhar para ela. Durante um desafortunado instante, ela pôde ler a verdade: a fúria, o desespero que escondia sua aparência inflexível. Esse olhar se desvaneceu imediatamente e seus lábios se contraíram de novo em um meio sorriso, embora fosse muito tarde.

Philippe o tinha visto também.

—O que foi isso? —perguntou em tom de brincadeira.— Descobri seu ponto fraco? É possível que o grande Santiago tenha um calcanhar de Aquiles?

O rosto finamente cinzelado de Darius se contraiu. Seus olhos de longas pestanas se entrecerraram olhando para Philippe.

—Ah, certamente —prosseguiu, sem prestar atenção ao perigo—, lembro que alguém me disse que foi seu guarda-costas quando ela não era mais que uma criança.

A voz de Darius se suavizou em um murmúrio aterrador.

—Abaixe sua arma.

— Se afaste de meu caminho.

—Liberte à princesa. Render-se é sua única saída. Seus homens morreram, e sabe muito bem que o necessito vivo.

—Mmm, começa a zangar-se. —Philippe refletiu em voz alta.— Deve estar verdadeiramente preso a você, querida.

Suas palavras feriram a princesa mais do que podia imaginar.

—Não está fazendo senão piorar as coisas, Saint-Laurent. Recordarei como me importunou quando você e eu tenhamos mais tarde uma conversa sobre seus amigos e suas ordens.

—Ah, mas minhas ordens não existem, Santiago. Eu não existo. Não posso voltar com as mãos vazias, assim, já o vê, não conseguirá nada de mim —grunhiu.

Darius começou a aproximar-se deles lentamente, com cautela.

—Nem um passo mais!

Ele se deteve.

—Afastes-se da princesa —disse suavemente, com um olhar tranquilo e desumano.

Serafina recitava mentalmente o fragmento de uma prece, uma e outra vez. Podia sentir o pulso de Philippe contra seu corpo, e como apertava a pressão sobre seu pescoço. Sentiu que aumentava seu desespero enquanto procurava uma forma de sair dali. Ela olhou a faca com a qual a ameaçava no pescoço, fechou os olhos e rezou mais fervorosamente.

—Diga-me, Santiago, cá entre nós —disparou de repente Philippe—: agora que sua pequena carga, digamos assim, cresceu, não se perguntou alguma vez? Quero dizer, olhe para ela. Há quem diga que é a mulher mais formosa do mundo; ou ao menos, uma das três mais bonitas. Certamente, meu patrão está de acordo. Helena de Troya, chama-a. Os homens vão à guerra por possuir semelhante beleza. Não deveríamos dar uma olhada?

Os olhos de Serafina se abriram surpreendidos enquanto Philippe pegava a parte do vestido que Henri tinha rasgado. Deu um grito abafado, aterrorizada ao ver que lhe baixava o vestido deixando descoberto seu corpo até a altura da cintura.

Isto não podia estar acontecendo, pensou. Não em seus formosos jardins, no centro mesmo de seu pequeno, seguro e isolado mundo. Com as faces coradas de vergonha, mordeu o lábio inferior, contendo umas lágrimas de raiva. Tentou tampar-se com os cachos de seu cabelo, mas Philippe protestou.

—Non, non, chérie. Deixe-nos ver a beleza que Deus lhe deu. —Com a mão esquerda, afastou-lhe delicadamente o cabelo para que caísse atrás dos ombros.

—É um porco —sussurrou Darius.

Ela não pôde resistir de procurar seus olhos.

Com as mãos aos lados, ficou ali tremendo de humilhação e raiva, exposta ante o único homem que ela tinha querido. O único que não a queria.

Não muito tempo antes, tinha amado Darius Santiago com um ardor doloroso e adolescente. Três anos atrás, tinha tratado de demonstrar-lhe no baile de sua apresentação. Nesse dia lhe disse que tinha crescido para ele, que tinha deixado de ser uma menina; tentou lhe demonstrar que nenhuma mulher o amaria como o amava. Mas ele tinha fugido e deixado à ilha, embarcando em alguma nova missão. Agora, testemunha de sua humilhação, era forçado a ver seu corpo, o presente que ela tinha tentado lhe dar, e que agora tão pouco significava.

Justo então, o céu da noite se abriu em outra rápida e fria chuva. Serafina estremeceu e tremeu ao sentir as primeiras gotas de chuva sobre seu corpo nu.

Podia sentir a força vulcânica da ira que inundava a Darius, mas por algum motivo a única coisa em que podia concentrar-se era em seu orgulho, no que achava ser sua última defesa. Pegou-se rápido a ele, como se fosse uma tábua de salvação. Levantou a cabeça para combater a vergonha. Com lágrimas nos olhos, ficou olhando fixamente para um nada.

Philippe riu dela.

—Criatura altiva. Sim, sabe que é maravilhosa, não é? —murmurou, percorrendo com um dedo a curva de seu ombro até chegar ao braço. Lutou para não tremer de asco. — Uma pele como a seda. Venha e toque-a, Santiago. É deliciosa. Não o culpo, qualquer homem sentiria fraqueza por uma criatura como esta. Podemos compartilhá-la se quiser.

Ao ouvir isso, seus olhos se voltaram para Darius, e então foi como se uma fria vara lhe golpeasse a espinha dorsal. Porque o que viu foi a um homem desfrutando com a visão de seus seios, um olhar que devorava sua nudez.

—Darius? —perguntou com um sussurro lastimoso.

Os dedos de Philippe se agarraram com mais força ao punho da faca, embora sua voz segura e calma emitisse uma nota de triunfo.

—Venha e prove-a. Ninguém tem que saber. Sério, com tudo o que fez por seu rei, acaso não lhe merece isso?

Finalmente, Darius ergueu o olhar para examinar a intimidade de seu corpo. Serafina pôde ver o brilho de uns dentes brancos em seu sorriso frio e diabólico.

Começou a aproximar-se lentamente deles, ao mesmo tempo em que perguntava a Philippe:

—O que sugere?

Serafina não acreditava no que ouvia. Em sua mente apareceram imagens da última vez que tinha visto Darius, seis meses atrás. Como de costume, a tinha ignorado assim que pôs os pés no palácio, mas naquele dia, ela tinha aberto a porta do salão de música no meio da tarde, e o tinha encontrado junto à parede brincando com uma de suas muitas amantes. Estava com a camisa aberta, os ombros e o peito nu, e as calças lhe caíam até as coxas, enquanto a mulher, de saias arregaçadas, tratava de o despir. Quando Serafina abriu a porta, ele a viu por cima do ombro dela e seus olhos se encontraram por um segundo.

Ainda recordava o ardor de seu olhar. Ela tinha ficado ali, em pé na porta, com a boca e os olhos muito abertos. Recordava o sorriso zombador e sedutor que lhe tinha dirigido antes de sair batendo a porta. Parecia-se com o que agora via.

—Eu a segurarei para você —disse Philippe.

—Ah, não resistirá para mim —murmurou—, não é verdade, meu anjo?

Suas faces se tornaram de cor carmesim. Agachou à cabeça, envergonhada e raivosa. Tremia e não podia suportar ver como se aproximava deles. Jurou a si mesma que

isto era parte de um plano. Ela era a princesa herdeira! Darius não faria algo assim nunca, nunca.

Mas ele não era como outros homens. Este espanhol de beleza aterradora escapava a qualquer de suas predições. Só sabia que não temia a nada e que, por muita lealdade que professasse a seu pai, não obedeceria à outra lei que não fosse a sua própria.

Lentamente, primeiro um passo e depois outro, aproximou-se até ficar a uns três palmos dela, tão perto que seus seios quase podiam roçar-se. Tão perto que podia sentir sua respiração contra ela.

Estava presa entre dois altos e rudes homens, respirava com dificuldade e tremia com arrepios frios e quentes. Ele ia tocá-la a qualquer momento, pensou.

Com as faces acesas, queria morrer de vergonha ao ver o desejo perverso em seu rosto. Estava acostumado a ser bastante perspicaz, mas desta vez ficou muda, olhando como hipnotizada o botão prateado que ficava à altura de seus olhos.

Não podia pensar em nada que pudesse dizer em sua defesa, não podia achar a voz para invocar o nome de seu pai, nem o de seu noivo; neste momento, sequer podia desenhar o rosto de Anatole. O terror a tinha deixado em branco, e Darius enchia seus sentidos: os mais ferozes e elementares.

Sua proximidade, a pura fortaleza masculina que emanava, era assustadora. O seu nariz se encheu de uma mescla de aromas de almíscar, cavalo e pele, e a exótica marca de charuto que sempre fumava. Tampouco escapou a seu nariz o fedor do sangue que fervia por suas veias. Podia sentir o calor que emitia, a tensão que rodeava suas formas duras e musculosas.

Então, tudo aconteceu muito rápido. Darius pegou Philippe pelo pescoço, obrigando-o a soltar Serafina. Esquivou-se da lâmina de sua faca e apertou o pulso direito de Philippe enquanto Serafina tropeçava e caía de quatro sobre o chão. Com o que pensou fossem suas últimas forças se afastou quanto pôde e se levantou o suficiente para ver se Darius estava ferido. Mas a fonte não lhe deixava ver o que acontecia do outro lado. Só escutou um bater de metais.

Philippe proferia toda classe de impropérios quando sua arma voou roçando o pavimento. Tentou jogar-se sobre ela, mas Darius lhe deu um chute para afastá-la e o manteve agarrado com força. Revolvendo-se com fúria, Philippe conseguiu escapular-se e sair correndo.

Darius foi atrás dele. Agarrou Philippe pela parte de trás do pescoço e puxou-o, fazendo-o cair sobre os ladrilhos de pedra e bloqueando a saída.

Serafina levantou o olhar horrorizado quando ouviu o assobio do metal e viu a adaga de ébano na mão de Darius. A luz da lua beijava a fina elegância da lâmina.

"Meu Deus."

Quando Philippe levantou as duas mãos para se proteger do primeiro golpe, a adaga de Darius cortou sua palmas abertas.

Serafina voltou o rosto para não ver nada mais, embora continuasse ouvindo cada segundo de briga, cada ofegar, cada maldição que saía de seus lábios enquanto Darius o massacrava.

As cigarras gritaram. Queria correr com todas suas forças. Quando Darius jurou em alguma língua irreconhecível, abriu os olhos e o viu com a adaga levantada com as duas mãos, pronta para o golpe final. Nesse momento viu como seu formoso rosto se iluminava de ferocidade.

"Não."

Serafina fechou os olhos com força quando a faca se afundou como uma ave de rapina em sua presa. O grito de Philippe foi breve, seguido de um mortal silêncio.

Depois, só pôde ouvir a brisa soprando entre os zimbros e os passos rudes de um homem que se aproximava. Pensou que ia vomitar.

Deu-se conta com uma histeria repentina de que tinha de correr. Tinha que escapar dali, afastar-se dele de uma vez antes de que viesse satisfazer o desejo que tinha visto em seus olhos. Era o homem mais devastador do reino e estava fora de controle, reduzido pela raiva à lei de sua infância, a lei da rua.

Sem afastar os olhos dele, Serafina ficou em pé com um movimento vacilante enquanto Darius passava uma mão pelo cabelo e mostrava o perfil de seu rosto negro e demoníaco na escuridão da noite. Um segundo depois, tirava a faca do peito de Philippe.

Olhou-o, recompondo os restos de seu vestido de seda enquanto olhava com atenção os arredores do pátio. Tratou de ignorar os ramos que lhe arranhavam as costas.

Ele bloqueava a única saída, mas poderia abrir caminho entre as sebes se fosse necessário.

Darius se levantou junto ao corpo sem vida de Philippe. Tirou um lenço do bolso de sua impecável jaqueta e limpou o sangue das mãos. De repente, deteve-se e deu no corpo um pontapé maligno nas costelas.

Serafina deixou escapar um pequeno grito, baixando a guarda ante este rápido e tempestuoso movimento.

Darius a olhou com atenção por um segundo, como se acabasse de recordar que estava ali. Depois caminhou em silêncio, uma figura alta e silenciosa surgindo da escuridão.

—O que está fazendo? —Sua voz era tão serena, que era desconcertante.

Apanhada em seus olhos, ficou gelada.

—Jesus —murmurou, e fechou os olhos por um momento.

Ela ficou ali sem dizer nada, tratando de juntar os últimos farrapos de seu vestido sobre o peito com mãos suadas, enquanto calculava as probabilidades de sair graciosamente.

Darius suspirou e sacudiu a cabeça para si mesmo. Continuando, dirigiu-se à fonte e refrescou seu rosto na água borbulhante. Só então se dirigiu a ela, ao mesmo tempo em que tirava o casaco negro.

Ela encolheu-se junto aos arbustos.

Ele lhe ofereceu o casaco, segurou-o em frente a ela.

Nem se atrevia a aceitá-lo, nem se atrevia a retirar seus olhos dele.

Tinha matado três homens como trabalho noturno, era conhecido por fazer coisas indecentes às mulheres no meio do dia, tinha visto seus seios, e, o que era ainda mais perturbador: tinha sido marcada pelo sangue deste homem oito anos atrás.

Tinha acontecido na praça do povoado, durante seu décimo segundo aniversário, quando alguém tinha tentado matar o rei. Ela estava ali, sorrindo pela festa, segurando a mão de seu pai quando o assassino atacou. Santiago, este formoso selvagem, pensou, interpôs-se entre a bala e seu pai. O sangue quente e escarlate deste homem lhe tinha roçado a face e manchado seu precioso vestido branco.

Desde aquele dia, nesse lugar profundo e ilógico onde guardava coisas como a calidez do fogo e o aroma da cozinha, no mais profundo de seu sangue e seus ossos, onde não era nem princesa nem peão político, mas uma simples mulher, soube que pertenceria para sempre a este homem.

E o mais terrível de tudo era saber que ele também sabia.

Seu intenso e feroz olhar se suavizou sob suas longas pestanas.

Ela não podia deixar de tremer.

De novo, lhe ofereceu o casaco.

— Pegue-o, princesa —disse fracamente.

Sem prévio aviso, seus olhos transbordaram ao ouvir a gentileza de seu tom.

Piscou uma e outra vez com suas longas pestanas, sem saber muito bem o que fazer com ela.

—Ajudá-la-ei —disse a contragosto, sustentando a jaqueta para que ela só tivesse que colocar os braços pelas mangas.

Vacilante, deixou-lhe que o pusesse, como se fosse uma menina.

—Pensei —começou. Mordeu o lábio inferior, incapaz de terminar a frase.

—Sei o que pensou. —Sua voz era baixa, feroz.— Nunca poderia machucá-la.

Seus olhares se encontraram, enfrentando-se, com cautela.

Ela foi a primeira em baixar os olhos, assombrada dessa incomum submissão. Sua antiga preceptora não teria acreditado.

—Não, não o necessitava vivo?

—Bom, já está morto, não? —disse aborrecido.— Me arrumarei. —Com um punho golpeava o quadril, e com a outra mão esfregava a testa.

—Obrigado —sussurrou Serafina tremendo.

Ele deu de ombros e caminhou em direção à fonte.

Finalmente, agora que via que o perigo tinha passado, toda a fortaleza pareceu abandoná-la. As lágrimas se apoderaram de seus olhos, cegando-a. ficou parada onde estava, abatida sobre o pavimento. Cobriu seu corpo com o casaco, sentada, e abraçou os ombros, deixando cair à cabeça entre suas mãos, lutando por conter as lágrimas.

"*Não chorarei diante dele*", pensou com força, mas em pouco tempo sucumbiu. Não pôde evitá-lo.

Ao ouvir os soluços, Darius se voltou para ela surpreso. Com os olhos franzidos, aproximou-se e ficou em pé junto a ela.

Não podia recuperar seu sentido de orgulho, só podia chorar e soluçar furiosamente. Secou uma lágrima da face com o dorso da mão, incapaz de elevar os olhos por cima dessas brilhantes botas negras terminadas em esporas.

Ele se ajoelhou, em busca de seus olhos.

—Ei, princesa. O que foi isto? Está tratando de me arruinar a noite?

Olhou-o sem dar crédito ao que ouvia.

—Arruinar-lhe a noite?

Saltou quando se aproximou dela, mas ele a única coisa que fez foi lhe oferecer um lenço limpo que tirou de nenhum lado, em um de seus truques de cigano.

Depois de um momento de vacilação, decidiu aceitá-lo, e recordou como estava acostumado a pensar que ele era um mago quando era pequena e ele tirava uma moeda de ouro de seu ouvido e a fazia desaparecer depois ante seus assombrados olhos.

Darius a estudou, com uma careta arrogante nos lábios, incomodado com o olhar que lhe dirigia.

—O que ocorre? Também você me tem medo como todos os outros?

Respondeu-lhe com um único soluço, saído do mais profundo de seus pulmões.

O sorriso dele se desvaneceu.

—Ah, vamos, Pequeno Grilo. Sou eu —disse, agora com mais delicadeza. Parecia quase comovido.— Conhece-me, sempre me conheceu. Desde que era assim grande, não é certo? —Estendeu o polegar e o indicador mostrando algo assim como um palmo de longitude.

Olhou-lhe a mão, depois encontrou seus olhos sem muita convicção.

Era uma verdade pela metade. Toda sua vida tinha estado ali, na sombra, mas ninguém conhecia verdadeiramente Darius Santiago. Ele não o permitia. De fato, protegia-se com o humor mais mordaz daqueles que tentavam amá-lo, como ela muito bem sabia.

Há vinte anos, justo antes de seu nascimento, seus pais tinham tirado Darius da rua, um trombadinha sem cultura que, por um ato de coragem, tinha salvado a vida de sua mãe. Como prova de agradecimento, seu pai o tinha nomeado guarda real, criando-o como se tratasse de seu próprio filho, na medida em que o orgulho de Darius lhe permitia aceitar o que ele via como caridade. Quando ela era suficientemente maior para dar-se conta de que tinha sido uma espécie de desilusão para seus pais —ao ser a primogênita mulher em lugar de homem— achou neste estranho meio cigano, cujos únicos amigos eram os cavalos do estábulo real, seu melhor aliado e protetor.

Darius baixou suas longas pestanas e sua voz se fez mais suave.

—Bom, não importa se tiver medo de mim agora. Não a culpo. Às vezes, inclusive me assusto de mim mesmo.

—Matou-os —sussurrou.— Foi horrível.

—Esse é meu trabalho, e sim, algumas vezes é horrível —se defendeu.— Sinto muito que tivesse que vê-lo. Deveria ter fechado os olhos, Alteza.

—Fiz isso, mas ainda assim o ouvi.

Parecia ressentido.

—Esse homem insultou sua honra. Teve o que merecia. —levantou-se e se afastou caminhando.

Segurando a cabeça com uma mão, e abraçada com o outro braço a um de seus joelhos, Serafina o viu dirigir-se para a saída do pátio, as costas largas, o colete negro apertado à cintura, seus enormes braços bem cobertos com uma camisa branca de manga longa.

"*Ofendi-o.*" Sabia o quanto ele era sensível.

—Venha, Alteza —disse ele num tom frio— vai ser uma noite longa. Os franceses introduziram mais espiões no palácio. Não sei ainda quem são, mas terminarei por descobrir. Até então, temos que tirá-la daqui imediatamente.

Serafina deixou escapar um suspiro e ficou em pé. As pernas lhe tremiam ainda depois da terrível experiência.

Darius a esperava junto à fonte, sem poder olhá-la ainda, encerrado em si mesmo. Com as mãos nos quadris, levantou seu fino rosto para esquadrihar o céu da noite.

A luz líquida da lua se refletia em seu maxilar e beijava sua amarga e formosa boca com um resplendor dourado.

Quando ela ficou ao seu lado, voltou-se para lhe mostrar o caminho.

—Primeiro temos que ir ver seu pai. Atribuirá a alguém para que a leve a seu esconderijo.

—Darius, espere. —Pôs uma mão na ampla curva de seu braço.— Não foi minha intenção...

—O tempo é crucial, Alteza. —afastou-se.

Ao tentar afastar-se dela, não pôde evitar que lhe roçasse o braço. Olhou a forma de seu ombro e seus dedos se enredaram em uma parte invisível de tecido molhado.

Serafina ficou gelada. Lentamente, olhou a palma da mão.

—Darius —respirou, com os olhos cravados no sangue de sua mão.

—O que?

—Está sangrando.

Ouviu-o rir baixo, enquanto acendia um fósforo sobre a pedra grotesca de Pan, e prendia com ela, continuando, um charuto.

—A quem diabos importa, Serafina? —disse amargamente.— A quem diabos importa? Bruscamente, puxou da fonte o fósforo ainda aceso e se afastou caminhando, o brilho de seu charuto piscando em meio da escuridão.

Capítulo 2

Só uma coisa podia aguardar um homem de honra cuja vida se transformou em um inferno: uma morte gloriosa. Nesse momento, Darius Santiago a desejava com todas suas forças.

Temia-a, sim, e não sem razão, pensou com amargura. Era a única coisa pura que tinha conhecido, tão boa e inocente como a luz do dia, e agora o tinha visto matar como um animal: matar e desfrutar matando.

Tinha tratado sempre de mantê-la afastada desse lado obscuro que o possuía e agora, isto.

Ao afastar-se dela, Darius pensou que ia explodir de fúria, comovido e descontrolado por essa criatura selvagem e deliciosa. Não podia desfazer-se dela, como tampouco podia ignorá-la durante todo o caminho.

Vê-la doía.

Frequentemente, em suas longínquas missões, imaginava que se pudesse vê-la, se pudesse estar perto dela, cheira-la, entraria em um estado de êxtase similar ao que provocavam algumas drogas exóticas; mas claro, isso não acontecia. Com essa ilusão tinha ido sobrevivendo todos esses anos, em sua própria espiral. Agora, viu a realidade. Cada momento com ela era uma tortura porque ela era tudo o que necessitava, e, ao mesmo tempo, tudo o que lhe era negado.

Não podia tê-la. Isso era tudo o que sabia. Mas logo se libertaria de tudo isso.

A urgência ressoou em suas veias. Tinha que escapar daqui, afastar-se dela. Se fosse possível, empreenderia o caminho. Tinha fugido há três anos, em uma noite estrelada de abril, quando o tinha rodeado com seus braços, o tinha beijado e sussurrado que o amava — "*absurdo!*" — e fugiria de novo esta noite, logo que a deixasse segura. Inclusive agora, que estava a ponto de partir, afastava-se do que mais desesperadamente queria.

Tinha dado uns três ou quatro passos para afastar-se dela, quando Serafina lhe alcançou e o pegou firmemente pela mão.

—Vamos, venha aqui —disse, exasperada, com sua voz suave e leve.

Desarmado, ergueu uma sobrancelha, muito hipnotizado para protestar quando puxou pela mão e o atraiu para ela como se atrai a um menino perdido.

Ao vê-la caminhar pelo pátio, Darius pensou, agitado, na rainha das fadas. Seus longos cachos revoavam em opulenta liberdade por suas costas, em cada um de seus passos enfurecidos.

—Alguma vez conseguirei entendê-lo, Santiago —soprou.— Não lhe importa que o firam?

Sempre o chamava de Santiago quando estava zangada.

—Não dói —mentiu, sua descuidada valentia tão posta a ponto como o fio de sua navalha. Mas o certo era que lhe agradava que o corte o tivesse feito merecer um pouco

de sua caridade. Possivelmente servisse também para distraí-la do que tinha passado e visto.

— Por que não me disse que o tinham ferido? — O olhar de aborrecimento que lhe dirigiu por cima de seu elegante ombro fez ressaltar as linhas aristocráticas de seu delicado perfil e o comprimento de suas pestanas negras. — por que tenho sempre que estar adivinhando com você? Como pode ficar aí em pé, sangrando, e deixar que continue brigando como a um bebê? Ah, não importa, é grave?

— Ainda não há necessidade de chamar o embalsamador. Bom — se corrigiu —, possivelmente para ele.

Deteve-se em seco ao ver o corpo que bloqueava a saída. Lançou uma olhada a seus pés descalços, a só uns palmos do atoleiro de sangue. Darius ignorou o sangue, mais ocupado em admirar as joias de prata que luziam em seus pés.

Pequeno cigano, pensou Serafina com dissimulado deleite.

Alguns de seus cachos, negros como a fuligem, caíram emoldurando seu branco rosto, enquanto baixava a cabeça. Em seguida, levantou a vista para ele, angustiada.

Ele grunhiu ante sua óbvia chamada de auxílio.

— Permita-me — murmurou, resistente a tocá-la.

Suas pálidas faces se ruborizaram como o botão de uma rosa no verão. Darius se inclinou para ela ligeiramente, deslizou o braço sobre seu quadril e a ergueu contra seu peito. Em seu interior, alegrou-se de sentir a plenitude de seu ventre e a pressão de seus suculentos seios em seu corpo.

Ela era a única filha do rei e não tinha necessidade de saber que seus ricos e soberbos lábios eram da cor exata de seus mamilos.

Serafina se enrolou a seu pescoço, olhando ao homem morto com mórbida fascinação enquanto Darius dava um passo por cima do cadáver. Ela era leve, pensou enquanto a segurava. Alta e orgulhosa, mas delicadamente ossuda. Colocou-a rapidamente em pé sobre a grama, já do outro lado.

Ela se abraçou forte ao casaco que lhe tinha emprestado e cruzou os braços enquanto o olhava amavelmente.

— Feriram-no em algum outro lugar ou só no ombro?

Esperou sua resposta com um olhar de expectativa. Era como se esquecera de responder, apanhado em seu olhar de olhos violetas. Ah, esses olhos eram sua fraqueza.

Lúcidos e doces, eram da cor de um anoitecer de junho, como campos de jacintos no céu, ou ramos de lavanda sobre a neve. Olhos que monopolizavam seus sonhos. Deu-se conta de seu encantamento e se libertou rapidamente dela, aborrecido por sua própria fraqueza.

— Não é sério — disse por fim, e esperava de verdade que fosse verdade. Sentia um fio quente de sangue que ia empapando a camisa, mas sabia que não tinha tempo de estar ferido. Tinha um trabalho a fazer. "*Graças a Deus.*"

Serafina levantou uma sobrancelha, lhe devolvendo um olhar carregado de ceticismo.

—Não é nada —reiterou nervoso.

—Eu serei quem julgará isso —disse, e tomou de novo a sua mão.

Ele a olhou com cautela enquanto o guiava pelas intrincadas linhas do labirinto, como uma preceptora impaciente encarregada de uma tarefa impossível. Parecia determinada a fazer algo. Ele supôs que devia preocupar-se.

Ao chegar a uma intercessão, a princesa olhou uma vez mais ao francês morto como se não pudesse compreender que sua cabeça loira e frisada se retorcesse em tão estranho ângulo.

Darius decidiu que não tinha nenhuma graça tanto interesse por seu trabalho, e que tampouco apreciava o olhar cauteloso e inclinado que lhe golpeava o braço, como dizendo: "Fez isto com suas próprias mãos?".

Dirigiu-lhe um olhar dominante e se desfez de sua mão. Seguiu caminhando, percorrendo a grandes passadas o corredor que se abria entre as sebes. Serafina ficou a sua altura, saltando aqui e lá para poder manter seu passo.

—O que queriam? Pensei que eram meus amigos.

—Sinto muito, mas não o eram —disse, e jogou ao chão as cinzas de seu charuto. Tratava desesperadamente de recuperar o controle.

—Enviou-lhes Napoleão?

—Fouché, o chefe de polícia de Napoleão, para ser mais exato. Oficialmente, o imperador não sabe nada disto.

—Eles não queriam me matar, não é verdade? —exclamou.

—Não.

—Evitar meu casamento, então?

Seu extraordinário físico e suas maneiras calmas faziam que fosse fácil esquecer quão inteligente era, pensou Darius. Sem dúvida, era capaz de tornar louco um homem só apenas de olhá-lo. Com um sorriso, podia fazer comer em sua mão qualquer homem que se propusesse. Inclusive o presunçoso príncipe Anatole Tyurinov, a que tinha conseguido arrancar importantes concessões para que os russos liberassem a metade de seus servos em um período de dois anos.

—Sim —respondeu—, para deter seu matrimônio. Se os franceses a tiverem em seu poder, seu pai não terá mais remédio que entregar o controle da armada de Ascensão. Foram bastante condescendentes sobre isto até o momento, mas a introdução de seu noivo na equação faz com que estas táticas desprezíveis e descontroladas sejam inevitáveis.

Serafina reprimiu um som de impaciência enquanto afastava a vista, com o cenho franzido.

—Mas agora que Napoleão conseguiu os navios espanhóis, por que segue querendo os de meu pai?

—Nada é suficiente para Bonaparte, já sabe —respondeu, liberando uma baforada de fumaça.— Além disso, ele ainda não reuniu as forças necessárias para atacar a

Inglaterra. Vai necessitar de todos os navios que possa conseguir. Francamente, nunca o conseguirá.

—Espero que não.

O vento começou a soprar de novo, lhes trazendo desta vez o aroma do mar por cima da torre das sebes. Serafina deu um salto para segui-lo, retirando uma mecha de cabelo de sua boca e olhando-o bastante ansiosa.

—Suponho que Napoleão pensou que poderia legitimar meu sequestro me forçando a me casar com o pequeno e insípido Eugène, equivoco-me?

—Segundo minhas fontes, tem razão, esse era o plano.

Deu um elegante bufar.

Darius reprimiu um sorriso. A Joia de Ascensão era, sem dúvida, difícil de impressionar.

Eugène Beauharnais, o enteado de Napoleão de vinte e quatro anos, era possivelmente o único aspirante à mão de Serafina a quem Darius não desaprovava de todo.

O jovem aristocrata era honrado, leal e de caráter apazível; e qualquer homem que pensasse em casar-se com esta garota, pensou, necessitaria a paciência de Jó.

Desgraçadamente, Eugène se achava no lado equivocado da guerra. Mesmo assim, Darius o teria preferido em lugar do que o rei tinha encontrado para proteger-se dos planos de invasão de Napoleão: o vaidoso príncipe, gigante dourado, Anatole Tyurinov.

Desejoso de ter uma noiva real com a qual impressionar a seus amigos e ser a inveja de seus inimigos, o glorioso Anatole, como Darius lhe chamava ironicamente, tinha visitado o reino há uns meses para comprovar em pessoa a legendária beleza de Serafina. Darius tinha sido enviado a Moscou durante os quinze dias que durou o galanteio. As bodas tinham sido rapidamente combinadas.

Muito rapidamente, pensou com amargura. Ele nem sequer tinha tido tempo de completar o informe sobre o passado do noivo e, entretanto, o acordo se fechou.

Em troca de sua mão, o herói de guerra de trinta e três anos de idade se comprometia a pegar seu exército de cem mil homens e fazê-lo marchar sobre Paris se Napoleão fizesse algum movimento contra a pequena e neutra Ascensão.

A paz ficava garantida pela estratégia de igualdades, e a data da boda foi fixada para primeiro de junho, apenas um mês mais tarde. Entretanto, Darius tinha tomado já a decisão de que essa boda não se produziria nunca.

Roubou um olhar discreto a impressionante jovem que caminhava a seu lado.

Não tinha nenhuma dúvida de que Serafina tinha seduzido a Tyurinov; não estava acostumado a utilizar sua beleza como arma, mas quando o fazia, não havia homem que pudesse resistir. Mas Darius se perguntava, e não pela primeira vez, quais seriam os sentimentos dela. Com seu pedigree de sangue azul, suas vitórias marciais e sua boa presença, o glorioso Anatole era conhecido por ter êxito com as mulheres. Talvez Serafina o tivesse achado a sua altura. Talvez tivesse se apaixonado por ele.

Este pensamento lhe fez sentir um nó no estômago. Decidiu que preferia não saber.

Justo então, o som de um trovão próximo retumbou no céu.

Serafina e Darius se olharam um ao outro. Ele estava a ponto de sugerir que corressem, mas era muito tarde. A chuva de verão que o céu tinha estado prometendo toda a tarde começou, molhando-os pouco a pouco com suas gotas suaves e repletas de água.

Os dois ficaram ali em pé, olhando o um ao outro. Logo a chuva começou a molhá-los.

—Ah, bom —disse, por fim, Darius, incomodado. Lançou ao chão o cigarro molhado e baixou a cabeça enquanto as gotas de chuva escorregavam por suas mangas e seu cabelo.

Serafina levantou o rosto fechando as palmas de sua mão em direção ao ar, para apanhar a água que caía.

Ele a viu beber dessa água, como uma flor, desalinhada, com sua jaqueta que lhe chegava quase até os joelhos. Descalça. De maneira inesperada, pôs-se a rir.

A princípio, o som rico e despreocupado de sua risada mal pôde lhe arrancar um sorriso, mas quando ela levantou os olhos para olhá-lo, sem parar de rir, ficou desarmado e se achou a si mesmo rindo também.

Serafina levantou as mãos por cima da cabeça, os pulsos unidos, as palmas abertas. Começou a virar em círculos, com a cabeça jogada para trás em direção à chuva, seus longos cachos ao vento e umas gotas de chuva como diamantes em seu cabelo.

—Darius! —exclamou.— Me salvou!

Dançou uma vez mais em frente a ele com um movimento mágico. Para não cair, pôs sua mão cálida sobre seu estômago e, ficando nas pontas dos pés nus, beijou a linha úmida e dura de seu queixo, enquanto deixava que a chuva seguisse caindo por seu rosto.

Com isto, revooou precipitadamente e se afastou dele, como se fosse uma ninfa dos bosques que deixasse a sua passagem uma esteira de risadas sob a chuva.

Aturdido, Darius só pôde segui-la com o olhar, hipnotizado, incapaz de mover-se. Distraído, colocou a mão no estômago ali onde o havia tocado. Viu-a apanhar gotas de chuva com a língua, e por um momento, ficou sem respiração.

Um raio caiu perto, como o disparo de um canhão, como a cólera de Zeus.

Darius sacudiu a cabeça para clarear a mente. Afastou o cabelo do rosto com uma mão e entreabriu os olhos para evitar as gotas de chuva. Perguntou-se a quem escolheria o rei para escondê-la e protegê-la.

Era uma sorte que ele tivesse que ocupar-se dos espiões.

Serafina o esperava um pouco mais adiante, onde chapinhava em um atoleiro cheio de água e barro. Ele a alcançou e os dois deixaram o labirinto juntos. A chuva os tinha empapado, e correram para o canteiro octogonal. Ali procuraram um lugar para resguardar-se dentro do passeio alinhado por altas colunas de arbustos recortados em espiral.

A chuva chuviscava no chão pavimentado quando chegaram ao pequeno quarto de provisões construído não muito longe do labirinto. Coberto de lírios da mesma cor que seus olhos, a pequena construção de serviço não era mais que uma habitação de tijolo vermelho.

Chegaram molhados até os ossos e sem fôlego pela corrida. Darius segurou a porta para que ela passasse. Seus passos ecoaram no único cômodo do recinto, vazio exceto por algumas ferramentas de jardim e algumas válvulas, medidores e artefatos de metal que controlavam as muitas fontes do jardim.

Serafina se inclinou para um lado e retirou seu longo cabelo com ambas as mãos enquanto media o caminho na escuridão, tratando de achar a pequena porta de madeira do passadiço que conectava o armazém com o palácio.

—Me espere, não posso vê-lo.

Ele se deteve, estendendo uma mão para ela. Ela correu para ele na escuridão.

—Está tentando aproveitar-se de mim? —disse divertida.

—Gostaria que assim fosse, não é? —murmurou.

—Não imagina quanto!

—Coquete. —Darius sacudiu a cabeça, preocupado por sua rápida recuperação depois do lamentável fato vivido. Uma vez mais, era muito mais forte do que aparentava. Como ele, ela estava acostumada representar seu papel, embora neste caso ele sempre tinha conhecido à verdadeira Serafina. — Jovenzinha, está ganhando uma boa reprimenda.

—Ah, como sinto falta de suas reprimendas, Darius!

Darius chocou contra algo e deixou escapar um xingamento.

—Um cego guiando outro cego —disse Serafina, rindo bobamente e se pendurando ao braço de Darius.

—O que vou fazer com você, levá-la à porta principal? Quer encontrar-se com os russos para que a vejam como um camundongo empapado?

—Eu nunca parecerei um camundongo empapado. Sou Helena de Troya, recorda?

Desconcertado pelo cinismo que acompanhava a seu alegre tom, limitou-se a responder:

—Confie em mim.

—Senhor, vai achar a porta sim ou não? Não tenho toda a noite.

—Eureca —exclamou.

Abriu a pequena porta, que rangeu na escuridão.

Serafina deu uma olhada vacilante à entrada.

—Está escuro como uma tumba aí abaixo.

—Não tenha medo, conheço o caminho.

Aos vinte anos, trabalhara duro para conseguir o posto de capitão da Guarda Real e encarregar-se da segurança do palácio, embora ele já conhecesse os passadiços secretos desde que era um menino. Desamparado no momento no qual se construía o palácio, tinha explorado cada palmo, quase como se soubesse que uma vez terminado e habitado de cortesãos e nobres, não haveria lugar para um trombadinha meio cigano, tanto fazia o muito que parecessem lhe querer o poderoso homem e a amável mulher que o tinham acolhido quando não tinha nada e não era ninguém.

Mesmo sendo um menino, tinha sido importante para ele mostrar ao rei Lazar e à rainha Allegra que sua generosidade não tinha sido esbanjada. Sabia que não iam mandá-lo embora, porque o tratavam como a um membro mais da família, mas não queria arriscar-se. Esforçou-se de própria iniciativa a aprender a ler, ter uma educação, estudar às pessoas que o rodeavam e dominar cada uma das armas que pudesse achar em seu caminho. Tinham lhe dado a oportunidade de ser algo melhor do que era, e ele canalizava sua ira esforçando-se por ser o melhor. Como protegido do rei, podia ter tido muitos privilégios, mas ele tinha insistido em conseguir tudo por mérito próprio, pois não queria que seus benfeitores pensassem que lhes servia por outros motivos que não fossem a gratidão, a honra, a lealdade e o amor.

Com cuidado, conduziu a sua filha pelas escadas de caracol que conduziam ao passadiço subterrâneo.

Como o caminho estava completamente às escuras, deixou que seguisse agarrado a seu braço. A escuridão e a proximidade cálida e embriagadora dela faziam crescer sua imaginação de uma maneira muito vívida. Imaginou que a apoiava contra o muro estucado para beijá-la. Imaginou o sabor de sua boca, imaginou que lhe rasgava a jaqueta e enchia suas mãos com seus maravilhosos seios, acariciando-a até que esquecesse as carícias de outros homens em sua pele acetinada, apagando-as com as dele.

A intensidade deste impulso o fez tremer. Mas logo ficou ereto, levantou o queixo e recuperou o passo, golpeando a seu passo os ladrilhos de pedra com as esporas.

Podia ter qualquer mulher que quisesse.

Qualquer menos esta.

—Então, Darius, como consegue estar sempre no momento adequado quando o necessito? —perguntou Serafina, estreitando amavelmente seu braço. — Magia cigana?

Ela era a única pessoa que podia mencionar a parte de suas origens menos agradável sem que se sentisse insultado.

—Difícilmente. Não foi uma coincidência. Tentei chegar a terra de surpresa, mas Saint-Laurent deve ter sido avisado de minha chegada. Imagino que se sentiu forçado a agir estivesse ou não preparado para fazê-lo.

—Entendo. —Serafina guardou silêncio por um momento, depois adotou um tom vacilante. — Darius, sei que está obrigado a contar tudo a meu pai, mas não quero que lhe diga o que Philippe fez. Só conseguiria feri-lo.

Seu pedido o comoveu, não sabia que pudesse ser tão protetora com outros, mas sua própria conformidade o surpreendeu ainda mais. Lazar queria saber até que ponto os franceses tinham insultado a sua filha, mas ela tinha razão. De que serviria? Só feriria ainda mais o orgulho do rei Lazar di Fiore, o que pioraria as relações com Napoleão.

—Sim, Alteza —murmurou com o inquietante pensamento de que estava tendo mais segredos que nunca com o rei nesses dias.

—Primeiro devemos ir a meus aposentos para que possa trocar de vestido. Se papai visse como me rasgaram esse...

—Entendo.

—Obrigado —sussurrou. E um pouco depois acrescentou—: Estou tão contente de que esteja em casa, Darius. Preocupou-me com você sempre que está fora.

Ele sentiu como lhe acariciava o braço com as mãos e rodeava sua mão com as suas. Engoliu fundo. Na escuridão, abriu a mão e enredou seus dedos aos dela, empurrando-a suavemente para que rodeasse a esquina.

Logo subiram por umas escadas escuras e estreitas. Giraram no patamar, mas quando começaram a subir o segundo lance, Darius sentiu um ligeiro mal estar na cabeça.

Tratou de ignorar o desvanecimento, mas na metade das escadas teve que se apoiar de repente sobre a parede, vencido pela vontade de vomitar, que, como sabia muito bem, eram o resultado da perda de sangue. A dor no ombro era insuportável.

—Darius? O que ocorre?

—Estou bem. —Mesmo na escuridão via as estrelas esbranquiçadas frente a seus olhos.

—Sente-se. Irei procurar o médico.

—Não, não é nada. Não quero a esse inepto. Só... —Estava perdendo o fio de suas palavras, enjoado. Sua respiração se transformou em um pesado ofegar. Desabou junto ao muro.

—Fique aqui. Irei procurar uma vela e darei uma olhada à ferida.

—Não! Não necessito de nada —grunhiu.

—Sente-se, ao menos. —Sustentou-lhe o braço, mas não pôde evitar que se afundasse no degrau.

Pensou que era muito humilhante.

—Ah, eu gostaria de poder vê-lo. Está tão escuro aqui —disse Serafina, preocupada com ele— Diga-me exatamente o que lhe ocorre.

Ele se limitou a sorrir, baixando a cabeça junto aos joelhos para reprimir a náusea.

—Apunhalaram-no ou é só um corte? —perguntou com voz paciente.

—Esse bastardo me deu uma boa punhalada no ombro —resmungou, submisso, já que a garota parecia de verdade preocupada.

—Na frente?

—Na frente e por trás, acredito.

—Sente um formigamento nos dedos? Intumescimento?

—Não sei. —Suspirou, e fechou os olhos enquanto se recostava sobre a parede. — Me sinto tão cansado... —Não tinha querido dizer isso, ao menos não com tanta seriedade, e nunca em voz alta.

Na escuridão, uma mão suave descansou sobre sua face, para reconfortá-lo.

—Já sei que está, pobre criatura. Alguma vez descansa, não é? Nunca se dá tempo para recuperar-se.

Sua carícia foi a glória. Ficou descansando sobre sua mão por um momento, e depois a afastou com brutalidade, horrorizado de que pudesse lhe dizer essas coisas, horrorizado por ter admitido sua debilidade.

—Estou bem. É só que já não sou tão jovem como antes —murmurou. Com uma mão, afrouxou o lenço, algo que lhe aliviou em parte. Respirou fundo e tratou de recuperar o ânimo. — Está bem, sinto muito. Sigamos.

—Sente-o? —repetiu Serafina.

Fez um grande esforço por ficar em pé.

A maneira como lhe segurou o cotovelo lhe incomodou. Afastou-lhe a mão.

—Pelo amor de Deus, não sou nenhum inválido. Só se trata de um pequeno arranhão.

—Está bem, Darius. Está bem —disse com delicadeza, separando-se dele, embora não muito.

Seu tom aprazível o exasperou.

Quando alcançaram o vestíbulo do dormitório dos criados, no terceiro piso do pavilhão real, Darius tinha recuperado a maior parte de sua arrogância. Estendeu uma mão frente a ela e lhe mostrou o caminho com sardônica galanteria.

—Depois de você, princesa.

Dirigiu-lhe o mais cético dos olhares, seus olhos violetas muito sagazes para poder sentir-se tranquilo. Depois deu meia volta e caminhou com a cabeça muito alta. Enquanto descia pelo vestíbulo, olhava os armários e as escovas limpamente colocadas nas paredes, as estantes cheias com os frescos lençóis. Não sem certo cinismo, Darius se deu conta de que esta era provavelmente a primeira vez que a princesa via o palácio do lado dos criados.

De pouco serviria que lhe dissesse que os criados eram sua principal fonte de informação, pensou divertido, e que não importava quão longe estivesse, sempre conhecia os movimentos dela pela informação que eles lhe davam. Assim sabia que ultimamente tinha tido uma conduta mais escandalosa do que nunca: pretendentes, festas, raivas, caprichos... Ela sempre se tornava insuportável quando estava nervosa ou tinha medo, e não era difícil adivinhar a origem desta última atitude.

Não podia ser outra coisa que a proximidade da boda.

"Como se fosse deixar que esse bruto presunçoso lhe pusesse as mãos em cima", pensou, com uma raiva contida que o fazia tremer. Ele desejaria poder dizer-lhe para liberar sua mente, mas não podia arriscar a missão. Quando tivesse terminado, ela saberia o presente que lhe fazia.

Desceram por um curto corredor e chegaram a um painel de aspecto inocente flanqueado por duas estantes. Darius se deteve diante dele, deslizou a mão por entre uma nervura, pressionou com firmeza e se colocou para trás para deixar que se abrisse.

Examinou a expressão de Serafina quando se fez evidente que a entrada chegava até seus escuros aposentos.

Observou como abria assombrada os olhos, esses olhos violetas sem igual, e descia o olhar, ligeiramente apagado.

Esperava uma reação irada, uma reação que se ajustasse ao ultraje que supunha que ele tivesse acesso a seu santuário. Entretanto, não fez senão apertar orgulhosamente o maxilar.

—Os sócios de Saint-Laurent são numerosos —foi tudo o que disse para explicar-se.— Não vou deixar que se afaste de meu campo de visão, Alteza —e acrescentou, a propósito—: sempre seu humilde servidor.

Olhou-o fixamente, ruborizando-se.

—Não precisa desculpar-se, Darius. Confio plenamente em sua honra.

Parecia tão segura, que Darius se perguntou a quem estava tratando de convencer. Em qualquer caso, suas palavras lhe agradaram.

—Quem mais conhece este painel?

—Ninguém mais, milady.

O arquiteto tinha morrido, o rei o havia provavelmente esquecido, e Darius não tinha acreditado necessário revelar o segredo a seu sucessor como capitão da Guarda Real. Não tinha nada pessoal contra Orsini. Simplesmente, Darius não confiava em ninguém no que se referia à princesa. Nunca tinha considerado violar sua intimidade —ao menos, não seriamente— mas a maioria dos homens não tinham o mesmo autocontrole.

Seguindo com a brincadeira anterior, estendeu o braço.

— Depois de você.

Serafina levantou o queixo, rodeou a cadeira que se interpunha em seu caminho e deslizou nobremente ao interior de seus aposentos. Ele a seguiu, cruzando uma soleira que a maioria dos homens que conhecia consideraria gloriosa. Deu a volta para fechar de novo o painel, e depois se deixou levar até os quartos privados.

A chuva caía abundantemente sobre as venezianas. As plantas se alinhavam, trêmulas, pelos batentes das janelas. Sua cama era encantadora, coberta por nuvens de gaze branca que faziam às vezes de mosquito e lençóis de seda rosa. Um gato persa branco dormia encolhido nas bojudas almofadas.

Serafina deslizou até o outro lado do quarto, onde abriu uma porta. Uma luz entrou enviesada no quarto e depois, ela desapareceu no quarto do lado.

Darius ficou atrás, inspecionando a cena que o rodeava.

Havia uma gaiola ornamentada perto da cama, com sua pequena porta aberta. Um periquito verde azulado observava-o encarapitado na barra da cortina de uma das

janelas, e um pequeno macaco apareceu de improviso de não se sabe onde, chiando e fazendo cambalhotas ao redor dos trilhos da cama.

"*Desagradável criatura*", pensou Darius enquanto olhava com severidade ao bonito macaco que lhe assobiava.

Darius tinha dado esse animal a Serafina em seu décimo quinto aniversário. Havia-lhe dito que se parecia com ela. Desviou a atenção do macaco e entrecerrou os olhos, inspecionando as coisas que tinha na mesinha: um pente, uma novela e outras ninharias femininas.

Nesse momento, viu aparecer pela porta sua pequena silhueta. Esfregava o cabelo com uma toalha.

—Darius.

Ele a olhou e sorriu, tinha pego-o mexendo entre suas coisas.

Perambulou para ela, e notou que tinha substituído sua longa jaqueta por um vestido que desenhava perfeitamente sua esbelta cintura. Lançou-lhe a toalha e recolheu o pequeno macaco, dedicando a ele toda sorte de bajulações e criancices. O animal pousou em seu ombro e logo atreveu a colocar-se em sua cabeça, segurando a testa de Serafina com suas mãozinhas negras.

Serafina se voltou para Darius, em uma postura que imitava as ilustrações de moda.

—O que lhe parece meu chapéu?

—Encantador —disse secamente.

—Ah, obrigado. —Caminhou até a gaiola do macaco e retirou com cuidado o animal de sua cabeça, fazendo caretas cada vez que o animal se pegava a alguma de suas mechas. Depois lhe deu um beijo na cabeça e o devolveu à gaiola. Sorrindo a Darius, roçou-lhe ao passar de caminho ao aposento adjacente.

—Venha —disse. Enxugou com cuidado seu rosto e passou a toalha por seu cabelo, olhando as curvas magras e elegantes de sua figura enquanto a seguia. Ao entrar no outro quarto esteve a ponto de tropeçar no vestido de seda imprestável e molhado que se amontoava no meio do quarto.

Ao olhá-lo, pensou que ela devia tê-lo tirado ali mesmo. Voltou os olhos para ela, e se deu conta de que sob o robe de seda azul não havia nada além de sua pele, ainda úmida pela chuva.

"*Meu Deus, me dê forças.*"

Como se seu único desejo fosse atormentá-lo, inclinou-se ligeiramente ante a lareira, onde ardia um pequeno fogo. Não pôde afastar os olhos da suavidade das curvas que se adivinhavam em suas costas, e sua mente transbordou ao imaginar noções proibidas e esplêndidas.

Ah, ela confiava muito nele.

Com a chama da lareira acendeu uma vela cara de cera de abelhas. Com ela foi acendendo um a um os candelabros que pendiam das paredes, iluminando o pequeno salão com uma dúzia de luzes, sem se preocupar do custo que isto supunha.

—Sente-se — ela ordenou, ao mesmo tempo em que lhe indicava a poltrona mais confortável que jamais tinha visto.

—Não, obrigado.

Olhou-o surpreendida.

—Não? Quase fica sem sentido aí embaixo, Darius. Sente-se, por favor.

—Minhas roupas estão ainda úmidas e tenho manchas de sangue no ombro — disse com secura, incomodado pela lembrança.

—Acaso acredita que me importa mais essa poltrona do que você? —riu.— Que estupidez, Santiago. Sente-se, pelo amor de Deus, antes que caia.

Com um longo e sofrido suspiro, como se não estivesse de acordo com o convite, Darius começou a cobrir a cadeira com a toalha que lhe tinha dado para não manchar de sangue o fino bordado amarelo claro.

—Tente não demorar muito —grunhiu, enquanto se deixava cair na poltrona.— Sou contra esperar mulheres que demoram muito em vestir-se.

Dirigiu-lhe um sorriso compreensivo e se virou para procurar algo em cima do suporte da lareira. Darius afastou com um sopro a franja de seus olhos, e apoiou o tornozelo esquerdo ociosamente sobre o joelho direito, enquanto brincava com a espora prateada de sua bota.

Olhou-a um momento: era fascinante ver a maneira em que a luz dos candelabros brincava com a seda do vestido como se perseguisse suas curvas. Depois vagou a vista pelo resto do quarto, coberto de sombras douradas e de cores pêssego e creme.

"*Assim, este é seu mundo.*" Pareceu-lhe estranho, mas sua meticulosidade militar não se sentiu chateada ante o caos cotidiano que dominava o quarto. Nas paredes empapeladas com motivos listrados pendiam retratos de seu gato, égua branca, família e algumas vitrines que exibiam pedaços de renda, certamente feitos por ela, e flores prensadas. No canto, descansava empilhado o equipamento de arco, e em uma mesa próxima, um microscópio incrustado de pérolas junto ao aparelho de chá.

"*Ah, sim, a grande naturalista*", pensou com uma estranha mescla de carinho e brincadeira. No chão, perto da mesa, havia um grande livro aberto em uma página amassada que mostrava desenhos das diferentes fases vitais da mariposa. Franziu o sobrecenho ao dar-se conta de que estava em latim.

—Darius.

Levantou os olhos com curiosidade e viu que ela tirava uma fita de uma caixa de porcelana que havia no suporte da lareira. Assustou-se ao dar-se conta de que junto à caixa havia um pequeno retrato dele.

Era uma cópia de uma de corpo inteiro que a rainha tinha insistido em lhe fazer depois de salvar a vida do rei. Usava o uniforme branco, medalhas de ouro, faixa vermelha— e um olhar muito sério e penetrante.

Os olhos de um ancião no rosto de um menino, pensou, entristecido pela imagem.

Sua vida terminaria, ao que parecia, antes que tivesse começado. Então sentiu uma estranha dor no peito ao ver que ela guardava esta lembrança dele em um lugar visível, onde pudesse vê-lo diariamente.

—Darius —repetiu, interrompendo seus pensamentos.

—Sim, Alteza? —perguntou ausente.

Nem sequer a olhou.

—Tire a camisa.

Ele se deteve, não muito certo de ter ouvido corretamente. Seus olhos voaram até suas costas e a delicada parte traseira do vestido azul. Ela estava atando uma fita branca em sua cabeleira de cachos, uma cabeleira de visom negro que contrastava com a palidez de seu rosto.

Darius se desculpou divertido.

—Perdoe?

—Tire a jaqueta e a camisa, por favor.

—Ah, Alteza —disse ligeiramente—, acredite que me sinto adulado, mas não é o melhor momento.

Ela virou bruscamente a cabeça sobre o ombro, olhando-o zangada.

—Não estou fazendo uma proposta, Santiago. Pelo amor de Deus! Não continue aí sentado sangrando como um estúpido. Dispa-se. Agora mesmo.

Durante uns dois segundos, Darius considerou obedecer, mas depois observou como ela cruzava o quarto e desaparecia no outro, aliviado ao ver que ao menos tinha tido a decência de ruborizar-se. A maioria das mulheres que conhecia carecia desta encantadora habilidade, ou a tinham perdido, ao que parecia, no momento em que ele estava com elas.

Serafina desapareceu no quarto ao lado com um candelabro. Ele se inclinou com curiosidade, para tratar de ver algo. "*Caramba*", seu quarto de vestir. Tinha vestidos pendurados nos cabides e filas de sapatos que a criatura nunca poderia suportar nos pés.

Quando voltou para o salão, Serafina trazia toalhas de mão enroladas no braço, um cesto de costura em uma mão e uma garrafa na outra que parecia ser uísque. Colocou tudo no chão, perto de seu assento, e depois arrastou a poltrona turca para ele e se sentou.

—Algun problema, Santiago? —perguntou, com as mãos no regaço.

Ele a olhou fixamente.

—Isto não está bem, ainda está vestindo a roupa.

"*Não é essa minha frase*", pensou, olhando-a com desconfiança.

Com as duas sobrancelhas levantadas, lhe dedicou um sorriso inocente de fingida paciência.

—Por que prefere sofrer?

—Porque assim sei o que posso esperar —respondeu com o mais arrogante de seus sorrisos.

Ela ignorou-o.

—Por que não deixa que o ajude?

Ele lançou uma olhada à mesa de costura e depois a olhou.

—Com todo respeito, Alteza. Preferiria não servir como almofadinha real.

—Sei como fazê-lo —disse.— Ajudo no hospital de anciões uma vez por semana.

Duvidoso, arqueou uma sobrancelha. Sabia que a Santa rainha mandava sua filha passar um dia na semana para que estivesse dependente dos outros e não só de sua pessoa, mas estava certo de que estas visitas só implicavam alguns sorrisos e palavras de ânimo aos doentes.

—Se necessitar de pontos —lhe disse, nervoso—, farei isto eu mesmo.

—Disse que o corte ia do ombro até as costas. Use a cabeça. Como pretende chegar à ferida se estiver nas costas?

—Irei ver o médico.

Ela sorriu com doce picardia e atraiu seu queixo com um dedo.

—Não minta, Santiago. Sei que não irá vê-lo. Não confia em mim?

Estava sendo deliberadamente tola ou se divertia atormentando-o?, perguntou-se Darius ao mesmo tempo que se afastava dela. Talvez um ancião de setenta anos pudesse resistir ao toque dessas mãos sedosas sem desejá-la, mas ele tinha apenas a metade dessa idade.

Serafina deu de ombros, e depois seguiu com o que estava fazendo, levantando-se para jogar água no bule e colocá-lo para ferver no fogo. Voltou depois junto a ele, ajoelhou-se no chão e abriu o cesto de costura.

—Será o branco suficiente para seus pontos, coronel, ou prefere algo mais atual? —perguntou, enquanto escolhia com um dedo alguns dos novelos de linha. — Escarlata? Filigrana dourado, possivelmente?

—O certo é que não tenho tempo de brincar de médico com você.

—Não me faça ter de usar meu status —avisou-o, enquanto com a agulha de costurar entre os lábios, desenrolava um longo fio de linha branca. —Se negar-se, terei que ordenar-lhe .Dispa-se, cavalheiro.

Ele não se moveu. Não podia, na realidade. Seu coração pulsava fortemente e era incapaz de achar a voz.

Ela pôs a agulha enfiada cuidadosamente de um lado e ficou de mãos na cintura, olhando-o com intensidade.

Ele baixou os olhos, sentia-se encurralado, incapaz inclusive de pronunciar uma palavra para justificar sua negativa. Como podia lhe dizer que não lhe tocasse?

Não era tão hábil mentindo. Na realidade, nos últimos anos tinha havido momentos nos quais suportar sua solitária existência lhe tinha sido insuportável,

momentos nos quais tinha querido a esta mulher muito mais do que lhe era permitido. Ele não podia ser fogo para ela, e portanto tinha decidido ser gelo.

Agora o olhava como só ela podia fazê-lo, como se visse coisas nele que ninguém mais podia ver, esses olhos violetas inesquecíveis que o observavam intensamente, como um raio de luz capaz de iluminar suas interiores paisagens que preferia deixar às escuras.

"*Salve-me.*" O pensamento passou como uma esteira por sua mente, sem saber por que. Ele só podia sentar-se ali, cativo, imobilizado, quase aterrorizado. Alguém queria ajudá-lo e ele não sabia como reagir. Embora não fosse qualquer um.

Era Serafina.

A única pessoa viva na qual tinha confiança.

A única que não podia ter.

Ficou olhando-a, incapaz de dizer uma palavra.

E, entretanto, de algum jeito, ela pareceu lhe compreender.

—Muito bem —disse docemente, procurando seu rosto—, só tem que sentar-se. Eu o farei.

Não podia achar os meios para detê-la, porque nem sequer podia mover-se. Sabia que não devia estar tocando-a. Ela sabia também, é claro, mas quando tinha feito o que lhe dizia? E quando tinha desobedecido ele uma ordem real?

Serafina retirou primeiro o lenço de seus ombros, ajoelhando-se entre suas pernas. Desconfortável como um animal selvagem, Darius a olhava enquanto desabotoava ela sua simples jaqueta negra. Não foi de muita ajuda quando ela tratou de tirar a manga por seu ombro ferido. Ficava a camisa, rasgada, empapada, manchada de sangue. Muito sangue.

—Pobrezinho —murmurou. Quando começou a lhe tirar a camisa de algodão com as duas mãos para que ele pudesse tirar-la pela cabeça, Darius se virou para trás, desconcertado.

—O que ocorre, Darius?

Ele engoliu fundo, com a boca seca. A maneira em que disse seu nome podia o embebedar.

Entre suas pernas, Serafina ficou em pé, apoiando-se em seus joelhos com as duas mãos. Ele a viu levantar-se, e sentiu que todo seu ser tremia ante ela, como se fosse um adolescente seduzido por uma deusa.

Com as mãos nos quadris, olhou-o zangada. Logo mudou esse olhar pelo mais terno e compreensivo dos sorrisos.

—Tímido? —perguntou suavemente.

Ele a olhou fixamente, incapaz de falar, com a alma entregue. Não sabia o que lhe estava acontecendo.

Lentamente, ela assentiu, aproximou-se e lhe acariciou a face, enquanto retirava a mecha que lhe caía pela testa.

—Não vou fazer lhe mal, Darius. Não seja tímido. Depois de tudo. —afastou cuidadosamente os olhos— você me olhou antes.

Com malícia, voltou a olhá-lo.

A imprudência com que fez essa afirmação o fez sair do transe. Olhou-a assombrado.

—Pequena malvada —respirou, atraído repentinamente por ela.

Seu sorriso o iluminou.

Jesus, o que estava fazendo? Até as mãos lhe ardiam pelo desejo de tocá-la, de tocar com as palmas sua fina cintura e seus elegantes quadris, rasgar seu robe e cheirar a chuva em sua pele. Apertou os dedos com força na borda da cadeira, como única maneira de reprimir todos estes impulsos.

Se alguém chegasse alguma vez a descobrir isto, pensou com horror, se o rei chegasse a averiguá-lo...

Então se deu conta de que ia morrer de qualquer modo em umas semanas, de que a missão que o esperava era um suicídio. Então, o que importava?

Era muito tarde para sair dali, e sabia que devia deixá-la ao menos cobrir sua ferida.

Possivelmente soubesse o que estava fazendo, depois de tudo, e se não, ele podia guiá-la na tarefa e evitar assim uma desagradável visita médica.

E enquanto refletia desta maneira, pensava em todos os homens que tinha esmagado contra as paredes em todos esses anos, nos que tinha avisado para que se afastassem dela, cimentando a regra inquebrável de que Serafina di Fiore estava fora do alcance. Uma regra válida também para ele.

Especialmente para ele.

Diabos, pensou furioso, não era ele o que tinha começado esta noite.

Não parecia que fosse acontecer nada, em qualquer caso. Ele não o permitiria. Esta noite, seu baixo ânimo lhe tinha trapaceado, é verdade, mas ainda era capaz de manter sob controle seus impulsos. Ele descendia por parte de pai de Torquemada, o inquisidor espanhol. Além disso, acabar-se-ia logo e então ela passaria a ser problema de algum outro.

O coração de Darius se acelerou quando ela leu em seus olhos sua derrota, uma resposta que se antecipava a dela, em que se adivinhava que queria tocá-lo com tanta intensidade como ele.

—Bom? —perguntou ela com frieza.

Olharam-se o um ao outro, desafiando-se, ambos cativados, ambos ofegando ligeiramente. Os momentos passavam em um tic tac, o relógio do silêncio, e a chuva tamborilava contra a janela.

Finalmente, Darius deu de ombros com despreocupação, como se nada lhe importasse —tanto fazia se o seduzia como se morresse sangrando— embora duvidasse que fosse uma estúpida.

—Tire-a, sussurrou.

Ele tirou a camisa pela cabeça e a segurou amassada em um punho.

A primeira coisa em que seus olhos repararam não foi na ferida, mas na pequena medalha de prata que pendia de uma longa e sólida corrente enrolada em seu pescoço.

"Ah, merda", pensou de repente, com o coração encolhido. Agora sim que estava perdido. Tinha esquecido que essa condenada coisa pendia de seu pescoço.

Darius ficou calado, apanhado, desmascarado, exposto a ela.

Sem desconfiança, Serafina se afundou de joelhos entre suas pernas e, ao tomar com reverência a medalha na palma da mão, roçou com os dedos a pele de seu peito.

Olhou-a com atenção e depois ergueu seu olhar violeta para ele, os lábios abertos em uma ligeira pergunta.

Era a medalha da virgem que lhe tinha dado depois de terem disparado nele como um cão ante seus olhos, no dia de seu décimo segundo aniversário.

Até esse dia, ela tinha odiado seu aniversário.

Nunca pôde aceitar que o disparo não tivesse sido culpa dela.

Tinha permanecido junto a sua cama dia e noite. Todas as vezes que ele despertava dos pesadelos provocados pela febre, podia vê-la ali, lhe falando, sussurrando preces, sua doce e pequena voz como único elo de união com a vida.

Disseram-lhe mais tarde que tinham tentado afastá-la de sua cabeceira, mas que ela havia ficado como uma fúria, mordendo e arranhando a quem tentava separá-la de seu lado.

Darius nunca tinha esquecido aquilo. Nunca teria esperado que alguém pudesse lhe ser tão leal. Ela tinha posto a medalha no pescoço dele no bosque. Disse-lhe que o protegeria. E depois lhe havia dito algo bastante divertido —O que era?

Olhou-a fixamente, recordando esse sussurro de menina travessa em seu ouvido.

"É o cavalheiro mais valente do mundo, Darius, e quando crescer me casarei com você."

Capítulo 3

—Ainda a tem —disse fracamente, enquanto olhava com olhos abertos a pequena medalha que segurava na palma da mão, ainda morna pelo calor de seu corpo.

—Ainda a tenho —respondeu, com um som rouco.

Maravilhada, Serafina procurou a alma em seus olhos de ônix. Conteve o fôlego, sem atrever-se a ir mais depressa do que o devido e procurar significados ocultos e estúpidos neste fato, embora certa ao mesmo tempo de que tinha que significar algo o fato de que Darius conservasse a medalha que lhe tinha dado fazia tanto tempo.

Era tudo o que podia fazer em lugar de rir a gargalhadas e abraçá-lo.

Uma aura indescritível de alegria, dolorosamente doce, estendeu-se por seu peito e subiu até seus olhos nublados.

—Disse-lhe que funcionaria.

Ele deu-lhe um sorriso envergonhado de menino pequeno e baixou os olhos.

Por um momento, pôde estudá-lo sob a encantadora luz das velas. Seu rosto bronzeado era mais angular do que tinha pensado, empalidecido pela perda de sangue.

Seus olhos eram ainda mais penetrantes, mais cautelosos que nunca, com círculos escuros quase imperceptíveis nas pupilas, e linhas de ansiedade nas pálpebras. Tão maravilhoso como sempre, pensou, embora não tivesse muito bom aspecto. Estava muito magro, com um olhar muito intenso, como de desassossego.

—Não está comendo bem —repreendeu-o com suavidade.

Ele deu de ombros ao mesmo tempo em que resmungava uma negação.

Ela sabia que algumas vezes ficava sem comer, impondo-se jejuns como parte de sua cruzada por conseguir a perfeição. Esforçava-se constantemente, acumulando uma glória atrás da outra, como se, no fundo, não acreditasse que podia ser suficientemente bom. Isto era algo que lhe partia o coração.

Serafina pensou de novo na ira que tinha descarregado contra Philippe e se perguntou se essa tormenta em seu interior não era senão uma armadura de fria invulnerabilidade, o orgulho com o que ocultava um profundo sofrimento.

Bom, ao menos tinha mudado de ideia e estava deixando-a cuidar da ferida, pensou com determinação. Era um começo.

Deixou cair de novo à medalha sobre seu peito e se inclinou para beijar sua testa ligeiramente antes de levantar-se.

—Agora mesmo volto —sussurrou, e foi pegar a água fervendo.

Verteu-a em dois baldes. O vapor esquentava seu rosto. Levou os baldes junto à cadeira e lavou as mãos com consciência, sem fazer caso da dor que lhe produzia molhar o toque de seu dedo ferido com o anel.

Fez um esforço para tirar o anel de seu dedo, mas o anel de ouro se desfigurara com o golpe. Não havia tempo para isso. Serafina se voltou em direção a seu paciente.

—Agora, vamos dar uma olhada. —Com os pés descalços, deu uns passos para a esquerda para ver a última ferida que sua coragem e lealdade lhe haviam custado.

Sua pele suave e bronzada tremeu com a primeira carícia, como se lhe tivesse feito cócegas. Tocou-o com firmeza, um pouco para anular a involuntária resposta e outro pouco para ocultar sua própria reação ao contato desse corpo escultural.

Sua pele era cálida e suave como o veludo. Seus músculos eram como o aço e gostaria, pensou Serafina, ter qualquer desculpa para poder explorá-lo com prazer.

Seu peito duro e compacto a hipnotizava. A curva de garganta a seduzia por completo. Não pôde resistir à tentação de passar lentamente uma mão pelos músculos de seu braço de caminho ao ombro ferido.

Darius estava quieto, obediente e cabisbaixo. Ela sentiu que ia pouco a pouco relaxando, viu que fechava suas longas pestanas enquanto começava a trabalhar.

A primeira coisa que fez foi limpar o sangue do ombro esquerdo, e ao fazê-lo, passou uma mão pela cicatriz que tinha no direito. Ali, uma bala o tinha atravessado fazia oito anos, no mesmo dia de seu aniversário. Ele poderia ter morrido por essa ferida, disseram os doutores. Os padres lhe tinham dado a extrema unção e seu pai tinha chorado, algo bastante incomum nele. Ela mesma havia se tornado meio louca. Não queria pensar nisso, mas esta experiência lhe tinha feito interessar-se pela medicina como hobby.

Empapou o pano na água fria e depois examinou o corte mais atentamente.

Era profundo. Apalpou-o. Sangrava.

—A tintura de amarantho ajudará a deter a hemorragia, mas me sentiria melhor se costurássemos a ferida, só para estar seguro —disse convencida depois de um momento.— Necessitará de nove pontos, acredito. Quer um gole antes que comece?

—Não bebo álcool.

Revirou os olhos.

—Sei, não lhe estou dizendo que se embbede, só pensei que poderia lhe aliviar um pouco a dor.

—Não —disse convencido.

—Como quiser, modelo de todas as desgraças —murmurou enquanto molhava uma das vendas em uísque.

Pressionou a ferida com o pano e olhou-o diretamente nos olhos, porque, agora que havia tocado a ferida com o álcool, estava certa de que obteria dele alguma reação. A única coisa que viu foi um olhar de insolência. Ela sacudiu a cabeça com admiração.

Continuando, aplicou algo da acre tintura que ficava no frasco na toalha limpa. Sustentou-o contra a ferida uns minutos.

Esperaram em silêncio. Ela sorriu ao ver que estava ficando adormecido.

"*Estou tão cansado*", havia dito. Era a única vez que recordava tê-lo ouvido admitir qualquer tipo de fraqueza. Com o cenho franzido, decidiu que entre sua perda de peso, a indiferença ante a ferida e a maneira como tinha matado Philippe, tinha suficientes motivos para preocupar-se com ele.

Alguns minutos mais tarde comprovou que o amaranto tinha detido a hemorragia. O médico real não confiava muito nas ervas tradicionais e remédios caseiros, mas Serafina sabia que funcionavam. Mas quando chegou o momento de pegar a agulha, sua boca ficou seca.

Podia fazê-lo, disse-se a si mesma. Tinha que fazê-lo. A ferida o requeria. Podia fazê-lo da mesma maneira que tinha lido nos livros, da maneira que o médico a tinha ensinado. Tinha-lhe assistido uma dúzia de vezes com um grande interesse por aprender e havia inclusive praticado esta operação em uma ocasião sob as instruções do doutor. Além disso, pensou, para infundir-se valor, era excelente com as rendas e os bordados.

Com a mão esquerda pressionou as bordas da carne cortada para uni-la. Depois aproximou a agulha, sem poder reprimir uma careta de vacilação quando chegou o momento de introduzi-la.

—Não se mova agora —lhe ordenou— Isto vai doer um pouco.

Ele deixou escapar um suspiro de impaciência.

—Quando estiver preparada, Alteza. Pensei que sabia o que estava fazendo.

Olhou zangada a parte de trás de sua brilhante cabeça negra, mas esta observação lhe deu o ímpeto que necessitava para fazê-lo. Dispôs-se a cravar o veludo bronzeado de sua pele.

—Ai! —murmurou, enquanto ela fazia passar a agulha.

—Ah, assim é humano apesar de tudo.

—Preste atenção ao que faz, por favor.

—Cafajeste ingrato —resmungou.

Suas mãos eram firmes em cada ponto que dava para fechar a ferida. Ela estava muito absorta em seu trabalho para ver que suas mãos estavam se encharcando de sangue. Não perdeu a concentração até que tirou o fio da agulha e o cortou triunfalmente com a tesoura. Procurou um pano limpo e secou com ele os restos de sangue que tinha provocado à operação.

—Tudo pronto. Como se sente? —perguntou enquanto lavava suas mãos no segundo balde de água e as secava depois.

—Melhor.

—Mmm. Agora está rindo de mim. Tente não mover-se muito nos próximos dias.

—De acordo —disse com cinismo.

—É impossível —murmurou. Deu um passo para aproximar-se dele de novo e examinar seu trabalho.

Foi um gesto automático, o de passar a mão por seu cabelo agora que a parte difícil tinha passado, inclinar-se e lhe dar um pequeno beijo na testa.

—Foi muito valente —murmurou brincalhona.

Só quando Darius jogou a cabeça para trás e a olhou fixamente um momento pensou que possivelmente tinha ido muito longe com ele outra vez. Imediatamente,

corou, arrependida. Já não era uma menina que pudesse saltar sobre ele como se tratasse de seu mascote.

Serafina olhou para outro lado.

—Não tenha medo, Santiago —disse com forçada alegria—, não vou jogar-me sobre você outra vez. —Agarrou a tesoura e começou a cortar com cuidado um lençol para o transformar em ataduras.— Ai!

—O que acontece?

—Machuquei a mão quando golpeei Philippe no rosto —murmurou.

—O que? —Darius começou a rir, cético.

—Acredita que estou brincando? Bati-lhe com meu anel. Vê? —aproximou-se ainda mais a ele e lhe estendeu a mão esquerda ferida.

Tomou a mão e a examinou, com a franja negra sobre seus olhos.

O anel de ouro se dobrara com a força do golpe. O enorme diamante do anel de noivado se esmagara para um lado e o anel se curvara ligeiramente formando um ângulo e cortando a carne entre os dedos.

—Dei-lhe um murro. Assim é como pude escapar deles. Corri até o labirinto onde pensei que poderia me esconder deles. Sempre funcionava quando tentava me liberar de minha preceptora.

Darius levantou a cabeça e a olhou verdadeiramente divertido.

—Bem feito, Serafina.

Normalmente, os elogios dos homens a faziam bocejar, mas o mais simples dos reconhecimentos, se viesse dele, era suficiente para fazê-la corar.

Com amabilidade, atraiu-a para si.

—Venha aqui. Sente-se, jovenzinha —murmurou.— Devia tratar de você em primeiro lugar.

Ela gaguejou uma espécie de protesto, mas lhe obedeceu e se sentou na poltrona turca junto a ele. Viu os músculos desenhados no torso de Darius, quando este pegou o segundo balde de água, que estava em uma mesa auxiliar que havia perto, e o colocou sobre as pernas de Serafina. Ao fazê-lo, roçou-lhe involuntariamente os joelhos com a ponta dos dedos. Ela segurou o balde com a mão direita enquanto ele pegava o sabão e o punha a flutuar na água.

—Vamos tirar lhe isso.

—Está difícil.

—Vejam —resmungou. Tomou com delicadeza sua mão esquerda entre as suas, e a introduziu no balde até o pulso. Manteve-a ali por um momento.

Os dois ficaram embevecidos olhando suas mãos unidas, em silêncio.

Continuando, Darius tomou o pedaço de sabão e esfregou com ele as palmas das mãos até fazer uma boa quantidade de espuma. Massageou com ela a mão de Serafina, todos e cada um de seus dedos, do polegar até o mindinho. Serafina queria gemer de

prazer por suas carícias, que se estenderam até a metade do braço. Seu coração se acelerava em cada toque de pele úmida e firme.

Uma vez que ele recobriu sua mão de uma espuma brilhante e leve, pegou o anel com o polegar e o dedo indicador e o apertou com força, mas sem pressão.

Serafina baixou a cabeça e mordeu o lábio para reprimir a dor. Deste ângulo, podia observar o poder dos músculos de seus braços com dissimulada reverência.

Depois, Darius experimentou o apertão para segurar o anel com os quatro dedos e o polegar, e começou a puxá-lo para tirá-lo de seu dedo.

—Estou machucando-a? —murmurou.

Ela sacudiu a cabeça, a voz presa na garganta.

O anel continuava ainda muito torcido para sair.

—Um pouco mais —disse.

Uma vez mais lhe ensaboou a mão, deslizando seu dedo indicador no "V" que formavam seus dedos. Ela observou o jogo de músculos que se formavam em seu duro peito, e seus olhos se detiveram nos pequenos e torrados círculos dos mamilos e na medalha de prata que contrastava com sua pele dourada e lustrosa.

"*Tanta beleza*", pensou com uma dor profunda, sabendo que nunca seria seu. Seus sentimentos por ele estavam cheios de culpa e angústia. Poderia alguma vez esquecer-se deste homem? Não tinha orgulho? Tinha tentado odiá-lo, sem conseguir.

Olhava com pena suas longas pestanas, as linhas altivas de sua face e o rosto finamente esculpido enquanto ele espremia com suas mãos o anel e fazia movimentos circulares para tirá-lo de seu dedo. Mas continuava sem funcionar.

—Acredito que não há maneira de tirá-lo —suspirou Serafina.

A forma como levantou os olhos para encontrar os dela quase lhe roubou o fôlego. Sua voz foi suave e feroz ao mesmo tempo:

—Liberarei-a dele, confie em mim.

Olhou-o, sobressaltada.

Darius voltou a baixar a cabeça. Com cuidado, ele afrouxou o anel à altura dos dedos e conseguiu por fim tirá-lo do dedo. Quando ergueu os olhos cobertos pela franja, pôde ver como sua feroz intensidade se transformara agora em sombria satisfação.

—Conseguiu —respirou.

—Não volte a usá-lo.

—De acordo —vacilou, com os olhos abertos.

Darius limpou os restos de sabão em sua pele meigamente. Colocou o anel quebrado em sua mão e depois lhe fechou a mão com o anel dentro. A marca de seu lábio tremeu ao lhe dedicar o sorriso mais estranho e sincero que jamais lhe tinha dirigido. O sorriso era como o melaço, escuro e rico, agri-doce. Um sorriso que derretia seu coração por completo.

—Se vista, princesa, temos que ir ver seu pai. —E antes de deixá-la partir, aproximou sua mão até seus lábios.

Olhou-o extasiada ao ver que fechava os olhos, inclinava a cabeça e depositava em seu nódulo ferido um único e ardente beijo.

Serafina desapareceu no quarto de vestir para colocar um vestido fresco enquanto Darius voltava a colocar sua camisa manchada de sangue e saía ao corredor, onde ordenou a um criado que chamasse um de seus homens, o tenente Alec Giroux. Deu-lhe instruções para que pedisse a Alec que se reunisse com ele em seus aposentos da ala real o mais rápido possível.

Com a camisa aberta, Darius ficou a vagar pelo salão enquanto Serafina se vestia no quarto adjacente.

Estes momentos com ela tinham avivado seus planos com nova paixão.

Agora tudo o que tinha que fazer era reunir-se com o rei, apanhar os espiões e empreender o caminho a Milão.

Sete semanas antes, quando um de seus contatos de mais confiança lhe tinha informado que espiões franceses se infiltraram no palácio, Darius tinha tido que voltar precipitadamente de Moscou. Viu-se assim forçado a abandonar sua meticulosa investigação sobre o passado de Anatole Tyurinov. Não obstante, o descoberto nesse momento superava com acréscimo o que precisava saber sobre o candidato e, portanto, não tinha sentido perder mais tempo no país estrangeiro.

As semanas que tinha passado no mar, durante sua viagem de volta a Ascensão, tinham-lhe servido para definir bem seu plano e ficar em paz consigo mesmo. Ele sabia o que tinha que fazer. Se o rei tinha as mãos atadas neste assunto, ele era livre de fazer o que planejava.

Serafina não seria a virgem sacrificada para obter amparo frente à tirania de Napoleão.

O bruto de Tyurinov nunca chegaria a lhe pôr as mãos em cima.

Ao mesmo tempo, Darius não podia permitir que Napoleão invadisse o país com a superioridade de suas forças e arrebatasse o trono ao rei Lazar. Tinha que proteger seu benfeitor, o reino e Serafina ao mesmo tempo. Era uma situação impossível, mas ele tinha um último truque sob seu chapéu de magia cigana. Só tinha que ir ao centro do problema.

A Milão.

Darius se deteve, com os olhos ardendo. Ninguém devia descobrir seus planos, nem sequer Serafina, nem sequer o rei. Só conseguiria colocá-los em perigo. Em 26 de maio, alguns dias antes da boda de Serafina, Napoleão tinha anunciado que apareceria em Milão para receber a coroa de ferro da Lombardia.

Darius estaria ali também.

Embora fosse um diplomata capaz e um bom espião, no que se referia à arte do assassinato, tinha um dom.

Com um só e certo disparo de seu rifle, poderia deter a máquina de guerra francesa e acabar com a necessidade de Serafina de se casar com os russos.

"Napoleão Bonaparte deve morrer."

Não tinha nenhuma esperança de sobreviver à missão. Todos aqueles que tinham tentado assassinar ao imperador tinham sido ou enforcados ou enviados ao pelotão de fuzilamento.

Não lhe importava muito. A façanha o imortalizaria, e uma morte gloriosa era melhor do que uma vida em que não podia conseguir a única coisa que podia tê-lo salvado: a promessa nos olhos de Serafina de um sonho que jamais tinha experimentado.

Só sabia que não podia falhar. Uma bala, e poderia fazer do mundo um lugar mais seguro para todos.

Uma bala, e Serafina seria livre.

—Aqui estou! —gritou alegremente, fazendo-o voltar bruscamente de seus pensamentos. Voltou-se para vê-la emergir do quarto de vestir com um sorriso embriagador, uma visão mágica coberta de seda violeta. O coração de Darius se contraiu.

—Sapatos —ordenou.

Lançou-lhe um olhar de brincadeira e lhe deu as costas em busca do calçado. Depois saiu de novo e deu uma volta para ele.

—Como estou?

Reprimiu um sorriso e a olhou de cima abaixo: desde seus finos sapatos até a sensualidade de sua cabeleira que caía presa por uma fita branca.

Se não merecia que morresse por ela, não sabia que outra coisa podia merecer tal honra.

—Apresentável. —disse.

Agarrou seu casaco e lenço, o enrolou sob o braço e escoltou a sua Alteza pelo vestíbulo.

Capítulo 4

As esporas de suas botas golpeavam com força o corredor de mármore com cada um de seus passos, enquanto as saias dela rangiam a seu lado ao tentar segui-lo.

Darius sentiu como o olhava e lhe devolveu o olhar com uma expressão seca e interrogativa.

—Por que sempre parece tão sério?

Darius emitiu um suspiro de impaciência e tratou de ignorá-la, mas Serafina não ia permitir isso.

—Então, coronel. Sobre esses espiões, o que vai acontecer agora?

Olhou-a de esguelha e depois disse em voz baixa:

—Seu pai e eu escolheremos um pequeno grupo de homens bem treinados para protegê-la. Eles a tirarão do palácio e a esconderão em um lugar seguro até que eu possa apanhar os membros que restam da organização de Saint-Laurent.

—Onde me levarão? —perguntou, com os olhos muito abertos.

—A uma vila fortificada.

—O que é isso? —exclamou.

Ele se aproximou e lhe beliscou a face, divertido por sua expressão de alarme.

—Ah, é uma pequena casa de campo com algumas engenhosas fortificações. Estará perfeitamente segura ali. Pense nisso como em umas férias rurais —sugeriu.

—Rurais. —Enrugou o nariz. — Podem vir minhas amigas?

—Não. Terá que arrumar-se sem seu cortejo por um tempo —disse, não sem sarcasmo.— Terá também que limitar muito o serviço. E nada de animais.

Serafina franziu o cenho.

—Não acredito que eu goste.

—Não é opcional.

—Vou me aborrecer como uma ostra. —De repente, voltou-se para ele.— Virá comigo, Darius?

Ele encolheu os ombros.

—Claro, não.

Olhou-o fixamente dessa forma tão inteligente que nada tinha que ver com sua imagem de cortesã frívola.

—Deveria, Darius. Poderia tomar como umas férias.

—Tenho espiões para apanhar, milady.

—Mmm —disse, olhando-o com desconfiança.

Ao chegar a seus aposentos, encontraram Alec que esperava fora da porta.

—Por Deus, coronel, o que lhe aconteceu? —O loiro oficial gritou ao ver o sangue de sua camisa.

—Ah, o normal —grunhiu.

Enviou Alec para procurar alguns homens da Guarda Real para que fossem ao labirinto e se ocupassem dos cadáveres. Depois ordenou que pedisse audiência do rei imediatamente. Alec lhe dirigiu uma marcial reverência como resposta, e Darius sorriu de satisfação ao ver que seu subordinado roubava um olhar apaixonado à Joia de Ascensão.

Respondeu-lhe com uma inspiração altiva, o nariz empinado. O tenente se apressou a retirar-se.

—É inofensivo —riu Darius enquanto tirava o ferrolho da porta.

—Diga que pode guardar seus olhos, obrigado —disse orgulhosamente.

Darius riu ainda mais. Como se não gostasse que todos os homens fossem seus escravos.

—Fique aqui. Voltarei em um momento. Grite se alguém se aproximar.

Abriu a porta lentamente e entrou em seu quarto, com a arma pronta. Darius era sempre um objetivo, então existia a possibilidade de que tivessem entrado em seus aposentos. Tomou um momento para escutar e cheirar o ar, e percorreu sigilosamente os cantos dos aposentos, até que esteve seguro de que não havia perigo. Voltou para a entrada, e conduziu à princesa ao interior, fechando a porta atrás dela.

Não era muito apropriado levá-la a seus aposentos, mas tampouco estava disposto a deixá-la só neste momento. Sua majestade não esperaria menos dele. Além disso, só seria um momento, o suficiente para pegar alguma roupa limpa de seus baús de viagem, entregues aos seus aposentos, a algumas horas, do navio.

O quarto estava às escuras. Pensou que se acendesse alguma vela, a luz poderia ser vista através da janela, assim não se incomodou em iluminar nada. Aproximou-se de um dos cofres deixados no meio do chão e o abriu enquanto ouvia os passos macios e dançarinos de Serafina, que explorava com prazer por seus domínios privados.

Certamente, ela se sentia como em sua casa, pensou Darius com ironia. Para alguém que era objetivo de um sequestro, não parecia muito preocupada.

"Porque se sente segura comigo." O pensamento revoou por sua mente. Tratou de ignorar a dor que esta revelação lhe produzia, e tirou uma camisa engomada de linho e um lenço limpo. Os pôs com rapidez e abriu depois outro baú para tirar dele um colete e uma jaqueta; negra, é claro.

Divertia-se desempenhando o papel de sinistro sicário¹ do rei, algo que mantinha os cortesãos afastados. Quer se tratasse de inveja ou de simples preconceito contra seu sangue cigano, a única coisa que ele sabia era que nem valiam a pena, nem devia confiar neles. Consideravam-no um aventureiro calculista e se diziam uns aos outros que algum dia se converteria no sucessor do rei. Sempre que voltava para casa, provavam-no para ver o quanto podiam pressioná-lo. Sabiam que nunca infringiria a nova lei do rei contra os duelos, e ele se negava a brigar sob o teto de Lazar.

¹ Assassino assalariado.

Abotoou o colete na escuridão e entrou na sala onde estava Serafina, banhada pela luz da lua, junto a sua cama. Olhava fixamente o violão. Quando tocou as cordas, o fino violão espanhol deixou escapar um triste som.

—O que faz? —perguntou em voz muito baixa.

Ela retirou a mão.

—Nada.

Darius se aproximou e fechou a capa, entrecerrando os olhos enquanto a olhava.

—Vamos.

Deu meia volta e caminhou em silêncio fora do dormitório. Seguiu-o. Justo no momento em que pegava a jaqueta do espaldar de uma cadeira, ouviram uns toques na porta.

Em duas passadas, ficou ao lado de Serafina. Sem esforço, colocou-a junto à parede atrás da porta e lhe fez um sinal para que guardasse silêncio. Ela assentiu, com uns olhos muito abertos que brilhavam na escuridão como pedaços de quartzo violeta.

Em silêncio, Darius se aproximou da porta e colocou a mão sobre a maçaneta. Voltou a ouvir-se outro toque.

Desencapou sua adaga.

Com o coração na mão, Serafina esperou, o corpo tenso. Mas quando Darius abriu a porta, achou um perigo completamente diferente ao que tinha esperado.

—Querido! —disse uma voz brincalhona.

Os olhos de Serafina se entrecerraram furiosos.

Darius emitiu uma pequena risada, fria e desconfortável.

—Jules, que surpresa!

Na faixa de luz que cruzou o chão, Serafina viu que a sombra de lady Julia Calazzi se jogava nos braços de Darius e beijava-o apaixonadamente.

Serafina podia espiá-los através de uma fresta da porta. Com uma mão, a voluptuosa morena vestida de vermelho tratava de despir seu amante. Com a outra, Julia segurava a parte de trás de sua cabeça, e a afundava à medida que aprofundava no beijo que lhe estava dando.

"*Que asco! Não posso ver isto.*" Serafina se virou desgostosa. Cruzou os braços e olhou em direção à parte escura do quarto. Já era bastante desagradável ter que ouvi-los.

—Ai, Santiago. Morro por ti! —gemeu a mulher entre beijo e beijo. — Deixe-me entrar.

Serafina olhou de novo pela fresta para observar a reação de Darius.

Bom, pensou, tinha que confiar nele. Ele tentava. É claro, sabia que ela estaria espiando-o, e por isso se comportava. Estava agindo de uma forma surpreendentemente educada com Julia, mas a popular sedutora parecia acreditar que ele não estava senão brincando. Insistiu com a roupa, ao mesmo tempo em que ria de seus protestos.

—Podemos fazê-lo no vestíbulo se quiser, querido, mas eu preferiria sua cama. Assim poderá voltar a me atar —acrescentou com malícia.

As sobranceiras de Serafina se ergueram.

Darius limpou com violência a garganta.

— Agora não é um bom momento —começou cauteloso.

—Por que não, querido?

—Não insista, tenho que ir ver o rei.

—Faça-o esperar. Eu o necessito primeiro. Muito. Desesperadamente. —Julia ofegou, pegou-o pela cintura e atraiu-o contra seu corpo. Mas quando Julia empurrou Darius contra o batente da porta e se apoiou em seu ombro ferido, Serafina não pôde suportar mais.

"Parece-me que me resta resgatá-lo!", pensou, ignorando a reação que provocaria em Darius se decidisse interferir no assunto. Não lhe importava. A Divina Julia não poderia tê-lo esta noite. Isso era algo definitivo.

—Senti minha falta, amor? Eu sim. Já sabe que estou louca por você. —Julia gemeu, enquanto lhe acariciava o cabelo com seus dedos cheios de joias.

— Seu marido está fora da cidade outra vez? —perguntou, embora começasse a parecer irritado.

—Está morto, querido, não soube? Por fim me livre de esse velho bode!

—Ah, entendo que seu coração está partido. Minhas condolências.

Julia riu.

—Patife, delicioso! Apresenta-me suas condolências pela perda de um homem a quem pôs os chifres! Fica tranquilo, eu sempre caio em pé. Agora, me deixe passar! Brindaremos para que apodreça bem.

—Julia, de verdade, estou em meio de algo...

Rodeou-o outra vez com seus braços, beijando o pescoço apesar de seus protestos.

—Ah, está muito ocupado, sei, querido. Conte-me tudo —murmurou com um sorriso.

Serafina se afastou um pouco para esconder-se melhor, enquanto Darius tratava de bloquear a entrada à mulher e se desfazia em desculpas, galanteios e o impossível para afastá-la. Sem dar-se conta de que Serafina se aproximava em silêncio a seu dormitório.

Uma vez ali, manteve-se onde não pudessem vê-la. Abafou uma risada malévola:

—Darius —fingiu com voz sonolenta e macia — Volta para a cama, amor. Necessito-o!

Na porta, tanto os trejeitos de Julia, como os amáveis rechaços de Darius se interromperam abruptamente.

Por fim, Julia gritou como se os demônios a possuíssem.

—É um bastardo! Quem é ela?

—Eu...

Darius não disse nada mais. O grande amante ficou sem palavras, aparentemente.

Serafina teve que morder a língua para não soltar uma gargalhada. Ah, a vingança era uma coisa maravilhosa, pensou, recordando o dia em que achou o casal na sala de música. Tinha ficado chorando durante toda uma semana depois daquilo.

—Espero que se divirta, porco ingrato. Use-a bem! —Julia grunhiu em voz baixa.— E quando nenhuma de suas mulheres estiver disposta a aceitar suas perversões, pode voltar se arrastando para mim.

"*Mmm, perversões?*", perguntou-se Serafina.

—Mas lhe prometo uma coisa: averiguarei quem é ela, e a destruirei!

—Não lhe parece que está exagerando, querida? —perguntou com amabilidade fingida.— Eu nunca lhe prometi nada.

Serafina ouviu o bofetão.

Por um momento, ficou ali, atônita, os olhos muito abertos na escuridão.

"*Julia tinha esbofetado Darius.*"

Esbofetado a seu valente, nobre e ferido cavalheiro.

Furiosa, saiu de seu esconderijo e caminhou com violência até a porta, disposta a vingar-se. Mas Darius acabava de fechá-la. Tratou de rodeá-lo, mas ele a segurou pela cintura.

—Ah, não. Não o fará, pequena gata selvagem.

Lutou para alcançar a maçaneta.

—Deixe que vá! Deixe que a persiga! Como se atreve a lhe bater! Ela machucou-lhe o ombro! A vi...

—Isso, Alteza, foi totalmente impróprio —grunhiu.— Fez que minha vida seja oficialmente um inferno. Não tinha que ter interferido assim em minhas...

—Perversões?

Ouviu-o respirar sobressaltado.

—De verdade a amarrou? Por quê?

—Serafina!

—É divertido? Ah, deixei-o atônito. —Riu com vontade.

Darius lhe soltou a cintura e se endireitou. Na escuridão, adivinhou seu perfil enquanto emitia um suspiro. Ajustou a roupa e penteou o cabelo com os dedos.

—Seu pai deve estar nos esperando, Alteza.

Serafina se divertiu com seu desgosto.

—Está muito satisfeita com sua maneira de proceder, não é mesmo? — murmurou, e tirou do bolso um lenço. Com ele limpou os restos de maquiagem que Julia tinha deixado em seu rosto.

—Sim. Espere, ficou um pouco. —Serafina lhe arrebatou o lenço e lhe limpou uma mancha vermelha que ainda ficava na comissura dos lábios. — E quanto a você, coronel, surpreende-me que vá por aí seduzindo mulheres casadas. —Devolveu-lhe o lenço.— Para sua informação, Julia Calazzi é uma má ideia. De verdade, deveria ter gosto melhor.

Darius retirou a franja dos olhos com um arrogante movimento de cabeça.

—Entretanto, tem bom corpo e sempre está disposta a provar novas coisas.

Os olhos de Serafina se abriram assombrados.

—Não me diga essas coisas! —resfolegou, acalorada.

—Foi você quem começou —murmurou.— De qualquer forma, ocorre que Julia tem, digamos assim, intimidade com todos os cortesãos. Algo que resulta bastante útil.

—Ah, assim lhe concede seus favores em troca de informação. Iguais! Pensei que estava apaixonado por ela.

Darius zombou.

—Obviamente, ela está apaixonada por você —apontou a princesa.

—As mulheres como Julia não se apaixonam.

Ela negou com a cabeça.

—Não esteja tão certo. Eu tomaria cuidado com ela se fosse você. Vi como trata a seus inimigos.

—Bom, parabéns. Você é a única a quem quer destruir agora —disse ironicamente.

—Estou tremendo —disse, seguindo a brincadeira.

Darius a pegou pelo pulso e a conduziu não muito gentilmente fora do quarto.

—Vamos, diabrete. O que ia fazer, lhe dar um murro no rosto?

—Possivelmente. —Ela se soltou e se adiantou uns passos enquanto desciam pelo vestibulo. Nesse momento decidiu, com toda a obstinação de que era capaz, que se necessitasse um protetor durante as seguintes semanas, teria o melhor. Afinal era a princesa herdeira.

Só o grande Santiago podia protegê-la.

Estava certa de que poderia convencer seu pai da conveniência de sua decisão.

Bastante certa.

Sim, pensou decidida, seu pai encarregaria o trabalho sujo a outro para variar. Darius estava cansado, ferido e exausto. Nunca cuidaria dele mesmo a menos que o obrigassem a fazê-lo. Com uma ferida como essa, não tinha sentido que fosse caçar espíões. Alguém tinha que cuidar dele, de outro modo, acabaria por se autodestruir.

Tinha tomado uma decisão. Embora tivesse que torcer um dedo a seu pai, Darius iria com ela.

De alguma forma, sentiu que era uma questão de sobrevivência para os dois.

Julia Calazzi tremia ainda ao cruzar a esquina do pequeno vestíbulo de mármore próximo aos aposentos de Santiago. Apoiando a cabeça contra o muro, fechou os olhos e tratou de acalmar-se. Seu coração pulsava furioso.

Conhecia muito bem essa luxuosa e irritante voz.

Agora que tinha descoberto quem estava no quarto com ele, Julia se debatia entre o alívio e o alarme. Chamar a Darius para que voltasse para a cama era justo o tipo de brincadeira com a que a pequena rameira desfrutava, só para fazê-la perder os nervos. Mas Julia sabia muito bem que Santiago nunca poria uma mão na preciosa garotinha do rei.

Algo acontecia, decidiu. A primeira vista, podia pensar em um sem-fim de problemas palacianos suficientes para fazer que Darius houvesse voltado. Philippe Saint-Laurent? Orsini? Ela os conhecia bem.

Bom, pensou, reconfortava-lhe saber que não era senão uma questão de dever: o de proteger a Sua Alteza, como sempre. Embora este pensamento lhe recordou um menos agradável. Por que nunca ninguém protegia a ela?

Nos últimos sete anos, Julia Calazzi tinha reclamado a propriedade da mão direita do rei, o belo e obscuro Santiago. A corte inteira achava que se havia alguém capaz de apanhá-lo, essa era ela, a Divina Julia.

Não lhe importava que suas amigas lhe perseguissem para escarcéus ocasionais, porque na verdade, uma noite em seus braços era o sonho de qualquer rameira. Saber o bom amante que era não fazia senão realçar sua vitória. Embora a maioria tinha desfrutado dele, todos sabiam que ela era a única a sua altura em inteligência e truques: artimanha por artimanha.

Só com o tempo, conforme tinha ido se aproximando dele —se é que alguém se aproximara alguma vez de Darius Santiago—, Julia tinha descoberto o que nenhuma outra sabia, uma situação que se ajustava perfeitamente a seus planos de conquista. Ele estava loucamente apaixonado —pobre desgraçado e estúpido— por essa malcriada e tola beldade: a filha do rei.

Deus, como desprezava a princesa. Por que todo mundo agia como se essa pequena selvagem de pés descalços fosse um presente de Deus para o mundo?

Ainda zangada, Julia fez uma careta de dor ao fechar os dedos. Abriu o punho e olhou a mão, ainda vermelha pelo bofetão.

Isto não tinha sido muito inteligente, pensou divertida enquanto brincava com o anel de sua mão. Não podia permitir-se lhe envergonhar; literalmente, não podia permitir-lhe. Seu rosto se endureceu ao recordar por enésima vez o tedioso problema de sua precária situação financeira.

Seu marido tinha morrido sem lhe deixar nada mais que dívidas de seus estúpidos investimentos. Entretanto, Julia tinha jurado a si mesma que mal pusesse laço em Santiago, acabar-se-iam suas preocupações.

Que Darius era rico era algo que não muitas pessoas sabiam, dada sua natureza pouco ostentosa. Além de ser o assessor do rei e de outros muitos personagens internacionais, suas manobras políticas e uma companhia naval própria lhe tinham servido para juntar uma grande fortuna ao longo dos anos. O que ainda era menos conhecido era que, com a morte de seu pai, transformou-se no conde Darius Santiago, herdeiro de vastas propriedades e vinhedos na Andaluzia.

Nem sequer o rei sabia disto. A única coisa que Julia tinha sido incapaz de saber era por que Darius não tinha reclamado o título.

O que sabia era que quando fosse seu marido, ela se encarregaria de fazer que o reclamasse. De outro modo, bom, o que diriam as pessoas? A Divina Julia casada com um plebeu?

Um som no vestíbulo chamou sua atenção. De sua posição, abriu bem os olhos para ver como se abria a porta do aposento e Darius aparecia por ela.

Julia retrocedeu, escondida para ver como ele olhava de um lado e logo ao outro, com movimentos tão silenciosos como os de uma pantera. Julia se escondeu ainda mais e observou.

Inclusive da distância a que se achava, podia sentir seu magnetismo. Seu cabelo negro brilhava com o reflexo dos candelabros de parede. O olhar da Julia se pousou faminta sobre ele.

Deus, sentia falta dele em sua cama. Como amante, tinha as mãos de um violonista e a alma de um poeta. Ela tinha podido conhecer cada parte de seu fantástico corpo, mas sua atitude por ela tinha mudado perceptivelmente no dia em que a princesa real lhes tinha visto fazer amor naquele dia na sala de música. Depois, seus galanteios pareciam forçados, pensou Julia com um tom de ansiedade. Algumas vezes, inclusive parecia evitá-la.

Darius saiu ao vestíbulo e deixou passar Serafina.

Imediatamente, o desejo no estômago de Julia se transformou em um nó de rancor. Apertou o maxilar ao ver que brincavam juntos, que a radiante beleza de Serafina resplandecia com seu olhar, suas frescas faces ruborizadas, apesar de se mostrar fria e altiva com o resto dos homens.

Julia apertou o punho uma vez mais, ao notar que os olhos escuros e aveludados de seu amante seguiam cada movimento da jovem princesa.

Nauseante.

Desfrutavam sem dissimulação de sua mútua companhia, e o sangue de Julia fervia de inveja. Com amargura, pensou que era um milagre que tivessem saído do quarto.

Mas não, não! A senhorita perfeita em seu trono de cristal era tão pura como a neve.

Anatole queria comprová-lo, pensou com ironia.

O impressionante casal se afastou pela intercessão do vestibulo, como dois cavalos emparelhados, no mesmo nível de beleza. Em silêncio, Julia os viu partir.

Uma vez longe de seu campo de visão, afastou-se da parede, com os braços cruzados. Sabia que enquanto a "*Princesa Perfeita*" estivesse perto, não poderia competir pela atenção de Darius. Diabos, embora estivesse na cama com ela, ela saberia que todos seus pensamentos seriam para a outra. Tinha-lhe ocorrido antes. Não tinha outra opção senão aguardar que voltasse Anatole e levasse Serafina.

De forma inconsciente, os lábios vermelhos de Julia desenharam um frio sorriso ao pensar no príncipe russo.

Que divertido era tudo! O famoso herói de guerra tinha percorrido um longo caminho da Rússia para cortejar a princesa, e tinha se mantido firme até o momento no qual se selara o compromisso, momento no qual a Julia tinha podido comprovar que o noivo era tão vulnerável como o resto dos homens.

Rondou ainda um momento pelo vestibulo, recordando com prazer sua pequena vingança. Como no campo de batalha, Anatole, o grande, bruto e dourado Anatole, tinha sido um conquistador na cama.

Darius abriu a porta a Serafina, e lhe cedeu passagem à câmara de conselho privada do rei. Acharam-se os dois em um aposento cujas paredes estavam forradas de madeira de carvalho. Aparentemente, seu pai não tinha chegado ainda.

Serafina se balançou despreocupadamente em uma das duas poltronas de couro que havia junto à escrivaninha. Fez plaf sobre ela e deixou cair às pernas a um lado, para que pendessem. Darius fechou a porta e se voltou para ela, com as mãos nos bolsos.

—Sua Alteza?

Serafina examinava as pontas de sua cabeleira procurando as mais abertas, enquanto perfilava a estratégia que utilizaria com seu pai para que atribuísse Darius em sua viagem ao campo.

—Importar-lhe-ia deixar de me chamar assim? Alguma vez lhe passou pela cabeça que eu possa odiar ser princesa? —perguntou meio ausente.— O que acontece?

—Só queria dizer...

Ela levantou os olhos para ele surpreendida pelo desconforto de seu tom.

Darius a olhou, em silêncio, seus olhos cheios de impenetrável emoção.

—Sim?

Encolheu ligeiramente os ombros e baixou a cabeça.

—Obrigado pelos pontos.

Lentamente, ela sorriu.

—De nada, Santiago.

—Não tenha medo desses espíões, ouça-me? Eu me ocuparei de tudo. — Seu tom era tão sincero que tocou o centro de seu coração.

—E quem cuidará de você?

Ele se tocou o peito.

—Certamente, você mesmo —acrescentou friamente a princesa, baixando o olhar.

—Não, levo a medalha, lembra? —perguntou de uma maneira suave. — A Virgem.

Ela levantou de novo o olhar, assustada. Darius lhe ofereceu um tímido meio sorriso, e durante um momento que pareceu eterno, ela se limitou a olhá-lo, contemplando o que possivelmente era o maior mistério ao redor dele: "*Como pode ser um homem tão duro, e ao mesmo tempo, tão puro?*".

Ficou calado e depois caminhou devagar para ela, medindo cada um de seus passos.

Havia um olhar em seus olhos escuros que a fez tremer de emoção.

Viu-o colocar-se à costas de sua cadeira e ficar ali em pé. Então, inclinou-se e desatou o laço de cor branca com o qual prendia o cabelo.

—Roubarei-lhe isto —sussurrou.

Serafina deixou cair à cabeça para trás com um sorriso de prazer.

—Pode pegar o que quiser de mim.

—Não deveria dar aos homens esse tipo de liberdades —lhe disse com um sorriso sombrio.

—Não a dou a qualquer homem —respondeu ela.

Ele evitou seu olhar enquanto considerava suas palavras em silêncio e penteava com seus dedos o cabelo de Serafina.

—Mmm —respirou. Com os olhos fechados sentiu que seu coração começava a pulsar com força conforme os dedos dele deslizavam entre seus cachos. Ele nunca a havia tocado assim antes. A cabeça lhe dava voltas.

—Eu gosto quando deixa o cabelo solto. —murmurou, examinando-o entre suas mãos.

—Então, o deixarei sempre solto —suspirou.

Darius não disse nada, mas estendeu cuidadosamente o cabelo por seus ombros e o alisou enquanto brincava com ele. Então pegou uma mecha encaracolada e começou a alisá-lo pouco a pouco ao longo de seu peito até deter-se na linha de seu pescoço. Quando por fim o soltou, o cacho voltou alegremente para sua postura inicial.

Seus dedos, pelo contrário, mantiveram-se onde estavam.

Serafina fechou os olhos e se deixou levar, incapaz de resistir ao prazer de suas carícias. Podia sentir como olhava seus seios porque seus mamilos se endureciam pela proximidade de suas mãos e o calor em sua pele. Foi só um pensamento perverso, mas uma parte dela se alegrou do que Philippe fez, alegrou-se de que tivesse forçado Darius a olhá-la. Estava bem que ele fosse o primeiro homem a ver seu corpo, antes mesmo de Anatole. Conteve o fôlego enquanto ele explorava com carícias ternas seu peito e seus

ombros, enquanto percorria com suas mãos as clavículas e o pequeno espaço esquecido entre elas.

Todo seu corpo ficou pesado, entorpecido por um sentimento assustador de doçura. Darius percorria agora com os dedos a curva de sua garganta, e com um toque perito continuava por detrás das orelhas, brincando uma vez mais com seu cabelo.

—Este cabelo tão formoso —sussurrou.— Quero memorizar todos e cada um destes travessos cachos.

—Dir-lhe-ei, Darius... o que está você se propondo? —perguntou com voz sonhadora.

—Por quê? Não, pequena —murmurou.— Isso iria contra as normas.

Nesse momento, os dois escutaram os passos de seu pai no corredor, que se aproximava como uma alegre tormenta, dando ordens aqui e acolá a seu criado.

Ela abriu os olhos com rapidez e levantou o olhar para encontrar os atormentados e impetuosos olhos de Darius. Enrolou o laço em seus dedos, introduziu-o no bolso e deu uns passos para afastar-se dela. Depois se voltou para olhá-la, apoiado elegantemente sobre a estante, com as mãos nos bolsos.

Seu olhar era intenso.

—Foi um prazer vê-la de novo.

—Soa como uma despedida.

—É—sussurrou, a alma em seus olhos, iluminados entre as sombras.

—Ah, sim? E aonde vai? —Esperou com impaciência sua resposta.

Mas ele não deu nenhuma.

—É claro, é segredo, como sempre. —Fez uma careta de desgosto.— Sabe? É o hipócrita mais encantador que conheço, Santiago.

Seus amplos ombros se endureceram. Seus olhos de ônix se entrecerraram.

—Por que me diz isso?

—Acredita que vai se desfazer de mim. É a única razão pela que me tocou.

Ele absorveu a acusação, sem negá-la, embora sem desculpar-se tampouco pela licença que se permitiu. Com as mãos nos bolsos, limitou-se a olhá-la por um momento, e depois baixou a cabeça.

"*Estúpido*", pensou, com adoração. Era o trombadinha que havia nele, supôs. Que pensava que nada podia ser—lhe dado de forma gratuita, que tudo tinha que roubar.

—Esqueça —murmurou.— Foi um engano. Só me recorde. E seja feliz. É tudo o que peço.

—Como, Darius? —perguntou-lhe com um sorriso fingido— Diga-me como ser feliz e lhe asseguro que o tentarei. Ainda melhor, mostre-me. Terá você a oportunidade de fazê-lo quando estivermos no campo.

Ele a olhou assustado.

Sorriu-lhe, serena.

Era melhor adverti-lo, pensou, porque se não, não a perdoaria nunca por empurrá-lo para ir com ela. Para Darius não era um problema mentir um pouco, mas se era ele quem se via enganado, então podia tornar-se perigoso.

De um salto, afastou-se da estante.

—O que está planejando? —sussurrou, olhando primeiro à porta e depois a ela, com os olhos acesos.

—Vou premiar sua lealdade goste ou não —lhe disse com obstinação.—
Necessita de um descanso, Darius. Sua ferida é profunda.

—Nada disso, e isto é definitivo!

—Não é definitivo —disse com uma gargalhada. — Seu protesto será divertido.

Os dois olharam a porta ao ouvir a voz do rei solicitando ao mordomo real, ainda ao final do corredor. Escutaram a voz afetada do velho homem que entretinha Sua Majestade.

Eles o ignoraram.

—Não é possível! Tenho grandes responsabilidades que atender, Serafina.

—Ah, o peso do mundo, meu pobrezinho.

—Não deixarei que se interponha em minhas obrigações!

—Alguém tem que cuidar de você, já que você mesmo não o faz. É culpa minha que o feriram, de qualquer forma. Sinto-me responsável.

—Não tem sentido, eu só estava fazendo meu trabalho.

—Bom, talvez seja meu trabalho cuidar de você.

Darius a olhou desconcertado, e depois olhou para a porta.

—Não posso ir com você. Não tem nem ideia do que está em jogo! —sussurrou zangado.

—Sei perfeitamente bem o que está em jogo —disse indignada.— Sou a única que vai pagar o preço, não é mesmo? Mas ainda fica um pouco de tempo livre, e eu gostaria de passá-lo com quem eu quiser, com quem eu escolher. —Cruzou os braços e fez um biquinho.— Sou a princesa herdeira e não pode me dizer o que devo fazer e o que não.

—Serafina — cortou-a.

Observou-o com interesse ao ver quem se aproximava dela.

—Não vai interferir. Entende-me? Precisam de mim em outro lugar. Há uma crise...

—Ah, sim, sempre há uma crise —disse aborrecida.— Algum outro terá que solucionar isto desta vez. Tem sempre que ser você quem monopolize a glória? Dê a outro a oportunidade.

—Não procuro a glória! —zombou, detendo-se no meio com um olhar ofendido.— A única coisa que quero é que o trabalho seja bem feito!

—Ele será bem feito, querido —lhe gritou.— Já que se nega a cuidar de você mesmo, serei eu quem o farei. Odeia tanto a ideia de passar algum tempo comigo? — Suspirou, sem querer verdadeiramente saber a resposta.— É pelo seu bem.

Entreabriu os olhos.

—É pela Julia, não é? Tem ciúme. Você não é minha proprietária —disse com raiva.— Não tem nenhum direito sobre mim.

Olhou-o, e depois baixou a cabeça, incapaz de responder. Podia golpear, e rebelar-se, e comportar-se tão mal como quisesse. Mas ela não estava disposta a ceder.

Ele se deu conta de que a tinha ferido, porque se aproximou dela, junto à escrivaninha.

—Não me faça isto —lhe disse.— Não vê que é impossível?

—Não entendo por que se opõe.

—Você e eu? —sussurrou com fúria, inclinando-se para olhá-la.— Presos juntos no meio do nada? Tem ideia do que poderia —se deteve e engoliu forte.

—O que poderia acontecer? —terminou por ele.— Nada, suponho. Possivelmente voltemos a ser amigos. Ou possivelmente nos matemos um ao outro, não sei. Então, possivelmente, se tiver sorte, decidir-se-á a me atar. —Dirigiu-lhe um sorriso malévolo e irônico.

Ele a olhou alarmado, e a ameaçou com seu olhar mais sombrio, severo e intimidante. Embora soubesse que, se tivesse o rei de seu lado, não tinha nada que temer dela.

—Não o conseguirá —lhe jurou.

—Ah, sim, claro que sim.

Darius a olhou como se ninguém o tivesse desafiado antes. Certamente, tinha que admitir que era sua habilidade para manipular a seu pai o que lhe dava certa vantagem.

—É pelo seu próprio bem —disse, para concluir com o assunto.

Darius a amaldiçoou baixo, desesperado, e se afastou dela.

—A resposta é não, e isso é definitivo. Não admitirei travessuras. Advirto.

—Meu pai se aproxima, Santiago. Não me obrigue a lhe chantagear —disse docemente.— Não é verdade que ainda tem meu laço em seu bolso?

Seus olhos se abriram, para em seguida entrecerrar-se como duas chamas ardendo.

—Criança traidora!

—Você me ensinou tudo o que sei. —Dirigiu-lhe um olhar angélico, brincando uma e outra vez com um de seus cachos.

Capítulo 5

"*Não pode me fazer isto*", pensou desesperado. Embora, soubesse muito bem que podia. Se protestasse muito ao rei, pareceria que estava tendo uma reação irracional, inclusive suspeita.

— Advirto-a — sussurrou à princesa, embora sabia que era inútil. Sabia por experiência que quando tinha uma ideia na cabeça, era difícil detê-la.

Nesse momento, ouviu-se um golpe na porta e apareceu o benfeitor de Darius, Sua Majestade, o rei Lazar di Fiore, um audaz e veterano soldado de cabelo negro, com mechas já prateadas nas têmporas. Sua poderosa figura ocupou a entrada. Sua expressão dura e curtida se transformou ao ver a Darius.

— Magricela! — exclamou, deixando escapar uma sonora gargalhada.

A sala se fez menor quando o rei entrou nela e a encheu com sua carismática e forte presença. Darius lhe ofereceu uma rápida e informal reverência, mas Lazar lhe estreitou em um forte abraço, apoiando-se sem querer em seu braço ferido.

Darius fez uma careta de dor.

— Papai, velho carvalho, tome cuidado! Está ferido.

Lazar soltou-o e se voltou para sua primogênita.

— Ah, aqui está. Onde tinha se metido? Será melhor que volte para salão de baile se não quiser que sua mãe a estrangule. Leva já duas horas buscando-a. Já sabe, Pequeno Grilo, considera-se de má educação abandonar um baile que se celebra em honra de alguém, por muito aborrecido que seja. — Depois se voltou para Darius. — Ferido, disse?

Sorriu com arrogância.

— Um arranhão.

Lazar sorriu como aprovação a sua fanfarronice.

— De puro ferro é este homem, filha. Nunca comete enganos!

Ela piscou com coqueteria. Cruzou suas esbeltas pernas enquanto balançava o pé ritmicamente. Formosa como uma pintura, pensou, embora conhecesse muito bem seu caráter, condenada pequena Rainha de Sabá. Ah, ela estava esperando o momento propício, olhando-o com frieza, como algo já feito, seus braços cruzados debaixo desses voluptuosos seios, essa careta lasciva ainda em seus lábios.

Lazar se dirigiu a ele.

— O que o fez voltar tão cedo? Pensei que viria escoltando o grupo de Tyurinov de Moscou.

Serafina lançou um olhar de impaciência a Darius. Ele limpou garganta.

— Senhor — disse com delicadeza —, será melhor que se sente.

Lazar levantou o queixo ao mesmo tempo em que seus penetrantes e escuros olhos se entrecerraram. — Bem, o que ocorre agora? — Deu a volta com preocupação a sua

escrivaninha, detendo-se no mirante da janela com um suspiro. Ficou ali um momento, esquadrinhando a escuridão, de costas a eles. Darius e Serafina se entreolharam.

—Deixe de me desafiar —lhe disse em silêncio, movendo só os lábios.

Darius entreceitou os olhos e moveu a cabeça em sinal de ameaça. Os dois olharam de frente com expressão inocente ao ver que o rei se voltava para sentar-se na cadeira e esfregava os olhos com as mãos.

—De acordo. Fale.

—Espões franceses se infiltraram no palácio e tentaram sequestrar a Sua Alteza esta noite, faz aproximadamente uma hora e meia.

Lazar o olhou, sem dar crédito ao que ouvia, depois seu rosto se escureceu como a tormenta. Voltou-se para sua filha.

—Está bem? —perguntou enfurecido.

—Estou bem —Serafina deslizou seu olhar do lado de Darius—, graças a Santiago.

—O que se passou? —O tom de Lazar era homicida.

Darius contou uma versão resumida dos acontecimentos. Em todo momento, era consciente da jovem e elegante mulher sentada a seu lado, sua pose rígida e seu olhar orgulhoso em direção ao chão.

Quando Darius terminou seu relato, Lazar olhou para Serafina. Ela não se moveu, mas engoliu forte. Sem uma palavra, seu pai se levantou, rodeou a mesa e se inclinou para abraçá-la.

Darius ficou ali em pé, incomodado com a amostra de carinho.

—Senhor, Sua Alteza deveria ser levada a vila D’Este e ser escoltada. Enquanto isso, eu poderia eliminar os membros que ficam do círculo de Saint—Laurent...

—Um momento, jovem —murmurou o rei.— Deixe-me primeiro ver minha filha.

Serafina voltou de novo para abraçá-lo e começou a chorar.

Darius deu meia volta, enquanto reprimia um suspiro. Ah, ela era a menina dos olhos de seu pai. Ele nunca poderia acostumar-se a isso, a essa espontaneidade expressiva de seus sentimentos. Queria sentir-se indignado com ela e com seu brando pai, por deixar a responsabilidade que tinha para com o mundo a um lado pelos de seu sangue, mas Darius só pôde indignar-se consigo mesmo.

Era, simplesmente, o apoio humano, pensou. Certamente. Isso era o que lhe tinha demandado antes no pequeno pátio, quando ficou a chorar frente a ele. Ele soube, mas tinha sido incapaz de dar-lhe incapaz de arriscar-se dessa maneira. Tinha medo de que, se a abraçasse, não pudesse logo deixar de beijá-la, e tocá-la, e agradá-la, até que lhe convidasse a entrar em seu coração. Se fosse assim, ele não poderia deter-se. Tomaria, dar-lhe-ia cada célula de seu ser. De boa vontade, jogar-se-ia em seus braços e mandaria ao diabo as responsabilidades.

Ah, não deviam atribuir a ele para protegê-la, pensou com veemência. Porque ela não tratava de ocultar seus sentimentos por ele, assim como não ocultava suas lágrimas.

"Pode pegar o que quiser de mim." Como podia lhe dizer isso?

Tremendo, afastou-se uns passos, e deixou pai e filha em privado. Ouviu como Lazar falava suavemente com sua pequena, embora não pudesse entender suas palavras, e tampouco tinha desejos de fazê-lo.

Mal podia recordar as mentiras e as desculpas que tinha dado a Serafina, mas de maneira nenhuma podia lhe dizer a verdade. Não podia lhe dizer por que se negava a ir com ela. Inclusive a urgência de ir eliminar a Napoleão era só uma desculpa para si mesmo, admitiu, porque ele podia muito bem atrasar uma semana.

A verdadeira razão era que sabia muito bem o que ocorreria. Acariciaria-o, adoraria-o e lhe arrulharia com suas suaves e ternas carícias, até que baixasse a guarda e se abrisse a ela, e quando lhe conhecesse verdadeiramente —quando ela olhasse em seu interior com os olhos de uma mulher, e não com os de uma menina, e visse que não havia nada—, deixaria de idealizá-lo e, Deus, se isso acontecesse, para ele seria melhor não ter nascido nunca.

—Está segura de que está bem? —Ouviu Lazar perguntar amavelmente a sua filha.

Ao longe a ouviu respirar.

—Sim, estou melhor agora, papai. De verdade. Foi só porque o ouvi contar tudo outra vez, Sinto muito.

Darius começou a caminhar até uma receosa distância, mas quando ouviu mencionar seu nome, deteve-se de novo.

—Papai, Darius foi tão valente. Deveria tê-lo visto. Se não tivesse estado ali... Mas estava, como sempre! E então aconteceu que o tinham ferido, e ele nem sequer o mencionou. Só queria estar seguro de que não me tinham feito mal. Ele é o melhor, a pessoa mais valente e nobre que conheço.

Darius ficou sem respiração um momento. Suas palavras lhe atravessaram como uma folha de prata, e fizeram que o ar voltasse a sair de seus pulmões.

Com o coração na mão, roubou um olhar ao casal.

—Sei, querida.

Serafina olhava o rei com ardor. Darius conhecia muito bem o efeito de esse olhar.

—Por favor, papai. Sei que deve mandar um homem para que me proteja, mas por favor, permite que seja Darius que venha comigo. Terei medo aí fora, longe dos meus parentes, se ele não estiver ao meu lado.

Virado pela metade, com a cabeça baixa, Darius conteve o fôlego a espera da resposta do rei.

—Certamente, gatinha —respondeu Lazar amavelmente, beijando-a na testa.— Não poderia pensar em ninguém melhor para protegê-la.

Já estava dito.

Darius guardou silêncio, entusiasmado, aterrorizado, vencido.

Como podia opor-se a esse lamento? Não podia. Uma vez mais, ela conquistava com a ternura, e ele a temia porque esta arma era a única que ele não podia utilizar, nem conduzir, nem sequer compreender. Contra ela, não tinha defesa, nenhuma experiência passada de que servir-se. Não podia lutar contra ela. A única coisa que podia fazer era correr e continuar correndo, apesar de querer com todo seu coração ser apanhado e obrigado a render-se.

Uns minutos mais tarde, recebeu as ordens.

Não obstante, interpôs suas objeções, embora só fosse por orgulho.

— Senhor, qualquer um pode protegê-la. Uma vez que tenha saído do palácio, o perigo será muito pequeno. A quem vai mandar para pegar os espiões?

— Não sei, a Orsini, possivelmente.

— Orsini? — Darius piscou. — Esse gordo. Fracassará.

— Não é tão mau. Não posso utilizar a você — disse o rei reflexivo, divertido com suas opiniões. — Eles sabem que está aqui. Estarão esperando-o. Por isso tenho que pôr a alguém diferente para desmascará-los. Além disso, já se desfez de Saint-Laurent, que era o mais perigoso segundo suas palavras.

— E se enviarem mais homens?

— Essa é a questão — assentiu Lazar. — Se tratarem de segui-la, você é o homem que quero ter à frente para lutar contra eles.

— Não viveriam o tempo suficiente para segui-la se me deixasse ir atrás deles. Orsini! — grunhiu. — Parece não entender. — Lazar lhe deu um tapinha nas costas ao mesmo tempo em que lhe dirigia um olhar cheio de significado. Olhou em direção a Serafina e baixou a voz — Vou mandar Orsini com ela? Entende o que lhe digo?

Darius fechou abruptamente a boca, compreendendo.

— Algum dia terá filhos, Darius, e quando os tiver, espero que não tenha filhas tão formosas como a minha. — Lazar suspirou. — É o único homem do reino a quem posso confiar minha filha.

Darius absorveu isto, e teve uma vontade repentina de vomitar.

— De acordo, senhor — murmurou, cabisbaixo.

"Bom — pensou desafiante —, a única coisa que terei que fazer é ignorá-la todo o tempo, tratá-la friamente, excluí-la."

Diabos, já era um perito em fazê-lo.

Descobriu Serafina olhando-o. Depois, o rei voltou a dirigir-se a ele:

— E quando airmos esses bastardos franceses — acrescentou —, você e eu lhes cortaremos seu maldito pescoço. Foram atrás de minha filha, isso é passar dos limites. — Afastou o rosto para que sua filha não visse a expressão desumana de seus olhos. — Meu Deus, vou enlouquecer de raiva. Minha filha!

— Senhor, recorde: é um assunto político, não pessoal — advertiu-o Darius, como se ele mesmo não tivesse assassinado a Philippe Saint-Laurent pelo mesmo motivo. — Em

qualquer caso, ela é como seu pai, uma verdadeira lutadora, e estará bem. Tem a cabeça fria, pode sair graciosamente de qualquer situação.

—Ah, essa é minha garota. —Lazar assentiu e olhou para Serafina, os lábios fechados em uma fina linha. — Cuide dela.

—Com minha vida, senhor.

O rei lhe fez um sinal severo com a cabeça. Quando a breve audiência se concluiu, Darius se desculpou e se retirou para fazer os preparativos necessários, entre eles, o de ir procurar Orsini, o atual chefe de segurança, e reunir-se com ele. Mas antes de deixar a sala, fez a reverência de cortesia à princesa.

—Obrigada —lhe disse ela com um olhar intencionalmente profundo. Ao menos não trataria de desfrutar em sua vitória.

—Seu criado, milady —disse ele friamente, embora ao ver que o rei não lhes prestava atenção, assegurou-se de lhe dedicar o mais duro e significativo olhar que pôde idear.

—Olhe. Que sorte tem! —Els suspirou enquanto olhava ansiosa Darius. Seu verdadeiro nome era Elisabeth mas ninguém a chamava assim. Era alta, de longas pernas, cabelo vermelho e tinha vinte e dois anos. Tinha os olhos verdes e nenhuma moral, mas Serafina adorava seu instinto para o escandaloso. — Irradia pura sensualidade — acrescentou Els com um suspiro irreverente.

Mal tinha passado uma hora e uma carruagem camuflada já esperava sob o alpendre da entrada para levar Serafina a seu esconderijo. Em pé, sob os arcos romanos, despedia-se de suas duas melhores amigas, enquanto Darius a esperava a curta distância conversando tranquilamente com seus pais.

Tinha lhe dado ordens precisas para que não contasse a ninguém nem sobre o que tinha ocorrido no labirinto, nem sobre o lugar para onde iam, embora tivesse desejado desabafar com suas amigas sobre o que lhe tinha ocorrido essa noite.

—Não posso acreditar que seus pais confiem nele. É tão bárbaro —disse Cara, observando Darius com uma mescla de terror e admiração. Em seus dezenove anos, Cara era miúda, loira de olhos azuis, e a mais jovem e séria do inseparável trio.

Depois do que tinha ocorrido na noite anterior, Serafina se sentiu muito aliviada de que sua tentativa de unir Cara e Philippe Saint-Laurent tivesse fracassado.

Philippe tinha mostrado interesse em Cara, mas depois de permitir ao francês escoltá-la até uma curva do jardim, a pequena loira havia voltado com suas amigas dizendo que o tinha achado muito arrogante e atrevido.

De repente, Cara se voltou para Serafina com olhar preocupado.

—Quer dizer que sua mãe nem sequer vai enviar lhe uma acompanhante?

Serafina captou o olhar de Darius.

—Bom, agora é tarde. Mamãe diz que pela manhã achará a alguém para mim, embora meu pai lhe disse que não se preocupasse por isso.

—Que não se preocupasse? —gritou Cara, com seus grandes olhos abertos.

—Eles confiam em Darius. Costumava ser meu guardião; assim tem sentido. Além disso, se eles o fazem ver que duvidam de sua inquebrável honra, então se sentiria mortalmente insultado.

—Sei que suas Majestades confiam nele, mas querida — disse Cara incomodada —, o que dirão as pessoas?

—Ah, a quem importa o que digam as pessoas? —remarcou a festiva Els, enquanto se ajeitava, ausente, suas mangas.— As pessoas são estúpidas.

Serafina ignorou o comentário.

—Ninguém vai saber. Mamãe dirá que vou visitar minha velha tia Isabelle, que é muito velha e frágil para vir a boda.

—Mas sua mãe poderia enviar alguma de suas damas de companhia —sugeriu Cara.

—Darius não quererá. Diz que não se pode confiar em ninguém até que os inimigos sejam desmascarados. Além disso, diz que essas mulheres não seriam senão uma distração para seus homens.

—Para seus homens! Caramba, quererá dizer para ele; porque ele dormiu com todas elas! —sussurrou Els irônica, com seus verdes olhos cintilando.

—Nada disso! —replicou Serafina.— O que acontece é que seriam mais pessoas desnecessárias para proteger. Olhem, quase é hora de partir —disse agora com mais suavidade.—

Estão seguras de que estamos bem? Não quero ir com a sensação de que ainda há mal-entendidos entre nós.

—Certamente que estamos bem! —gritaram as duas amigas e, continuando, abraçaram-se.

Ela lhes devolveu o abraço, contente de ter feito as pazes depois da discussão no baile, horas antes. Ainda se sentia mal por acreditar que talvez não fossem tão boas amigas como ela tinha pensado. Queria pensar que podia confiar nelas mais que no resto de seu cortejo, que valorizava sua proximidade, ela sabia muito bem, só porque isso os fazia melhorar seu próprio status social na corte. Tinha pedido às garotas que a acompanhassem a Moscou para lhe infundir coragem durante os primeiros meses em seu novo lar mas, imediatamente, negaram-se com alguma desculpa.

—Sentimos, mas não podemos fazê-lo, tinha explicado Cara com seriedade.— Não posso deixar a minha família.

—É minha saúde —havia dito Els—, sempre fico doente quando faz frio. Morreria com toda essa neve; a menos que tivesse a um homem como seu Anatole para me manter quente —tinha brincado.

—Cedo-lhe isso de bom grado —tinha replicado Serafina secamente.— De acordo, não importa, era só uma ideia. Não me importa.

—Tem certeza? —tinha perguntado Els.

—Tenho certeza.

—Não entendo o que vê de mal nesse deus dourado com quem vai se casar — disse Els.— É perfeito. Além disso, é rico, famoso.

—Estará fora na guerra a maior parte do tempo —tentou ajudar Cara.

—É verdade —disse Els.— Mas se de verdade não gosta dele acredito que achará a solução.

—A que se refere? —perguntou Serafina.

—Depois de sua boda, tome —sugeriu, olhando em direção a Darius— como amante.

Serafina ficou pálida.

Els riu.

—Por que não? —sussurrou.— É a melhor solução. Deve ter um amante, certamente. Todas as mulheres verdadeiramente elegantes o têm.

Serafina recuperou a compostura imediatamente.

—Temo— que a Rússia não é como a Itália, querida. Os homens ali são muito incivilizados para aceitar esses matrimônios modernos.

Ela mesma tinha sido advertida por Anatole.

—Nesse caso, terá que ser discreta.

Serafina se ruborizou de vergonha, embora logo se desfez em uma gargalhada.

—Você é incrível! Ai, Els! Como vou viver sem você? —abraçou-se a ela.

—Serafina! —chamou sua mãe de repente.

—Já vou! —Devolveu-lhes o olhar angustiado.— Não esqueçam de fazer uma visita a Kwee Kwee de vez em quando, e dar a Bianca algo de comer. Escrevam-me!

—Onde estará, se por acaso a necessitamos? —perguntou Cara com seriedade.

Serafina esteve a ponto de responder, desacostumada de esconder algo de suas amigas, mas então viu um brilho estranho nos olhos azuis de Cara que a fez pensar na advertência de Darius.

—Em uma cabana de campo. A verdade é que não sei aonde.

Para si mesma, Serafina se zangou consigo. Certamente tinha imaginado esse olhar duro em sua amiga, pensou, porque agora Cara lhe dizia com um tom de preocupação nos olhos.

—Se não pode levar dama de companhia, acredito que deveria ir com você. Posso estar pronta em uns minutos.

Serafina estreitou sua mão.

—Obrigada, eu gostaria que viesse, mas Darius é muito estrito com respeito a isto. Diz que é muito perigoso.

—Serafina! —A rainha voltou a chamá-la, enquanto caminhava para elas.

—Tudo bem, tudo bem! Saíamos daqui —murmurou Els culpada, sabendo muito bem que a rainha não aprovava sua companhia desde que tinha seduzido o príncipe uns meses antes.

O encantador Rafe se gabou disso em todo o palácio, mas ao inteirar-se a rainha, tinha obrigado a seu filho a voltar com o rabo entre as pernas. Serafina tinha tratado por todos os meios de falar em favor de Els para que lhe permitisse ficar em Belfort.

Cara, pelo contrário, sorriu à rainha e foi reunir-se com ela. Serafina estava acostumada pensar que Cara teria sido a filha perfeita de sua mãe, e não ela, pois as duas eram um par de anjinhos.

Els deu um beijo rápido em Serafina na face.

—Cuide-se —sussurrou, e logo desapareceu.

Quando Serafina se uniu às outras duas, Cara se despediu dela com um abraço.

—Boa sorte, querida —disse, e se retirou apressada.

Serafina ficou a sós com sua mãe.

Se alguém tão egocêntrica, amante do prazer e preguiçosa como ela podia ter uma parte de sagrada, pensou Serafina, isso era sem dúvida reflexo de sua mãe. De porta para fora, para seus amigos, Serafina ria das cruzadas caridosas de sua mãe, mas em seu interior, Serafina a respeitava com um ardor reverencial.

A rainha Allegra di Fiore tinha uma presença que impunha por compaixão.

Em seus trinta e oito anos, era inquebrável e, como Serafina tinha aprendido desde bem pequena, impossível de enganar. Nunca tinha que levantar a voz; havia mais disciplina em um de seus olhares reprovadores que no estridente sermão de vinte preceptoras, e era igualmente efetiva com os membros do Parlamento como com seus filhos.

Era formosa, de pele marfim e cabelo castanho avermelhado. Tinha sardas e alguns fios grisalhos aqui e acolá que provocavam sua risada. Movia-se com agilidade apesar de sua grande barriga de grávida, e representava tudo aquilo que Serafina sabia que não seria nunca: a sabedoria, o poder e a graça. Era como um enorme anjo, e seu pai costumava dizer que era o melhor que lhe tinha ocorrido a Ascensão em setecentos anos.

Não, refletiu, ela era mais como seu pai. Arditosa, variável, teimosa e orgulhosa. Inclusive a estranha cor de seus olhos era herança da parte de seu pai. A cor violeta aparecia na linha real só uma vez em muitas gerações, haviam-lhe dito.

Sua mãe lhe dedicou um amável sorriso de ânimo e lhe rodeou os ombros com um braço.

—Vamos. Não terá medo, não é verdade?

—Não, mamãe.

De braços dados, caminharam para os dois altos e obscuros homens.

Sua mãe se deteve para abraçá-la enquanto Darius terminava com o rei.

Serafina só escutava pela metade as palavras da rainha nas quais lhe assegurava que Darius cuidaria bem dela e que devia fazer exatamente o que lhe dissesse, porque sua

segurança dependia disso. Com a cabeça apoiada no suave ombro de sua mãe e o olhar perdido no infinito, perguntava-se se não tinha sido um engano obrigá-lo a vir com ela.

Tinha lhe dirigido o mais cruel dos olhares. O que aconteceria se não podia fazer que a perdoasse? Com todos os homens que tinha aos pés, por que tinha que acontecer que o único que lhe interessava não quisesse nada com ela?

Bom, pensou, agora estava preso a ela.

Nas últimas horas, seu protetor tinha sido exageradamente eficiente. Já havia enviado a alguns homens à frente para assegurar a propriedade de campo que seria seu lar durante a próxima semana ou até que os espiões fossem capturados. Deteve-se em seus aposentos e tinha semeado o medo em sua pobre criada, Pia, lhe pedindo com um olhar de diabo que empacotasse suas coisas sem perda de tempo.

Serafina beijou pela última vez sua mãe e roubou outro olhar de esguelha de Darius. A luz das velas se refletia em seu cabelo negro brilhante e tornava a cor de sua pele da cor do âmbar. Seus escuros e misteriosos olhos mantinham um olhar penetrante de sóbria vigília.

Ele viu que deixava a sua mãe e se aproximava de seu pai para despedir-se. Seu progenitor a segurou em um quente abraço, envolvendo-a depois com um sorriso malévolos.

—Comporte-se bem —disse, beliscando-lhe a face.— Peço-lhe isso de verdade.

Fez-lhe uma coquete reverência, sorrindo-lhe. Adorava esse homem.

—Sim, papai.

Darius a olhou.

—Pronta?

Assentiu. Seu coração começou a pulsar rapidamente. Espremeu seu chapéu com as duas mãos, agora suadas.

Darius beijou a sua mãe na face e lhe disse em um sussurro que não se preocupasse com nada. Depois, estreitou firmemente a mão do rei.

—Mantenha-nos informados. Esperarei seu mensageiro —murmurou Lazar.

Darius assentiu com a cabeça enquanto abria a grossa porta de madeira e a segurava para ela. Imediatamente, o vestíbulo se encheu com o barulho da chuva. Darius não a olhou quando o roçou ao passar junto a ele.

Os raios e trovões tinham cessado, mas a chuva caía em pequenas cataratas pelos beirais do alpendre. Era uma noite cálida.

Enquanto Serafina esperava em pé sob o candelabro de ferro, observou as mariposas que revoavam ao redor da luz, arriscando suas asas no fogo. Depois, através da cortina de chuva, esquadrinhou a escuridão da noite, acreditando ver em cada sombra Henri com seu pescoço quebrado, ou Darius tirando sua faca do peito de Philippe.

Não podia acreditar que fosse a causa de tantos conflitos e comoções internacionais.

Encolheu-se em seu elegante vestido de viagem cinza pérola e estudou a sua elaborada escolta militar. A carruagem estava flanqueada por homens armados a cavalo, um esquadrão de trinta homens escolhidos por Darius.

Seus pais seguiam em pé na entrada enquanto Darius se dirigia à carruagem. Uma vez ali, abriu a porta para ela, enquanto tratava de evitar com a cabeça baixa o aguaceiro. Enquanto ela corria para ele, Darius inspecionou o interior, como se esperasse achar monstros. Depois, ofereceu-lhe a mão e a ajudou a entrar.

Serafina se acomodou no fofo assento arroxeadado, emocionada com a ideia de que podia quase pretender que eram recém-casados e ele a afastava de sua família como se fosse seu marido.

O pensamento lhe fez mal.

Apoiou-se sobre a janela da carruagem e lançou um beijo a seus pais, detendo-se para vê-los juntos, de braços dados, envolvidos por um halo de amor que quase podia ser visto por outros.

"Nunca saberei como se sente", pensou com uma estranha indiferença.

Enquanto isso, Darius perambulou entre seus homens, e revistou tudo uma vez mais. Seu garanhão negro andaluz tinha sido amarrado à parte de trás da carruagem.

Deu um puxão na rédea com a qual ia amarrado para assegurar-se de que não se soltaria e lhe deu uma palmada de carinho no lombo. Depois, voltou com duas passadas à lateral da carruagem e aceitou de um subordinado dois rifles. Por último, entrou no cômodo interior com os rifles, junto a ela.

Deu-lhe as costas enquanto introduzia as armas no compartimento debaixo dos assentos, e se sentou depois frente a ela, dobrando sua impecável jaqueta negra e colocando-a cuidadosamente de um lado. Inclinou-se para frente, fechou com um golpe a porta e prendeu os três ferrolhos com precisão.

Então a olhou por um segundo. Foi um olhar intenso, os olhos ligeiramente entreabertos, como se estivesse revisando mentalmente alguma lista.

Dedicou a seus pais uma saudação enérgica de despedida pela janela, e voltou depois para seu lugar, fazendo um sinal ao condutor para que começasse a andar.

Estavam em marcha.

Serafina olhava-o fixamente, com seus olhos abertos na escuridão, e o coração na garganta quando viu que, finalmente, tinha conseguido. Durante os próximos dias, talvez uma semana, teria Darius Santiago, seu ídolo, seu demônio, todo para ela. Não estava certa se estava extasiada ou aterrorizada.

Nenhum dos dois falou enquanto o veículo abria caminho para alcançar sua velocidade normal pelo caminho enlameado. O campo aberto em seguida deu lugar a um bosque pouco denso, e eles seguiam sem se dizer nada. Seu silêncio parecia magnificar o estalo continuado da carruagem e o som da chuva golpeando o teto. O terreno se ergueu. Seu destino acabava nas frias e boscosas terras altas de Ascensão.

Embora Serafina tratasse de fixar a atenção na paisagem, o tempo fazia que tudo estivesse muito escuro para ver algo. De vez em quando, esquadrinhava ansiosa, o perfil do homem que se ocultava na sombra em frente a ela. Podia sentir os olhos observadores

de Darius cravados nela. As perguntas ainda não pronunciadas flutuavam no ar e enchiam o espaço claustrofóbico da carruagem.

Sentiu temor ao vê-lo guardar silêncio dessa maneira, até que já não pôde suportar por mais tempo.

—Como está o braço? —perguntou com cautela.

Como resposta, limitou-se a olhá-la brevemente, com o rosto metade na sombra, metade no reflexo intermitente da chuva.

Ela se encolheu ainda mais no assento.

—Não seja assim. Foi decisão de meu pai. Eu só disse a verdade.

Ele continuou sem dizer nada.

—Darius —suplicou fracamente—, está me assustando.

—Deveria estar assustada. Deus, não o vê agora? Não se dá conta do que sou?

—Não, o que é?

Sacudiu a cabeça, aborrecido. O caminho subia. Serafina olhou para fora, tratando de ver algo pela janela com todas suas forças. Passaram por uma granja na ladeira de um vale. O caminho seguia subindo.

Ouviu-o mover-se, ouviu o clique da pequena porta do compartimento sob o assento, e sentiu como se aproximava dela. Pôs uma almofada na beira do assento e segurou uma manta na mão.

—Deite-se.

—Não estou cansada.

—Sim, está. São três da manhã. Passa com acréscimo sua hora de dormir.

—Você não sabe minha hora de dormir.

—Uma e meia.

Ela olhou sua negra silhueta um momento, assombrada.

—Como sabe isso?

—Magia cigana. Entenda algo, querida —disse com suavidade.— Foi você quem quis isto. Obteve sucesso no que queria, e agora terá que viver com isso. Dormirá quando eu lhe disser que durma, despertará quando eu disser, comerá quando lhe disser que coma, respirará quando lhe disser que respire. Durante a próxima semana ou assim, Sua Alteza, é minha, e não tolerarei tolíces. Chore se não gosta. Já vê o que conseguiu. — Jogou-lhe a manta.— Agora se deite e não faça barulho.

Estava indignada. E entretanto, sabia quando os protestos eram inúteis.

Ressentida, decidiu que não tinha nenhum sentido estar incomodada. Cobriu-se com a manta e se deitou de lado, com a cabeça no travesseiro. Desabotoou o botão superior da gola de seu vestido e, pensando melhor, agachou-se e tirou também as botas. Deixou-as cair, primeiro uma e depois outra, sobre o chão da carruagem.

Darius permaneceu em silêncio, depois se inclinou para ela e lhe cobriu os pés com a manta.

Observou-a enquanto voltava a se colocar em seu lugar, com o cotovelo apoiado na janela e a face descansando sobre a palma de sua mão. O silêncio durou vários minutos.

—Darius?

Suspirou sem olhá-la.

—Sim, Serafina?

Hesitou.

—Estou preocupada com você, Darius.

—Serafina. —Dedicou-lhe um olhar severo.— Não me converta em um de seus projetos.

—Posso ver que é infeliz. Tenho que fechar os olhos a sua tristeza, depois de tudo o que fez por minha família e por mim? Não posso me preocupar com você absolutamente?

—Exato —disse, cortante.— Não tem que preocupar-se comigo e assim eu não terei que me preocupar com você. Não há mais o que falar.

Olhou-o fixamente.

—Nem sequer podemos ser amigos?

—Amigos —zombou. — O que significa isso? Não, não podemos ser amigos.

—Ah —disse fracamente, ferida. E então, depois de um momento perguntou: — Por quê?

—Por que... —Foi uma espécie de eco. Houve um longo silêncio, no qual só se ouviu o tamborilar da chuva no teto da carruagem. Depois, falou de novo em voz muito baixa.— Seria muito perigoso.

—Muito perigoso para o grande Santiago? —Levantou a cabeça do travesseiro, mas sem atrever-se a procurar seu olhar, dirigindo a vista fora da carruagem, através da janela e da escuridão da noite.

—Volte a dormir, Alteza —disse tranquilamente.

Franziu o cenho e voltou a colocar a cabeça no travesseiro, enquanto o olhava em silêncio.

Darius seguiu olhando para fora, seu fino rosto inexpressivo, o reflexo azul das gotas no vidro deslizando por seu rosto como silenciosas lágrimas.

Por fim, ficou adormecida, e só então Darius a olhou.

Durante um bom momento a observou enquanto dormia, com seus sensuais cachos flutuando ao redor dela, e uma pálida mão que caía do assento e se movia ligeiramente com o estalo continuado da carruagem. Obrigou-se a afastar o olhar, enquanto penteava com a mão o cabelo e emitia um lento e controlado suspiro.

Morria por um charuto.

Durante horas, esquadrinhou o negrume da paisagem. Olhava de vez em quando para Serafina e se perguntava o que poderia fazer com ela. Preparou-se mentalmente para a morte, em um estado de calma vazia, algo que não tinha sido fácil para uma pessoa com um instinto de conservação tão forte.

Tudo o que queria era um pouco de tranquilidade até que chegasse o momento de fazer seu trabalho, mas isto era impossível quando a tinha perto. Fazia-o sentir muito.

Tudo o que queria era paz, mas ela provocava tormentas em seu interior, como o vento no mar. A dor inundava e golpeava seu sentimento de vazio. Tinha-o ignorado durante muito tempo, e agora tinha medo de que houvesse mais sentimentos em seu interior do que nenhum homem pudesse suportar.

"Tenho que sair daqui."

Ah, mas onde poderia ir para que esta angústia não lhe atormentasse? Tinha viajado a lugares longínquos: desertos, montanhas, mares. Era dele mesmo de quem não podia escapar.

Só podia rezar para que o burro do Orsini descobrisse os espiões a tempo para sua entrevista em Milão. Como se supunha que devia comportar-se com a princesa enquanto isso? Darius não sabia. Não estava certo do que sentia neste momento por ela, mas não era só o sentimento de obrigação que devia sentir.

Confiava nela.

Não confiava.

Morria por ela.

Temia-a.

Obviamente, tinha algum plano com ele, dada a insistência que tinha mostrado para que viesse. Possivelmente, procurava uma aventura amorosa antes de casar-se, pensou com um tom de amargura. Outra rica herdeira que tinha uma aventura com o menino da rua.

Baixou a cabeça. Esse pensamento, o de que pudesse querer dele uma frivolidade semelhante, doía-lhe, mas ao olhá-la dormir como um anjo, não pôde acreditar que fossem essas suas intenções.

Quando chegaram por fim à vila, Darius a pegou nos braços e a levou ao interior. Ao subir o patamar e as escadas da casa, sentiu uma pequena dor na ferida pelo peso. Encontrou o melhor quarto e a pôs sobre a cama. Ela não despertou.

Agasalhou-a com os lençóis e se deteve um momento ali, junto a ela, contemplando seu rosto encantador e pálido na escuridão, acariciando um momento a suavidade de seu cabelo. Seu coração se contraiu. *"Por que eu? Por que teve que se fixar em mim quando o mundo inteiro está apaixonado por você?"*

Moveu a cabeça, sem solução.

Ela se moveu um pouco, e voltou seu delicado e bem contornado rosto. Depois ficou quieta, com uma mão inerte junto a sua face. Darius se inclinou e beijou sua testa antes de deixar o quarto sem fazer ruído.

Capítulo 6

Serafina abriu os olhos em um quarto rosa pálido banhado de luz.

Ficou quieta, sem saber se levantava ou continuava dormindo nesse momento no qual não há nem futuro nem passado, e tudo parecia maravilhoso. Uma brisa da montanha, fresca e de verão, entrava pela janela aberta do quarto, e fazia com que as mechas de seu cabelo lhe tocassem a face. Ficou ali deitada, desfrutando da maravilhosa luz e do sentimento de profunda calma.

Escutou ao longe a voz de sua criada e se deu conta de que a carruagem dos criados devia ter chegado já. Darius considerou mais prudente carregar um vagão suplementar com o resto de sua bagagem e das provisões dos soldados para os dias seguintes.

"Darius."

Esticou-se lentamente e dobrou os braços sob sua cabeça, sorrindo ao teto como uma amante satisfeita, uma noiva que acorda depois de sua noite de núpcias.

Vagamente, recordou como ele a tinha levado a casa e a tinha depositado cuidadosamente na cama. Ainda tinha posto o vestido de viagem.

"Uma lástima que não me despisse", pensou com ironia. Embora ao pensar melhor, decidiu que se o amante maior do reino decidisse alguma vez lhe tirar a roupa, preferiria estar acordada para desfrutar.

"Nem te ocorra brincar sobre isso", repreendeu-se, e seu rosto se tornou sombrio ao pensar em seu futuro marido.

Anatole lhe havia já prevenido sobre suas regras e expectativas, e ela sabia que estaria pendente de qualquer interesse que mostrasse em outro homem, embora fosse inocente. Ao que parecia, seu futuro marido tinha chegado à conclusão de que a razão de que tivesse recusando propostas de matrimônio durante três anos tinha que ver com uma paquera vã na qual desfrutava fazendo sofrer aos homens. Atreveu-se a dizer que precisava ser domesticada. Ah, sim, tinha sido muito sincero a respeito de suas conclusões, e tinha questionado rudemente sua moralidade, sugerindo inclusive que duvidava de sua castidade.

Seu pai o teria levado ao paredão se tivesse ouvido Anatole lhe falar dessa maneira, pensou. Seu irmão, o príncipe Rafael, o teria desafiado em duelo. O que Darius fizesse com ele, nem sequer se atrevia a imaginar.

Felizmente, tinha estado a sós com ele, com a dama de companhia a vários metros de distância. Engoliu algumas respostas e se esforçou por mostrar sua obediência.

Seu país necessitava da armada russa, havia dito a si mesma uma e outra vez. Suportar a arrogância do general era um pequeno preço se com isso protegia a seu pai.

Como podia saber Anatole, depois de tudo, que a verdadeira razão pela que tinha recusado matrimônio era porque tinha esperado em vão que seu cavalheiro espanhol criasse juízo?

Entretanto, pensou desgostosa, era ela que precisava criar juízo.

Nervosa, levantou-se da cama e afastou este tipo de pensamentos de sua mente, encantada com a resistência que tinha mostrado a suas ordens da noite anterior.

Possivelmente fora o ar da montanha, mas não podia recordar a última vez que tinha adormecido tão placidamente.

Olhou a seu redor. A vila não devia ser muito grande, pensou, a julgar pelo tamanho do quarto. O estuque do teto estava curvado e uma aranha tinha construído uma rede palaciana no canto. Sob seus pés, ouviu o ranger do chão quando caminhou para a penteadeira, temerosa de ver em que estado se achava seu cabelo por não havê-lo escovado a noite anterior.

Deteve-se para admirar o descolorido tapete que se estendia junto à cama. Representava uma fantasia de eterna primavera, a celebração da vida, com jovens donzelas que celebravam com bailes o mês de maio, o mundo florido ao seu redor.

Começou a tirar o vestido sem grande entusiasmo, enquanto olhava com melancolia o quadro idílio. De repente, uma voz espanhola veio tirá-la a de seu ensimesmamento. Aproximou-se da janela e ficou nas pontas dos pés para retirar um pouco a cortina branca, esquadrinhando o jardim em busca de Darius. Teve que agarrar-se à cortina, enjoada.

"Bonito, bonito, bonito", pensou com um pequeno e fundo suspiro.

A cor do seu corpo era gloriosa, bronzeado pela luz da manhã, com seu cabelo negro penteado para trás, ainda úmido pelo asseio matutino, imaginou. Permitiu-se um estudo prazeroso de toda sua esbelteza, aproveitando seu lugar privilegiado e distante para espia-lo.

Seus músculos eram compactos, elegantes e atléticos, não avultados e hercúleos como os de Anatole. Seus braços luziam potentes sob as mangas da camisa branca imaculada, seu talhe plano apertado pelo colete negro. Serafina percorreu com os olhos a sinuosa curva de suas costas, até chegar a outras mais proeminentes e encantadoras, as de seu traseiro.

As mulheres do palácio tinham razão, decidiu com um sorriso misterioso. Cada palmo de seu corpo era perfeito.

Em pé junto às escadas do alpendre, Darius ditava a seu ajudante Alec enquanto, deslumbrado pela luz do sol, tratava de seguir os avanços do esquadrão de trabalho.

Com sua mão direita segurava a espada, a ponta em terra. Girava-a ausente com a gema de seus longos dedos, enquanto apertava com a esquerda uma xícara de café.

Nesse momento tomou um gole, e depois ergueu a espada e a apoiou no ombro, procurando entre os presentes, supôs Serafina, alguém com quem pudesse praticar.

Embora fosse um professor da navalha, espada, armas, canhões, cavalaria e inclusive algumas armas orientais de nomes impronunciáveis, o treinamento diário era um de seus credos espartanos.

Bom, pensou Serafina, como médica dele, não ia permitir que praticasse espada durante ao menos três dias, até que a ferida tivesse tido um pouco de tempo para começar a sarar.

Afastou-se da janela e se vestiu com rapidez para reunir-se quanto antes com ele.

Situada a uns trinta quilômetros do palácio real e de Belfort, a capital do reino, a vila D'Este tinha sido construída durante o período Barroco, demolida, e por último restaurada fazia trinta anos, no violento período de agitação, quando o jovem rei se achava no exílio e Genoa governava Ascensão com punho de ferro.

Depois de sua muralha fortificada se estendia uma propriedade de quinhentos acres desenhada para a autossuficiência. Possuía uma guarnição com um quartel general, um pequeno armazém e um estábulo com capacidade para cinquenta cavalos. Um galinheiro, um abrigo com cabras e ovelhas e um abastecimento de água sortiam convenientemente à cozinha.

Depois de deixar à princesa na cama, Darius tinha passado a noite sob a chuva, preocupado pelas centenas de tarefas que deviam fazer para converter a vila em um quartel seguro. Assegurou-se de que os cavalos estivessem guardados no estábulo, as armas e as munições resguardadas no armazém. Tinha feito uma breve reunião com seus homens para atribuir os postos de vigilância nas quatro torres de segurança, e tinha dispersado outros.

Um dos dois homens que traziam as provisões chegou durante a noite, e seus homens lhe informaram que o outro ficou atolado no barro no meio do caminho.

Darius enviou um grupo de soldados para tirá-lo dali e quando voltaram, viu que também trazia os quatro cães de guarda que tinha solicitado. Os latidos selvagens dos animais tinham chegado inclusive a lhe provocar dor de cabeça, em parte também como consequência da fome. Surpreendeu-se de que o ruído não tivesse feito sair Serafina de seu quarto, embora o seu, pensou, era o sono dos inocentes.

Por último, Darius tinha inspecionado o muro, rodeando todo o perímetro para assegurar-se de que todas as áreas estavam reparadas. Quando deixou de chover e o sol se ergueu entre a névoa matutina, ele tinha conseguido converter o caos inicial em uma máquina militar bem engraxada.

Estava esgotado, mas ainda tinha que organizar seu centro de comando na pequena biblioteca da casa. Devia revisar os mapas do terreno, ler a correspondência e os livros de sua pequena empresa de transporte para fazer balanço. Além disso, tinha que responder ao problema de sua herança na Espanha.

Doía-lhe o ombro. Estava faminto, mas o café da manhã não estava ainda preparado, pelo que ficou em pé no alpendre, fumando um último charuto. Desfrutava vendo a ordem que tinha criado, cada homem fazendo exatamente o que ele tinha ordenado, exatamente no momento em que devia fazê-lo.

Era uma visão que gostaria de jogar na cara de seu pai.

Dirigiu-se à pequena e úmida biblioteca que ia ser seu escritório e encontrou seu ajudante desenrolando os mapas, segurando eficientemente as bordas com peso de papeis.

O menino era uma joia.

Alec olhou hesitante ao seu cansado oficial.

—O café da manhã estará preparado em uns minutos, senhor. Digo ao criado que o traga aqui?

Darius assentiu com o olhar.

—Café?

Assentiu e se deixou cair na cadeira de madeira, atrás da escrivaninha. Deu uma olhada aos mapas, com olhos lacrimosos, e colocou depois os óculos para ler suas notas, enquanto o jovem ajudante saía do lugar em busca de café. Alec acabava de fechar a porta, quando Darius escutou uma cálida e cantante voz no vestibulo.

—Bom dia, tenente! Onde está o coronel, por favor?

Uma cascata instantânea de emoções percorreu seu cansado corpo, e o encheu de vida. Tirou os óculos justo quando Serafina irrompia no escritório, triunfante.

Alec apareceu atrás dela, preocupado.

—Sua Alteza, quero dizer, Senhor...

Darius lhe deixou ir com um sinal.

—Não importa, Alec —disse—, isso é tudo.

Alec olhou primeiro com curiosidade para Serafina e logo para ele. Darius observou que Serafina acompanhava a Alec ao sair da biblioteca, fechava a porta atrás dele e se apoiava sobre ela com as mãos nas costas. Sorriu-lhe levemente.

—Posso lhe ajudar? —perguntou Darius com secura.

Ela deixou escapar uma gargalhada como se houvesse dito a coisa mais divertida do mundo e depois atravessou o aposento até chegar a ele, lhe rodear com os braços e dar-lhe uma beijoca na face.

—Bom dia, Darius!

Parecia que ia espremer-lhe o pescoço.

—Bem, está acordada. — afastou-se, mas não completamente, com o cenho franzido.— Devemos revisar os procedimentos de segurança.

—Nada disso, devemos tomar o café da manhã. —Afrouxou o abraço, mas manteve seus braços ao redor dele, enquanto lhe sorria alegremente.— Deve comer comigo. O café da manhã está quase preparado.

Era uma proposta tentadora.

—Tenho trabalho para fazer.

—Nada de trabalho, jogue comigo. Está de férias!

—Ao contrário, Alteza, estou no inferno.

Olhou-o contrariada.

—Esse não é um comentário muito agradável para dizer. —Libertou seu pescoço e se levantou. De um salto se sentou na mesa, justo em cima dos mapas. Colocou ambas as mãos atrás dela, e se inclinou para trás pela escrivaninha, usando seu corpo para lhe bloquear o acesso aos documentos que havia sobre a mesa. —Proponho algo. Eu o ajudo com seu trabalho, para que possa terminar logo e jogar depois comigo.

Ele levantou o olhar e se encontrou com seu sorriso inocente. Tinha cruzado as pernas e as balançava ritmicamente.

"A verdade é que não sei o que tenho que fazer com esta garota", pensou.

—Como está o braço hoje?

—Bem, Alteza.

—Não, não, não, não me chame assim. —Tampou-lhe a boca com um dedo.—
Aqui não sou a princesa.

—Ah, não? E quem é então?

—Não estou certa ainda. Ninguém em particular. Eu te contarei quando o souber.

De repente, deixou escapar um bocejo. Cobriu com a mão os olhos cansados.

—Perdoe-me.

Serafina deu-lhe um olhar de alarme.

—Ainda não dormiu, não é? Darius! —gritou—,Vá agora mesmo dormir!

Ele a olhou, desanimado.

Ao ver que não tinha intenção de obedecê-la, levantou-se da mesa e ficou a seu lado, puxando-o pela da mão.

—Venha.

Ele não se moveu.

—Vou levá-lo a cama!

Ele deixou escapar um sonoro grunhido e se soltou dela, levando a mão à cabeça.

—Não me diga essas coisas. —Apoiou os cotovelos na escrivaninha e esfregou as têmporas. A dor era cada vez mais insuportável.

—Por que não? Você me pôs ontem à noite na cama, não?

Olhou-a altivo e depois se afastou na cadeira.

—Ai, Darius, meu feroz Darius —lhe disse com uma gargalhada doce e amável.

Atraiu-o para ela, e tentou que a olhasse. Entretanto, ele retirou o queixo, zangado.

Serafina baixou a mão ao ver de esguelha que começava a suar. Estudou-lhe com atenção, um quadril apoiado na mesa e os braços cruzados debaixo de seu peito.

—Fica muito bonito quando se zanga.

Seu olhar foi de desespero.

Ela voltou a aproximar-se, divertida, e lhe retirou uma mecha da testa com a mão.

—Precisa aprender a relaxar.

Pegou-lhe o pulso e a forçou a retirar a mão.

—Deixe de me tocar, pelo amor de Deus! Por que tem sempre que me tocar? O que tenta me fazer?

Serafina ficou olhando-o, primeiro surpreendida e depois doída.

—Só tentava ser amável.

—Bem, pois não o faça! —Retirou o olhar, com o coração na mão. Afastou o cabelo com os dedos de maneira violenta e depois se levantou e cruzou a biblioteca até a porta. Abriu-a e a segurou para que ela saísse, embora Serafina não se movesse de onde estava. Com uma pose de soldado, ergueu a cabeça para olhá-la friamente.—Se for amável, Alteza, temos procedimentos de segurança que revisar.

Sentiu a frieza nos olhos de Serafina.

Cruzou o aposento e roçou-o ao sair, seu tom tão impessoal como o seu:

—Muito bem. Prossigamos, coronel.

Darius a conduziu pela casa, enquanto lhe mostrava como desaparecer sem deixar rastro e lhe ensinava a esconder-se.

Ele era um perito nisto, supôs Serafina. Mostrou-lhe todas as saídas da vila e os esconderijos construídos no chão e nas paredes, enquanto ia instruindo-a sobre os detalhes do procedimento que devia seguir em caso de emergência.

Serafina não prestava muita atenção, desgostosa como estava pela violenta recusa ao seu intento de ser carinhosa, mas seguia obediente ao exigente e duro coronel Santiago. Nesse improvisado tour, ela se interessou mais pela casa que pela aborrecida conversa sobre segurança que Darius lhe dava.

Viu uma sala com cortinas de renda e um vaso de barro com um limoeiro no canto, cujos ramos superiores chegavam até os extremos da moldura branca.

Depois entraram em uma sala longa e retangular. Aqui, como em toda a casa, os tapetes estavam cobertos de pó pelo pouco uso. Entretanto, para ela, este abandono contrastava agradavelmente com o palácio, sempre imaculado com seus brancos espaços de mármore.

Deteve-se para dar uma olhada pelas janelas e descobriu que o salão dava a um encantador pátio de ladrilhos de pedra. Através do velho mirante, viu que a parte traseira do jardim se convertera em um selvagem matagal. Uma parreira se erguia no centro, com uma mesa de madeira esculpida sob o teto das vinhas. Impaciente, Darius a convidou a entrar na seguinte sala e continuou com seus conselhos. Mal o escutava.

Do outro lado do saguão da sala de visitas havia uma sala de jantar, na qual dominava uma mesa de mogno com assentos para doze comensais e grandes espelhos que flanqueavam as quatro paredes e maximizavam a luz dos candelabros.

De repente, deixou de olhar à sala e se voltou para Darius. Surpreendeu-o olhando-a. Ele retirou o olhar.

—Eu gosto deste lugar, Darius —se aventurou.— Sente-se como em casa, não é?

—Como vou saber? —perguntou sem compreender. Depois, deixou a sala.

Serafina se armou de paciência e o seguiu escada acima. Para sua surpresa, lhe mostrou que havia um esconderijo inclusive no quarto rosa.

Darius levantou o tapete de desenho pastoral e deixou descoberto um espaço no chão tão grande para que uma pessoa se escondesse dentro.

—Meter-se-á aqui se eu pedir. Sem discutir. Se os franceses descobrirem nossa situação, tentarão vir sequestrá-la de novo.

—Darius, de verdade —disse com aborrecimento—, o capitão Orsini os achará a tempo.

—Orsini não poderia achar nem a um cão em um rebanho de cabras — murmurou, fechando a porta de madeira e devolvendo o tapete a seu lugar.

Ela riu.

—Agora, tenho uma coisa mais que lhe mostrar. —Erguido, ofereceu-lhe a mão para ajudá-la a subir.— Escolhi esta vila como esconderijo porque se construiu sobre os túneis reais. Se fôssemos atacados, eu a defenderia, certamente com minha vida, como qualquer de meus homens.

Ela estremeceu.

—Não me diga essas coisas.

—A defenderemos com nossa vida —continuou—, mas se falharmos, na verdade, se eu falhar, terá que deixar a propriedade sozinha. Venha comigo. Mostrar-lhe-ei o que tem que fazer.

Mas seu rosto se tornou da cor da neve, e o olhava fixamente.

Darius a olhou, e jogou a um lado a cabeça.

—Assustei-a?

Como podia falar da possibilidade de sua própria morte sem o mais mínimo temor, sem o mais mínimo sinal de interesse?

Seu medo parecia lhe divertir.

—Vamos, Pequeno Grilo, não tenha medo —lhe disse com um sorriso zombador, mas ao mesmo tempo indulgente. — Está perfeitamente segura aqui. A probabilidade de que nos encontrem é mínima —continuou—, esta vila é remota, estamos bem protegidos. É só que eu gosto de estar preparado para o pior. Vamos, por aqui.

Abraçando-se com seus próprios braços, seguiu-o ao exterior.

Desceram alguns degraus de pedra e caminharam por um atalho empedrado pelo qual penetravam aqui e lá as ervas daninhas.

Levantou a vista e respirou fundo, desfrutando do ar da montanha e da cor azul do céu que se erguia sobre suas cabeças. Era um dia lindo, depois da noite de tormenta. As folhas esmeraldas resplandeciam pelas gotas de chuva capturadas.

Darius andava à frente. Ela se voltou e com olhos sombrios olhou para a ruinosa vila condenada pelo sol.

O teto de telhas vermelhas estava curvado, algumas venezianas tinham desaparecido, e aqui e acolá a pintura amarela pastel estava descascada. Entretanto, suas grandes pedras eram sólidas e sua forma era de uma simetria elegante e palaciana. Aos lados da casa, os que foram uma vez sebes de belas figuras esculpidas se converteram em gigantes verdes e disformes. Os leitos de flores tinham enlouquecido em uma profusão desordenada de margaridas brancas e outras florzinhas silvestres. Junto ao chão, nuvens de gerânios escarlate se balançavam com a seca brisa das terras altas.

Estava encantada. "*Alguns mimos é o que necessita*", pensou, e logo a voz de seu protetor veio tirá-la de seu ensimesmamento.

—Serafina, não se entretenha.

Sua paciência com ele estava chegando ao limite. Se a tivesse chamado por seu título, lhe teria dado uma boa reprimenda. Entretanto, tinha utilizado seu nome de batismo, pelo que o perdoou e se apressou atrás dele. Caminharam juntos pelo recinto até o caminho que levava ao bosque da propriedade.

Enquanto caminhavam, Darius pôde sentir o olhar furtivo de seus homens em direção à deusa.

"*Não se atrevam sequer a olhá-la.*" Com um olhar ameaçador, incitou seus homens a voltar ao trabalho, desconfortável pelo estranho sentimento de posse que sentia sempre que ela estava perto.

— Apresse-se —murmurou, diminuindo a marcha para que ela pudesse alcançá-lo.

Nenhum dos dois disse nada quando entraram no caminho, mas ele tinha consciência em todo momento de seus movimentos, de seus ágeis passos ao introduzir-se no bosque junto a ele. Darius escutava o suave rangido das folhas e das agulhas sob seus pés. Com um breve olhar ao seu redor se assegurou de que ninguém os seguia.

Então roubou outro olhar a seu encantador e pálido rosto, apanhado uma vez mais por sua beleza. Sentiu-se seduzido pelo perfil clássico e pelas longas e leves pestanas.

—Por aqui —lhe indicou, enquanto lhe roçava a mão para captar sua atenção. Mãos como a seda, uma suavidade que tinha sentido em sua própria pele, acariciando-o, tratando-o. Apertou os dentes.— Para a esquerda, onde o caminho se bifurca, procure ali um álamo branco. Recorde. Essa árvore assinala onde deve deixar o caminho.

Ela olhou atentamente a grande árvore.

Darius a observou, absorto na branca garganta em que se via que o pulso pulsava com suavidade. Depois percorreu com os olhos a amplitude sedosa de seu peito, revelada com modéstia por um decote quadrado, muito feminino. Reparou com insistência na plenitude de seus seios e viu que seus mamilos se mantinham eretos, fazendo pressão sobre a luminosa e suave musselina azul.

Fechou com impaciência os olhos, a boca seca.

—Venha, princesa.

Conduziu-a para um grupo de abetos, e embora se amaldiçoasse a si mesmo, sentiu-se impotente por não poder evitar o pensamento de que, na verdade, tinha os mais

formosos seios que jamais tinha visto: dois pêssegos maduros, generosamente carnudos, do jardim do éden.

"Exatamente —pensou.— A fruta proibida."

Era também justo que fosse morrer logo. Não queria viver em um mundo no qual existissem semelhantes seios, sem que ele pudesse beijá-los, ou prová-los.

Seria tão fácil.

—Estes três grandes pinheiros, os maiores, formam um triângulo —explicou com voz marcial. Afastou alguns ramos de seu caminho e lhe aconselhou que caminhasse pelo centro do pequeno atalho.

Ela o roçou ao adiantar-se a ele e entrar na pequena clareira. Com as mãos agarradas às costas, ficou olhando, com uma expressão de virginal ansiedade. Um olhar que quase o fez perder o controle.

Deixou que os ramos voltassem para seu lugar.

—Há uma entrada oculta —disse.— Trate de encontrá-la e abra.

Obediente, colocou-se bem a saída e se ajoelhou, sentindo logo a palha e as agulhas que lhe cravavam na pele.

Com as mãos nos quadris, Darius via como afastava a folhagem que cobria a tampa metálica. A maneira como se inclinou para procurar a porta não fez senão melhorar a doce sensualidade de seu decote. De repente, deu um pequeno grito. Ele levantou rápido a vista de seu decote a seu rosto, justo quando ela levava o dedo à boca.

—O que ocorre?

—Uma pinha me mordeu —disse com um resmungo.

Desejaria lhe dar umas palmadas, mas se limitou a arquear uma de suas sobrancelhas. Um segundo mais tarde, percebeu a sensualidade da visão que tinha diante. Serafina, de joelhos e chupando o dedo ferido. Sem dúvida, a coisa mais inocentemente erótica que tinha visto. Olhou-a hipnotizado.

Ela retirou o dedo da boca. Estava molhado. Olhou-lhe desafiante e secou o dedo em seu vestido.

—Não dói —disse o parodiando. Agarrou o puxador da tampa com as mãos brancas e lisas de uma pessoa que nunca trabalhou e puxou-o para abrir a porta.— Está presa!

Darius reprimiu o desejo de ajudá-la.

—Deve poder fazê-lo sozinha.

—Não posso!

—Sim pode —disse, com tranquilidade.— O que se passaria se eu não pudesse vir sempre resgatá-la? Deve poder sobreviver sozinha.

—É fácil dizer —murmurou, mas seguiu tentando.— Meu irmão está desenhando os mapas destes túneis para meu pai. Como é que não sabia, com toda sua onisciência.

Sacudiu negativamente a cabeça.

—Rafael dará de presente esses mapas a meu pai no dia de seu aniversário. Minha mãe está organizando uma grande festa surpresa para ele. Certamente você estará aqui, não é? Eu não. Vou perder isso claro. Estarei em Moscou com meu marido.

"*Não, nada disso*", quis dizer, mas mordeu a língua. Viu como um cacho suave e negro como a fuligem se liberava da fita do cabelo e caía sobre sua face.

"*É tão bonita.*"

Quando a porta cedeu por fim, atraiu-a para ela de um golpe. Sorriu-lhe triunfante, vermelha pelo esforço, mas com um brilho de satisfação nos olhos.

Em sua mente, Darius anotou a necessidade de engraxar as dobradiças para que não se prendessem da próxima vez. Se houvesse uma emergência, ela teria que fazer o menor ruído possível.

—Depressa —a reprimiu com severidade. — Já vêm. Estão armados. Se a agarrarem, sua família perderá tudo.

Seu sorriso se evaporou. Levantou-se rapidamente e tratou de descer pelas escadas que conduziam ao túnel subterrâneo. O coração de Darius se encolheu ao ver a maneira como ela se movia, como um gatinho assustado na escuridão. Com cautela, pegou a tocha que pendia da parede.

—Acenda-a. A pederneira² deveria estar aí.

Ela a buscou.

—Terá que achar a pederneira, fechar a tampa e só depois acender a tocha — instruiu-a. — Não devem ver a luz, se não, a acharão.

—Tenho-a.

Uma vez que a teve na mão, lutou para fechar a tampa sobre ela.

Darius esperou no exterior uns minutos, perambulando como um marido que espera que sua mulher dê a luz, enquanto ela tentava acender a tocha com a pederneira, às escuras.

—Não posso fazer isso! —ouviu sua voz furiosa, que saía do interior da terra.

Ele se inclinou junto à tampa para que pudesse ouvi-la.

—Continue tentando-o. Vai conseguir, Serafina.

—Não posso fazer nada! —queixou-se. — Não sou mais que uma floreira imprestável!

Ele sorriu, sentado sobre a tampa fechada.

—Não é você a mesma mulher que golpeou a cara de Philippe Saint-Laurent? Deixe de chorar como um bebê. Não deixarei que saia daí até que acenda a tocha.

Escutou mais grunhidos no interior.

—Cova fétida! É muito desagradável! Provavelmente, está cheia de morcegos. Esta pederneira não funciona bem.

² Pedra duríssima que, ferida, produz faíscas.

Darius ria em silêncio.

Finalmente, a princesa completou a tarefa. Darius lhe abriu a porta e a viu subir pela escada. Satisfeita consigo mesma, pavoneou-se ante ele, que não teve mais remédio que reprimir a risada. Fechou a tampa e a cobriu de novo com a folhagem.

Caminharam lentamente para a casa, em silenciosa companhia. O silêncio se fez incômodo quando chegaram uma vez mais à biblioteca. Darius a olhou de esguelha e se deu conta, arrependido, de que era melhor afastar-se de sua companhia nesse momento. Cruzou a sala e se sentou em sua escrivaninha, disposto a deixar-se absorver pelos mapas. Podia sentir seus olhos na nuca.

Ignorou-a.

—Darius?

—Sim, Alteza?

Ouviu como hesitava.

—O que vai fazer agora?

—Trabalhar.

—Não vai tomar o café da manhã?

—Pedirei que me tragam aqui.

—Há algo que possa fazer para ajudá-lo?

—Não, obrigado.

Silêncio.

Darius a olhou de esguelha sob sua franja e viu o halo de vulnerabilidade em seus doces lábios.

—O que ocorre? —perguntou friamente, pouco disposto a sucumbir ao batimento de seu coração.

—O que tenho que fazer agora? —perguntou em voz baixa.

Ele deu de ombros.

—Estou aqui para protegê-la, não para entretê-la, Alteza.

Sua voz foi de tensa impaciência.

—Sei.

—Bem, e então?

Ela manteve seu olhar suplicante, depois abaixou a cabeça.

—Alguma vez se sente só, Darius? —perguntou-lhe, apenas em um sussurro.

—Todo mundo está só, Serafina. —Examinou a escala topográfica do mapa da zona, e então sentiu o golpe frio de suas palavras.

—Siga, me faça calar. Nunca o teria imaginado, mas agora vejo que você é como os outros.

—O que disse? —Elevou a vista, bastante surpreso.

Darius se encontrou com um queixo altivo e uma face ruborizada pela ira, os punhos fechados.

—Todo mundo me olha, mas ninguém me vê, Darius. Você costumava fazê-lo, mas já não. Agora nem sequer me olha. Possivelmente deveria tirar o vestido. Isso pareceu captar sua atenção. Poderia estar aqui em pé nua ante você e não lhe importaria.

—Pelo amor de Deus, Serafina! —Deixou cair o lápis e a olhou com a cabeça segura entre as duas mãos, os cotovelos sobre a mesa, e os polegares fazendo pressão em suas têmporas.

Ela ficou em silêncio um momento.

—Por que não quer estar comigo? O que é isso tão horrível que lhe fiz?

—Nada. —Não se moveu. Podia sentir como o olhava.

—Deve haver uma razão. Como acredita que se sente alguém quando a pessoa de quem se depende e de quem se preocupa se afasta da sua vida?

—Sei exatamente como se sente. —Não pôde evitar dizê-lo e, imediatamente, desejaria não fazê-lo.

Ocorreu quando tinha nove anos, a última vez que viu sua mãe. É claro, quando sua mãe passou finalmente a melhor vida, ele tinha se acostumado já a seus frequentes desaparecimentos, pelo que mal lhe importou, ou assim disse a si mesmo.

—Fez-me mal, Darius.

Não sabia por que seu coração parecia sair do peito. Friamente, encolheu de ombros.

—É culpa sua. Deveria ter pensado melhor. Deveria haver guardado o que sentia. Não me deu outra alternativa que a de partir.

—Tinha outra alternativa —disse com uma voz carregada de significado.

Olhou-a com cautela sob sua franja.

—Ah, assim vamos ter esta conversa, não é mesmo?

—Vamos tê-la? Estou certa de que achará alguma desculpa para esquivar-se deste momento.

Darius deixou escapar um suspiro de desespero e cobriu os olhos com a mão.

—Deixe estar, Serafina. Deixe estar.

—Acredita que se não falarmos disso será como se alguma vez tivesse existido? Pensei que era um homem valente, Santiago. Não era você que me dizia quando era pequena que fosse sempre honesta? Deveria escutar seu próprio conselho.

—Por que me faz isto?

—Porque estou farta de que se esconda e de seu silêncio. Estou farta de que finja que não existe nada entre nós. Não permitirei que me ignore nem um segundo mais! Além disso, estou preocupada com você. E por último, mereço alguma resposta. Por que saiu fugindo de mim?

—O que se supõe que devia fazer? —replicou.— Não vê a posição em que me encontro, ou não pode suportar que alguém não caia rendido a seus pés?

Serafina abafou um grito.

—Pede-me o impossível —continuou.— Acredita que não sei o que quer? Acredita que eu não sinto nada? Mas algumas vezes, princesa, o que queremos não importa. Algumas vezes o que queremos é mau.

Olhou-a fixamente, com o peito inchado pela força de sua ira.

—Mau? —perguntou fracamente.— Estou certa de que não queria dizer isso.

Ele não a olhou.

—Maldição, sabe de sobra que uma relação entre nós dois seria absurda.

—Bom, que Deus me perdoe se tivéssemos parecido absurdos. —Caminhou até a janela e olhou para fora.— Estive esperando-o, sabe. Suponho que o tivesse esperado sempre, embora não houvesse voltado. Mas então ocorreu esta crise com Napoleão e eu tive que assumir o dever que me correspondia.

Seu olhar se deteve em seu perfil.

—Então se casa com ele unicamente por dever? —O tom de sua pergunta foi cuidadoso, a respiração contida.

—Ao diabo com você, Santiago.

—O que?

—Como se atreve a me pedir que revele meus sentimentos quando você se nega a me mostrar os seus? É muito cruel.

—Quer respostas? —gritou, as faces arrebatadas pelo sentimento de culpa.— Certo, então! Dir-lhe-ei por que nunca lhe pedi que se case comigo. Porque seria a brincadeira do século! Você, a princesa herdeira e eu, o filho bastardo de um conde espanhol fálido e uma bailarina cigana! Teria sido a ruína para ambos!

—E que importância tem isso? Ao menos estaríamos juntos! —gritou-lhe, seus olhos violetas acesos em chamas.

—Arruinar-se-ia por estar comigo? —perguntou, desconfiado. — Se tornou louca?

—Não me importa o que outros digam ou pensem! Odeio os outros, de todo modo —explodiu. — Acredita que eu gosto da vida que levo como ornamento, vivendo em um aquário, sempre atuando? Estou rodeada de pessoas que não me conhecem e a quem não importo absolutamente! Eu queria estar com você!

—Diz isso, mas não sabe o que significa ser um forasteiro. Não sabe o que é não pertencer a nenhum lugar.

Dedicou-lhe um gemido angustiado.

—Pertence-me.

Ele tratou de suavizar seu tom.

—Olhe para nós, Serafina. Viemos de mundos diferentes. Não desejaria meu mundo nem a meu pior inimigo, muito menos a você. Acaso não tratei sempre de protegê-la? Importa-me muito para arruinar sua vida. Não posso fazer o que me pede. Não está em minhas mãos.

—Amar a alguém?

—Não sei como fazer isso – ele disse.

Ela abaixou a cabeça. Com uma mão no quadril, tocou-se com a outra a ponte de seu refinado nariz. Depois ergueu a vista para encontrar-se com seus olhos:

—Todas essas coisas não são senão boas desculpas, Darius, mas espero que algum dia deixe que alguém o ame, inclusive se esse alguém não for eu. Não sei do que tem medo, mas eu nunca poderia lhe ferir. Nem em um milhão de anos.

Não sabia o que dizer. Deus, tinha que sair dali.

Houve uma longa e incômoda pausa.

Serafina cruzou os braços e olhou-o interrogativamente.

—Talvez seja nisso no que me divirta hoje. Em lhe achar a esposa perfeita.

—Nenhuma mulher conseguirá nunca me amarrar—murmurou.

—Mas você sim as amarra, pelo que ouvi.

Ele a olhou com o cenho franzido.

Serafina lhe dedicou uma risada inocente e deu meia volta em direção à porta.

—Aonde vai? —perguntou.

—A me entreter sozinha, como me pediu —respondeu sem voltar-se.— Viu? Nem sempre tenho por que me sair com a minha. Espero que desfrute de seu solitário sofrimento, coronel. É digno de você. Desejo-lhe um bom dia cheio de melancolia. Nem me ocorreria misturar-me em seu ensimesmamento.

Darius entreabriu os olhos enquanto percorria com o olhar suas esbeltas costas.

—Revisarei os pontos mais tarde, não obstante —acrescentou.— Sei quanto gosta de sofrer, mas devo pôr a linha em algum lugar. Um dos dois deve ser sensato.

—Você, sensata? —Desafiou-a, quase como se uma parte dele quisesse atrasar seu êxito.

Dedicou-lhe um sorriso doce e ao mesmo tempo malicioso.

—Ah, mas tenha em conta que assim que minha mãe enviar às damas de companhia, não poderá aproximar-se mais a mim.

Com isto, saiu da sala e deixou detrás de si a porta aberta.

No momento, uma leve e fria brisa entrou por onde ela tinha saído. Uma brisa que fez voar os papéis de Darius pelo chão.

—Maldição —murmurou enquanto tentava segurá-los inutilmente. Voaram pelo ar como se fossem penas de um travesseiro rasgado.

Desesperado, deu-se por vencido. Em lugar de tentar segurá-los, observou o bamboleio de seus quadris com ansiedade. Com a cabeça muito alta, Serafina desceu até o patamar.

Junto à janela, Darius não pôde evitar segui-la com o olhar enquanto saía pela porta principal. O vento moldava sua saia contornando suas longas pernas ao andar.

Viu como levantava o rosto em direção ao sol, enquanto a luz brincava com o brilho de seus cachos azeviche.

Voltou-se com um sorriso cativante.

—Darius, faz um dia maravilhoso! —gritou-lhe com sua cálida e calma voz.

Olhou-a com nostalgia, sabendo que ela não podia vê-lo. Só uma fé vã era que o fazia olhar para as sombras, e lhe animar para que saísse com ela.

Deus, morria por essa luz, por essa beatitude carregada de inocência. Olhos violetas brilhavam ao sol. Era como se o deus do amor o esperasse. Estava convencido de que ela poderia abrir a mão e lhe oferecer a abundância da natureza. Era forte e orgulhosa, e pura, tudo o que ele queria, tudo o que necessitava.

Tudo o que não teria.

Não, iria à tumba sem conhecer o que era o amor, sem conhecer como era ser amado por alguém.

Atirou com violência o lápis e se levantou da mesa. Cruzou a biblioteca, fechou a porta com força e ficou em pé em sua miserável cova, tremendo.

Capítulo 7

Serafina passou a tarde ocupada em recolher plantas medicinais para seu herbanário. Ao menos, tinha encontrado algo para fazer.

Sentou-se na grama e utilizou uma banqueta como escrivaninha. O chapéu de palha lhe protegia o rosto e os ombros do forte sol da tarde. A seu redor, as mariposas revoavam de flor em flor e a brisa balançava suavemente as margaridas. Repassou uma a uma as plantas de sua recém-adquirida coleção botânica, tratando de afastar de sua mente Darius Santiago.

Por que se comportava assim? Por que dizia coisas com a intenção de afastá-la de seu lado? A única coisa que ela queria era ajudá-lo. Tinha tanto que dar e, entretanto, ninguém a quem dar.

Levantou-se, inquieta, e fixou a vista no cesto onde tinha guardado suas plantas. Começou a caminhar, descalça, em direção ao bosque. Tinha encontrado um pequeno arroio sob os ramos de algumas árvores e precisava recolher mais violetas silvestres que cresciam entre a lama das margens.

Apesar de não gostar muito de estar sozinha, tinha que admitir que à tarde no campo, debaixo desse céu azul imenso, tinha sido uma das mais prazerosas que recordava ultimamente. Nos meses posteriores ao compromisso, sua atividade tinha sido frenética, já que sabia que Anatole não a deixaria voltar para Ascensão em muito tempo.

Não havia forma de evitar: seu noivo era um soberbo e o preço por seu amparo seria a obediência absoluta. Não podia escapar do asfixiante temor de que, com o tempo, a obrigação de viver sob suas ordens acabasse por anular seu espírito.

Afastou estes pensamentos e recolheu uma margarida no caminho. A grama alta e seca acariciava seus pés descalços. Gostava de andar descalça. Fazia sentir-se conectada à terra e a todas as coisas viventes.

Desejou que Darius tivesse saído para compartilhar o dia com ela.

"Continuo ainda apaixonada por ele? Estou tão desesperada?"

Sob a aba de seu chapéu, olhou distraída o céu azul. Um falcão fazia círculos, preparado para cair sobre um pequeno camundongo do campo. Fê-la pensar na águia imperial de Napoleão, e este pensamento trouxe consigo a visão deste lindo campo coberto de cadáveres, tingido com o sangue dos soldados, o azul do céu escurecido pela fumaça negra da pólvora.

Entrecerrou os olhos para fixar a imagem.

Não haveria guerra; não se ela pudesse evitar. Ela não faria como Helena de Tróia, que tinha traído sua gente por seu amante e a imprudência de seu coração.

Não haveria guerra, embora o único homem a quem ela amava estivesse no inferno, como sabia que estava. Ela tinha visto a loucura, o sofrimento oculto em seus olhos de ônix. Embora não compreendesse qual era a causa, sentia parte dessa dor como dela mesma.

Talvez fosse também porque não tinha a capacidade para chegar até ele, pensou com amargura.

Ela devia a seu trono, e não podia salvar Darius, assim como tampouco Darius podia salvá-la. Mas neste momento, sentia que ia morrer, partida por dois sentimentos diferentes de lealdade. Porque, na verdade, daria tudo para conhecer o néctar do amor verdadeiro, embora só fosse uma vez em sua vida.

Só por um dia.

Darius trabalhou toda tarde em seu informe sobre o Czar Alexander e seu governo russo. O documento era uma parte fundamental de seu grande plano. O longo informe punha em dúvida o testemunho de seu oficial relativo às ambições políticas do príncipe Anatole Tyurinov, ambições que Darius tinha descoberto ao investigar de forma secreta o passado do jovem general e seus assuntos legais e financeiros.

Honestamente, Darius não tinha pretendido nunca sabotar o compromisso. Era verdade que uma parte dele, a mais secreta e selvagem, parecia lhe dizer que se ele não pudesse ter Serafina, ninguém a teria, mas ele tinha levado a cabo suas investigações de uma maneira objetiva e aberta. Ele não tinha coroa, nem exércitos com os quais proteger Ascensão e, além disso, nem sequer queria uma esposa. O enlace com os russos parecia a melhor opção para Ascensão, e o que era bom para Ascensão era para Lazar, a quem Darius devia tudo.

Nunca teria esperado descobrir que Tyurinov planejava substituir seu primo de vinte e cinco anos, o Czar Alexander, como chefe supremo da Rússia.

Alguns anos antes, o Czar Paul, pai de Alexander — conhecido por sua loucura —, tinha sido assassinado por um punhado de homens de seu governo, que apresentou ao trono o então jovem e amável Alexander. A versão mais conhecida era que Alexander tinha tido algo que ver com o complô, mas estes rumores foram enterrados por uma Rússia aliviada de haver-se desfeito do demoníaco Czar Paul.

Tyurinov tinha ido pouco a pouco ressuscitando os rumores da implicação de Alexander no assassinato, apresentando o Czar Paul como um mártir, como o chefe de mão dura que a Rússia necessitava, e Alexander como um parricida³. Tyurinov tinha o exército na palma de sua mão, certamente, e, manipulando-o, granjeou a simpatia da maioria dos nobres, que odiavam a política liberal de Alexander e suas maneiras afrancesadas.

Com seu carisma, suas vitórias, seu sangue real e seu bem conhecido ódio por Napoleão — diferente da predileção pelos corsos de Alexander —, Tyurinov era muito querido pela vasta população russa. Com uma mulher como Serafina ao lado, Darius podia muito bem imaginar que Tyurinov teria logo a Rússia inteira a seus pés. Uma mulher apropriada era essencial na cena política.

Darius já fizera uma lista com os nobres russos a quem Tyurinov tinha ganho para sua ignóbil causa, quando Lazar o enviou dizendo que, devido à pressão dos franceses, e

³ Quem cometeu parricídio. Assassinato do próprio pai.

vendo que sua filha tinha achado Tyurinov agradável em sua última visita, tinha dado já a bênção ao compromisso.

Darius não podia acreditar. Ficou furioso. Como podia o rei tomar uma decisão como essa sem esperar ter notícias suas? Darius nem sequer tinha mandado o informe. Embora já tivesse fixado a data da boda, Lazar escreveu que desejava que Darius continuasse suas investigações e, no possível, que lhe desse um final favorável e feliz.

Embora carecesse já de importância, Darius tinha continuado suas pesquisas sobre Tyurinov, para descobrir, com horror, a verdade sobre a morte da princesa Margaret, a primeira mulher de Tyurinov.

Neste ponto, Darius começou a pensar detalhadamente no assunto.

Propenso ao exagero em tudo o que se referia a sua filha, o rei, pensou Darius, sentir-se-ia escandalizado; em parte zangado consigo mesmo por ter sido vítima dos encantos de Tyurinov. Sem hesitar um segundo, Lazar anularia o compromisso imediatamente. Mas negar a Tyurinov o direito a uma noiva de sua escolha, com uma acusação de assassinato —sem evidências— provocaria um escândalo de dimensões difíceis de prever. Sobretudo, com grandes consequências políticas para Ascensão.

Depois de tudo, a Rússia tinha necessitado sempre dos portos mediterrâneos. Um insulto desta magnitude ao primo do Czar teria dado uma boa desculpa aos russos para tomar Ascensão pela força, exatamente o que os franceses queriam fazer.

Por isso, Darius tinha procurado freneticamente a prova que pudesse afundar um dos homens mais poderosos do mundo civilizado. Para liberar a Serafina do desastroso matrimônio, precisava provar que inclusive os amigos mais próximos a Tyurinov o abandonariam.

Suas pesquisas foram interrompidas de improviso, entretanto, quando soube por um de seus mais fiéis colegas que o afamado espião francês, Philippe Saint-Laurent, estava levando a cabo uma operação no palácio de Belfort, com ordens de sequestrar a princesa antes de seu matrimônio.

Este novo problema tinha forçado a Darius a deixar Moscou imediatamente. Sua partida significava abandonar toda esperança de achar evidências contra Tyurinov.

O príncipe tinha apagado muito bem seus rastros. Teriam que tomar-se medidas mais drásticas.

E por isso Darius tinha começado a aperfeiçoar seu rifle.

A garota estava dando mais problemas do que valia, pensou mal-humorado enquanto soltava o lápis e tirava os óculos metálicos. Estirou um pouco o pescoço a um lado e a outro, e dobrou sua mão direita, que tinha ficado dura, em busca de alguma mancha de tinta. Percorreu com o olhar as folhas espalhadas pela escrivaninha com as quais tinha estado trabalhando algumas horas.

Por que sua vida tinha que ser tão complicada? Em seu trabalho como investigador, tivera que tecer uma intrincada rede de mentiras. Inventara novas identidades, manipulara um grande número de pessoas, subornara alguns, inclusive seduzira uma das antigas preceptoras de Tyurinov. Tinha quebrado leis e roubado nos escritórios do governo russo.

Depois dos meses nos quais se dedicara a estudar o dourado e glorioso Anatole, tinha terminado por odiá-lo. Tudo aquilo que segurava Tyurinov era uma mentira.

Darius sabia que ele também era um mentiroso, mas ao menos não pretendia ser um herói ante o mundo, e tudo o que fazia, fazia para proteger seus entes queridos.

Tyurinov não tinha honra.

De fato, brincou enquanto mordia a haste de seus óculos, Tyurinov teria zombado de seu antiquado código, já que a única lei que o príncipe obedecia era a de seu próprio interesse.

O pior de tudo, na opinião de Darius, era que Tyurinov nem sequer amava Serafina. Se ela importasse de verdade para o homem, as coisas seriam diferentes.

Entretanto, sua beleza era um mero troféu para ele, um objeto que devia conseguir para glorificar-se e anunciar uma vez mais sua grandeza ante o mundo.

E o que sentia Serafina pelo glorioso Anatole? Era algo que Darius se perguntara centenas de vezes, ao tratar de esquivar sua própria insegurança sobre o assunto. Era verdade que Serafina tinha sido seduzida pelo bem conhecido carisma do príncipe?

Ela era uma garota inteligente, e Darius a tinha ensinado desde pequena a desconfiar daqueles que fossem muito simpáticos. Não obstante, agora era uma mulher desejosa de amor.

O pensamento fez que lhe doesse a virilha com uma cálida tensão.

Voltou-se para olhar através da janela. O céu mostrava as cores do pôr do sol: o dourado e o rosa, mesclados com o violeta.

Logo tudo se tornaria negro. E nunca teria outra oportunidade.

"Vá para ela."

Seus olhos se detiveram na linha de árvores, em silenciosa incerteza.

"Quando chegarem as damas de companhia, não lhe permitirei que se aproxime mais de mim."

Ao recordar estas palavras, colocou sem dar-se conta, uma folha de papel em branco diante dele, afundou a pena no tinteiro e escreveu rapidamente, com o coração descontrolado:

Senhor,

É uma temeridade enviar mais pessoal neste momento. Sua Alteza se encontra bem e nosso refúgio é seguro. Seu servidor,

D.S.

Rapidamente, antes que pudesse mudar de ideia, como se sua vida dependesse disso, dobrou o papel e o selou com cera.

Era a coisa mais egoísta que jamais tinha feito, a mais falsa e a mais necessária. Afastou-se da escrivaninha, saiu com duas passadas do aposento e disparou procurando Alec.

O jovem tenente veio correndo.

—Senhor?

—Envie esta mensagem a Sua Majestade.

—Sim, senhor.

—Averigue tudo o que possa sobre os progressos de Orsini. Retorne amanhã utilizando uma das rotas alternativas que traçamos.

Alec saudou.

—Sim, coronel.

Darius se virou para partir, depois hesitou. Olhou-o por cima do ombro.

—Ah, Alec?

—Sim, senhor.

—Onde está Sua Alteza? —aventurou-se.

Se por alguma razão Alec achou a pergunta divertida, com bom acerto, o tenente não o demonstrou.

—Não estou certo, senhor. Vou averiguar.

—Bem. Estarei em meu quarto. —Darius pegou uma pera do fruteiro que havia na mesa do vestíbulo e lhe deu uma grande dentada enquanto corria escada acima.

Uma vez em seu espartano e pequeno quarto, dirigiu-se ao pesado armário de carvalho. Abriu a porta com um clique e tirou uma longa caixa retangular por sua aba. A colocou em cima da cama e ao abri-la, ficou olhando ensimesmado o impecável rifle que tinha mandado fazer com o único propósito de fazer voar a cabeça de Napoleão.

Era a arma mais linda que jamais tinha tido, lavrada artisticamente para a perfeição.

Percorreu com os dedos o suave canhão de mogno. O gatilho era de desenho holandês. Tinha um alcance de uns cento e quarenta metros, com um telescópio especial para melhorar o ponto de foco.

Fechou a maleta. Praticaria mais tarde.

Pôs a maleta de couro no armário e se dirigiu depois à mesa auxiliar para lavar-se. A água o reanimou depois das horas passadas em sua mesa de trabalho. Refrescou o rosto, lavou os dentes e colocou um pouco de colônia; penteou-se e zombou de si mesmo por estes cuidados de vaidade, agora que sabia que ia ver Serafina.

Olhou no espelho ao homem que tinha em frente, e colocou o simples lenço. Com cautela, enfrentou-se ao olhar de um estranho de meia barba e ferozes olhos, com uma cicatriz na boca que lhe recordava que nunca tinha sido aceito em nenhum lugar.

Embora Serafina parecesse necessitá-lo.

"*Por que eu?*", pensou pela enésima vez.

—Não lhe pergunte —recomendou com secura a seu reflexo. Deixou o quarto, fechou-o e foi em busca de sua nobre protegida.

Ao descer pela balaustrada do segundo piso, que ia dar à entrada da casa, gritou uma vez mais a Alec.

—Ainda não a encontramos, senhor! —O tenente apareceu na parte baixa da escada.

—O que? —Darius o olhou através do corrimão, com o cenho franzido.

—Ninguém a viu há horas. Os homens pensaram que estava com você!

—Não está comigo! —Seu estômago ficou de repente seco.— Quer dizer que ninguém a viu?

—Assim é, senhor.

—Maldição, para que tenho então duas dúzias de homens protegendo-a? Tenho que fazer tudo? Revistou seu quarto?

—Sim, senhor. Não está ali.

—Bom, deve estar em algum lado! Vou lhe dar umas boas palmadas —murmurou enquanto dava uma volta pela casa para procurá-la. Depois saiu para o estábulo.

Rezou para que só se decidira a caminhar um pouco, possivelmente a explorar os túneis secretos que lhe tinha mostrado antes. Duvidava bastante, porque ela tinha mostrado temor aos morcegos, mas era melhor que pensar que os franceses tinham conseguido sequestrá-la.

Um dos homens achou sua criada. Darius abandonou à mulher. Pia lhe disse gaguejando que Sua Alteza havia dito que queria recolher algumas amostras de plantas medicinais.

—Como se atreve a partir sem minha permissão? —perguntou-lhe, como se a pobre mulher pudesse lhe dar uma resposta.

Em pé junto a ele e a criada, os homens deram um passo para trás, temerosos de ver seu imperturbável coronel zangado; e estava zangado, mais zangado do que devia, porque seu desaparecimento havia tocado algum nervo oculto em seu interior. Ela não tinha direito a partir sem lhe dizer nada. O que aconteceria se não a achasse? O pânico lhe golpeou o peito e se cravou no ombro ferido que ela tinha curado.

Quinhentos malditos acres, pensou enquanto montava seu cavalo. Podia estar em qualquer lugar. Cravou as esporas nos flancos de Jihad e galopou para os campos com o propósito de encontrá-la.

Embalada pelo alto mato dos campos, Serafina ficou adormecida enquanto observava a forma das nuvens no céu.

Em seu luminoso e reparador sonho, pôde ouvir um tremor profundo sobre a terra, pôde sentir uma vibração sob seu corpo, como o tamborilar de cascos de cavalo.

A sensação de sua proximidade foi tão clara como a que teve a noite anterior no labirinto. A tormenta se formou em sua voz, que chamava seu nome com aborrecimento.

Deu-se conta de que não estava sonhando e se levantou de repente com um gemido. Estava anoitecendo! Tinha perdido a noção do tempo. Enquanto dava uma olhada

ao redor, viu como uma aparição o garanhão andaluz, que aparecia veloz por cima da colina. Ele ainda não a tinha visto, e a chamava por seu nome procurando-a com o olhar em todas as direções.

Serafina pôde ver o ricto de ira em seu rosto, e como obrigava ao animal a forçar o galope. A cauda do cavalo se movia como uma cortina de fumaça branca atrás deles, e o sol do entardecer se refletia nas armas do homem.

Ficou em pé, com o coração encolhido, sem saber se devia chamá-lo ou não. Sabia que estava procurando-a, mas a mera visão do par infernal a assustava. Se Darius dirigia o cavalo para ela, poderiam pisoteá-la.

—Serafina!

Ouviu então algo mais que zanga em sua voz profunda: temor, dor "*Coloque-me como um selo sobre o teu coração, como um selo sobre os teus braços...*" As palavras vieram a sua mente, sem saber por que, enquanto olhava ao homem e o cavalo, atemorizada por sua beleza. Era um trecho dos Cânticos dos Cânticos que tinha lido uma vez e não tinha esquecido. "*...porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura o ciúme; as suas brasas são brasas de fogo, com veementes labaredas. As muitas águas não podem apagar este amor, nem os rios afogá-lo;*"

Então ele a viu.

Serafina não se moveu. Não estava certa de ter podido, embora o tivesse tentado, imobilizada pela intensidade de seu olhar.

"*Agora vem por mim.*"

Darius afastou o olhar e a rodeou com o cavalo. Jihad se empinou. Ela ouviu sua ordem profunda e contundente, nesse idioma desconhecido com o qual tinha insultado Philippe. O cavalo foi para trás e os dois se aproximaram dela.

Ela os olhou como hipnotizada, incapaz de mover-se, paralisada ante tanta beleza. Indefesa, aterrorizada, viu o aproximar-se de Darius Santiago montado em seu cavalo selvagem, como se fosse um dos cavaleiros do Apocalipse. "*Foi assim que se sentiu Philippe nesses últimos segundos?*"

Ao vê-lo mais de perto, pôde ver o grau de ira que havia em seu rosto.

—Serafina!

"*Não tema.*" Ele não ia feri-la. Deveria saber.

Serena, viu-o aproximar-se como a negra tormenta, mas se manteve imóvel, seu coração lhe sussurrando a verdade sobre ele. Era a ferida em seu interior o que provocava sua raiva. Só ela podia ajudá-lo.

"*Acalme-se. Suavize-se.*"

A alguns pés dela, Darius puxou as rédeas para provocar uma parada seca. Ela olhava as margaridas sob os cascos do animal.

Darius fez seu cavalo dar voltas para tranquilizá-lo, enquanto transpassava com o olhar Serafina por cima do ombro, o cabelo negro despenteado e o rosto esculpido vermelho de ira.

—Assim está aqui.

Ela não disse nada, só o olhou com amabilidade.

—Que demônios acha que está fazendo, escapando sem dizer nada a ninguém? Estou à meia hora procurando-a!

—Estou a salvo —disse fracamente.

—Como se supõe que eu vou saber? —perguntou-lhe.— Deveria ter trazido alguns homens com você!

—Darius, tranquilize-se.

—Não me diga que me tranquilize!

Ela deu de ombros, e se afastou dando meia volta.

—Onde acredita que vai? —perguntou sem dar crédito.

Agarrou uma margarida sem responder. Ia contando suas pétalas com despreocupação, enquanto caminhava tranquilamente para a espessura.

Darius esporeou seu cavalo para segui-la.

—Fiz-lhe uma pergunta.

—Não posso falar com você quando se encontra nesse estado. —Seguiu caminhando, embora ouviu que ele se deteve.

—Você é a culpada de que me encontre neste estado!

Caminhou entre as árvores, atenta, perguntando-se se decidiria ou não segui-la. Não o fez.

Olhou-o por cima do ombro com cautela. Tinha desmontado e estava em pé junto a seu cavalo, com a cabeça baixa. Tratava de recuperar o controle de suas emoções.

Quando levantou o olhar, de perfil para ela, a luz do entardecer iluminou seu rosto. Tornara-se de uma cor rosa dourado, e as mechas de seu cabelo pareciam de cor azul escura e granada.

"Que formoso!"

Deixou escapar um suspiro e penteou com a mão à franja.

Ao vê-lo desta maneira, Serafina levou a mão à parte do ventre, sentindo uma sensação cálida e estranha. De repente, uma travessura extraordinária lhe veio à cabeça.

Não, não se atreveria.

Ah, sim, claro que sim.

Seu coração começou a pulsar vertiginosamente enquanto observava Darius dirigindo-se cautelosamente ao cavalo e passando os estribos pela sela.

Fez um nó às rédeas e deixou que Jihad pastasse. Serafina podia ver por seus movimentos lentos e pesados que já não estava zangado.

Teve que morder o lábio para reprimir uma risada nervosa ao voltar-se de novo para o bosque. Desejava castigá-lo um pouco por ter sido tão mau com ela. Com o olhar

fixo nas rochas e árvores que lhe rodeavam, reparou em um grupo próximo de árvores jovens. De forma temerária, encaminhou-se silenciosamente para ali e desapareceu entre as árvores.

Triste, impaciente e visivelmente arrependido, Darius caminhou penosamente para o bosque, com a cabeça baixa, enquanto tirava as luvas de montar negras e golpeava a palma da mão com elas, pensando se devia ou não humilhar-se.

Como podia perder os nervos dessa maneira? Pensou pesaroso. Na realidade, havia se sentido aliviado ao ver que o enfrentou sem medo. Não suportaria ver o medo em seu rosto de novo, o mesmo que tinha visto em seus olhos depois de matar Philippe Saint-Laurent.

Ela era mais forte do que ninguém podia imaginar, admitiu. Parecia frágil, mas sua estranha flor de estufa tinha a resistência de uma margarida selvagem.

Passou da claridade do campo aberto à escuridão do bosque.

—Sua Alteza?

Não obteve resposta.

—Entendo. Esse antigo jogo. —Virou-se, olhando ao redor.— Não era divertido quando tinha cinco anos. Vamos, saia, rogo.

Não saiu.

—É uma ordem!

Ouviu uma risada de ninfa e algumas folhas quebrando-se. Voltou-se na direção do som e começou a perseguição, sorrindo abertamente a seu pesar enquanto afastava os ramos para abrir caminho entre as árvores.

Foi dar a um lugar onde as árvores eram mais finas. Caminhou lentamente, olhou a um lado e a outro, sem ver a errante princesa.

—Muito bem, possivelmente mereço isso, mas Serafina, sabe muito bem que sou responsável por você. Não tolerarei que saia sozinha de novo. O que teria se passado se a tivesse necessitado para algo? E se tivesse acontecido algo?

Algo pequeno e redondo lhe golpeou o cocuruto.

—Ai! —virou-se para agarrar do chão o pedregulho que lhe tinha jogado.

Entrecerrou os olhos procurando na direção em que tinha sido arrojado o projétil, enquanto esfregava a parte de trás do pescoço.

—Está começando a me irritar, Alteza. Não estou de humor! Como vê, está ficando noite. O jantar estará pronto breve.

Podia sentir uma risada abafada a seu redor. Suas risadas penetravam a clareira como o murmúrio do arroio, que não estava muito longe, a julgar pelo som.

Muito a seu pesar, Darius estava encantado. Sorriu tristemente.

—Vamos, Pequeno Grilo —murmurou—, minha caprichosa e travessa garota de jardim.

A seus pés, achou evidências de que Serafina tinha passado por ali: uma margarida no chão.

Darius se agachou e a colheu com delicadeza, recordando a quantidade de vezes que ela tinha tentado fazer as pazes com ele desde aquela noite de abril, três anos antes. Tinha sido a coisa mais dura que jamais tinha tido que fazer: resistir a ela essa noite. Só um pouco menos doloroso foram às vezes nas quais ela se aproximou dele para desculpar-se. Tinha vivido sob a regra de nunca fraquejar. O melhor para ela era que o esquecesse.

Por essa razão tinha respondido a todas suas amáveis insinuações e esforços de lhe incluir em suas atividades com um pétreo silêncio.

Fechou os olhos, deixando que as pétalas da flor acariciassem sua face.

"Tão delicada."

Uma onda de solidão e perda invadiu-o. Era típico dela: obrigá-lo a brincar com ela quando ele a tinha rechaçado. O esconde-esconde, seu jogo preferido. Não era ele, em realidade, que estava se escondendo? Sempre se escondendo.

Abriu os olhos de novo e ficou imóvel. Pôde sentir como o olhava.

—Por que continua me perdendo? —Formulou a pergunta em voz baixa, sem saber se podia escutá-lo, sem saber se poderia suportar a resposta.

Reprimiu a emoção e se levantou, com a flor nas mãos. Dirigiu-se ao centro da clareira e olhou a seu redor.

—Muito bem —declarou aos bosques em voz alta—, tem todo o direito de me crucificar. Fui muito desagradável com você esta manhã. Ordenei-lhe que se entretece sozinha, e quando o fez, terminei por lhe gritar de novo. Sinto muito. Saia agora?

Ouviu um pequeno e feminino sopro detrás de um matagal de vinhas selvagens.

Darius sorriu para si e se aproximou, mas ela deve tê-lo visto porque quando afastou os ramos para alcançá-la com um grito triunfante, achou que havia tornado a escapar.

—Mmm. —Desfez o caminho andado de volta à clareira e olhou a seu redor—, possivelmente aceite minhas desculpas se lhe disser que tomei algumas medidas para me reconciliar com você.

Darius escutou, seguro de que tinha captado toda sua atenção. Onde se teria metido?

—Não haverá damas de companhia que venham envenená-la.

Ouviu como se moviam uns ramos e levantou os olhos para ver olhos violetas que o olhavam fixamente entre as folhas verdes.

Darius deixou escapar um grito e saltou para ela. Ela deu um pequeno grito e conseguiu esquivar-se como uma lebre, escondendo-se entre as árvores. Ele a seguiu, sentindo que o coração pulsava por suas veias.

Riu ao ver como seus pés nus tratavam de escalar por um grande tronco que se interpunha no caminho. Ela voltou a gritar, divertida, ao ver que tratava de lhe agarrar a

saia do outro lado. Seguiu correndo pelo atalho de terra, rindo, com a cabeleira ao vento e as margaridas caindo da coroa de flores incompleta que levava na cabeça.

Darius saltou o tronco a tempo para ver como seu vestido desaparecia pela curva do caminho, fazendo voar seu esbelto e bonito corpo. Viu-a de novo ao chegar ele à curva, e a seguir, em um arranque de velocidade, correu atrás dela e a alcançou. Ela se revolveu em seus braços, tratando de soltar-se mesmo que estivesse caindo junto com ele. Assim foi como terminaram no chão, ele sobre ela, seus rostos a só uns palmos de distância.

Com a respiração entrecortada pelo esforço, Darius sorriu.

—Agarrei-a.

Serafina lhe dedicou uma careta desafiante, os olhos brilhando sob suas espessas e morenas pestanas.

Apoiou-se nos cotovelos e tirou de seu cabelo uma última margarida, que lhe pôs sobre o nariz. Quando Serafina enrugou o nariz e retirou o rosto, ele continuou lhe fazendo cócegas no pescoço.

Serafina riu, ainda cansada pelo esforço.

—Pare, besta.

—Sou pesado?

—Uma tonelada!

—Bem. —Fez-lhe cócegas com a flor sob o queixo.

Afastou-lhe a mão e o olhou com o cenho franzido, mas sem aborrecimento. Mas Darius tinha vontade de brincar, pelo que lhe devolveu o olhar de aborrecimento, e depois lhe sorriu, como se não pudesse evitar. Que sorriso! Tirava-lhe o fôlego.

Inocência pura. Uma doçura que resplandecia em seus olhos violetas. Não para o glorioso Anatole, não para algum príncipe de sangue azul, mas para ele, um João-ninguém. O bastardo cigano. Sua alegria desapareceu.

—O que ocorre? —perguntou insegura, em meio dos cantos dos grilos e o sussurro da brisa.

—Você — Sua voz ficou presa na garganta. Como se fosse um menino, tremeu-lhe a mão ao lhe tocar o rosto. Sentiu-se torpe, inepto. As faces cremosas dela eram como a seda, e seu tato embriagador.

Buscou-o com os olhos, assombrada.

—... é tão formosa —terminou.

—Ah, Darius. —derreteu-se em um sorriso, enquanto seu corpo se abrandava debaixo dele. Deslizou os braços ao redor de seu pescoço e o abraçou fortemente.

— Obrigado.

Ele saboreou esse inocente abraço em silêncio. Era como estar no céu, apanhado em seu amor. Podia sentir seus seios firmes e maduros sobre seu peito.

Morria por tocá-los. Podia sentir seu ventre plano, seus femininos quadris cravados em sua pélvis.

Quando se afastou um pouco e olhou-a, seus olhos lhe prometeram que tudo o que tinha era para dar a ele, só a ele. Fossem quais fossem suas razões, tinha o escolhido, e, Deus, com que afã a queria! Todo seu corpo tremia junto a ela.

Engoliu saliva.

—Serafina, não fui honesto com você.

—Shhh —respirou.— Não tem que me explicar nada. Agora está comigo.

Olhou-a fixamente.

Serafina levantou a mão para traçar o contorno da cicatriz de sua boca com o dedo. Ele estremeceu, mas não opôs resistência ao olhar seu rosto, sem saber muito bem se o que sentia era redenção ou desespero.

Sem avisar, levantou um pouco a cabeça do chão e beijou lenta e suavemente a cicatriz. Deslizou seus braços debaixo dela e a segurou, enredando os dedos entre os cachos de seu cabelo. Ela sussurrou seu nome, e beijou suas faces e seu pescoço. Acariciou-lhe os braços, evitando com cuidado o ombro ferido.

Em busca de um pouco de prudência, fechou os olhos, mas o aroma da pele dela era muito tentador. Tinha perdido a batalha, assim afundou a cabeça e a beijou na garganta.

Ouviu seu gemido. Estendida no chão do bosque, jogou a cabeça para trás, como uma oferenda. Acariciou seu cabelo enquanto lhe cobria o pescoço de beijos.

Durante muito tempo estiveram assim, beijando-se e acariciando-se como duas crianças inocentes, entusiasmados com o descobrimento. Com toda segurança, não era a maneira que tinha ele de realizar suas conquistas.

Isto não se parecia com o resto. A alma lhe ardia. Com ela, ele se sentia tão áspero, inseguro e acalorado como a virgem que tinha em seus braços. A escuridão se fez mais profunda no bosque. Seus movimentos libertavam as essências das folhas secas e o musgo aveludado que lhes servia de cama. Os pássaros noturnos entoavam solitárias melodias de amor.

Darius começou a sentir com intensidade suas mãos deslizando por todo o corpo dele, a exploração de suas costas, seu quadril. Sem saber como, lhe tinha soltado o lenço. Acariciava seu pescoço, lhe cravando os dedos na corrente de prata que levava a medalha que lhe tinha dado. Ao beijar a dobra de seu pescoço, sentiu como seus quadris se erguiam instintivamente.

O desejo se apoderou de seu corpo. Com a perna esquerda, acariciou com firmeza seu joelho direito. Serafina cedeu, abrindo as coxas, lhe deixando que se recostasse entre suas pernas. Estava duro como uma rocha, mas estava certo de que uma carícia o faria explodir.

O pulso selvagem, podia sentir como o coração de Serafina pulsava ao mesmo ritmo que o seu. Ela passou os dedos por seu cabelo. Darius abriu os olhos e a olhou, ofegando levemente.

Sem respiração, com os lábios ligeiramente abertos, seus olhos violetas o olhavam com a incerteza de quem conhece pela primeira vez o desejo. Um desejo que

refletia de maneira febril o seu próprio. Serafina moveu a cabeça a um lado, olhando-o com luxúria, como se tivesse entrado dentro dela já.

Ele deslizou os dedos por seu cabelo e lhe imobilizou a cabeça com as mãos. Molhou seus lábios e engoliu forte, hesitando, temeroso não sabia muito bem do que.

Com medo.

—Serafina —disse tremendo.

—Sim, Darius, sim. —Rodeou-lhe o pescoço com os braços e o atraiu para ela.

O futuro, o mundo além dessas árvores, dissolveu-se junto a sua resistência. Anos de resistência, fúteis desde o começo. Ele pertencia a esta jovem, em corpo e alma, e sabia.

Com um alívio tão delicioso capaz de lhe provocar o pranto, baixou a cabeça lentamente e a beijou nos lábios.

Capítulo 8

Devolveu-lhe o beijo com paixão, como se sua alma estivesse nisso. Mal podia acreditar no que estava acontecendo. Estava beijando Darius Santiago: seu ídolo, seu demônio, seu cavalheiro.

Um cavalheiro que lhe pegou o rosto com a mão para voltar a beijá-la docemente, fazendo-a tremer dos pés a cabeça. Tinha sabor de hortelã, a calidez de homem.

Era tão cuidadoso, que cada beijo era para ela como uma suave carícia. Podia sentir seu pulso acelerado ao colocar a mão em sua garganta. Sentia-se glorificada pela magnitude e fortaleza de corpo dele sobre ela. Entrecerrando os dedos entre seus cabelos negros, Serafina voltou a beijá-lo.

Então seus beijos se fizeram mais intensos e impacientes. Tocou-lhe a comissura dos lábios com a ponta do polegar.

Ela tentou afastar-se.

—Não sei o que quer.

—Abre a boca —murmurou, com a voz baixa pelo desejo.

—Como? Tem certeza? —começou, mas ao abrir os lábios para falar, ele os encheu com um beijo que multiplicou por mil o melhor de seus sonhos.

Atônita, afundou-se indefesa em seus braços. Darius enredou o cabelo entre suas mãos e acariciou sua língua profundamente com a sua, faminto. Um beijo que os uniu, um beijo selvagem e místico que teve sabor de eternidade.

Serafina podia sentir o impacto da linha que acabavam de transpassar, seu eco no universo, no mundo que até agora tinha conhecido. Queria lhe devolver os beijos, e o fez com precaução a princípio, mas logo gemeu e se afundou em sua boca dessa maneira tão profunda e misteriosa que ele acabava de lhe ensinar.

—Ah, Deus, adoro-a —sussurrou ele.

Ela se deteve, absorvendo suas palavras, hipnotizada. Pegou seu rosto entre suas mãos e procurou seus olhos.

—É isso verdade?

Devolveu-lhe o olhar abertamente, sem ocultar nada.

—Morreria por você — disse.

Olhou-o, sentindo uma dor doce, e depois o atraiu de novo para ela. Durante um bom momento estiveram perdidos em uma profusão de beijos, cada vez mais apaixonados, mas logo ela sentiu uma mão que descia por seu corpo, para o decote de seu vestido, como se morresse por tocar seus seios sem atrever-se. Seus dedos percorreram horizontalmente o modesto decote. Pensou em todas as vezes que o tinha surpreendido olhando-a e sorriu sobre sua boca, cobrindo com sua mão a dele.

—É isto o que quer? —murmurou, e moveu sua mão para baixo para aproximar a dele a seus seios.

Darius respirou, quase com um gemido. Ela fechou os olhos e tombou de novo, ao sentir o prazer de suas mãos cálidas explorando e acariciando seu corpo. Ele a olhou desafiante por debaixo de sua franja, como se ela fosse se atrever a detê-lo.

—Mmmm. —Serafina tremeu quando suas mãos deslizaram por dentro da blusa e a puxou para baixo.

Ele se afastou para poder ver bem seus seios, depois ergueu os olhos e encontrou os dela. Parecia muito comovido para falar.

Lentamente, ajoelhou-se sobre ela e beijou sua testa com ternura enquanto percorria com seus dedos o vale de seus seios. Acariciou-lhe o estômago e depois esfregou suavemente seus mamilos com os dedos, esperando ver a reação em seu rosto. Inclinou-se e acariciou seus seios com seu rosto.

—Ah, Serafina. —Tremia contra ela. — É tão suave.

Colheu com a taça de suas mãos os seios, afundando seu rosto entre eles. Beijou a curva interior de um e depois a do outro. Sentiu como os mamilos se levantavam e endureciam a seu contato, até que houve um momento em que começaram a lhe doer de prazer. Com os olhos fechados, Darius ficou imóvel contra a brandura de sua pele.

Ela se inclinou, oferecendo-se instintivamente a ele, com as costas curvadas. Ele abriu a boca e aceitou seu firme e inchado mamilo. Ao sentir o contato de sua língua, Serafina não pôde reprimir um gemido. Ficou olhando para o céu e para os negros ramos que os cobriam. Nunca havia sentido um prazer semelhante.

Excitado por sua resposta, Darius lhe rodeou o seio com uma mão para beber dele, sua boca quente e selvagem. Seus olhos voltaram a secar-se de prazer. Serafina gemeu, segurando-se a ele com força.

Faminto, passou a provar o outro seio, sugando-o com força.

De repente, deteve-se, como se algo lhe tivesse surpreendido.

Antes que pudesse perguntar o motivo, ele gemeu mais forte e apertou o seio com mais força, sugando seus mamilos com feroz e incontrolável paixão. Aceso de paixão, suas mãos se apressaram a percorrer a totalidade de seu corpo. Moveu-se sobre ela e a beijou na boca de maneira profunda. Estava aflita por sua paixão.

—Provei-a, provei seu leite —sussurrou com fúria. Não sabia se isso era possível, mas não teve tempo de perguntar por que, sem prévio aviso, lançou-se sobre ela e selou sua boca com um beijo.

Afastou seus lábios e a forçou a provar o sabor de seu leite no sabor de sua língua. Gritou surpreendida, quando a pegou pelos pulsos e a olhou fixamente nos olhos.

—É minha —lhe soltou—, sabe que é.

Olhou-o em silêncio, sem atrever-se a respirar.

Ofegava, seus olhos de ônix brilhavam como uma luz incandescente.

Não sabia o que pretendia, só sabia que era muito mais forte que ela. Podia sentir seu sua pulsação no peito que a oprimia.

—Sabe que é minha —voltou a sussurrar.— Diga.

Estava lhe pedindo permissão para desvirginá-la?, Pensou alarmada. Teria que lhe recordar que ia se casar logo com outro homem —um homem que provavelmente a mataria se chegasse a noite de núpcias sem ser virgem— mas quando abriu a boca, só uma palavra saiu dela:

—Sim.

Ele a olhou fixamente.

Serafina não estava certa do que acabava de fazer. Não podia ler seus pensamentos, e não sabia se sua admissão o tinha contentado. Tocou-lhe o rosto, acariciou seu cabelo e, de repente, abraçou-a com firmeza.

—Anjo, assustei-a.

—Não, Darius —disse ela com valentia.

Ele a segurou um bom tempo.

—Deveríamos voltar, estarão nos procurando.

Nenhum dos dois se moveu para levantar-se.

—Não devia ter deixado que isto acontecesse —disse.

Olhou-a.

—Já é muito tarde.

—Tenho medo de que se arrependa. —Evitou seus olhos.— Sabe que não pode durar.

Tocou-lhe a face, virando seu rosto para que pudesse lhe ver os olhos.

—Nunca me arrependerei, Darius. Você se arrependerá?

Ele a olhou um momento, depois sacudiu a cabeça lentamente.

—Não, é só que não posso lhe prometer nada mais do tempo que tenhamos aqui. —Cobriu sua mão com a dele. — Se aproximar-se muito de mim, será muito duro quando tivermos que nos separar.

Serafina suspirou e apoiou a cabeça sobre seu ombro.

—Qualquer momento com você bem merece um pouco de dor —murmurou.

—Minha valente princesa. Nunca deixa de me surpreender. —Sorriu e apertou os braços ao redor dela.

Olhou-o com ar pensativo.

—De verdade se desfez de minhas damas de companhia?

—Sim, assim é.

—Como? —abraçou-se junto a seu peito e baixou o olhar. Seu cabelo o envolvia como um véu de seda.

—Enviei uma nota a Belfort dizendo que era muito perigoso mandar alguém mais neste momento.

—Mentiu a meu pai? — exclamou.— Você?

Darius arqueou uma sobrancelha.

—Eu não diria que menti. Uma carruagem poderia seguir-se facilmente.

Riu satisfeita.

—Mentiu a meu pai para que pudéssemos estar juntos!

—E se o fiz? —defendeu-se.

—Nada. Sempre soube que você gostava de mim. Agora, lutou contra os dragões por mim. —Ao ver como franzia o cenho, apertou-o com ternura.— Já sabe como odeio essas velhas mulheres com rosto de dragão me vigiando todo o dia.

—Sei, eu também as odiaria.

—Devo-lhe uma, Santiago.

—Sério? —disse com voz de repentino interesse enquanto olhava em direção a seus seios.

—Sério, Darius. — Afastou-o ruborizada e começou a abotoar o vestido.

Divertido ao ver seu embaraço, deu-lhe um beliscão na face e ficou em pé. Uma vez terminado de arrumar-se, ofereceu-lhe a mão para que pudesse levantar-se.

Ela a aceitou e deu um salto com um sorriso de clara adoração.

Deixaram o bosque de mãos dadas, em silêncio.

Darius foi procurar Jihad enquanto Serafina recolhia seu livro de botânica e a cesta com as plantas. Voltou a calçar as botas de couro sem amarrar os cordões.

Darius insistiu que os dois podiam montar no cavalo, assim Serafina se viu logo sentada na garupa do animal, enquanto ele montava escarranchado.

Com a cesta no regaço, apertou-se prudentemente a Darius, saboreando o sentimento de seu braço firme ao redor de sua cintura. Apoiou a cabeça em seu peito, e de vez em quando a erguia para ver seu rosto enquanto guiava o cavalo através da escuridão.

O cavalo os levou de volta a um passo tranquilo. Quando começaram a ver as luzes da casa, a escuridão cinza pérola do crepúsculo se convertera já em noite fechada.

Ao chegar ao cercado, um dos homens percebeu seus movimentos.

—É o coronel!

Meia dúzia de homens rodearam-nos.

—Coronel!

—Pôde encontrá-la?

—Tudo em ordem. —Darius chamou-os conforme foram aparecendo na esfera da luz.— Encontrei à princesa, como podem ver.

Serafina corou, ao ver que todos os olhos estavam fixos nela, assombrados de ver a protegida real sentada no regaço do coronel.

Darius se comportou dessa maneira fria e disciplinada a qual os tinha acostumado, como se não houvesse nada incomum nisso.

—Você — dirigiu-se com decisão a um de seus ajudantes—, vá dizer na cozinha que Sua Alteza jantará em meia hora. —Deu algumas ordens mais e depois pediu a outros que voltassem para seus postos.

A princesa não teve mais remédio que admirar o impacto que produzia Darius em seus homens, pareceu-lhe inclusive divertido. Tinha uma forma de mandar muito diferente de seu pai. As ordens do rei eram particularmente incompletas e rápidas, como se esperasse, ou ao menos o desejasse, que os homens que o rodeavam soubessem utilizar seu próprio critério. Darius, entretanto, não era tão otimista. Exigia que suas ordens fossem cumpridas de maneira meticulosa, sem perguntas, da mesma maneira como ele as tinha recebido.

Quando os homens voltaram para suas obrigações, Darius tocou Jihad e o cavalo seguiu caminhando.

—Vão cochichar —murmurou Serafina, nervosa.

—Meus homens são leais. —estremeceu um pouco ao falar, depois, não disse nada mais, mas seguiu dando voltas ao assunto. Ela sabia que estava pensando em seu pai.

Ao pensar em Anatole, Serafina não sentiu o mais mínimo remorso. Entretanto, tampouco queria que os rumores chegassem aos diplomatas russos.

—O que acontecerá se contam quando voltarmos a Belfort?

—Quem diz que vamos voltar? —murmurou.— Possivelmente posso sequestrá-la eu mesmo.

—Faça-o, por favor —lhe pediu com tristeza.

Ele riu suavemente, também triste, depois pegou as rédeas com uma mão e lhe acariciou o ombro com a outra, atraindo-a para ele enquanto se aproximavam do estábulo.

—Ei, ei, pequena. Não se preocupe por meus homens.

—Parece muito seguro.

—Estou seguro. Não deixarei que nada a assuste. —Amavelmente, acariciou-lhe o cabelo com seu queixo.— Se ocorrer algo desagradável, eu cuidarei disto. Confia em mim. Tem fome?

—Está mudando de assunto.

Dedicou-lhe o mais devastador de seus sorrisos, enquanto detinha o cavalo ante as portas grandes e abertas do estábulo.

—Verei-a no jantar, anjo. Ponha algo bonito para mim. Melhor se for decotado. Será tão amável?

—É incorrigível —sussurrou, sorrindo depois de tudo.

Seus olhos escuros dançaram ante ela.

—Orgulho-me disso.

Meia hora mais tarde, na sala de jantar, olhava para Darius, enquanto pensava com um suspiro contido que era o homem mais bonito do mundo, e o mais valente, e o mais inteligente, e o melhor em tudo.

Asseado e arrumado com seu uniforme de oficial, era a sedução personificada. Os brilhantes botões dourados de sua jaqueta escarlate estavam desabotoados para mostrar um pedaço da branca seda de sua camisa. Seu lenço branco, tão imaculado como sempre. Tinha calças grossas, botas brilhantes negras e de seu cinto pendia sua espada prateada.

A luz da vela esculpia o perfil de sua face e cobria de luz sua pele bronzeada. Seus lábios pareciam macios e carnudos, e os ângulos dramáticos do rosto se suavizaram, graças a seu ânimo sensual e relaxado.

Serafina desfrutava de sua presença, obrigava-o a comer bem e agradecia a todos os deuses pagãos, em particular aos que apareciam no afresco barroco que havia junto a ela, que a tivessem liberado de suas damas de companhia.

Deu um pequeno gole ao vinho e levantou a vista em direção ao quadro que pendia em cima da cabeça de Darius, no qual se representava os amantes Marte e Vênus surpreendidos pelo ciumento marido Vulcano.

Optou por não dizer nada a Darius, já que não se dera conta, absorto como estava com seu rosto e o profundo decote de seda dourada que ela pôs para lhe agradar.

—Adoro-o, Santiago —declarou enquanto apoiava, sonhadora, a face sobre sua mão.

Darius levantou a vista, terminou de mastigar o bocado que tinha na boca e bebeu um pouco de vinho vermelho rubi. Fez-lhe um gesto com o dedo para que se aproximasse enquanto limpava a boca com o guardanapo.

Ela ficou direita na cadeira.

—O que é isto, trata-me como se fosse o sultão? —exclamou indignada.

—Só quero lhe dar um presente, princesa. — Pegou um morango da fruteira e o mergulhou no vinho, depois o tirou e ofereceu-o com um tom de picardia em seus olhos escuros.— Não o quer? Terá que vir para pegá-lo — disse suavemente.

—Ah, um presente para mim? — rindo, levantou-se e se inclinou junto a ele sobre a mesa, tratando de alcançar a fruta.

—Não, não. Terá que vir aqui se o quiser —a repreendeu com um sorriso travesso, enrolando até que subiu à mesa e caminhou lentamente sobre ela. Teve que afastar com as mãos e os joelhos o faqueiro de prata para abrir caminho.

—Aqui vem minha sobremesa —zombou.

Ela riu.

—Deus, que apetite tem!

—Um pouco mais perto —murmurou enquanto segurava o morango justo em cima de sua boca. Ela tentou agarrá-lo e ele a afastou ainda mais.

—Bandido, eu o queria —gemeu.

—Venha e consegue-o. Apresse-se. Está gotejando. —Umas pequenas gotas de vinho caíam sobre a mesa.— Pegue-o, Serafina.

Assim o fez. Pegou a gota de vinho com a língua e chupou depois a parte baixa do morango vermelho e maduro enquanto ele seguia segurando-o na mão.

—Muito bem —murmurou.— Você gostaria de mordê-lo?

Abriu a boca.

Puxou o morango para trás, com um brilho nos olhos ao olhá-la.

—Ah, ah, ainda não. Não até que eu o diga. —Roçou com o morango seus lábios, e os acariciou com ele uma e outra vez, até que abriu ligeiramente a boca, sem deixar de olhá-la.

Serafina fechou os olhos e saboreou a fruta proibida com a ponta da língua, depois abriu ainda mais os lábios e tomou a metade com a boca.

—Sem morder — ele a repreendeu.

Com os olhos fechados, fez um som de impaciência, lambendo-a apenas.

—Não acredito ter sentido nunca tanto ciúmes de uma fruta. —E voltou a apartá-la, embora desta vez deixou um pedaço dela em sua boca.

Ela começou a rir.

—É isto o que significa a fruta proibida?

—Morre por comê-la, não é? — sussurrou.

Ela assentiu com a cabeça, o coração encolhido em um punho.

—Serafina, devo confessar —disse— que estou tendo pensamentos muito indecorosos.

Ela abriu os olhos com um olhar brincalhão e chupou os lábios inocentemente.

—Não saberia lhe dizer.

— Pequena — e lhe entregou o morango —você ganhou.

—Como sempre —reclamou seu prêmio, mordiscando a fruta que ainda pendia de seus dedos.

Justo no momento em que lhe mordia os dedos, abriu-se a porta. Os olhos do garçom principal piscaram desconfiados ao achar à princesa real de quatro na mesa da sala de jantar, e comendo um morango da mão de seu protetor.

Serafina ficou gelada, a ponto de engasgar-se com a fruta.

O silêncio foi sepulcral.

Sem saber o que fazer, explodiu em uma gargalhada.

—Alehop! —Com os olhos muito abertos, ficou de joelhos e se sentou de cócoras, limpando a boca com a borda da mão. Enquanto isso, Darius cravou um olhar no criado que só um estúpido se atreveria a desafiar.

O moço empalideceu como se acabasse de entrar na boca do lobo.

—Fale. —disse Darius com tranquilidade.

O homem se evaporou.

—Agora sim nos colocou em perigo! —sussurrou-lhe enquanto voltava para sua cadeira.

Darius voltou a sentar, e levantou a taça de vinho, ausente. A expressão em seus olhos era enigmática, como se estivesse tomando nota de uma situação desagradável.

Depois de jantar, Darius afrouxou o lenço e saiu ao jardim para fumar.

Serafina foi em busca do violão. Tirou-o da capa de couro negro que o protegia e o levou ao exterior, apresentando-lhe a ele com um pedido tímido e silencioso.

Sabia que ele odiava tocar em público. Ele a olhou cético por um momento, mas tirou o charuto da boca e aceitou o instrumento. Sentou-se com um movimento elegante no pórtico e começou por afinar as cordas, com a cabeça baixa.

Serafina roçou-o ao passar, acariciando seu ombro levemente. Deixou o alpendre e caminhou sobre a fresca grama do jardim, sem deixar de olhar à meia lua e ao milhão de estrelas que os envolvia.

A seu redor, as cigarras faziam vibrar o ar com seu canto. Os vagalumes irrompiam na escuridão da noite, como se acendessem e apagassem. Sobre ela, aqui e lá, os morcegos revoavam selvagens abrindo caminho entre os grupos de pinheiros. A brisa soprava um instante, e depois apaziguava o seu desejo.

Sentia-se estranha e leve, como se pudesse flutuar sob as estrelas de pura felicidade. As primeiras notas de seu violão, íntimas e suaves, chegaram a seus ouvidos. Ela podia fazer algo mais que aproximar-se dele para ver como tocava.

O violão falava por ele. Sempre o tinha feito, e esta noite a melodia era doce e pensativa, às vezes luminosa como o voo de um colibri sobre uma flor, e outras vaporosa no ar, ligeira com um ritmo que a fazia galopar ao vento, como se fosse uma amazona.

Por algum absurdo capricho, Serafina levantou os braços e começou a virar em círculos, a cabeça jogada para trás, em direção às estrelas, em uma espécie de dança infantil carente de arte. Darius viu o que fazia e decidiu brincar um pouco com ela, tocando cada vez mais rápido. Interpretou uma dessas envolventes melodias flamencas que ela tinha achado sempre bastante escandalosas, e virou então como uma cigana, como se a música controlasse cada parte de seu corpo. Quando terminou a canção, deixou-se cair sobre a grama, enjoada da risada e com a cabeça lhe dando voltas.

Podia sentir como olhava-a, mas o mundo girava muito rápido para poder lhe devolver o olhar. Teve que reprimir a vontade de vomitar. Acabava de comer, um pensamento que não fez senão lhe provocar a risada.

—É uma diabrete — concluiu Darius, enquanto terminava de fumar o charuto que tinha deixado a um lado enquanto tocava.

—Onde aprendeu a tocar? —perguntou.

—Ensinou-me um homem que criava touros na propriedade vizinha à granja de meu pai.

—Como se chamava?

—Dom Pedro. Era um grande toureiro. Quando era menino, costumava ir ver seus touros —disse.— Queria ser toureiro —acrescentou depois, sorrindo.

Serafina rodou na grama até se colocar a seu lado, as mãos sob a cabeça e um olhar de admiração:

—Sério?

—Ah, sim. São os mais corajosos. Lá em pé, orgulhosos, esperando com valentia que cem libras de fúria avancem sobre eles. Dá-se conta do controle que necessitam, da coragem? Deveria ver uma corrida algum dia, se alguma vez tiver a oportunidade. Embora claro, como ama os animais, é possível que as odiasse.

Estava encantada.

—Por que não se tornou um toureiro, Darius?

Ele encolheu os ombros e afastou o olhar com uma risada suave, meio triste.

—Para que matar animais quando há homens tão cruéis no mundo? Cale-se, agora. Tenho uma canção para você.

Virou de costas para ver de novo as estrelas enquanto começava uma melodia diferente, melancólica e estranha. Nunca tinha ouvido nada parecido antes. Devia ser a balada de amor não correspondido de algum trovador medieval, ou um antigo lamento mourisco. Era lenta e intrincada, com notas ocasionais na corda mais alta sobre um acorde menor fúnebre, mantido no tempo. A canção era ao mesmo tempo digna e exótica, cheia de paixão contida, como se tivesse sido criada por um coração feito em pedacinhos. Ali, estendida sobre a grama junto ao homem que tinha amado toda sua vida, essa canção conseguiu seduzi-la por completo.

Fechou os olhos, os braços estendidos por cima de sua cabeça sobre a grama, e perdeu a noção do tempo. Deixou que a noite a engolisse, envolta por essa misteriosa música que parecia emanar do corpo dele, do centro de sua alma.

Só percebeu que tinha terminado quando algo dentro dela reclamou uma resposta ao silêncio reinante. Abriu finalmente os olhos e viu a Darius em pé junto a ela, uma silhueta negra sob os trilhões de estrelas. Serafina não se moveu, continha a respiração. Podia sentir seu desejo, seus olhos arrebatando cada palmo de seu corpo, que se abria ante ele, um deus escuro, como em uma oferenda.

—Princesa —sussurrou ao mesmo tempo em que estendia a mão para que se levantasse.

Não fez nenhum movimento, mas ficou olhando-o fixamente sem poder dissimular seu desejo.

"Faça amor comigo —pensou.— Acabe o que começou." Fechou os olhos um segundo, o corpo dolorido de desejo, seu peito respirando com dificuldade.

—Ei, princesa.

Abriu os olhos, com nostalgia.

—Em pé, soldado —sussurrou ele com um sorriso.

De repente, sentia-se profundamente desgraçada.

—Venha comigo. —Esperou, com a mão estendida.

—Onde?

—Já sabe onde, Serafina.

Ela conteve a respiração, esquadrinhando seus misteriosos olhos. Seu cansaço desapareceu imediatamente. Como se estivesse em um sonho, tomou sua mão e ficou em pé de um salto.

Nenhum dos dois disse nada, nenhum se atreveu a romper o olhar que os unia ao caminhar para a casa.

"Isto é um grande engano", pensou, enquanto lhe abria a porta.

Ainda assim entrou.

Olhou-a com faminta aprovação, com os olhos acesos. Seguiu-a na escuridão pelo estreito corredor. A porta se fechou atrás deles. Estavam quase na soleira quando ele a apertou contra a parede e começou a beijá-la. Ela gemeu, tremendo ao sentir em toda sua longitude a firmeza de seu corpo que a cravava no frio muro. Com as mãos, segurou-a com firmeza pelos quadris.

Teria que lhe ensinar alguns segredos esta noite, pensou Serafina, e sua boca lhe pareceu do sabor do vinho.

Darius Santiago, seu demônio, seu amor, ia lhe dar por fim o que sempre tinha desejado. Mas agora que ia conseguir, tinha medo. Se subisse as escadas com ele esta noite, como poderia manter a compostura quando a visse casar-se com Anatole, quando não visse em seus olhos outra coisa que o brilho de uma lembrança íntima, a arrogância de outra conquista? Não poderia suportar.

Ah, mas suas mãos eram tão cálidas e sua boca tão doce!

Quando por fim terminou de beijá-la, sua respiração era profunda e quente. Levantou-lhe o queixo com os dedos e a olhou diretamente nos olhos.

—Não quero que tenha medo de nada esta noite —sussurrou.— Não vou tirar-lhe a inocência. Juro-lhe por minha honra. Não farei nada que não queira que faça.

Ele a soltou e se afastou, esperando-a.

Mas não o seguiu. Contra o muro, cobriu o rosto com as duas mãos.

—Princesa?

Deixou cair pesadamente às mãos e levantou o olhar, sentindo-se completamente miserável. De repente, Darius compreendeu tudo:

—Ah, isto está mal —sussurrou.— Sinto muito. Pensei, não sei o que pensei.

Ele retirou-se bruscamente de seu lado, com a mão no cabelo, e depois deu meia volta e começou a caminhar como um soldado longe dela.

Deteve-o com uma mão no ombro.

Darius se voltou para ela, com o queixo alto, seu orgulhoso perfil cinzelado pelas sombras e dor. Em seus olhos um olhar ardente e torturado.

Ela pegou um pedaço de sua camisa e puxou-o até tê-lo em seus braços, até que voltou a encarar a parede, e beijá-la loucamente, seus lábios injetados em fogo. Agarrou-se a ele, sem deixar de tocá-lo todo o corpo. Acariciou-lhe o rosto, abriu com o dedo os lábios e segurou sua cabeça até devorá-lo e lhe encher a boca com seus devastadores beijos. Ela comeu-o , deixando-se levar pela intensidade de sua paixão desesperada.

Sua rendição foi total quando ele a pegou por fim nos braços e a levou pelas escadas até seu quarto.

Capítulo 9

Darius a pôs em pé sem deixar de beijá-la enquanto procurava o molho de chaves com o qual tinha que abrir a porta. Com mãos trêmulas, virou a maçaneta para abrir a porta e a conduziu ao interior.

Fechou atrás dele a porta e a empurrou suavemente contra o chão.

Serafina ouviu como caíam as chaves, em um som amortecido pelo tapete persa e como seus dedos de ladrão acariciavam depois suas costas até lhe desabotoar o vestido. De joelhos, um nos braços do outro, eram incapazes de esperar um segundo mais, nem sequer a deitar-se na cama. Darius não deixou em nenhum momento de beijá-la, enrolando-a com sua língua, quase a enjoando.

Baixou-lhe a manga direita para poder beijar a pele de seu ombro, depois seu pescoço, seu peito enquanto seus dedos se enredavam com fúria em seu cabelo. Serafina fechou os olhos, embalando-o em seus braços, e sentindo seu pulso acelerado. Acariciou seu cabelo sedoso enquanto lhe beijava no pescoço, chupando sua pele e mordendo-o ligeiramente. Serafina gemeu quando ele tomou seu lóbulo entre seus dentes, e lhe beijou a orelha, com pequenas dentadas, enchendo sua cabeça com o som faminto e quente de sua respiração.

Depois, deitou-a no chão.

Colocou-se em cima dela, e lhe beijou a boca, beijou-a até que já não pôde sentir outra coisa que não fosse a glória de seus músculos cobrindo-a. Sua proximidade lhe era tão doce que pensou que ia chorar. Depois de alguns minutos, Darius ficou escarranchado sobre ela e afastou as pernas.

—Por que se detêm? —perguntou ela ansiosa, sentando-se para lhe agarrar um pedaço de camisa.

—Não me detenho —sorriu. A luz da lua provocava uma auréola de marfim em seu cabelo e cobria de azul seus ombros.— Deite-se.

Ela obedeceu, sem deixar de observar cada um de seus movimentos. Ele desceu a vista para desfrutar de seu corpo enquanto lhe acariciava braços e seios.

—Mostre-me toda sua beleza — ele sussurrou.

Ela obedeceu. Lentamente, tirou a manga esquerda do braço esquerdo e depois a do direito. Não sem certo rubor, empurrou para baixo o corpete de seu vestido violeta até o estômago enquanto olhava-o fixamente, suplicando clemência com seus olhos.

Ele se introduziu neles e se tirou por sua vez a jaqueta, o lenço e o colete. Por último, tirou pela cabeça a camisa. Inclinou-se e a segurou com suavidade, para que pudesse sentir a maravilha do contato quente das duas peles nuas. Beijou seus lábios lentamente, com deliciosa ternura, sua boca cicatrizada, casta e quente sobre a sua.

Beijou suas faces, suas sobrancelhas, as pestanas, enquanto ela se aninhava na glória de seu corpo unido ao dele. Depois de um último beijo nos lábios, ele se esticou de novo, montando escarranchado sobre ela como antes.

Suando, olhou-o em sua obscura e exótica beleza e pensou nele como em um anjo rebelde que por encanto entrara em seus sonhos para seduzi-la. Darius baixou as mãos, traçando carícias infinitas por sua espinha dorsal, seus quadris e sua cintura. Seus dedos percorreram acima e abaixo o vale de seus seios em uma carícia de veludo.

—Diga-me que sou o primeiro que te toca —sussurrou.

—Claro que é. Estive esperando-o todo este tempo —disse sonhadora.— Sabia que voltaria para mim.

Dirigiu-lhe um sorriso zangado sob a franja.

—Como podia sabê-lo? Não foi nunca minha intenção.

Ela sorriu-lhe contente.

—Sabia.

Inclinou-se e a beijou.

—Diga-me que sou o primeiro que a beija. Que a beija de verdade.

—Sabe que assim é. Sou completamente sua.

Sussurrou seu nome enquanto lhe acariciava o cabelo, depois procurou sua boca. Abraçados o um ao outro, afundaram-se em beijos intermináveis repletos de amor, beijos que não aceitavam mais rechaços. Ela se rendeu enquanto lhe abria a boca e se afundava na dela. Continuando, ela fez o mesmo com ele, uma e outra vez, até que os dois tremeram de desejo.

Então ele se deteve, ofegante, e olhou a seu redor. Agarrou-a nos braços e se levantou, levando-a com ele à cama, onde a depositou suavemente.

—Assim é melhor —ronronou. Deitou-se junto a ela e começou a lhe beijar o mamilo, umedecendo-o pouco a pouco, até que terminou por sugá-lo.

Serafina gritou de prazer, como se um saca-rolha de fogo estivesse extraíndo seu corpo da umidade insistente de sua boca. Com a respiração entrecortada, Darius capturou o seio esquerdo para fazer o mesmo. Parecia não poder decidir qual dos dois preferia, ou se queria os dois ao mesmo tempo.

Parecia frenético de paixão. Sem esquecer sua ferida, ela lhe acariciou a pele sedosa, suas fortes costas e poderosos braços, seus quadris suaves. Não podia deixar de tocá-lo, de acariciar seus poderosos braços, suas costas, de percorrer com os dedos o cabelo negro e brilhante, enquanto ele lhe devorava os seios com selvagens e arrebatadores beijos.

Serafina ouviu gritos de abandono no quarto e se deu conta de que provinham de seus lábios. Darius não parecia notá-los. Febril, devolvia-lhe os beijos por todo o pescoço, e quando voltou a tomar sua boca, viu-o corado, quente, necessitado, seu corpo musculoso e pesado tremendo junto ao dela.

Com uma carícia lenta e deliberada por seu estômago, Darius começou a tocar seus quadris e pernas, abrindo com suavidade suas coxas para poder colocar a mão entre suas pernas. Ela conteve o fôlego e fechou os olhos enquanto o calor da mão dele transpassava a seda de seu vestido.

—Assustada? —sussurrou, deixando que se acostumasse a seu tato.

—N... não.

Darius sorriu meigamente.

—Bem.

A princípio, limitou-se a acariciá-la suavemente com a mão aberta, olhando ao mesmo tempo a expressão de seu rosto. Serafina tremia. Inclinou a cabeça para beijar-lhe o peito de novo e desceu até quase seu tornozelo. Com muita suavidade, passou a mão pelo interior de sua panturrilha até a coxa.

Ela mordeu o lábio inferior, enquanto ele terminava de lhe baixar o vestido.

—Está bem assim? —murmurou.

—Sim, sim —ofegou, o pulso acelerado sob os lábios quando ele dobrou a cabeça para lhe beijar a garganta. Começou a tremer de excitação, e depois dedos acariciaram a carne úmida de seu lugar mais secreto.

Seu gemido se fez mais intenso.

—Está pronta para mim —respirou—, mas quero que fique mais molhada, que goteje. Que não me oculte nada, Serafina. Dê-me todo seu prazer, cada gota dele. —E lhe beijou os lábios castamente enquanto a acariciava sob as saias.

Beijou a comissura de seus lábios, brincando com ela, tornando-a louca ao lhe afastar os lábios com sua língua obrigando-a a abrir a boca e a virar a cabeça para poder beijá-la completamente.

Serafina se afundou sobre as mantas absolutamente em êxtase, arranhando a colcha com as mãos.

Com a cabeça para trás, gemeu sem reparos ao sentir que ele tinha encontrado o lugar preciso onde queria ser tocada.

—Silêncio —sussurrou ele, sorrindo.— Não devem nos ouvir.

—Não posso evitar, é tão maravilhoso —disse, em um ronrono sem sentido.

—Ah, mas só começamos. —Ela se enrolou a seus ombros enquanto ele a penetrava lentamente com dois dedos.

Quando voltou a gemer alto de novo, Darius lhe cobriu amavelmente a boca com sua mão esquerda, enquanto seguia lhe dando prazer com a direita.

—Silêncio, anjo. Vão nos descobrir.

Com os olhos fechados, beijou os dedos da mão que tinha sobre a boca. Lambeu-os tratando assim de mitigar sua necessidade de gritar. Seus ofegos eram de luxúria ao pôr em sua boca a ponta de seu dedo indicador. Ela o beijou e o chupou faminta, enquanto todo seu corpo ondulava de prazer.

—Sim —sussurrou, duro como uma rocha sobre sua coxa.— Muito bem, Serafina.

Acariciando-a por completo, uma e outra vez, dentro e fora, seus quadris se elevaram para afundar-se em uma carícia profunda. Ela se movia ao ritmo de sua mão, selvagem e bárbara, e lhe reclamava um ritmo cada vez mais rápido.

Darius baixou a cabeça e começou a lamber seu mamilo em delicados círculos, enquanto seguia provocando magia entre suas pernas com seus dedos, um trabalho sensual e lento. Fez que perdesse o sentido. Não podia evitar. Estendeu as pernas para ele, arqueando-se involuntariamente ante seu tato perfeito e impecável. Ele tomou seu seio com a boca e o sugou. Ela podia sentir a umidade transbordante de prazer entre suas pernas, e soube então que só Darius poderia provocar uma reação semelhante.

Juntou-se a ele, rodeando-o com seus braços, enquanto ele a penetrava lentamente primeiro com um dedo, depois com dois, até que já não soube o que acontecia.

Estava completamente em suas mãos, e desfrutava disso. Sua mão estava úmida e quente por seus fluidos. Cada um de seus músculos estava preparado para um esplêndido cataclismo que ela ainda desconhecia. Fechou os olhos para concentrar-se em suas sensações, podendo ainda sentir como ele a olhava.

—Deus, é tão formosa —sussurrou.

Ela choramingou seu nome. Abraçou-o com mais força, enquanto lhe devolvia furiosa os beijos e tomava sua boca, acariciando-o com sua língua como ele a tinha ensinado, sedenta dele. O sabor a ele era puro e limpo, esquisitamente masculino. Deixou escapar um suave gemido ao contato de sua doçura.

Continuava sem acreditar que estivesse beijando Darius Santiago.

Era, sem dúvida, o maior acontecimento de sua vida.

De repente, ele se moveu sobre ela, e se deitou de lado, entre suas pernas. Abraçou a si mesmo.

—Toque-me —pediu, ofegante, sua voz trêmula de desejo.

Ela se prestou a obedecer, lhe acariciando o estômago e o peito, mas ele a segurou pelo pulso e, com um sorriso de luxúria, mostrou-lhe que não era exatamente isso o que pedia.

Quando acariciou com a mão o volume de sua masculinidade sob as calças, suas pestanas se abriram para encontrar seu olhar, os lábios abertos por uma alegria de desejo compartilhado. O rosto de Darius parecia duro, de brutal necessidade. Fechou os olhos enquanto lhe acariciava através da roupa e tocava o membro palpitante cuja envergadura era tão grande como a palma de sua mão e tão longo que quase sobressaía pela cintura de suas calças.

Os pequenos e profundos gemidos que escaparam de sua boca alimentaram o desejo de Serafina. Sentiu-se maravilhada pela tensão que suas carícias provocavam em seus quadris. Seu desejo a fez ser descarada.

—Quero vê-lo —sussurrou.

Darius riu sem fôlego, arqueando a cabeça para trás.

—Meu travesso anjo. Não acredito que seja uma boa ideia.

Mas ela havia já começado a desabotoar com cuidado as calças dele.

Seus olhos revoaram com um ardor negro, mas sem tratar de detê-la. Ela deslizou suas mãos entre suas partes, enquanto ele continha a respiração. Olhou-a extasiado: seu rosto finamente esculpido, seus olhos fechados, seus lábios abertos.

Depois, abaixou a cabeça, com a franja caindo de novo sobre os olhos. Com ambas as mãos, Serafina o explorou disposta a lhe dar prazer, muito curiosa para ser tímida. Agora sabia por que era tão viril, pensou. Seu sexo era como um cilindro de aço envolvido no cetim mais fino. Recordou então alguns rumores de palácio, nos quais se dizia que era tremendamente bem dotado.

Incomodava-lhe que soubessem isso dele. Com toda segurança, qualquer das mulheres do palácio saberia o que fazer em um momento como este, pensou com frustração. O homem de seus sonhos jazia em seus braços e ela só tinha umas noções teóricas do que devia fazer para satisfazê-lo.

—Darius?

Ele baixou o olhar.

Olhou-o com frustração, envergonhada por sua ignorância.

—Sinto muito —começou.

A compreensão apareceu em seus olhos.

—Não se desculpe, anjo. Eu gosto de sua inocência. —Com seu sorriso mais terno, inclinou-se para beijá-la e apanhou sua mão com a dele para lhe mostrar onde ficava o centro de seu desejo.

—Mmm, eu gosto muito, Serafina. —Respirou ao retirar sua mão.

Ele deslizou seus dedos por seu cabelo, enquanto Serafina o espremia e acariciava com firmeza, beijando-o no peito de vez em quando e desenhando pequenos círculos com sua língua sobre seus mamilos. Darius gemeu suavemente, envolvendo por sua vez com as mãos seus seios, espremendo seus mamilos levemente com o polegar e o indicador. Quanto mais prazer dava a ela, mais rápido recebia ele as carícias.

Essa aceleração do ritmo pareceu aumentar sua excitação até limites insuspeitados. Jogou para trás a cabeça, revolvendo-se ante suas carícias, seus músculos trabalhando como pura poesia. Depois de uns minutos, segurou seus ombros de repente.

—Não mais. Fará que ejacule como um adolescente. —Seus olhos se cravaram nos dela com um olhar decadente.

—O que quer dizer? —perguntou, com os olhos muito abertos, inclinada sobre seu cotovelo.

Um meio sorriso preguiçoso curvou sua boca.

—Continue fazendo isso e descobrirá.

—Talvez o faça. —Como prova disso, espremeu seu membro com mais força.

Com um leve ofegar, Darius mordeu o lábio e fechou os olhos.

—É impossível, Serafina. É muito, muito boa.

—Obrigado. —Apertou-o com as duas mãos, encantada de ver como se intensificava o olhar de paixão em seu rosto. Sorriu para si, com uma sensação de

maravilhosa libertinagem. Queria que ele se sentisse tão intoxicado e perdido de prazer como ela se sentia.

Darius arranhou seu ombro, rebelando-se a suas mãos e empurrando seus quadris junto a ela.

—Oh, Deus, perdi o controle com você —gemeu.— Serafina, isto é uma tortura. Isto foi mais longe do que tinha pretendido a princípio. Temos que parar.

—Shhh —sussurrou ela, enquanto seguia acariciando-o.

—Quero estar dentro com você —disse, com inesperada urgência. Suas mãos tremiam ao tirar as calças.

—Ai, Deus! —Serafina ficou impressionada ao ver seu membro palpitante e quente contra ela, e depois se ruborizou ao sentir que Darius recolhia seu brilhante fluido com os dedos e cobria com ele a dureza de seu sexo. Ao baixar os olhos para olhar, tremeu ao ver que com sua mão molhava uma e outra vez sua masculinidade.

Com ele em cima, ela tremeu ao notar como a carne de seu membro deslizava erguida entre suas pernas.

Darius gritou de prazer. Ela arqueou as costas. Ele pressionou.

Seu coração pulsava com força.

—Deus, como a desejo.

—Sim —disse ela.

—Não posso suportar —respirou.— Preciso estar dentro de você.

—Por favor —gemeu.

—Não diga que sim. Ah, Deus, Serafina. Isto é horrível.

Ela queria ajudá-lo. Em um ato instintivo de puro erotismo, desceu um pouco e lhe acariciou, sustentando seu membro erguido e úmido, junto às suas pernas.

—Não, não! —sussurrou. Retirou-se, detendo-a com desespero, olhando-a assombrado e selvagem.— Não podemos fazer isto. Não podemos. Não o farei.

—Por que não?

—Não, Serafina. Não!

—Vamos. Só fingiremos.

Ela a olhou como se quisesse devorá-la.

Serafina se deitou de lado, apertou-o com a palma da mão e começou a mover-se lentamente contra ele, erguendo os quadris para montar acima e abaixo o extremo curvo de seu pênis. Espremeu-o ritmicamente com a mão todo o tempo, lhe dando prazer e entregando-se a ela, esfregando sua carne dura justo onde ela queria, deixando que o corpo dele a guiasse.

—É incrível.

O tempo passou. Estavam frenéticos um com o outro. O corpo da Serafina era uma chama de fogo enredado nele, uma chama que o consumia. Respirou em busca de um

pouco de ar, como uma chama faminta, e depois de alguns minutos mais, deteve-se e olhou-o com uma repentina e insuportável frustração, sem saber o que queria.

—O que acontece, anjo?

Ela estava a ponto de chorar.

—Por favor, Darius, faça que pare.

—Ah, minha pobre menina. Sim, acredito que é o momento. —Ele ficou de lado e se deitou junto a ela. Ficou olhando-o fixamente, angustiada, enquanto ele a segurava de novo em seus braços.

—Deve me ajudar, estou ficando louca.

Darius riu com suavidade e deslizou sua mão direita sobre seu quadril, ao mesmo tempo em que lhe beijava a orelha.

—Recuperar-se-á, prometo-lhe.

Ela gemeu apenas, arranhando com os dedos a manta da cama e curvando seu corpo ao sentir a mão dele entre suas pernas, empurrando tão profundamente que lhe doía. Suas carícias eram muito suaves.

—O que ocorrerá, Darius?

—Já verá. Você gostará, prometo-lhe. —E beijou com ansiedade seu rosto.

Rodeou-o com seus braços e se segurou a ele, com o coração pulsando de maneira incontrolável e todo seu corpo rígido.

—Ah, Serafina, é tão formosa e boa —murmurou com voz rouca enquanto introduzia seus dedos com suavidade, dentro e fora, às cegas, desenhando círculos fantásticos em seu centro com o polegar.

Ela gemia sem remédio e se retorcia sob suas carícias.

—Está bem, anjo, deixa que saia. Deixa que saia tudo, dê-me isso .

Arranhou-o com fúria, em um grito abafado, enquanto as explosões de prazer contido saíam por seu corpo, liberadas por fim do centro de sua feminilidade.

A respiração de Darius estava junto a seu ouvido.

A luz parecia atravessar seus membros, percorrer suas terminações nervosas, envolver seu corpo de sensações que pareciam não ter fim e que cegavam as cores na escuridão sob suas pestanas. Sentia-se como se fosse morrer e então, repentinamente, ficou sem forças em seus braços, respirando com dificuldade pelas resposta de prazer.

Antes que pudesse compreender bem o que lhe tinha acontecido, Darius se inclinou para ela e a beijou com ardente desejo.

Tomou em suas mãos e se abraçou a ela, e desta vez soube o que lhe pedia. Sua mão guiou as suas com raivosa e urgente insistência. Depois se afundou ao seu lado, de barriga para cima, perdido por completo em suas ordens. O poder que parecia ter sobre este magnífico homem a sobressaltava. Sentiu como crescia sua dureza e acelerava seu pulso, retorcia-se uma e outra vez, os músculos de seu corpo ondulando-se a seu contato. Agarrou-lhe o ombro com tal força que pensou ia deixar hematomas. Atraiu-a para si,

frenético, em busca de um beijo. Ofegou com os olhos fechados, com uma expressão em seu rosto de dor erótica.

—Não se detenha —gemeu em um gesto de impotência.

Acariciou-o, concentrada por completo em lhe dar prazer, quando de repente ele emitiu um angustiado grito de alívio, e ela um gemido bárbaro de triunfo. Seus quadris se elevaram; ele era como o aço em sua mão ao descarregar a quente glória de seu sêmen. Um sêmen que regou a jorros a firmeza de seu ventre plano.

Observou-o, hipnotizada. Seu corpo ficou completamente rígido, e depois relaxou e afrouxou ao descarregar toda a tensão acumulada. Ficou deitado na cama, exausto, resfolegando, com uma expressão de contentamento completo.

Olhou-o fascinada.

Cobriu a fronte com o antebraço e, sem deixar de ofegar levemente, abriu as pestanas e a olhou sob seu braço. Riu um pouco ao vê-la, ou possivelmente riu de si mesmo, os olhos de ônix brilhavam como estrelas de prata.

"Bom, devo tê-lo feito bem", pensou.

Acariciou-lhe distraído o joelho.

—Onde estou? —murmurou, enjoado por um momento.

—Em suas férias rurais —sussurrou Serafina, com um brilho brincalhão nos olhos.

Capítulo 10

Um pouco mais tarde, banharam-se juntos à luz das velas. Darius atrás dela, Serafina sentada entre suas pernas, suas costas apoiada contra seu peito com luxuriosa indolência. Ensaboava-lhe o braço enquanto ela esfregava seu pé distraída sob a água morna. Mal falavam, comunicando-se com a silenciosa e erótica linguagem das carícias.

Depois do banho, Serafina mandou pedir um lanche a meia noite composto de fatias de carne fria, queijo, pão e vinho. A essas alturas, todos os criados da casa sabiam o que estava se passando, assim deixaram de fingir o contrário. Deitados ociosamente na cama com seus roupões, jantaram como se fosse um picnic oferecendo-se de vez em quando algum bocado um ao outro.

Convenceu-o para que lhe falasse de suas viagens a terras longínquas. Sem deixar de escutá-lo, Serafina retirou a bandeja da cama. Darius fumava um charuto apoiado na cabeceira, e com um joelho dobrado, começou a lhe contar sobre a época em que treinou as tropas de Paxá Ali nas amplas e solitárias montanhas de Janina.

Serafina se levantou um momento para pegar o pente de prata e voltou a sentar-se na cama, com as pernas cruzadas, junto a ele. Começou a escovar o cabelo enquanto escutava-o, fascinada pela complexidade, inteligência, intensidade e ironia do homem que se escondia sob a máscara arrogante de Santiago. Depois de um momento, começou a perder o fio da conversa, e se limitou a olhá-la fixamente, como hipnotizado.

—O que acontece?

—Sinto-me mais a vontade com você do que jamais me senti com alguém em minha vida.

Sorriu-lhe, comovida.

—E isso o surpreende?

Depositou pensativamente o charuto no cinzeiro.

—Não, mas é diferente de como pensei que seria.

—A que se refere?

—Não posso explicar.

—Melhor? Pior?

—Mais forte —disse— e, entretanto, mais brando. —Depois apertou o charuto para apagá-lo e pôs o cinzeiro no chão, junto à cama. Aproximou-se dela, lhe tirando a escova das mãos.

—Vire-se.

Maravilhada, obedeceu. Então começou a lhe escovar o cabelo da maneira mais terna.

"É o homem mais doce e terno que jamais conheci", pensou enquanto fechava os olhos, relaxada. Darius mostrou o maior cuidado para não lhe dar puxões, separando com paciência cada uma das mechas.

—Posso lhe perguntar algo, Serafina?

—Tudo. O que quiser.

Guardou um silêncio pensativo durante um momento. Serafina riu para si ao ver como lutava contra o acanhamento.

—Sim? —animou-o

—Não consigo entender o que viu em mim.

Ela se voltou e olhou-o, surpreendida.

—Não consegue?

Ele a olhou sem poder falar, seus olhos cheios de emoção e vulnerabilidade. Seu assombro se transformou em ternura. Acariciou-lhe a face.

—Sim, precisa ouvir, não é, amor?

Ele baixou a cabeça, como se sentisse envergonhado.

Ela voltou a acariciá-lo.

—Está bem, Darius. Estarei encantada de lhe dizer isso, mas vai levar um tempo.

—Sorrii levemente.— Tenho muitas razões.

Deu-lhe as costas outra vez, e ele tratou de voltar a escovar seu cabelo, embora sem perder a atenção no que ia dizer. Assim ela podia senti-lo. Serafina fechou os olhos, sentindo-se muito protetora com ele.

—Eu adoro que escolha fechar os olhos ante os enganos das pessoas de quem gosta. É incrivelmente leal e desinteressado e generoso —disse lentamente.— Tem um grande sentido de honra e justiça. Tem uma mente, que bem utilizada, é brilhante. De fato, é uma sorte para o mundo que seja um bom homem, porque podia ter sido um criminoso em lugar do valente e maravilhoso herói que é. —Suspirou, abraçando os joelhos com os braços.— É claro, é muito bonito e beija maravilhosamente, mas não falaremos disso —disse, com picardia.— Ah, e pode ser muito divertido! Como eu gostaria de vê-lo baixando a vaidade a algumas dessas presunçosas da corte com sua fria e cruel ironia! Mas se algum pobre necessitado é desafiado, sempre irá resgatá-lo.

Darius a escutava em silêncio, passando a escova por seu cabelo com grandes movimentos.

—Parece-me muito terno ver a maneira como adota esses cadetes impossíveis da academia militar e trata de lhes imprimir um pouco de coragem; não posso esquecer a coragem, uma de suas qualidades favoritas. É um exemplo para muitos desses jovens e, entretanto, nunca lhe subiu à cabeça —refletiu.— Eu adoro que evite as brigas com homens estúpidos e presunçosos que certamente não poderiam vencê-lo. Acredito que é estupendo que sempre tenha uma resposta sábia para tudo. Ah, e uma de minhas coisas favoritas é que, aconteça o que acontecer, você sempre, sempre, tem um plano. Eu adoro que seja sempre dessas pessoas tímidas, Darius? —perguntou de repente, ao notar seu silêncio.

Ela se virou para olhá-lo e o achou com a cabeça baixa e os ombros caídos.

—Querido? —E lhe ergueu o queixo com os dedos.

Seus olhos estavam cheios de emoção, seu olhar severo, parecia muito desgraçado.

—Querido, o que lhe passa? Disse algo de ruim?

Era como se não pudesse falar.

Ela esperou, lhe afastando a franja do rosto.

—Ninguém me havia dito nada assim antes —disse com um sussurro entrecortado.

—Posso continuar.— disse com ternura.

—Por favor, não. Não poderia suportar.

—Darius, querido, me escute. —Pegou-lhe o rosto com delicadeza entre suas mãos.— Como é possível que não saiba destas coisas? É por isso que exige tanto de si? Duvida do que vale? É por isso que tem que trabalhar dez vezes mais que os outros homens, e correr todos os perigos sozinho, e mesmo assim não se alimentar bem, para alcançar algum tipo de perfeição ideal? Sim, também sei sobre isto, assim não tente negar.

Dirigiu-lhe um olhar de desesperança.

—Querido, não tem que provar nada. Por que tem que ser perfeito?

—Não sou perfeito. —Tentou afastar-se, mas ela não deixou e ele não lutou. Ficou ali sentado e fechou os olhos um momento, com a mandíbula apertada em um ângulo teimoso—, nem sequer me aproximo.

Doída por sua confissão, inclinou-se para ele e lhe beijou na testa.

—Está equivocado, Darius. Escute-me: é suficientemente bom. É perfeito tal como é.

Retirou o rosto, impaciente.

—É— —insistiu Serafina—, deixe todos esses esforços já, querido. Dê-se um tempo para se recuperar, sim? Fará isso por mim?

Ele a olhou estranhando.

—Por você?

Ela se aventurou a sorrir.

—Não terei que me aproveitar de meu status, não é verdade?

Sua cautela deu passagem a um sorriso amargo. Lentamente, negou com a cabeça.

"Quero-o", pensou Serafina, lhe devolvendo o olhar com um sorriso nos lábios e uma lágrima nos olhos. Levantou a mão e afastou a franja de seus olhos.

—Tem sono?

Assentiu.

—Venha. —Apagou a vela e se agasalhou com o cobertor, estendendo os braços para ele para que se aproximasse.

Darius se deitou de barriga para baixo com o rosto virado para ela, o braço direito sobre sua barriga e os dedos descansando na dobra de seu cotovelo esquerdo.

Ficaram em silêncio.

Ele a olhava na escuridão. Ela acariciava seu pesado braço.

—No que pensa? —perguntou-lhe.

—No dia de hoje.

—O que se passou hoje?

—Sou feliz —disse, como saboreando as palavras, que ressoavam estranhas em sua língua.

Ela sorriu.

—Esta calidez —sussurrou.— Nunca tinha conhecido nada parecido em minha vida. Não pode haver um presente melhor que o estar com você desta maneira. Obrigado por este dia. Obrigado pelo que me disse. —moveu-se para ela e a beijou na boca lentamente. Depois deixou cair à cabeça sobre seu peito e se dispôs a dormir, agarrando com a mão uma mecha de seu cabelo, para assegurar-se de que não se afastaria dele durante a noite.

Com os olhos fechados, Serafina embalou o rosto contra seu cabelo, amando-o, inundada de um terno sentimento protetor por ele. Fechou os olhos e suspirou.

"É meu", pensou. Rodeou-o com os braços e se abandonou ao sono.

Darius despertou com a luz cinza pérola do amanhecer e soube que na noite anterior todo seu mundo tinha mudado. O aroma da pele dela enchia seu nariz, a brandura de seu corpo amortecia sua cabeça. Ela seguia dormindo, com seu esbelto braço ainda ao redor de seu pescoço.

Darius levantou a pesada cabeça de seu peito e a olhou, perdido profundamente nela. Observou sua pele nua, como uma pérola a meia luz, seus elegantes ombros brancos. O penhoar jazia como uma montanha de seda azul no chão, junto à cama, porque lhe tinha sido impossível dormir toda a noite a seu lado sem acariciar a maravilha de sua pele, sem cobri-la de beijos e carícias, sem ouvir seus gritos de prazer.

Cachos negros como o azeviche se espalhavam por todo o travesseiro em luxuriosa despreocupação. Seus lábios carnudos e frutuoso se abriam levemente, em uma respiração constante e lenta. A calidez dos lençóis brancos que cheiravam a sexo formavam redemoinhos à altura de seus quadris, como o traje preferido pelos deuses do Olimpo.

Darius fechou os olhos para saborear a memória de sua entrega, e lhe beijou delicadamente a pele, apoiando sua cabeça sobre seu ventre. Era o momento mais plácido de sua vida.

Em algum lugar longínquo da casa, podia sentir o barulho dos criados. Podia cheirar o café da manhã recém-feito e ouvir seus homens na mudança da guarda:

Os guardas de noite se retiravam a seus barracões e os de dia tomavam posições. Seu primeiro impulso foi levantar-se e seguir o regime ao qual estava habituado:

Lavar-se, vestir-se, passar em revista o esquadrão, exercitar o cavalo, praticar até a hora do café da manhã, comer e planejar o resto do dia. Mas a noite anterior tinha tomado à decisão de explorar outro tipo de vida enquanto ainda tivesse tempo.

A esperança, pensou, era algo perigoso. Inclusive agora lhe sussurrava que se pudesse atirar em Napoleão e escapar de Milão, seria sem dúvida nenhuma muito valioso para Serafina.

Seria um herói para o mundo. Toda a Europa o aclamaria. Poderia olhar Lazar nos olhos e lhe pedir a mão de sua filha.

A esperança ignorava o fato de que as possibilidades de sobreviver eram nulas.

Sem fazer caso a tudo isto, seu coração se encorajou com os sonhos que durante anos se negara a admitir. Compraria uma excelente propriedade junto ao mar nos arredores de Belfort. Construiria ali, no topo da colina, uma vila de elegância simples, de acordo com seus gostos, com telhas vermelhas, passeios com arcadas, fontes, jardins enormes e um barracão para seus animais. Comprar-lhe-ia vestidos e a deixaria celebrar festas, embora para isso tivesse que ver toda essas pessoas artificiais que tanto desprezava, só para poder vê-la brilhar. E no momento no qual estivesse preparado para compartilhá-la, dar-lhe-ia um filho.

Com amargura, levantou a cabeça de novo para olhá-la, tão suave, tão frágil e ao mesmo tempo tão teimosa e encantadora, tão generosa, tudo o que necessitava.

Como tinha podido viver sem ela tanto tempo?

Seguiu melancólico com o olhar as intrincadas espirais de um cacho de marta zibelina⁴ que caía sobre seus ombros e cobria seu peito, uma espiral de seda negra sobre sua pele de flor branca. Tinha as pestanas mais longas que jamais tinha visto. Umas pequenas e suaves íris azuis adornavam suas pálpebras e sua delicada pele era tão branca e tão suave como as pétalas de uma camélia.

Sua beleza o mergulhou ainda mais em seus pensamentos.

Mal-humorado, rodou para deitar-se de lado junto a ela, apoiando-se com um cotovelo sobre o travesseiro. Observou seu sonho com uma mescla insuportável de adoração e desespero, embora logo seu coração se iluminasse ao ver a leve sombra de um sorriso na comissura de seus lábios.

Pequena diabinha, o que estaria sonhando? Perguntou-se em terna adoração.

O sorriso se dissipou, para reaparecer um momento depois com uma sonora gargalhada que conseguiu despertá-la.

Quando se deu conta de que despertara com sua própria risada, Serafina riu ainda mais forte. Abriu seus olhos violetas e não pareceu surpreender-se de ver ao seu lado o assassino do rei que a olhava com adoração e ternura.

—Deve contar-me.— grunhiu Darius.

⁴ Mustelídeo cuja pelagem é usada em agasalhos. Marta da Sibéria e do Japão, de pele belíssima.

Tinha uma voz preguiçosa de recém-desperto, mais condescendente que nunca.

—Era um sonho tão divertido! Sonhava com você! Espere, me beije primeiro. — Rodeou-o com os braços e deu-lhe um beijo nos lábios, estirando seu magro e flexível corpo contra ele. Depois, abraçou-o calidamente.— Mmm, Darius, faz-me sentir tão bem.

Ele a recolheu em seus braços e a fez virar até colocá-la em cima. Seus cachos pendiam rodeando como cascatas de pele de zibelina. Adorava a maneira como sentia seu pouco peso sobre ele, seus seios pressionando o seu, suas coxas escarranchadas sobre seus quadris. Percorreu com as mãos dos ombros até a curva de suas costas até o princípio de suas nádegas, e ali se deteve para contê-las com ambas as mãos.

—O que dizia? —perguntou educado, com seu membro vivo, preparado como uma rocha.

—Outra vez com vontade de brincar, coronel? —Fez uma careta, sorrindo com seus olhos violetas.

Refreou seu desejo em um ato de vontade, os braços dobrados sob a cabeça.

—Quero que me diga o que estava sonhando sobre mim para que a tenha feito rir desse modo.

Com um sorriso brincalhão, moveu-se para cima, de joelhos em sua cintura. Bocejou e se estirou comodamente, mostrando-se nua com total naturalidade ante ele.

Darius observou seus seios erguidos e a finura de sua cintura, mesmo que não fosse sua intenção mostrá-lo.

Afastou o cabelo com um movimento de cabeça e o deixou ver em toda sua plenitude seu delicioso corpo. Depois ela atou a cabeleira com uma longa e sedosa fita negra, em um coque sobre a cabeça. Alguns caracóis rebeldes, emoldurando com suavidade a delicada escultura de seu rosto.

—Sonhava com a primeira vez que foi atribuído para proteger a casa real, para nos proteger a meu irmão e a mim. Recorda esses dias, Darius? Você devia ter quantos anos, dezoito?

Ele piscou.

—Faz com que me sinta velho, menina.

—É velho.

Ele franziu o cenho. Riu e se inclinou para beijá-la.

—Ah, vamos, era uma brincadeira. —Assim o esperou ele, porque com seus trinta e quatro, era quatorze anos mais velho que ela.

—Que medo lhe tinha! —continuou.— Tão estirado e tão sério! Tão digno!

—Bom, claro. Sentia-me envergonhado de que um valente guerreiro como eu fosse atribuído como babá real —disse.

Ela riu.

—Sonhava com a primeira vez que apareceu na creche. Nunca tinha tido tanto medo em minha vida como até então.

—De mim?

—Ai! —exclamou, soltando de novo o cabelo para permitir que lhe caísse pelos ombros.— Esses olhos negros selvagens, com o cenho franzido, entrou quando estava em meio de uma de minhas manhas.

—Recordo. Tinha se atirado ao chão. Cada vez que sua babá tentava agarrá-la, fazia que seu corpo ficasse mole.

—Como um espaguete —concluiu.

—Para que quem quisesse movê-la dali, tivesse que te arrastar.

—Ninguém se atrevia a me arrastar —indicou.— Era um pequeno monstro malcriado.

—Malcriado não —disse amavelmente.— Só teimosa. E infeliz. Além disso, fosse o que fosse que protestasse, tinha batido a cabeça contra o chão ao se atirar.

Por isso é que estava chorando.

—Todo mundo queria me enrolar: "Ah, vamos princesa, o que é o que quer? Diga-nos o que quer, mas deixa de chorar!". E eu pensava: "Quero a minha mamãe, mas ela tem coisas mais importantes que fazer, como salvar o mundo. Quero a meu papai, mas ele sempre está ocupado. Se quero ver algum dos dois, tem que ser nas horas de visita estipuladas, e tenho que me comportar da melhor maneira. Odeio às babás. Não há no mundo ninguém que eu goste!".

Darius sacudiu a cabeça e a olhou com um meio sorriso.

—Estou chutando e golpeando o chão. Meu irmão pequeno —a quem detesto— está choramingando em algum lugar próximo. Dez adultos, esgotados comigo, suplicam-me, e então vejo essas botas negras brilhantes com esporas. Elevo meu pescoço mais e mais, sentindo um frio sinistro sobre mim.

Ele riu, os olhos brilhantes, e a olhou com suas longas pestanas negras.

—Lembra-se do que me disse, você, animal selvagem?

—Que ia lhe dar um puxão de orelhas?

Ela negou com a cabeça.

—Pior. Chamou-me bebê e me disse que estava fazendo ridículo diante de todos. Odiei-o com todas minhas forças —declarou, e depois sorriu—, durante uns cinco minutos. Desfez-se da preceptora com um de seus grunhidos: "Saia daqui!", disse-lhe, como se a açoitasse com a voz. Eu me disse: "Bem, ao menos este tem cérebro".

Fez-me fazer tudo o que queria que fizesse, como comer a comida em lugar de pintar com ela as paredes da creche. Mas sabe o que? Sempre que estava ao meu lado, sentia-me mais tranquila. Estranho... — Fez uma careta e lhe dirigiu um olhar travesso.

Inclinou-se e lhe rodeou o pescoço com os braços.

—Porque quando estou com você agora, tranquilidade é a última coisa que sinto. Não — acariciou-lhe o peito nu—, devo confessar que sinto o estado mais intenso de excitação. —E então lhe deu com decisão um beijo nos lábios.

As mãos de Darius modelaram a curva da parte inferior de suas costas, e sua excitação, adormecida de forma temporária, respondeu imediatamente. Estava preparado para ela em um segundo, o sangue ardendo. Acariciou suas coxas escarranchadas em seus quadris, perguntando-se se estava pedindo mais jogo amoroso ou se devia dar um descanso à garota. Ela respondeu com um doce som de prazer a suas carícias.

Comovido por sua inocência, deslizou a mão por sua nuca e a beijou, perguntando-se quanto tempo mais poderia continuar desta maneira. A necessidade de deitá-la debaixo dele e afundar-se nela era mais do que podia suportar.

Ela terminou o beijo com outro pequeno suspiro de felicidade e apoiou a cabeça em seu peito enquanto lhe acariciava os bíceps. Darius lhe deu um beijo na cabeça e moveu seus braços para rodeá-la e acariciar com os dedos suas sedosas costas.

—E o que tem sua infância, Darius? —perguntou por fim. — Como foi?

Pôde sentir como a carícia em suas costas se congelava. Todo seu corpo ficou tenso. Não podia ter encontrado uma maneira melhor de refrear seus impulsos.

Serafina levantou o rosto de seu peito e olhou-o com tranquilidade e penetrante inteligência, como se já tivesse deduzido que tinha sido horrível.

"Horrível."

Quando Darius recuperou a voz, esta saiu um pouco rouca.

—Não estraguemos o dia. —Forçou uma falsa e dolorosa careta que tentava ser um sorriso.

Ela pestanejou lentamente, os olhos ainda adormecidos, e procurou seu rosto com um olhar de compaixão. Assentiu com a cabeça e lhe acariciou a face com os dedos.

—Está bem, Darius. Está bem.

Seus olhos recaíram na cicatriz de sua boca e ele pensou, aterrorizado:

"Não, não me pergunte."

Serafina conteve a respiração para falar. Não lhe deu a mínima oportunidade:

—Então, o que quer que façamos hoje? —perguntou com suavidade. Emitindo um grunhido brincalhão, afastou-a e ficou em pé, com os joelhos tremendo ao saltar fora da cama e começar a vestir-se.

Ao ver que tinham passado dois ou três minutos e ainda não lhe tinha respondido, virou-se. Seu forçado sorriso desapareceu ao ver que lhe olhava fixamente.

Ainda na cama, ficou de lado e apoiou a cabeça sobre a mão. Procurou algo que dizer.

—Quanto lhe vai custar confiar em mim? —perguntou-lhe docemente.

Ele a olhou desconcertado, o coração pulsava cada vez mais depressa. Por fim, moveu a cabeça.

—Sinto muito, não posso evitar.

Ela assentiu, buscando-o com os olhos.

—Tudo bem. —Sentou-se e estendeu os braços para ele. — Venha aqui. Deixa que veja os pontos antes que ponha a camisa.

Terminou de abotoar os botões das calças e caminhou para ela, sentando-se na beira da cama. Serafina examinou seu trabalho. Ele estava tenso, quase sem escutar o que ela dizia sobre o bom aspecto que tinham os pontos e quão bem estavam sarando.

Sentada junto a ele, assustou-o ao abraçá-lo e espremer contra seu peito. Tenso, preparou-se para a discussão, sabendo com cada átomo de seu corpo que em qualquer momento ela perguntaria o que estava acontecendo com ele.

Certamente, ela estaria procurando a forma de perguntar-lhe. Estava certo disso. Tinha passado por isso milhares de vezes: "*Como fez essa cicatriz?*". Todas as malditas mulheres que tinha conhecido tinham querido dissecá-lo.

—Darius? —murmurou.

—Sim? —disse tenso, as defesas em alerta máximo. "*Maldita seja, confiava em você*".

—Vamos soltar pipas.

—O que? —voltou-se e a olhou fixamente.

—Recorda aquelas pipas chinesas que me trouxe uma vez no Natal? Ainda as tenho! —disse alegremente. — trouxe-as. —E o beijou na face. — Vamos, será divertido.

Continuou falando animadamente, mas ele não podia escutá-la, absorto em contemplá-la, como se suspeitasse algo dela. Algo muito estranho estava se passando.

Um pouco mais tarde, brincavam de correr como crianças pelo campo, rodeados de flores e mariposas, sob um grande céu azul.

Darius não estava certo do que estava se passando com ele. Os laços amarelos do chapéu de palha de Serafina ondeavam ao vento lhe tampando o rosto, como se zombasse dele por querer persegui-la. Com a cesta do picnic em sua mão direita e a manta dobrada sob seu braço esquerdo, tinha a estranha sensação de fazer parte de algum sonho maravilhoso.

Alguns acres mais à frente, na base de uma colina longínqua, mas ainda dentro dos muros do recinto, encontraram um grande lago cuja superfície cristalina reluzia no meio do verde da grama circundante.

—Ai, Darius, é maravilhoso!

—Encontrei-o ontem, quando saí para buscá-la. —Deslumbrado pelo sol, lançou uma olhada aos arredores com o olhar em busca de alguma ameaça, e então recordou a si mesmo que era pleno dia e que tinha vinte homens vigiando o muro.

"*Relaxe, pelo amor de Deus*", disse-se a si mesmo, enquanto dirigia a Serafina uma careta preguiçosa. — Vamos.

Cruzaram a esplanada.

O capim chegava aos joelhos, e as flores silvestres se espalhavam como estrelas: amarelas, brancas e vermelhas. Os insetos cantavam desafinados, e aqui e acolá se viam os

saltos dos gafanhotos avançando em direção desconhecida. Encontraram um lugar à sombra, sob um enorme olmo. Darius estendeu a manta, abrindo-a de um golpe com eficiência militar. Deixaram a cesta de comida em cima e foram soltar pipas.

Eram tão formosas contra o céu azulado, engalanadas com suas caudas de cores que subiam e desciam por efeito do vento!

Darius se esqueceu de tudo, sobressaltado ao ver a alegria no rosto de Serafina. Não teve mais remédio que agradá-la quando lhe pediu que fizesse correr a pipa pela superfície da água, como uma águia em busca de peixe. Ao ver seus resultados, encorajou-se e terminou por voá-la cada vez mais perto da água, até que finalmente se afundou no lago.

Serafina ria com a cabeça para trás, enquanto ele olhava o brinquedo quebrado, com expressão consternada. A pipa flutuava na superfície da água como um bufão de cores afogado.

Puxou o fio e foi movendo-a lentamente para a borda. Serafina a indicou com o dedo, sem deixar de rir:

—Vá procurá-la, Santiago.

Com um grunhido pouco ameaçador arregaçou a camisa e as calças e tirou as botas. Ela seguia ainda rindo quando ele endireitou suas costas e partiu, decidido, para o lago.

Serafina ajudou Darius a tirar da água a pipa e enquanto ele ia deitar-se na grama para secar-se, ela voltou para a manta e começou a preparar a comida, sentada com os pés descalços sob suas nádegas. O que tinham para comer se parecia muito ao que tinham tomado a noite anterior: fatias de carne e queijo, uvas, uma maravilhosa fogaça de pão e vinho, entretanto, ela sentiu que nunca tinha provado nada tão delicioso.

Em alguns minutos, Darius se uniu a ela, descalço sobre a grama, e com as botas negras lhe pendendo dos ombros.

—Olá, bonito — sorriu-lhe coquete.

O olhar de Darius era muito compungido. Ela viu que se ajoelhava na manta e tirava de seu saco de pele uma cópia desgastada de seu livro favorito, Dom Quixote.

Darius lhe ofereceu o livro.

—Leia-o para mim. Qualquer página, não me importa.

Ela pegou o livro, mudou as pernas de posição e se sentou na manta. Ele se deitou apoiado sobre os cotovelos e olhou a seu redor como se não pudesse decidir a melhor postura. Sorriu e o convidou a apoiar a cabeça em seu regaço.

Arqueou uma sobrancelha.

—Tentador.

—A melhor cadeira da casa.

Aproximou-se dela de gatas e se deitou de barriga para cima, fazendo descansar a cabeça em seu regaço, uma de suas longas pernas estirada e a outra dobrada.

Uma vez encontrada a postura, deixou escapar um grande suspiro de satisfação.

— É muito cômoda.

Ela sorriu em seu interior e abriu o livro.

Darius comia queijo e uvas enquanto ela bebia vinho e lia em voz alta. Com uma mão, Serafina brincava com a franja de sua testa e acariciava de vez em quando seu peito nu, de onde pendia a medalha da virgem que lhe tinha dado.

Por sua vez, Darius enredava uma mecha de seu cabelo ao redor do dedo, o rosto coberto em seu regaço. Depois de um momento, ela sentiu que o puxão de sua mecha tinha cessado. Baixou a vista para olhá-lo e viu que adormecera.

Soltou o livro e o olhou emocionada. Sua beleza, essa confiança que tinha depositado nela, ele; o espião, o assassino, que não confiava em ninguém. Nesta tarde mágica, sentia-se como se tivesse capturado um unicórnio. Sim, pensou convencida, um garanhão de unicórnio com uns enormes olhos castanhos.

Então pensou que logo teria que deixá-lo partir e lhe deu vontade de chorar. Afastou este pensamento de sua cabeça com violência. O futuro não existia aqui.

Só eram eles e o presente. Arrancou uma fibra de capim e roçou com ela a face bronzeada.

—Tem uma aranha —sussurrou.

—Mmm, não —murmurou com os olhos fechados.— Só é você, chata.

Ela sorriu e puxou a grama. Continuando, pôs de barriga para baixo o livro manuseado. Começou a acariciar seu peito e seu ventre através de sua camisa, enquanto olhava com ardor seu rosto, como se lutasse contra todas suas incertezas.

Darius abriu os olhos.

—O que tem, mariposa?

—Ah, Darius. —Acariciou com as duas mãos sua cabeça, inclinou-se para ele e lhe beijou na testa. Ficou assim durante uns minutos, segurando-o, com os olhos fechados—, é tão doce, quero que seja todo meu.

Sua risada foi suave como um suspiro.

—De acordo.

—Eu gostaria que nunca tivéssemos que partir. Darius, por que nunca conseguimos o que desejamos?

Rodeou-lhe a face com a mão.

—Assim é a vida. Não esteja triste. É muito formosa para sentir.

—Não posso deixar de pensar nisso.

—Dê-me um beijo —sussurrou enquanto lhe rodeava a nuca com suas mãos.

Assim o fez.

Ele tinha razão. O beijo fez que se desvanecessem todos seus temores. Suspirou. Derreteu-se em seus braços. Afundou-se em seus beijos sedentos. Ele a rodeou com seus braços e a empurrou sobre a manta para lhe fazer esquecer tudo.

Durante os três dias que seguiram não se separaram um do outro nem um só instante.

Era como se da distância, Darius observasse ao homem de confiança do rei, exposto ao desastre sem que conseguisse se importar. Saboreava o descanso pela primeira vez em sua vida, uma doçura tão profunda como duradoura, o final a um estado constante e exaustivo de vigilância, uma relaxação do punho de ferro que tinha praticado durante anos para sua própria sobrevivência.

Serafina abraçava-o como se fosse um de seus animais. Embora lhe seguisse o jogo como se sempre o tivesse feito, o certo é que cada minuto de sua atenção era para ele motivo de felicidade, a doce alegria com a qual consentia era para ele uma oportunidade que nunca tinha acreditado merecer.

Só ao ouvi-la pronunciar seu nome na casa, já se sentia profundamente emocionado.

Por incrível que parecesse, tanta alegria a fazia ainda mais formosa, e Darius se surpreendia, até fazê-lo quase perder o fôlego, que pudesse ser ele, um cigano bastardo, a causa de tal felicidade. Podia vê-la como um animal meio selvagem, e se maravilhava da maneira em que o domesticava. No mais profundo, ele sentia que esta mulher era a resposta a todas as necessidades que tinha tido, inclusive aquelas que por não ter conseguido depois de muitos anos, tinha terminado por abandonar.

Ela absorvia cada partícula de sua atenção. Era como um menino junto a ela, absorto por suas risadas e seus sorrisos, suas maravilhosas carícias. Um homem que se deixava envolver por seu amor como se fosse uma manta cálida no frio inverno. Deixou-se alimentar por seus inocentes beijos que se tornaram tão frequentes que avivavam seu desejo, e ao mesmo tempo, a sensação de que estes beijos castos e sagrados eram um laço que nunca os abandonariam.

Ignoravam o futuro e nenhum dos dois se atrevia a falar em voz alta sobre o que os dois sonhavam: que isto era para sempre, que esta casa decadente de paredes amarelas era sua.

Que ele era seu marido.

Que ela era sua mulher.

Sabia que era absurdo. Mas não se importava. Sabia que ia doer muitíssimo depois, mas não se importava. Brincavam como crianças uma realidade que não poderia ser nunca, enganados pelo fácil que era esquecer que um mundo dividido pela guerra existia mais à frente do muro que os protegia.

Darius não se ocupou do trabalho pendente, à exceção de atender alguma correspondência do procurador de sua propriedade na Espanha. Escreveu ao homem lhe dando instruções da cama, utilizando as suaves costas nuas da Serafina como mesa. Durante dias, não praticou nem treinou, nem sequer quis olhar o elegante rifle que levaria logo a Milão.

Ocupado pela primeira vez em aprender a viver, não queria pensar na morte. Toda sua existência tinha dado um tombo sob o efeito dos beijos dela. Sua dignidade, decidiu, era um preço mínimo pela alegria que tinha encontrado. Ela era a alegria de sua vida. De manhã, vadiavam brincando na cama até bem passada a hora do café da manhã.

De tarde, entretinham-se observando as nuvens, pintavam com aquarelas no jardim ou recolhiam espécimes botânicos do bosque e campos. Passeavam pelo pequeno lago, iam em excursão e, sem saber como, apesar da frustração que isso supunha, abstinham-se de fazer amor.

Na quarta noite, deitados na cama com seus corpos entrelaçados, passaram infinitos momentos de contemplação o um com o outro, afundando-se em seu próprio olhar, acariciando-se e tocando-se.

Mas logo Darius sentiu como a pele feminina ardia com o calor do desejo: inocente e sedutora. Serafina lhe rodeou com os braços e o beijou, faminta. Seus músculos tremeram ao saber quão fácil seria deslizar dentro dela, tomar o que era dele, e apagar assim tanta dor infinita.

Mas isto era algo que tinha jurado não fazer. Tinha jurado com a última réstia de honra que restava. Não arruinaria sua virtude nem a deixaria grávida quando ele caminhasse para a morte. Já era suficientemente injusto que tivesse que chorar por ele.

Ela sussurrou seu nome, enquanto deslizava a mão por seu estômago. Ele estremeceu.

Lentamente, deitou-se de barriga para cima nos lençóis frescos e a empurrou sobre ele. Saboreou sua boca profunda enquanto suas mãos vagavam por suas costas, seus braços e suas nádegas, e suas coxas sedosas rodeavam seus quadris. Serafina gemeu de desejo e ele rodou com ela até colocá-la debaixo, quase à beira do desespero.

O vento entrava pela janela aberta e fazia ondear as cortinas, trazendo consigo as fragrâncias da noite. Acariciaram-se e brincavam, desfrutando um do outro com lascívia, imprudentemente, enquanto a areia do relógio caía lenta e implacavelmente.

"Algo acontece."

Darius despertou de repente no meio da noite, todos seus sentidos alertas.

O quarto estava às escuras. Junto a ele, Serafina dormia placidamente. Ele conteve o fôlego, e escutou.

Tudo o que ouviu foi o estridente som dos insetos e a tranquila respiração de Serafina, mas seu coração estava inquieto e tinha arrepiado o cabelo da nuca. Sentou-se, com as pernas penduradas na beira da cama e estirou o braço para agarrar silenciosamente suas calças e sua camisa, e depois calçou as botas. Caminhou para a porta e escutou, sem ouvir nada.

Olhou preocupado para Serafina, abriu a porta e saiu. Sem fazer nenhum ruído, foi ao vestíbulo e desceu pelas escadas de madeira, evitando as que pudessem ranger. No primeiro andar, rodeou o poste central da escadaria e lançou uma olhada na primeira sala pela qual passou, a sala de jantar. Aqui, como em todos os cômodos do primeiro andar, tinha colocado um homem para vigiar pela janela.

—Tudo certo, soldado?

—Sim, senhor. Tudo está tranquilo —disse o soldado.

—Que horas são?

—Três, senhor.

Darius assentiu, com firmeza.

—Mantenha a posição.

Foi inspecionando outros postos sem descobrir nenhum incidente, mas sua sensação de perigo não diminuía. Seu sexto sentido, desenvolvido muito cedo em sua vida, tinha-lhe salvado o pescoço muitas vezes, pelo que sabia bem que não devia ignorar essas advertências ilógicas. Seguiu sentindo-se incômodo, pelo que foi à pequena sala em que tinha estado fazia uns dias e tirou do armário a capa de couro onde guardava suas armas de sempre.

Ao levantar a adaga de punho de ébano de sua almofada de veludo, sentiu-se um pouco melhor. Colocou também uma pistola no cinto de suas calças no caso de precisar.

Já mais tranquilo, passeou pela casa e saiu ao alpendre traseiro, onde encontrou Tomas, o sargento do esquadrão, fumando um charuto.

—Ocorre algo, coronel? —perguntou o sargento ao mesmo tempo em que lhe passava o charuto.

—Não sei —murmurou, agachando-se e aceitando o charuto—, tenho um mau pressentimento.

Tomas deu de ombros e reprimiu um bocejo.

—Tudo parece muito tranquilo esta noite.

—Muito tranquilo. —Deu uma longa tragada e perambulou pela borda do alpendre, esquadrinhando a zona do bosque.

O ar era agradável e quente, e uma meia lua pendia do alto do céu.

—Viu algo fora do normal?

—Não, senhor. Os sentinelas levaram os cães com eles. Estou certo de que ouviríamos os latidos dessas bestas se houvesse alguém aí fora.

—Isso espero. —Exalou uma baforada de fumaça, deu uma segunda tragada e devolveu o charuto a Tomas. Depois voltou para a casa. Inquieto, vagabundeou por ela, aparecendo pelas janelas de vez em quando, mas tudo o que podia ver fora era as sombras de uma paisagem em silêncio.

Finalmente, voltou para a cozinha com a intenção de beber um pouco de água. Agarrou uma jarra de metal do armário, dirigiu-se a bomba d'água e bombeou até que um jorro de água fria das montanhas caiu chapinhando no recipiente. Então acreditou ouvir algo, como um som de cascos.

Girou a cabeça para olhar por cima do ombro, com as sobrancelhas franzidas. Ouviu vozes de homens que discutiam em frente da casa, mas o som da água sobre o metal obscurecia suas palavras.

"Idiotas. vão despertar Serafina", pensou com consternação.

Aproximou-se da janela para averiguar o que acontecia e viu uma das carruagens negras do governo estacionado diante da casa, com os cavalos ainda bufando do esforço.

Podia ver a insígnia real que adornava a porta. Então, seus olhos se entrecerraram assombrados ao ver o capitão Orsini no assento do condutor.

"*Que diabos está fazendo este estúpido boi aqui? Deveria estar caçando espiões*", pensou Darius. Viu Tomas que caminhava para Orsini e por fim a água deixou de correr e pôde ouvir o que se dizia no exterior.

—Bom, tenho permissão e essas são minhas ordens! —dizia Orsini.— Querem que a leve de volta agora. Não sei por que. Acredita que me dizem algo?

—Vejam sua documentação. Não tem sentido que sua Majestade tenha dado uma ordem semelhante sem que Santiago saiba —protestou o sargento.

Orsini nunca lhe deu oportunidade de responder.

Tudo ocorreu, possivelmente, em dez segundos.

Os olhos de Darius se abriram assombrados ao ver sair da carruagem dois homens mascarados e com balestras⁵. Com suave simetria, afastaram-se dois passos e ficaram de joelhos, disparando silenciosamente nos homens que guardavam a porta. Como um relógio de corda, seis mascarados mais saíram da carruagem e correram para a casa.

Darius corria já pelo corredor.

—Às armas!

Antes de sair da cozinha se deteve ante um porta-cutelo pendurado na parede que chamou sua atenção. Agarrou o de trinchar. Estava na esquina do vestíbulo quando a porta de entrada se abriu de um golpe. Os homens mascarados saltaram sobre os guardas mortos e se dispersaram pela casa de dois em dois, ordenados e mortíferos.

Darius cravou a faca de trinchar no peito do primeiro homem que se encontrou na soleira e a seguir levantou a pistola, fez pontaria com o punho e disparou no segundo na cara.

—Serafina! —gritou enquanto tirava sua adaga.— Fecha a porta!

Foram atrás dele.

⁵ É uma arma com a aparência de uma espingarda, com um arco de flechas, acoplado na ponta da coronha, acionada por gatilho, que projeta setas, dardos similares a flechas.

Capítulo 11

Um dos mascarados franceses levantou uma grande pistola e lhe apontou no peito.

Darius retrocedeu junto à base da escada, e a bala cravou-se na porta da biblioteca. Ficou junto à esquina, assustado.

Quando teve o francês à vista, estampou-lhe o cotovelo no queixo. A cabeça do mascarado vacilou um momento com o golpe e depois caiu de costas ao chão. Darius se aproximou dele e voltou a lhe bater na cara, até estar seguro de deixá-lo inconsciente. Depois, com a adaga na mão, saiu silenciosamente ao vestibulo, onde vinte homens lutavam corpo a corpo como se tratasse do campo de batalha. Os franceses tinham atirado cartuchos de gases lacrimogêneos para criar uma barreira de fumaça. Darius entrecerrou os olhos para proteger-se da fumaça pestilenta e asfixiante.

"Serafina."

Tinha que chegar a ela. Mal podia ver, e a refrega bloqueava o caminho até o pé das escadas. A luz dos lampiões refletia a fumaça e os carregadores ao vermelho destacavam junto ao rastro dos projéteis disparados no meio da gritaria. A porta principal seguia aberta e pôde ver os corpos dos guardas que jaziam no chão do vestibulo com as flechas cravadas no peito.

Justo então, viu dois dos agentes inimigos abrir caminho e correr pelas escadas.

Sem pensar duas vezes, Darius correu atrás deles, empurrando ferozmente tudo o que se interpunha em seu caminho. Corriam escada acima, mas ele os seguia de perto. Viu o primeiro dos dois homens a dois passos do patamar superior. O homem se voltou de repente para ele com uma adaga. Darius se esquivou do golpe e o pegou pelo braço. Utilizou a força de sua investida para lhe enviar de um golpe por cima do corrimão até o grupo de homens que lutavam abaixo.

Ao virar-se, viu que o segundo homem, que já se achava ao final das escadas, virou-se e esperava-o com a espada no alto.

Outro homem corria escada acima atrás de Darius, encurralando-o.

Amaldiçoou-os mentalmente, olhando primeiro a um francês e depois ao outro. Tremeu de fúria ao ver que o que estava mais abaixo se aproximava dele, e tratava de reduzir sua margem de movimento.

De repente, uma esteira de luz transpassou o patamar como efeito de uma porta que se abria. *"Não."* Serafina deu meio passo para sair do quarto, ansiosa, seu formoso rosto iluminado pela vela que levava no alto.

—Detenham ele! —gritou a todos eles.

—Volte para dentro! —grunhiu Darius.

O francês que estava no patamar se voltou e olhou durante um segundo a deusa de camisola branca e cachos de zibelina flutuantes.

Darius viu o momento e se jogou sobre o homem do degrau inferior, lhe golpeando o rosto. Ao ver que este caía para trás, Darius arremeteu contra o homem do

patamar, cravando-lhe a adaga nas costelas. Darius o deixou cair, saltou sobre seu corpo, e pegou Serafina pela cintura para devolvê-la com um movimento rápido à segurança do quarto.

—Fecha a porta e fique aqui! —ordenou-lhe.— Isto não é nenhuma simulação! —grunhiu, e depois fechou a porta em sua cara.

Deu uma olhada a seu redor, bloqueando a porta até ouvir o som dos ferrolhos. Entretanto, nenhum outro mascarado apareceu.

O inimigo tinha sido derrotado.

Darius tremia, coberto de suor, e os músculos lhe palpitarão ligeiramente ao apoiar a cabeça contra a porta e respirar, aliviado.

Serafina percorria o quarto rosa de um lado a outro, abraçada a si mesma, envolta pela nuvem de sua própria camisola. Nesse momento, ouviu um ligeiro toque na porta.

—Anjo?

Abriu os ferrolhos com dedos trêmulos e deu um puxão para abrir a porta.

—Está ferido? —gritou.

—Estou bem —disse Darius fracamente, enquanto lhe pegava o antebraço e puxava-o para o quarto.

Frenética, repassou com a vista a longitude de seu forte corpo.

—Tem certeza que está bem?

—Sim. —Tomou-a delicadamente pelos ombros.

—Sangue! —Agarrou seu pulso, ao ver uma mancha na manga.

—Não é meu — disse.— Acalme-se. Olhe para mim.

O coração lhe pulsava com força quando ele a olhou fixamente.

—Cale-se. Vê? Estou bem —sussurrou.

Ela levantou o olhar e depois se pendurou em seu pescoço, fechou os olhos e abraçou-o com todas suas forças.

—Não devia ter saído do quarto, anjo.

—Sinto muito. Tinha que ver se estava bem. —Tratava de desculpar-se de algum jeito, embora se sentisse feliz de ver que não o tinham ferido.

Darius voltou a lhe colocar uma mecha do cabelo atrás da orelha.

—Vista-se, linda, volto em seguida.

Seguiu-o até a porta, insegura.

Com uma mão no trinco, Darius se voltou e lhe levantou o queixo com os dois dedos. Inclinou-se e roçou sua boca com um embriagador beijo. Ela pôs a mão sobre seu peito, para acariciar o "V" da pele suada que se sobressaía pela camisa entreaberta. Seus

dedos alcançaram à cálida e pequena medalha que lhe tinha dado há anos. Segurou-a com a palma da mão e, enquanto a beijava, agradeceu mentalmente à Mãe bendita que seguisse lhe protegendo.

—Volto em seguida —sussurrou Darius ao terminar de beijá-la.

—Tornou a me salvar — disse, transpassando-o com o olhar. Pôs-lhe a mão na face e lhe dedicou o mais terno de seus sorrisos.

—Porque você é minha princesa e eu sou seu cavaleiro —piscou-lhe um olho e saiu silenciosamente pela porta.

Serafina suspirou, com uma mão no coração. Saiu ao patamar atrás dele e viu-o partir, comovida pela beleza de seu porte livre e andar cauteloso. Mas logo seu olhar se deteve no novo cenário que a rodeava. Vários lampiões haviam sido acessos e iluminavam os médicos do esquadrão imersos em sua tarefa. Embora sentisse uma leve ardência na garganta, reminiscência da fumaça lacrimogênea do ambiente, encaminhou-se até o alto da escada de onde pôde divisar o caos reinante.

Os homens feridos jaziam por toda parte no vestíbulo, enquanto os esforçados médicos se ajoelhavam aqui e acolá junto a eles, auxiliando-os, limpando suas feridas, colocando ataduras e passando depois com eficiência ao seguinte paciente. Um homem foi levado em uma maca. Outros estavam mortos.

"*Darius fez isto.*" O selvagem, incontrolado Darius. Tinha-o feito com suas mãos, às mesmas mãos que eram carinhosas com seu corpo e que podiam arrancar essa maravilhosa música de um violão. Seu magnífico unicórnio surgira para protegê-la, selvagem e frenético como um mortífero veterano de fortes garras e ferozes olhos.

Tremendo, voltou para seu quarto para vestir-se. Pegou a cesta de costura onde guardava seu equipamento médico e desceu depois ao vestíbulo para ver se podia ajudar em algo.

—Onde está? —perguntou Darius com tom ameaçador.

—Por aqui, senhor! Mostrar-lhe-ei!

Darius seguiu ao jovem soldado pela casa até o jardim traseiro, onde achou Orsini rodeado por um círculo de soldados furiosos. O capitão da Guarda Real estava de quatro, e podia ver-se o suor que caía de seu longo e carnudo rosto. Cada vez que tentava ficar em pé, golpeavam-lhe o obrigando a voltar para chão.

Parecia como se os homens fossem linchá-lo ali mesmo.

—Pagará por isso —disse um dos homens enquanto Darius se aproximava do círculo.

Orsini os amaldiçoou e tratou de engatinhar até a borda do círculo de soldados e criados. Nesse momento viu a Darius, em pé junto a seus homens, que o olhava fixamente.

—Porco asqueroso —lhe replicou. Dirigiu-se a ele a grandes passadas e o segurou pelo pescoço, arrojando-o depois contra a grama. Agarrou o braço direito de Orsini e o retorceu nas costas.— Sabe o que fazemos nesta ilha com os traidores?

—Eles me obrigaram! Puseram-me uma pistola na cabeça!

Retorceu-lhe o braço com mais força.

—Vejo que não vai cooperar. Parece-me bem.

—Não sou um traidor! Deixei-me subornar um pouco, mas nunca pensei que pudesse acontecer algo assim! Eles me obrigaram!

—Ouça bem. Se me mentir uma vez, quebrar-lhe-ei o braço. Se mentir uma segunda, o cortarei.

—Não, não! Sei que está o suficientemente louco para fazê-lo —disse balbuciando.

—Está certo. Quero nomes. Devo tirar os cães? —perguntou, mostrando sua adaga.— cheiraram sangue esta noite, Orsini. Têm fome. —Balançou a adaga ante os olhos de Orsini.— Segurem o dedo —disse a um de seus homens.

Houve um murmúrio de risadas nervosas entre os homens, mas o olhar de Darius não se alterou, porque seu plano de tortura tinha dois propósitos. A demonstração não só lhe faria obter a informação que escondia Orsini, mas também serviria de forma implícita para advertir a seus homens e criados do que lhes ocorreria se não guardassem silêncio sobre suas relações com a princesa. Dois homens seguraram a Orsini e lhe estiraram sem piedade o braço para abrir os dedos de seu punho, enquanto outro trazia da cadeia dois dos cães.

—Aqui, menino —lhes chamou Darius suavemente com um sorriso, segurando com uma mão o dedo de Orsini e com a outra sua adaga.

Orsini choramingou.

—Ah, vamos, só é um dedo. Tem nove mais. Vou lhe dar outra oportunidade e, depois, vou começar a atirar a estas preciosidades um pouco de carne. O que me diz?

—Não sei nada! —gritou.

Com isto, Darius cortou o dedo de Orsini até o osso. O homem se encolheu, os soldados exclamaram assombrados e Darius se limitou a olhá-lo com um diabólico sorriso nos lábios.

Era toda a persuasão que Orsini necessitava.

Sangrando profusamente e agradecido de que Darius não tivesse talhado o dedo por completo, Orsini lhe deu os nomes dos três espiões que seguiam ocultos no palácio.

Satisfeito, Darius se levantou de sua posição de cócoras e fez um sinal a seus homens.

—Prenham-no para julgamento militar.

Orsini conservou seus dedos. Entretanto, nada o libertaria da força.

O jovem soldado olhava Serafina com temor reverencial, como se tivesse esquecido a ferida de bala que tinha junto à orelha. Ela colocava a bandagem de linho em sua cabeça, enquanto o médico fixava o final com algumas gotas de cera quente.

—Não se deite, mantenha-se erguido —ordenou o médico antes de passar ao homem seguinte.

Serafina ficou com o paciente um momento mais.

—Obrigado por me proteger —lhe disse com suavidade.

—S-sim, Alteza! —disse, com os olhos arregalados.

Dirigiu ao moço seu sorriso mais compassivo e lhe apertou a mão. Depois se levantou e seguiu o médico que estava com o próximo paciente. Quando apareceu outro médico, ela deu uns passos atrás, como deferência a sua superioridade profissional.

Não a necessitavam. Possivelmente estava sendo um estorvo, pensou, mas ninguém se atrevia a dizer-lhe. Sem saber o que mais fazer, ficou ali em pé observando os dois médicos que trabalhavam na perna ferida de um homem. O médico estava acrescentando uma capa mais de bandagem para cortar a hemorragia quando de repente, ouviu Darius.

—Serafina!

Ela olhou para trás e viu que vinha em sua busca, seus olhos de ônix iluminados, seu exótico rosto vermelho de ira sob a brilhante franja de seu cabelo.

—O que faz aqui? Disse-lhe que ficasse dentro! —Tomou pelo pulso e a tirou dali.— Por que se empenha em ver tudo isto? É um pesadelo! —murmurou.

Ela preferiu segui-lo sem discutir, incomodada ao saber que alguns olhos masculinos os olhavam ao subir as escadas. Darius se deu conta, também. Seu cenho franzido os fez baixar o olhar.

—Averiguou algo sobre os espiões? —perguntou enquanto a apressava para que entrasse no quarto e fechava a porta atrás dele.

—Sim.

— Quem são?

—Ninguém que você conheça. Escute, se sair agora mesmo para Belfort, posso descobri-los de surpresa.

O sangue correu frio por suas veias. Empalideceu.

—Vai esta noite? Agora?

Ele afastou o olhar. Ela viu a tensão em sua mandíbula.

—Darius, é meia noite! —Sua voz se tornou aguda. — Nem sequer vai esperar que se faça de dia?

—O perigo passou para você —disse com cuidado.— Os médicos e os feridos ficarão aqui com um esquadrão de limpeza, mas dentro de algumas horas, Alec e o sargento Tomas tomarão um contingente e a escoltarão de volta ao palácio. Estará em casa no meio da manhã.

Serafina apertou seu antebraço, procurando que ele a olhasse.

—Verei-o lá, não é verdade?

Voltou-se para ela, sem dizer nada. Olharam-se por um momento, e depois Darius engoliu forte e olhou para outro lado.

—Nós dois sabíamos que este momento ia chegar.

Ela conteve a respiração e se afastou dele, tampando a boca com os dedos como se estivesse se obrigando a não dizer nada.

—Serafina.

—Então, assim é como termina nosso idílio. Com sangue e morte. É claro —disse amargamente, de costas a ele—, é meu destino, não é? Helena de Tróia. Deus, desejaria não ter nascido.

Quando sentiu as mãos fortes e cálidas em seus ombros, virou-se, jogando-se em seus braços. Ele a abraçou e a beijou, lhe abrindo os lábios bruscamente, consumindo-a enquanto a atraía com força a seu lado.

Serafina lhe acariciou o rosto com mãos trêmulas, e bebeu-o com desespero, penteou-lhe o cabelo com os dedos, capturando as mechas sedosas com ansiedade, como se pudesse assim mantê-lo ao seu lado para sempre. Darius tentava terminar o beijo, mas ela não deixava.

Seu beijo era profundo, a alma nele, a certeza de que seria a última vez que poderia abraçá-lo. Atraíu-o mais e mais forte, e sentiu como se a rasgassem por dentro, tratando de memorizar a textura de seu cabelo, o sabor de sua boca, a suavidade sedosa e cálida, o aroma de fumaça de sua pele.

Por fim, pegou-lhe o rosto com ambas as mãos e a afastou, olhando-a nos olhos com uma mescla de ternura e agonia infinita. Atraíu-o de novo, capturando suas mãos.

—Não posso perdê-lo. Vê-lo-ei em Belfort, sim? Diga que sim. Venha a meu quarto, use a porta secreta que me mostrou.

Ele fez com que se calasse lhe tampando a boca com um dedo.

—Seja forte por mim —disse em tom abafado.

Prometeu-se a si mesmo que o seria. Fechou os olhos, lutando por controlar-se, enquanto ele fazia descansar sua fronte contra a dela.

—Se alguma vez necessitar algo —sussurrou Serafina—, seja o que for, se tiver algum problema, venha até mim. Sempre o ajudarei. Sempre o amarei, Darius.

Ele a apertou com força, agarrando-se a dois punhados de seu cabelo enquanto afundava seu rosto no seu pescoço.

—Princesa —disse com a respiração entrecortada.

Então a beijou por última vez no pescoço, baixou os olhos, e a afastou de seus braços. E Serafina chorou sua partida.

As lágrimas que caíam de seus olhos não eram senão um efeito do vento, disse a si mesmo. Darius montava como se o demônio o perseguisse, forçando ao limite seu garanhão negro pelo caminho. Tentou concentrar sua mente no som rítmico que faziam os cascos do animal ao golpear o sujo caminho de terra, mas em seu peito só ouvia o vazio de seu coração partido. Queria gritar, deter o cavalo, agarrar sua espada e golpear com ela uma árvore até que tivesse tirado toda a dor e a raiva que o consumiam. Mas não o fez, lutando com todas suas forças por manter o controle.

"Por Deus, não deixarei que me agarrem —pensava uma e outra vez.— Farei voar a cabeça desse corso bastardo e voltarei para ela, prometo."

Não acreditava em sua promessa, mas esta ladainha lhe bastava para manter a integridade enquanto galopava. Ao amanhecer, cruzou as portas de Belfort. No estábulo, desmontou de seu espumoso e exausto cavalo, e o confiou a um moço com breves instruções.

Sabia exatamente onde achar os três espiões. Seguiu pelo caminho do estábulo, para a ala principal. Ao final da quadra, pôde ver os cortesãos reunidos para o passeio matutino do rei. Alguns bebiam café e outros davam goles de suas elegantes garrafas de caça.

O presunçoso dandy que procurava estava fumando e golpeava distraído a perna com seu chicote de montar. O homem terminou o charuto justo nesse momento, jogou a bituca ao chão e a apagou com um elegante movimento de bota. Quando levantou o olhar, encontrou-se casualmente com o de Darius, que avançava em sua direção com passo apressado.

O medo apareceu no semblante do homem.

—Tubarão, o que está fazendo aqui? —Sua voz ressoou no estábulo.

O rei acabava de chegar, mas Darius o ignorou, sem afastar a vista de sua presa. O olhar do francês percorreu rapidamente a zona do estábulo em busca de uma saída.

Darius começou a correr. O francês saiu fugindo.

—Que demônios? —disse um dos cortesãos ao ver Darius abrir caminho entre eles, correndo atrás do francês que se precipitou para um lado do estábulo.

Darius pegou o homem com rapidez, e encarou-o. O rei se aproximou dando grandes passadas atrás deles.

—Que demônios se passa aqui? —disse, com expectativa.

—Exijo uma explicação —protestou o francês.

—Ah, acredito que você sabe perfeitamente, monsieur —disse Darius com suavidade, lhe retorcendo o braço direito e empurrando seu rosto sobre a grama molhada pelo orvalho.

—Santiago? —disse o rei.

—Senhor, a princesa está a salvo. Mas ainda ficam coisas por limpar — murmurou, enquanto alguns cortesãos uniam-se a eles e começavam a fazer perguntas.

Darius e Lazar trocaram um olhar.

—Vamos, tire-o daqui —disse o rei, fazendo um sinal de aprovação com a cabeça.

Continuando, Darius entrou no palácio. O mordomo saudou-o com as reverências de cortesia, mas Darius lhe sugeriu que se afastasse com a mão.

—Preciso saber onde estão os aposentos do visconde D’Abrande.

—Ah, deixe-me pensar. Todos os amigos de sua Alteza se alojam no terceiro andar da ala sul. Os aposentos do visconde estão à esquerda do vestíbulo, acredito, a meio caminho, mas não o achará ali esta manhã, senhor. Oh, o mordomo limpou a garganta—, o

príncipe Rafael e companhia, temo, estão indispostos na sala de bilhar. Outra noite de bebedeira —sussurrou.

Darius sorriu tranquilo.

—Perfeito. Obrigado, Falconi.

Em dez minutos, pegava o jovem visconde, e tirava-o pela força da sala de bilhar.

Embora alguns dos jovens nobres protestassem em defesa de seu falso amigo, estavam muito enjoados e abatidos por uma longa noite de bebedeira para brigar frente a um homem ao qual todos temiam, inclusive sob os efeitos do álcool.

Darius arrastou ao jovem visconde para a porta, e se deteve junto à mesa de bilhar onde o príncipe Rafael, o filho de Lazar, dormia placidamente. Esbofeteou ligeiramente ao príncipe algumas vezes para fazê-lo despertar.

—O que, o que? —Com o cabelo castanho claro despenteado, as roupas amarrotadas, um bronzeado, o musculoso juvenzinho de dezenove anos se acomodou sobre seus cotovelos no pano verde da mesa de bilhar. Rafael se esforçou por abrir seus olhos verdes avermelhados e ofereceu a Darius um olhar aturdido, mostrando a covinha do queixo que fazia às garotas de Ascensão suspirar.

—Ai, olá, Santiago.

—Poderia ter um pouco de decoro, não lhe parece? —disse Darius chateado.

—Certamente —assentiu o jovem alegremente. — Em uma hora mais ou menos, possivelmente. —O herdeiro ao trono colocou a face sobre suas mãos e voltou a dormir.

"*O destino do reino*", pensou Darius chateado enquanto arrastava o visconde e deixava-o retido sobcustódia.

Finalmente, Darius se dirigiu ao bloco real, tratando de dissimular sua ira. Deteve-se em uma suíte que dava ao vestíbulo dos aposentos de Serafina. Abriu a porta de um golpe e entrou em grandes passadas na suíte das mulheres.

—Quem é? —perguntou uma voz.

Darius parou no salão das mulheres e olhou a seu redor. Nesse momento, apareceu uma silhueta feminina na soleira da porta do dormitório.

—Santiago? —perguntou a ruiva Els. — O que significa isto? —Feche a porta, pequena fresca, não é a você a quem procuro —grunhiu ao cruzar o salão e forçar a porta do dormitório de Cara para que se abrisse.

—O que está fazendo? —gritou Els. — Cara?

—Vá para o lado! —ordenou-lhe.

Quando por fim abriu a porta da traidora, achou-se de rosto com o canhão de uma pistola, e uns olhos azul alpinos que o olhavam fixamente. Começou a rir suavemente.

—Saia de meu caminho —ordenou a garota.

—Baixe a pistola.

—Cara! —gritou Els assombrada.

—Sua amiga esteve ajudando o inimigo, Els —disse Darius amavelmente, sem tirar os olhos da garota.— Não é tão pura como nos fez acreditar a todos. Esteve informando aos franceses de cada movimento que fazia Serafina ou a rainha. Philippe Saint-Laurent a seduziu para este propósito.

Cara deu um passo para ele.

—Não se aproximem! Atirarei, estúpido! Odeio-o! Matou meu Philippe! Sei que foi você quem o fez!

—Baixe a arma, Cara. Se cooperar, possivelmente possa fazer que comutem sua sentença à força por prisão perpétua ou talvez mesmo pelo desterro.

—A força! O que está acontecendo aqui? —gritou Els.— Não posso acreditar! Onde está esse pequeno grilo? Obviamente, isto não é mais que um lamentável engano. Cara, faz o que ele diz. Nós arrumaremos...

—Cale-se, pequena rameira! —replicou a loira.

Darius arremeteu contra ela, desviando sua arma. O tiro foi disparado no elegante candelabro de uma parede longínqua. Cara lhe puxou a arma e saltou sobre a cama, tratando de escapar, mas Darius a pegou, imobilizando-a no matagal de mantas que havia sobre a cama. Deu-lhe um pontapé, e a camisola voou por cima de seus joelhos.

Ele a obrigou a ficar em pé.

—Cigano filho da puta! Deixe-me em paz! Eu te matarei!

Cara continuou um momento mais o ameaçando e insultando-o, enquanto ele imobilizava o braço direito dela as costas e a conduzia para a porta.

Els lhes esperava chorando no meio da porta.

—Não faça isto, Santiago! Ela não pode ser uma espiã! Olhem! É um pequeno anjo!

—Não sou uma espiã! Sou uma boa garota! —Cara ficou histérica.— Els não deixe que me leve! É tudo mentira! Nunca trairia nem à princesa nem à rainha!

Zangado, Darius sacudiu seu corpo leve com os braços.

—Já é suficiente.

—Deixe que se vá, por favor, Santiago, deve haver algum engano —suplicou Els, agarrando-o pela camisa.

—Não há engano que valha —disse mais amavelmente.— Els, escute, Serafina não sabe ainda. Chegará em algumas horas, vai precisar de você.

—Entendo. —Els se afastou da porta, sacudindo a cabeça para a loira em desaprovação.

No vestíbulo, Darius teve que esquivar-se dos chutes e murros de Cara. Resmungou quando tratou de mordê-lo e riu friamente quando se ofereceu para ficar de joelhos ante ele se lhe desse uma oportunidade de escapar.

O sol acabava de aparecer no horizonte.

Abraçando a si mesma, Serafina se afundava no interior da carruagem. Ia olhando pela janela, o corpo endurecido pelo movimento do veículo. Quinze soldados a cavalo a escoltavam.

Fechou os olhos para ver só a Darius. Tratou de descansar um momento, adormecida pelo estalo continuado da carruagem. Sabia que necessitaria todas suas forças para enfrentar Anatole.

Por volta das dez da manhã, a carruagem chegou a Belfort e entrou no suntuoso passeio ajardinado. Serafina apareceu de repente pela janela e o primeiro que viu foi a figura poderosa de um homem vestido de negro, postado nas escadas da entrada, fumando um charuto. Quando o homem afastou o cabelo dos olhos, todo seu ser se iluminou por dentro.

"Está me esperando!"

Viu que Darius fazia um gesto ao criado para que se dirigisse rapidamente à porta principal. Um momento mais tarde, seu pai saiu e esperou em pé junto a Darius na parte alta das escadas. Continuando, Serafina piscou os olhos perplexa ao reconhecer Els em pé, junto aos dois homens. Sua amiga estava vestida com um traje verde pálido que fazia ressaltar a cor vermelha de seu cabelo. A carruagem não tinha parado de todo, mas Serafina saltou dela, sem esperar que o mordomo lhe abrisse a porta.

—Essa é minha garota! —disse seu pai afetuosamente, lhe dedicando seu melhor sorriso. Ela se jogou em seus braços, sentindo imediatamente uma maravilhosa sensação de alívio e segurança, como lhe ocorria sempre que estava em sua presença.

Com a cabeça apoiada no musculoso ombro de seu pai, seus olhos eram unicamente para Darius, radiantes de amor por ele.

Entretanto, a perfeição esculpida de seu rosto era tão fria como a de uma estátua. Acreditou ver um vislumbre de emoção em seus olhos, mas ele enfrentou seu olhar sem expressão, para deixar imediatamente de olhá-la. Atônita, olhou-o fixamente, lenta em compreender, negando-se a admitir o fato que tanto lhe doía.

Acabou-se.

De verdade, tudo tinha acabado.

"Não, não, ele só está comportando-se como estava acostumado, distante porque papai está aqui. Não quer que papai adivinhe como chegamos a nos conhecer."

Mas a desculpa foi fraca até no momento em que sua mente a formulava. Em vão, tentou que Darius a olhasse, mas ele seguia mantendo-se distante. Então, a terrível verdade foi tomando corpo, lentamente, até converter-se em uma grande desilusão. Ele tinha sido para ela seu grande amor, enquanto que para ele, ela não tinha sido senão outra de suas conquistas. Ele tinha advertido desde o começo.

Fechou os olhos, horrorizada, doente.

Quando seu pai a soltou com um sorriso, ela ficou ali em pé bastante aturdida, perdida por completo. Parecia-lhe incrível que Darius e ela estivessem ali em pé fingindo que não tinha ocorrido nada entre eles. Não, era um espantoso pesadelo. A vida real

existia em sua casa de campo amarela, no dormitório rosa, sua respiração se transformou de repente em algo parecido a um soluço. Reprimiu o som.

Seu pai a olhou com curiosidade. Els murmurou uma saudação e Serafina a observou, ainda enjoada pelo golpe. Esteve se divertindo com ela, tinha sido um passatempo para ele? Tinha-a amado de verdade? Quando viu a borda avermelhada nos olhos esmeralda de sua amiga, esqueceu sua própria catástrofe por um momento. Els não era das que choravam.

Serafina lhe tocou o braço.

—O que lhe ocorre, Elsie?

Els, seu pai e Darius se olharam ao mesmo tempo.

Seu pai respirou profundamente como se fosse falar, e depois exalou com rapidez, sacudindo a cabeça.

—Você conta a ela, Darius. Eu não posso.

Darius se voltou rígido para ela e, com uma expressão de soldado, evitou seus olhos.

—Tivemos um problema, Alteza.

—Um problema? De que tipo? —De repente, deu um grito abafado. — É mamãe, o menino?

—Nada disso —disse, tenso. Hesitou. — Alteza, importar-se-ia de entrar um momento e sentar-se?

—Digam-me já!

—Como desejar —disse, e começou a lhe explicar.

Não podia acreditar. Não podia acreditar que Cara tivesse feito isso, e que Darius tivesse ocultado depois de descobrir pelo capitão Orsini que sua amiga era uma espiã.

Em todo o dia, não lhe permitiu vê-la. Els e ela saíram para dar um longo passeio pela praia. Levaram sombrinhas para proteger-se do sol e andaram descalças pela areia tratando de compreender tudo o que tinha se passado. Um cortejo de criados e damas de companhia as seguiam a certa distância, enquanto elas foram parando aqui e lá para ver os brancos navios da frota de Ascensão que se congregavam na baía.

Serafina nunca tinha visto Els tão séria e triste. Felizmente, o assunto de Cara e a preocupação de sua amiga serviam de distração a Serafina para não pensar no desprezo de Darius. Depois de algumas horas, pôde inclusive convencer-se de que ele tinha estado igualmente aborrecido esta manhã por perdê-la como ela tinha estado por perder a ele. De fato, possivelmente tinha sido tão frio e distante só porque seu pai estava presente.

Ela sabia que tinha tratado de ser amável ao lhe dar a notícia sobre Cara essa manhã. Havia, provavelmente, desejado abraçá-la e consolá-la, sem poder fazê-lo. Depois de tudo, ninguém o tinha obrigado a estar ali em pé esperando que chegasse a carruagem.

Agarrou-se a essa esperança como se fosse um prego ardendo. Seu único consolo era que cabia a possibilidade de que fosse ao seu quarto essa noite. Isso, disse-se, seria um fator decisivo.

O dia estava a ponto de finalizar e ela não voltou a vê-lo.

Já tarde, de noite, deitou-se na cama acordada, e rogou para que aparecesse, tentando conjurá-lo, seu demônio amado, mas a porta secreta nunca se abriu e, em silêncio, chorou até ficar adormecida.

Às duas da madrugada, Darius deixava passar as horas em seu quarto, uma a uma, distraído, fumando, pensando com a vista fixa no teto. Segurava a adaga pelo punho de ébano, e a afundava na parede, onde se pegava ao gesso com um golpe surdo. Olhava-a durante um momento e depois se levantava e a recuperava, voltando a sentar-se. Assim uma e outra vez. Ignorando a fome. Organizando e reorganizando os planos em sua cabeça. Fazendo-se perguntas às quais tinha dado respostas centenas de vezes, procurando uma solução que talvez lhe tivesse escapado antes.

Não queria morrer, era muito horrível, pensou. Apagou outro cigarro sobre o cinzeiro já cheio e se levantou da cadeira, com movimentos desajeitados, vendo como a sombra da adaga se confundia com o resto das sombras.

A escuridão ia tomando conta dele. Teve que recorrer a toda sua força de vontade para não ir ver Serafina. Não podia permitir-se. Um término rápido era o melhor para ela, por mais que a necessitasse neste momento, por mais que ele se sentisse só e assustado. Voltou a sentar-se, torturando-se em silêncio, fazendo recair todo o peso de seu corpo sobre a cadeira, exausto.

Durante todo este tempo, dedicou-se a escutar o canto dos grilos que chegavam do jardim, respirou o fresco ar da noite perfumado de lilás, e dormitou na cadeira até que um ruído na porta rompeu o silêncio.

Levantou o olhar, surpreso, e viu que não era o criado que tinha enviado para procurar mais vinho. Era Teresa, uma de suas antigas amantes. Afastou os olhos, enfastiado.

Desejou ter tido a adaga em sua mão, porque se a tivesse com certeza a lançaria perto da sua cabeça. A mulher fechou a porta depois de entrar e caminhou para ele. Ele a esperava com o queixo apoiado na mão.

Ficou em pé frente a ele e lhe ofereceu um duvidoso sorriso. Apesar de seu olhar hostil, ela se aproximou ainda mais, como ele esperava. Seu corpo ficou tenso quando ela ficou de cócoras entre suas pernas estiradas.

Sem expressão, Darius viu como começava lentamente a tocá-lo, viu como saboreava com seus dedos o cetim de sua jaqueta e, encorajada depois de uns minutos, deslizava-os sob seu lenço. Perguntou-se por que se sentia tão paralisado. O que lhe acontecia para que sempre outros agissem dessa maneira com ele?

Ela se aproximou mais, entre suas pernas, sutil como sempre.

—Não — murmurou, mas sem afastá-la de seu lado.

Acariciou-lhe o estômago e o peito.

—Não? —perguntou com um olhar de condolência, mostrando o desejo sob os olhos de pálpebras pesadas.

—Deixe-me só —disse com um suspiro entrecortado, mas ela acabava de lhe desabotoar os botões da camisa, e arranhava já com os dedos seu peito nu. A pele lhe ardia de uma maneira que ela não podia nem imaginar.

Um as mãos quentes acariciavam os cansados músculos de suas coxas através do tecido grosso das calças. Enrolavam-se ao redor de suas curvas. Ouviu como sua respiração se fazia mais rápida e profunda.

Negava-se a falar com ela ou a fazer qualquer movimento. Odiava-a. Ela se apertou contra ele, o abraçando com seus macios braços, roçando com sua face seu queixo, acariciando o pescoço com as mãos. Sentia-se tão cansado. Sentia-se como se o estivessem violando pela enésima vez, muito cansado para resistir mais.

Só queria que partisse. Sorriu amargamente a seu gemido de aborrecimento, ao ver que ele não respondia a seus beijos. Por que ia fazê-lo?

Ela deixou os lábios para concentrar-se no lóbulo de sua orelha.

—Por favor, Santiago, deixa que o faça —lhe sussurrou na orelha, com umas cócegas insuportáveis.— Farei o que me pedir. Sabe que sou boa, me deixe, ai, Santiago.

"O gemido de uma fêmea no cio." Punha-o doente. Seu próprio desejo o adoecia. Com as mãos nos ombros, não sabia se estava forçando-a para baixo ou sustentando-a.

Olharam-se o um ao outro.

Deus, odiava-a, mas desejava sua vermelha boca.

Algo em seus olhos deve ter-lhe dizer que tinha ganho.

—Mmm —disse, acomodando-se ainda mais perto entre suas pernas abertas. Mas quando ela começou a desabotoar os botões de suas calças, entrou o pânico.

Antes nunca lhe tinha importado não querer a estas mulheres. O que importava era que elas queriam a ele. Alguém, qualquer, queria-lhe, inclusive se fosse somente para isso.

"Não desta vez."

Segurou à mulher pelos ombros com mais força.

—Teresa —disse com seriedade.

Ela ergueu a vista para ele, com os olhos brilhantes de desejo, sua língua salivando levemente. Ele a olhou fixamente.

—Não a desejo —disse.— Vá embora.

Assombrada, os olhos muito abertos, sorriu-lhe com estranheza.

—Não? —perguntou, acariciando a dureza de seu membro.— Que novo jogo é este?

Ele a deteve, segurando seu pulso e retorcendo-lhe ligeiramente.

—Não é nenhum jogo. Sai daqui.

Ela retirou sua mão, liberando-se, e lhe olhou perplexa, um pouco assustada.

—O que você tem?

—Quero que saia daqui! —De repente, levantou-se e a empurrou, zangado. Ela caiu para trás, colocando as mãos no chão e o olhando sem acreditar no que via.

—Disse-lhe que vá —falou em tom selvagem, reprimindo a necessidade de golpeá-la.

Em uns segundos, ela se tinha ido, batendo a porta ao sair.

Voltou a sentar-se na cadeira, esperando que os batimentos de seu coração se normalizassem. Retirou a franja dos olhos, levantou-se, foi à porta e a fechou com chave. Depois, voltou-se lentamente e apoiou a cabeça sobre ela. Deu-se conta de que estava suando. Abraçou-se, cabisbaixo.

Capítulo 12

Na manhã seguinte, Serafina olhava apática seu reflexo no espelho de corpo inteiro, enquanto a costureira fazia os últimos retoques em seu vestido de noiva.

Sua mãe tinha fiscalizado todos os preparativos da boda e agora a olhava radiante, orgulhosa do resultado.

—Está perfeita —anunciou a rainha.

Serafina forçou um sorriso lânguido como resposta. Sua mãe, supôs, atribuía seu estado de ânimo ao desgosto pela traição de Cara.

Nessa manhã, haviam-lhe dito que Cara tinha sido interrogada durante horas de noite e que tinha terminado por assinar sua confissão por um delito de traição.

A rainha se compadeceu da moça e tinha pedido que se comutasse a pena. Por esse motivo, ela seria desterrada, enquanto que os outros homens seriam enforcados.

Serafina se sentia arrependida de ter sido tão inocente, e começava a ver quanto inteligente era Darius por não confiar em ninguém.

—Importar-se-ia, Majestade, de dar seu visto de aprovação ao vestido do batismo do bebê? —perguntou a costureira chefe à rainha, enquanto os ajudantes trabalhavam na cauda de Serafina.

—Certamente! —disse sua mãe com alegria.

A costureira chefe a conduziu à sala adjacente. No momento em que a rainha saiu do aposento, suas damas de companhia começaram a cochichar em voz baixa.

Serafina fechou os olhos, ignorando-as, e franziu o cenho a jovem costureira que acabava de lhe espetar com uma agulha.

—Ai!

—Sinto muito, Alteza! —gritou a garota, pálida de vergonha.

—Não tem importância — disse, e concentrou sua atenção no murmúrio da conversa que tinha lugar a suas costas.

— Não posso acreditar que a expulsou do quarto!

—Sim, devia estar louco de raiva! Achei mesmo que ia bater em mim! —disse a elegante lady Teresa.

Serafina se voltou de repente.

As mulheres se calaram.

—De quem estão cochichando? —perguntou, olhando-as altivamente. Sabia por experiência que se não fizesse uso de sua posição com elas, utilizariam sua superioridade numérica para intimidá-la.

Olharam-se umas às outras.

— Fiz-lhes uma pergunta.

—De ninguém, Alteza.

Olhou-as com desdém e se voltou de novo de frente ao espelho.

— Esteve a sós com ele uns dias, não é verdade?

— Não acreditará que...?

— Seria um escândalo!

— Todas sabemos o mau menino que é.

— Ele nunca — sussurrou alguém — se arriscaria a incomodar o rei.

Com os olhos em chamas, Serafina apertou os dentes e manteve o olhar à frente.

— Não se preocupe, Teresa. Verá o que vamos fazer. Iremos as duas vê-lo esta noite, como aquela outra vez no Carnaval.

Serafina se voltou furiosa, sem fazer caso do gesto de contrariedade da costureira.

As mulheres a olharam como se fossem meninas pequenas a quem tivessem surpreendido passando cola na aula. Serafina se deu conta então de que elas tinham tanta curiosidade por saber o que tinha passado no campo com Darius como ela tinha de saber o que estavam dizendo sobre ele.

Embora desprezasse a si mesma por rebaixar-se dessa maneira, decidiu mudar de tática.

— Parece-lhes bem este vestido? — perguntou, altiva. — O branco me deixa gorda.

— Sua Alteza não está gorda — disse a loira e peituda lady Antonia.

Moda e insegurança era justamente do que elas entendiam.

Todas se apressaram a assegurar que estava maravilhosa.

— Ah, Alteza — começou Julia Calazzi.

— Sim? — perguntou Serafina, inocente.

— Como foi a estadia no campo? — sondou educadamente Julia.

O coração de Serafina deu um salto perigoso. Se permitisse pensar na esvaída casa de paredes amarelas, sabia que as lágrimas apareceriam em seus olhos. Encolheu os ombros.

— Aborreci-me bastante.

— Foi o coronel Santiago civilizado com você?

— Tão rude como sempre — respondeu.

Elas pareceram aliviadas.

Odiava não poder lhes lançar na cara o devoto e carinhoso que tinha sido com ela. Embora, pensando bem, talvez não tivesse sido a não ser um jogo para ele.

Era tudo o que tinha intenção de dizer sobre o tema, mas então, não pôde resistir e acrescentou com ar de superioridade.

— Ouvi-o tocar o violão uma noite. A melodia era muito doce.

— Tocou violão? — exclamou Teresa.

O olhar aborrecido de Julia voltou-se para a Serafina. Serafina o devolveu fria e pensativa. "*Odeio-a a morte.*"

—É claro que toca violão, Teresa —disse Julia com suavidade.— Todo mundo sabe isso. Mas eu sei algo sobre ele que outros não sabem.

—Ah, sim? —replicou Serafina.

Julia guardou silêncio com um sorriso de triunfo.

—E bem? —perguntou Antonia.

—É um grande segredo —disse Julia séria, saboreando o momento.

Serafina entreabriu os olhos e emitiu um suspiro de aborrecimento.

—Seu verdadeiro nome —anunciou Julia, pomposa— é Conde Darius Santiago.

As mulheres protestaram, surpreendidas. No espelho, Serafina cravou o reflexo de Julia com seu olhar. Julia encontrou por sua vez os olhos da princesa, com um olhar de velado triunfo.

—Não tem nem ideia do que diz —indicou Serafina, enquanto as outras faziam comentários, alvoroçadas.— por que começa um rumor como esse? Para machucar Darius? Acaso não sabe que é ilegítimo, ou simplesmente não lhe importa o quanto isso o machuca?

—Já não é ilegítimo, como ele sabe muito bem. Ah, querida, não lhe disse? Seu pai o reconheceu antes de sua morte.

—Sério? —exclamou Antonia.

Julia assentiu sagaz.

—Quando o velho conde soube quão bem Darius estava na vida, quis o reclamar como filho. Deus sabe quão inúteis são seus outros filhos.

—Tem irmãos? —gritou uma mulher ansiosa.

—Meio-irmãos. Dois, mais velhos que ele —esclareceu Julia.— Eram os filhos legítimos do conde.

Serafina mal podia falar de assombro.

—Quem lhe disse tudo isso? —perguntou.

Julia deu um gole a sua xícara de chá.

—Alguém do banco onde Santiago guarda seus milhões.

As outras exclamaram ao unísono.

—Milhões?

Serafina arqueou uma sobrancelha, impressionada. Que brincadeira era essa?

—Esteve bisbilhotando em seus assuntos, lady Julia?

—Sei tudo sobre ele —replicou.— Tudo.

Serafina cruzou os braços. —Como, pelo amor de Deus, pode saber o banqueiro sobre o pai de Darius?

—Muito simples, minha querida princesa: pelos depósitos que fazia Darius em benefício de seu pai.

Serafina a olhou fixamente.

—Quer dizer que seu pai lhe pedia dinheiro?

—É claro. O homem era um bêbado arruinado.

Serafina não dava crédito ao que ouvia. Voltou-se para olhar-se ao espelho, furiosa e humilhada por ter que saber esses detalhes do passado de Darius por outra fonte. Sentiu-se também horrorizada de saber que o desumano homem que não tinha sido um pai para Darius quando era menino —um homem que em lugar de protegê-lo e cuidar dele, o tinha deixado só para que se arrumasse por sua conta— tivesse agora a desfaçatez de lhe pedir ajuda.

—Ah, Sua Alteza, quase esqueci de mencionar —O sorriso de Julia era tão inofensiva como uma navalha embainhada, mas algumas palavras foram suficientes para tirar a ponta.— Não se inteirou? Seu marido chegará justo depois do café da manhã.

Serafina ficou pálida.

—Ainda não é meu marido.

Julia tomou outro gole de chá, e sorriu.

—Meu Deus, como vamos sentir sua falta quando for.

Sua paciência tinha chegado ao limite.

—É suficiente! —Afastou às costureiras que a rodeavam. Afastaram-se de seu caminho quando ela desceu do estrado no qual estava frente ao espelho e saiu da sala, ignorando Julia e às outras que cacarejavam a seu lado.

—Serei uma condessa muito elegante, não acham? —perguntava Julia às outras, enquanto Serafina batia a porta.

Uns minutos mais tarde, caminhava a grandes passadas pelo corredor com um único propósito na mente: achar Darius Santiago e deixa-lo saber o que pensava sobre seus pequenos segredos. A omissão da verdade contava tanto como uma mentira, e ela estava farta de suas maquinações de espião; farta também de sua própria ingenuidade. Ela acreditou que estavam mais unidos do que duas pessoas podiam estar, mas ele só tinha estado brincando com ela todo o tempo.

Que bom mentiroso era!, Pensou, ferida em seu orgulho. Sabia exatamente por que não lhe havia dito nada do título. Ele tinha se escondido sob sua posição baixa de cigano porque não queria que ela soubesse que era, em realidade, um candidato válido para pedir sua mão.

Nunca lhe tinha importado de onde vinha nem o que possuía. Sempre o tinha amado pelo que era. Por que isso o assustava tanto?

Sem dúvida, respiraria aliviado quando se casasse finalmente com Anatole e não tivesse que suportar sua aborrecida e adolescente perseguição. Mas não tinha achado aborrecidos seus seios, não é? Pensou furiosa, sabendo que no momento em que deixasse de estar furiosa começaria a chorar, e então ninguém poderia detê-la.

—Onde está? —murmurou sem respiração. O par de mordomos que faziam guarda ao final do corredor a olharam alarmados ao passar. Saiu como uma ventania do bloco dos aposentos reais e foi ao corredor principal, onde viviam os cortesãos. Passou pelas portas abertas do salão azul, onde viu, e foi vista, por um bom punhado de seus pretendentes.

Seus jovens e bem barbeados rostos se iluminaram. Ela entreabriu os olhos e passou diante das portas, sem desviar-se de seu caminho enquanto os cachos flutuavam grosseiramente sobre suas costas.

—Princesa Grilo!

—Princesa, espere!

Ela apertou o maxilar, ignorando-os ao ver que saíam correndo atrás dela.

—Podemos acompanhá-la?

—Este lugar fica um mausoléu sem você!

—O que diz do baile desta noite? O príncipe Tyurinov nos deixará dançar com você?

—Não sei. Nem sequer gosta de ir —grunhiu em voz baixa.

—Deveria! Esse homem é muito ciumento. Deve guardar uma dança para mim.

—E para mim!

—Para todos nós! Onde vai com tanta pressa, minha bela senhora?

—Deve jogar bilhar conosco!

—Deveria ter visto a brincadeira que fizemos ao Roberto quando se foi.

Para falar a verdade, adorava seus tolos amigos; era por eles, em parte, que se casava com Tyurinov, para acautelar uma guerra da qual não podia imaginar que estes cavalheiros mimados pudessem sair vivos. Neste momento, entretanto, não estava de humor para estar com eles.

Cheios de vitalidade, entre elogios e brincadeiras, acompanhavam-na em grupo pelo vestíbulo principal. Sem lhes prestar muita atenção, ela procurava em cada galeria do edifício. Não havia nem rastro de Santiago.

Possivelmente estivesse já na cama com uma nova amante, pensou desesperada, alguém a quem pudesse entregar-se completamente, já que tinha se negado a consumir o ato que lhe tinha suplicado.

Ao cruzar a entrada de mármore, da qual saíam cinco corredores que conduziam a outras tantas alas do palácio, um dos rapazes pegou um lírio laranja de um vaso que havia na mesa central e se ajoelhou a seus pés.

—Para nossa deusa —disse com brincalhona galanteria, enquanto lhe oferecia a flor.

Ela baixou as mãos.

—Me deixe sozinha!

—Faz como diz.

Todos eles voltaram os olhos em direção a uma voz fria de acento estrangeiro.

Por um momento, Serafina ficou gelada, o rosto descolorido.

Afastou-se apressadamente do rapaz da flor e, com as mãos fechadas em um punho, enfrentou com um olhar frio seu prometido.

O príncipe Anatole Tyurinov apoiava-se em uma das paredes do corredor, imponente, luzindo com vaidade sua cabeleira acobreada que caía solta por seus gigantescos ombros. Usava um uniforme escuro de gala com botões dourados. Seus olhos eram de um azul celeste brilhante como as tardes de janeiro, ensolarados, mas frios.

—Anatole. —esforçou-se em fazer uma coquete reverencia nervosa.

—Me alegro de que recorde quem sou — disse com educada recriminação, ao mesmo tempo em que lhe devolvia uma reverência mecânica. Serafina sentiu como lhe golpeava a onda de sua inata brutalidade.

O lírio caiu das mãos do rapaz, quando este murmurou uma desculpa para retirar-se.

Quando Anatole levantou o queixo para inspecionar o lugar no qual se achavam, os rapazes se encolheram como cães assustados ante a proximidade de um leão.

Deixaram-na a sós frente a ele. Embora ele estivesse a uns metros de distância, sentia-se encurralada. Começou a andar em direção dela, lentamente. Engoliu forte, mas sem intimidar-se, acostumada como estava a manter a dignidade real, algo que tinha aprendido a guardar desde sua mais tenra infância.

Fez um gesto despreocupado e elegante para a entrada.

—Bem-vindo a Ascensão e ao nosso lar. —Teve que erguer a cabeça para poder olhá-lo nos olhos.

Seu rosto se iluminou com um sorriso.

—Soberbo, heim? —murmurou, e se inclinou para recolher a flor caída. — Odeio ver que estou arruinando sua religião. Quem era?

—Esse rapaz? —disse distraída.

—Esse rapaz —repetiu, indulgente.

—Ninguém importante, Alteza. —forçou-se a sorrir.— Como foi sua viagem?

—Anatole —sussurrou.

Ela tinha vontade de golpeá-lo.

—Como foi sua viagem, Anatole?

O arrogante príncipe sorriu enquanto lhe segurava uma mecha do cabelo atrás da orelha. Teve que reprimir seu desejo de afastar-se ao sentir o toque de seu tato.

—Foi uma boa garota, minha mulherzinha?

Passou-lhe pela mente esbofeteá-lo. Delicadamente, afastou-se dele e deu uns passos em direção ao vestíbulo vazio. Dirigiu-se à mesa central e aparentou cheirar as flores, de costas para ele. Podia sentir seus olhos sobre seu corpo. Despreocupadamente, rodeou a mesa para esconder-se de sua lascívia atrás do ramo.

Ele ia se aproximando pouco a pouco, mas ela mantinha o arranjo floral gigante entre os dois.

—Como foi a viagem de navio? —perguntou com fingida alegria.

—A viagem foi muito chata, porque tudo o que queria era vê-la. —Sua voz era rude como o arado que se afunda na terra.

Ela cortou a folha murcha de uma rosa. Seu sorriso era fixo, mas suas mãos tremiam.

—E quando chegou?

—Faz duas horas. Estive tomando um drinque com seu maravilhoso pai.

O elogio sobre seu pai não lhe passou despercebido. Sua tensão desceu um grau ou dois. Ela levantou o olhar.

—Espero que papai não tenha sido muito sentimental com você. Minha partida vai ser difícil para ele. Ele é muito protetor.

—Sim, sei —murmurou.— Por isso é que me parece estranho —Se deteve, reflexivo.

—O que acha estranho, senhor?

—Que a enviasse sozinha ao campo com um homem a quem um dia demonstrou sua admiração.

Olhou-o fixamente, branca como cera.

Seu sorriso foi mortífero.

—Acaso acredita que esse Santiago é o único que pode conhecer os segredos dos outros, minha mulherzinha?

Abriu a boca para falar. Mas sem conseguiu-lo.

—É claro, seu pai não tem a menor ideia de sua admiração por esse homem.

—Eu era bastante jovem —se esforçou.

—colocou-lhe as mãos em cima?

—Não.

—Colocou? —perguntou.

—Não! —Seu coração pulsava como se fosse explodir e lhe tremiam os joelhos.

—Seu pai confia nele.

—Não tem razões para não fazê-lo. A conduta de Santiago é impecável. E quanto a minhas antigas insinuações, não vou negar. Esse homem salvou a vida de meu pai.

—Tanto lhe impressionou isso? É algo bastante usual no campo de batalha que um homem dê sua vida por seus amigos.

—Eu tinha doze anos, Anatole, era uma menina. Eu estava ali quando aconteceu. Seu sangue me tocou.

O mero fato de dizê-lo a fez tremer dos pés a cabeça.

Anatole a olhou com azedume, pouco convencido do que ouvia.

—Está me dizendo, então, que se sente ligada a esse herói seu?

—Quando era menina assim era, mas isso foi há muito tempo. Santiago e eu nos tratamos muito superficialmente agora. —Olhou-o com segurança, odiando-se por baratear, com suas mentiras, a doçura e a ternura que tinha havido entre Darius e ela. A única coisa que podia fazer era rezar para que parecesse convincente.

O príncipe rodeou a mesa para aproximar-se dela e lhe sorriu sedutor.

—Espero que não me esteja mentindo, minha doce rosa. —Agarrou-a pelo braço. Serafina se desfez dele, ruborizada—, porque saberei a verdade na noite de nossas núpcias — acrescentou.

Conteve um gemido e se virou para afastar-se dele com pernas trêmulas. Podia ouvir sua risada atrás. Depois, ele a seguiu.

—Serafina...

—Senhor, está tomando muita confiança —disse friamente, enquanto se afastava dele com rapidez.

—Sua Alteza, só estava provocando-a.

Deu meia volta.

— Provocando?

—Não está contente de ter aprovado-a?

Olhou-o fixamente, atônita por sua desfaçatez, e se viu de repente encurralada junto à parede. Cruzou com firmeza os braços sobre o peito, a modo de escudo, e respondeu, desafiante, a seu olhar lascivo. Tratava de intimidá-la, como a última vez que se encontraram, a vez em que lhe havia dito que ele teria que domesticá-la.

Seguro de si mesmo, inclinou a cabeça para observá-la, e suas mechas de cabelo loiro lhe caíram sobre os ombros.

—Disse-me um passarinho que há três anos, em seu baile de apresentação, o pobre homem teve que ir-se depois que você se pendurou em seu pescoço. Isso me demonstra que é um homem de honra, como diz, e que ele sabe seu lugar. Algo que aprecio.

—Sua Alteza o aprecia, entendo.

Anatole lhe pegou a mão para calá-la, com uma expressão de longo cumprimento.

—Seu pai deveria estar contente de ter a um homem como ele. Tanta lealdade é estranha. Minha única pergunta é se você tratou que tentar ao pobre coronel Santiago de novo durante sua agradável estadia no campo. Uma mulher como você não pode suportar que um homem mostre indiferença a seus encantos, e nenhum homem pode ser tentado por muito tempo.

—"*Uma mulher como você*"? — Olhou-o, desconfiada. — É evidente que não sabe nada sobre mim. Desculpe-me, Alteza. Já respondi a sua pergunta três vezes. — voltou-se para afastar-se dele.

Ele a deteve lhe cravando bastante grosseiramente um dedo no ombro para obrigá-la a ficar junto à parede. Não lhe custou muito levá-la aonde ele queria. Era humilhante.

—Não se vá. Suplico, me perdoe, esposa minha —disse, sorrindo.

Nesse momento, Santiago bateu a porta ao entrar pela porta principal.

"*Ai, Meu Deus!*" O estômago lhe deu um tombo.

Passou um segundo aterrador antes que ele os visse. Anatole apenas se incomodou em olhar sobre seu ombro para ver quem estava na porta. Com a cabeça baixa, a franja lhe cobrindo os olhos, Darius caminhou com ar meditativo até o vestíbulo da entrada. Só então levantou a cabeça e os viu.

Ficou gelado. Primeiro olhou a Serafina, e depois seus olhos negros se acenderam de raiva ao ver Anatole.

O ar de melancolia que parecia envolvê-lo se desvaneceu. Sem hesitar um momento, percorreu a distância que o afastava deles e afastou Anatole de Serafina com um murro.

Capítulo 13

Serafina abafou um grito ao ver que Anatole retrocedia um passo. Darius amaldiçoou-o, jogando-o contra a parede.

—Acaso não sabe quem é? Como se atreve a lhe pôr as mãos em cima? —Darius parecia fora de si.

Anatole pegou Darius pela garganta. Darius escapou agilmente e lhe golpeou o abdômen com o cotovelo, o que fez que o príncipe se dobrasse de dor enquanto proferia uma maldição. Darius o olhou com desprezo e lhe dirigiu umas palavras em russo, o que fez com que o outro lhe devolvesse o olhar com fúria e frustração.

Anatole lutou contra ele.

Serafina não tinha visto nada semelhante em sua vida. Ficou imóvel, atônita, tampando a boca com as mãos enquanto via como seu noivo e seu amante mediam sua superioridade como dois animais selvagens. Tyurinov tinha o tamanho e a brutalidade de um touro raivoso, enquanto que Darius era a velocidade e a finura de uma pantera em busca de sua presa. Sabia que não havia maneira de separá-los, e tampouco podia ir procurar ajuda, temerosa de que se fosse, se atrevessem a matar um ao outro.

Sabia que um mordomo tinha saído correndo e ouviu os gritos de um criado que saía pedindo ajuda, mas ninguém se atrevia a aproximar-se. Serafina era incapaz de mover-se.

Aterrada, olhou a seu redor sem saber o que fazer, e quando os dois homens caíram a seus pés como dois lobos, limitou-se a apertar-se contra a parede. Darius estava agora em cima do russo, e os dois tratavam de estrangular-se mutuamente.

Ele golpeou Tyurinov no rosto, o que fez que lhe soltasse a garganta. Nesse instante, viu como Darius levava a mão à adaga. Horrorizada, gritou para detê-lo:

—Darius, não!

Ele a olhou, com o peito palpitando, e ela pôde ver a besta em seus olhos; a mesma besta que a tinha salvado aquela noite no labirinto. Seu olhar foi como um bálsamo para os impulsos assassinos do espanhol.

Esse instante de indecisão foi aproveitado por Anatole, que pôde recuperar-se e golpear a Darius sob o queixo.

Os guardas entraram em turba ao vestíbulo e separaram os dois homens. Foram precisos vários homens para mantê-los separados. Na distância, seguiam gritando um ao outro em russo.

—O que dizem? —gritou Serafina.

Nenhum dos guardas sabia.

Não podia acreditar que Darius tivesse atacado Anatole dessa maneira. Tinha sido provocado pelos cortesãos para que brigasse muitas vezes, mas ele nunca se permitiu lutar sob o teto de seu pai.

Darius se desfez bruscamente dos homens que o seguravam e deu um passo atrás, penteando a franja com a mão. Anatole começou a acalmar-se também, embora os dois homens seguissem sob a vigilância estreita dos guardas.

O príncipe russo sangrava pela comissura da boca, e Serafina pôde ver a mancha de sangue no ombro mal cicatrizado de Darius.

Não sabia a quem dirigir-se.

Nesse momento, odiava aos dois por igual.

Envergonhada, olhou Darius. Despenteado e com o peito palpitante, o homem de sangue espanhol tinha a vista fixa nela. Seus olhos negros como carvão brilhavam como os raios de uma tempestade, consumidos de paixão. Nesse momento, sua beleza era a de um anjo vingador e ela teve a estranha premonição de que não voltaria a vê-lo nunca mais.

Sentada na escrivaninha de seus aposentos privados, Julia Calazzi enviava outra de suas injúrias a um credor que não deixava de persegui-la, e pensava em como tinha sido estúpida por revelar o título de Darius. Não era próprio de ela deixar-se levar pelas emoções, mas tinha sido incapaz de aguentar as maneiras da "Princesinha Perfeita", que tinha tido a desfaçatez de passar quase uma semana a sós com seu Santiago.

Julia não queria enfrentar a possibilidade de que tivesse havido algo entre eles, mas era evidente que Serafina estava mais apaixonada que nunca por Darius.

A chegada de Anatole lhe faria pôr os pés na terra, pensou com satisfação.

Justo então, Teresa entrou violentamente no aposento para lhe contar o que tinha se passado entre Santiago e Tyurinov. Teresa desfrutou nos detalhes como se tratasse de um suculento escândalo, mas a Julia a notícia gelou o sangue. Outros não conheciam a Anatole como o conhecia.

Quando Teresa terminou, Julia forçou um sorriso.

—Bem, querida, será melhor que corra a seu lado. Talvez necessite de uma enfermeira.

—Isso mesmo penso eu! —Teresa riu e saiu alegremente da sala.

O olhar de Julia se pousou ausente sobre a escrivaninha. O coração lhe palpitava com rapidez. Tentou não deixar-se levar pelo pânico. Levantou-se e retocou a maquiagem dando-se um pouco de tempo para considerar sua estratégia.

Daria a Anatole uma hora para acalmar-se.

Transcorrido esse tempo, saiu da sala e caminhou lentamente até os aposentos dos hóspedes, com a cabeça bem alta. Na porta, fechou os olhos um momento para armar-se de coragem, e bateu.

Seu criado de quarto a deixou entrar. Julia caminhou pelo aposento entre os altos oficiais russos e outros membros da comitiva de Tyurinov. Embora não pudesse entender o que diziam, a tensão no ambiente a fez compreender que a reunião que ali se celebrava era um concílio de guerra. E ela sabia quem era o inimigo.

Julia estava ali para suplicar pela vida de Santiago.

Sentia-se pequena e fraca ante eles. Mas coincidiu que eles saíam nesse momento, pelo que pôde seguir ao ajudante até o dormitório adjacente. Ao entrar, viu dois homens que mantinham em voz baixa uma conversa com o príncipe. Anatole se sentava em uma poltrona como se tratasse do trono. Seu cabelo dourado caía sobre uns magníficos ombros descobertos. O grande príncipe mantinha o olhar frio à frente com ar de hostilidade.

Ao vê-la, Anatole baixou o gelo envolvido em tecido com o qual pressionava sua mandíbula e despachou os dois homens que tinha ao lado. Eles a roçaram ao passar.

O ajudante de câmara fechou a porta e deixou-os a sós.

Pensou perguntar se ele estava bem, mas logo hesitou: não, isso não faria senão insultá-lo.

—Pequena bem-vinda —remarcou ele—, não lhe parece?

Julia torceu a boca em um sorriso frio.

—Vim lhe dar a boas-vindas que merece. —aproximou-se dele e se inclinou para beijar sua arroxeadada boca. Imediatamente, ele introduziu a mão entre suas pernas e acariciou sua vagina. Julia ocultou o desgosto e se endireitou, dando um passo atrás para afastar-se dele.

—Ainda não — reprimiu-o com um sorriso coquete.

Lascivo, Anatole levou o dedo sob o nariz.

—O que se passou? —perguntou Julia, enquanto se sentava aos pés da cama.

—Um espanhol louco me atacou. É um homem morto, é claro.

—É alguém muito próximo ao rei —indicou.— O que pretende, um duelo?

—Ainda não o decidi. Venha sentar em meu regaço —convidou-a.

Julia arqueou uma sobrancelha, sorrindo para que contivesse sua impaciência.

—Ainda não.

—Foi uma viagem muito longa sem mulheres.

—Ah. —Ela acariciou com a mão a curva da barra situada aos pés da cama.— Anatole, acha que convém desfazer-se de Santiago? Tem que saber que esse homem foi sempre o guardião de Serafina. Ela é como sua irmã pequena. Como achava que ia reagir ao ver que a ameaçava?

—Se o que quer é que me compadeça dele, terá que ser mais hábil, Julia.

Tinha razão, pensou, olhando-o fixamente. Não ia chegar a nenhum lado a menos que apelasse a seus próprios interesses.

—Além disso, duvido que seus sentimentos sejam filiais —acrescentou o príncipe com um grunhido.

—Esta gente é como um clã, Anatole. De fato —cruzou os braços e decidiu arriscar-se—, se murmura que Darius Santiago é em realidade o filho bastardo do rei.

—Ah, sim?

—Não sei se é certo —mentiu—, mas sei que quando era menino era o protegido do rei. Se for realmente o filho de Lazar, não acredito que seja uma boa ideia que o mate. Além disso, todo mundo sabe que se Santiago fizer favores a alguma mulher neste reino, é para mim.

Coçou ligeiramente o queixo com o punho, considerando o que acabava de ouvir.

—Irmãos?

—Se tivesse uma irmã e visse como a ameaçavam, não faria o mesmo?

Dedicou-lhe um olhar intratável depois o retirou, incômodo em seu assento.

—Anatole, de verdade. Eu sei tudo sobre os que vivem neste palácio, e Sua Alteza não está apaixonada por ele. Como pode ter dúvidas, precisamente você? — Começou a caminhar lentamente para ele, balançando os quadris com cada passo. Anatole a olhou, embevecido.

Rodeou o espaldar de sua cadeira e se inclinou para ele lhe acariciar o peito com as duas mãos.

—Nenhuma mulher pode preferir a outro homem —sussurrou.

Anatole se recostou na cadeira, para desfrutar melhor de suas carícias. Julia se mostrou por fim satisfeita ao ver que ele fechava os olhos.

—E o que ocorreria se sofresse um acidente? —murmurou.

—Averiguariam, querido. Odiaria ver como esta insignificância se converteria em um obstáculo para sua maravilhosa carreira. Muita gente conta com você, Anatole. Deixa-o estar, não vale a pena. Ele não é ninguém.

—Não é ninguém — concordou, enquanto ela continuava acariciando-o.

—Vamos, me conceda este favor, Anatole —lhe suplicou.— Não lhe dará mais problemas. Eu o mantereí afastado de sua noiva.

As safiras de seus olhos se abriram de repente. Fixou a vista nela, divertido.

—E o que ganha você com isso, Julia?

—Bom, se lhe interessa saber, dinheiro —acrescentou, baixando suas pestanas.— Seu dinheiro. Quero me casar com ele.

Ele começou a rir. Era o som mais frio que jamais tinha ouvido .

—Estou quase na miséria —protestou, um pouco desconfortável com a risada.— Se o mata, não sei o que vou fazer.

Sem parar de rir, voltou a fechar os olhos.

—Tê-la como esposa já é um castigo mais que suficiente.

—Deus sabe que eu não quero ser a esposa de ninguém, mas necessito de certa segurança —disse indignada.

—Promete lhe pôr os chifres até que seja o bobo do reino?

—Assim é como eu o faço —admitiu.

—Dê-me uma massagem —resmungou.

Julia obedeceu massageando seus gloriosos ombros. Não estava acostumado ao clima italiano, pelo que sua pele aparecia coberta de uma fina capa de suor. Ficou em silêncio um bom tempo, acomodado na cadeira. Através da janela, o sol começava a se pôr por trás das longínquas colinas.

—Está considerando? —perguntou-lhe.

—Possivelmente chegue a me convencer. —Rodeou a cintura dela com seus dedos, enquanto baixava a mão por sua virilha.

Sem querer, Julia percebeu sua repentina ereção.

—Convença-me, Julia —sussurrou, com os olhos fechados. — Já sabe como.

Com o torso nu, Darius tentava arrumar os pontos de seu ombro. Estava só no quarto, sentado na penteadeira. O cuidadoso trabalho da Serafina tinha servido para manter fechada a ferida que já tinha começado a cicatrizar. Mas agora, depois da briga, esta voltava a sangrar.

Tinha trancado a porta para afastar às harpias que queriam entrar. Evitava as súplicas que vinham do exterior e, de repente, levantou os olhos ao ouvir uma voz familiar de homem entre elas.

—Porque aqui se encontra a melhor armada que jamais viram! Damas, minhas queridas damas, se em lugar de me atacar certo espanhol me atacassem vocês, prometo-lhes que me renderia.

Darius entreabriu os olhos. O "*Príncipe Encantador*" estava outra vez à carga. Podia imaginar a cena: o atraente príncipe pavoneando-se ante seu cortejo. Ouviu um som de risadas femininas e mal se atreveu a pensar no que o jovem Romeo estaria fazendo com elas ali fora.

—Corram, moças, vão pôr seus vestidos de festa, porque espero dançar com cada uma de vocês esta noite.

Elas lhe suplicaram que ordenasse a Darius que abrisse a porta e as deixasse entrar, mas ele as fez dispersar-se com seu irresistível e natural encanto.

—Vamos, vamos, saiam daqui, queridas. Devo falar em privado com seu boxeador profissional, de homem para homem.

Um pensamento de terror sacudiu Darius. E se Rafe tinha deduzido a verdade de sua relação com Serafina? Pelo amor de Deus, e se o pequeno janota tinha vindo desafiá-lo? O duelo era o último grande entretenimento do rapaz.

Então ouviu a batida na porta.

—Ei, Santiago. Deixe-me entrar.

Lentamente, Darius se levantou e abriu a porta para que entrasse o príncipe herdeiro. O jovem irrompeu no aposento deixando atrás dele a porta aberta.

—O que está fazendo sentado aqui, às escuras? Meu Deus, Santiago, às vezes recorda a um cogumelo. —Rafael levava um grande manuscrito sob o braço. Jogou-o na escrivaninha e pegou a única vela que Darius tinha acesa. Com ela, foi acendendo os

candelabros das paredes.— Odeio ser eu quem lhe traga as más notícias, Santiago, mas temo que lhe retiraram o convite ao baile de boas-vindas do Tyurinov esta noite.

Darius riu levemente.

—Um alívio temporário.

—Que novidade, também, ver que meu pai renega-o enquanto eu obtenho seus favores. A propósito, quer vê-lo.

Darius suspirou e esfregou a fronte.

—Sim, imaginava. —Com o cotovelo apoiado na mesa da penteadeira, deixou descansar a cabeça sobre sua mão e olhou ao chão com tristeza.

Nesse momento viu as botas de Rafe que esperava em pé frente a ele, com as mãos na cintura. Tinha as botas e as calças manchadas de barro.

—Onde esteve, jogando em uma pocilga? —perguntou-lhe Darius levantando o olhar.

Rafe sorriu com orgulho, e a covinha de seu queixo se fez mais pronunciada.

—Trabalhando em meus mapas, para o aniversário de meu pai —acrescentou como explicação.

Darius assentiu, recordando o que Serafina lhe havia dito sobre o projeto de seu irmão de desenhar os mapas dos túneis subterrâneos do palácio.

—Um projeto ambicioso.

Rafe vagou pela habitação e se sentou em uma poltrona brocada.

—Não tão ambicioso como o de golpear Tyurinov na cara. —Então começou a rir enquanto tirava uma elegante cigarreira de seu colete.— por que demônios o fez?

Com um suspiro, penteou a franja da testa.

—Não sei. Não sei o que pôde me acontecer.

O rapaz bebeu um gole e limpou a boca com a borda da mão.

—Não sabe? —disse, com intenção. Por um momento, seu penetrante olhar recordou o de Lazar, embora Rafael fosse mais parecido a sua mãe. Darius lhe devolveu o olhar com aborrecimento.

—Estava acoçando minha irmã, não é?

—Assim me pareceu. Deus sabe que era a última coisa que esperava achar.

Darius tinha tido já um dia complicado quando entrou no vestibulo e encontrou Tyurinov tratando de intimidar Serafina. Tinha passado a manhã interrogando o pequeno e seleto grupo de oficiais, tratando de achar um substituto para o posto de Chefe da Guarda Real que Orsini tinha deixado vago. Depois, encarregou-se da deportação da jovem Cara, enviando-a finalmente para pedir asilo ao governo da França.

Feito isto, foi ao povoado para enviar o Czar Alexander o informe no qual se explicavam as maquinações que havia contra sua nomeação. Por último, tinha visitado o advogado para pôr seus últimos assuntos em ordem, como a questão de seu testamento.

Em um ato de puro sentimentalismo, tinha comprado a vila amarela do governo e a tinha legado a Serafina. Queria que fosse dela, para que tivesse sempre um lugar de retiro onde afastar—se da frivolidade da corte. Seria um lugar para lembrar dele e recordar também os maravilhosos dias que tinham compartilhado ali.

—Ela não o quer, sabe? —disse o jovem, devolvendo o à realidade. — Oculta diante de papai e dos outros. É uma desgraça! Por que diabos uma pobre garota vê-se obrigada a nos proteger a todos? O que acontece a honra? Somos homens, não? —De repente se levantou e começou a andar pela quarto.

—O que sugere?

Rafe apertou os dentes.

—Digo que lutemos! Se Napoleão acreditar que pode nos vencer, deixemos que tente! Ela é minha irmã, eu a protegerei! E você nos ajudará!

—Ai, a juventude! —murmurou Darius com cinismo.

—Acredita que é impossível? —perguntou Rafael.

—Superam-nos amplamente em número e, além disso, meu querido cabeça louca, nem sequer saberíamos onde atacar, que costa proteger —disse com tristeza.—Não se preocupe, tudo vai sair bem.

—Isso só pode significar que tem um as oculto em sua manga. Bem, espero que assim seja. —Rafael deu um cortês bufo enquanto seguia caminhando de um lado a outro do aposento. — Às vezes penso que a única razão pela qual meu pai trata de evitar a guerra a todo custo é porque tem medo de que eu ponha um pé no campo de batalha e seja imediatamente feito em migalhas. Possivelmente se não tivesse o grande Santiago me fazendo sombra com frequência, poderia ver que não sou nenhum imbecil —disse com um sorriso cheio de tristeza.

Darius estremeceu.

—Não diga isso. Você é seu filho. Seu herdeiro.

—De acordo, e você é seu protegido. Os simples mortais como eu nunca estaremos à altura do que ele quer.

Darius desceu o queixo, e se deu conta de que esta seria talvez a última vez que veria o moço que tinha sido como um irmão pequeno para ele.

—Sei que lhe exige muito, Raffaele, mas é porque se preocupa com você.

—Acha que me escuta alguma vez, acha que confia em minhas sugestões tanto como confia nas suas?

Darius deu de ombros, sem saber o que dizer.

—É só porque eu tenho mais experiência.

—Claro, mas eu nunca terei nenhuma experiência, porque nunca me permite fazer nada. Tudo o que faz é me criticar. Nada do que faço é suficientemente bom, assim, sabe o que? Rendo-me. Ao diabo. Não há forma de lhe agradar. Só quando ele for comer grama pela raiz e eu seja o que ponha as leis poderei me divertir um pouco.

Darius o olhou, horrorizado.

Rafe não pôde evitar sentir-se culpado ao ver seus olhos acusadores.

—O que? —murmurou.

—Como pode falar assim? Esse homem beija a terra pela qual pisa —disse zangado.— Acredita que é muito duro com você? Deveria ter conhecido meu pai. Não teria durado nem um dia.

—Certo, Santiago, tranquilize-se —o jovem sorriu desconfortável enquanto se apoiava no peitoril da janela e olhava o mar longínquo—, ou o seguinte que fará será me bater também na cara.

Justo então, ouviu-se um clique na porta e Darius voltou a ficar rígido. Julia Calazzi olhava às escondidas o interior do aposento.

—Olá?

Darius franziu o cenho ao príncipe.

—Esqueceu-se de fechar a porta.

Julia lhe dedicou um sorriso tímido, quase de menina pequena e entrou no aposento. Fechou a porta atrás dela e caminhou para ele com seu sinuoso e feminino andar.

Rafe a viu passar, e não pôde deixar que seus verdes olhos percorressem lentamente sua figura. Assobiou-a além com admiração.

—E aqui está, a mulher de meus sonhos.

—Saia, quero falar com Santiago —lhe disse Julia enquanto punha para trás o cabelo.

—Por que nunca me visita? Digo-lhe todos os dias que estou apaixonado por ela e não me escuta, Santiago. Algum conselho?

—Cuide das costas —disse Darius prosaico.

Julia lhe dedicou um olhar mal intencionado e altivo.

—Ah, sim?

Rafe se retirou do batente, ficou atrás dela e a pegou pela cintura. Darius observou divertido como o moço a atraía com um grunhido de lobo.

—Vamos, Jules, me dê uma oportunidade.

Julia olhou-o com desprezo.

—Sou muito velha para você. Vá procurar uma garota da mesma idade.

Fez uma careta para Darius sem que o visse e a apertou ainda mais.

—Não seja má, Jules. Farei-a passar os melhores momentos de sua vida.

—É você uma praga real, isso é o que é!

Darius sorriu satisfeito ao ver sua expressão de desconforto.

Julia deu ao juvenzinho uma cotovelada.

—Saia daqui! Vim falar com Santiago!

O príncipe sussurrou algo provavelmente indecoroso em seu ouvido.

Ela sapateou impaciente com o sapato.

—Santiago! Diga-lhe que pare!

—Pare —disse Darius com secura.

—Está bem! Será melhor que não faça zangar o boxeador profissional. Sua virtude está a salvo, meu amor. Por hora —e acrescentou sorridente— Mas quando necessitar de um homem jovem com um pouco de resistência, já sabe onde me achar.

Julia gritou quando Rafael lhe deu um beliscão no traseiro antes de afastar-se dela.

Recolheu os mapas e se dirigiu à porta.

—Ciao —disse.— Não faça nada que eu não fizesse. —Fechou a porta atrás dele.

Darius desejaria que não se fosse.

Julia se voltou para ele, com um olhar quase envergonhado.

—É um jovem repugnante.

Darius se moveu para agarrar sua camisa de cima da cadeira.

—Desfruta de cada minuto com ele.

—Está bem —concordou, olhando em direção à porta—, a ideia de educá-lo tem um certo atrativo. Depois de tudo, será rei algum dia.

Olhou-a com dureza enquanto vestia a camisa.

—Não se preocupe. Segui suas ordens. Não vou corrompê-lo. Está a salvo. — Olhou a Darius com desconfiança.— Tenho presas mais importantes que caçar.

Darius cruzou os braços e a olhou com ceticismo.

Julia suspirou, com o olhar fixo no teto.

—Podia lhe ter dito sobre Orsini. Incomoda-me saber que estive em perigo quando eu podia tê-lo advertido disso — hesitou. — Me comportei horrivelmente a outra noite. Não devia esbofeteá-lo.

Ele não disse nada, esperando que se fosse.

—Depois de deixá-lo nessa noite —continuou—, soube quem tinha em seu dormitório.

Seu olhar se cravou nela com fúria.

—Reconheci sua voz.

Ele a olhou com raiva.

—Sei que exagerei —continuou.— É evidente que nunca se amarraria com a filha do rei. Sei que ela sempre esteve louca por você e que, é claro, é linda —disse acidamente—, mas como você me disse centenas de vezes, ela é como uma irmã pequena para você.

—Poderia ir direto ao ponto?

Olhou-o de frente, com as palmas das mãos levantadas.

—Estou tentando me desculpar. Com todos estes espiões que descobriu, e com a chegada dos russos, entendo agora que só fazia seu trabalho.

—O que quer?

Ante esta interrupção, ela baixou a cabeça e colocou as mãos nas costas.

—Está zangado.

—Não, o que estou é cansado de jogos.

—Eu também —disse categórica.— Isso é o que estou tratando de lhe dizer. Santiago, Darius —se corrigiu—, quero que pense sobre o futuro e sobre mim.

Refreou sua vontade de entreabrir os olhos.

— Enviuvou há menos de seis meses.

—Acha acaso que tenho alguma reputação que proteger guardando o período indicado de luto? —Suas palavras foram profundas, carregadas de amargura.

—Julia —começou Darius com amabilidade—, nunca funcionaria. Tire essa ideia da cabeça.

—Sei que isto é uma surpresa para você —protestou—, necessitará algum tempo para pensar.

—Não, não precisarei —disse suavemente.— Sinto muito.

Embora tratasse de valorizar suas palavras por um momento, Darius pôde ver a vulnerabilidade e o ar de desespero que foi aparecendo lentamente em seus olhos.

Neles pôde ler o medo do momento em que sua beleza se desvanecesse. Possivelmente tinha começado a compreender que um dia ficaria sozinha com o amargo fruto de todas as decisões estúpidas que tinha tomado.

—Somos bons juntos, acredito que você e eu poderíamos aprender a amar o um ao outro, Santiago.

—Julia, Julia —suspirou enquanto tomava pelos ombros e a beijava na testa.

Olhou-o com profunda necessidade.

—Tente comigo —sussurrou.— Acredito que poderia fazê-lo feliz.

—Aceita a realidade —disse sem deixar de olhá-la.— Eu a utilizei assim como você me utilizou. Isso foi sempre o que houve. Isso foi tudo o que fomos capazes de nos dar quando estivemos juntos. Olhe para nós: duas almas endurecidas e atormentadas. Encontrará a alguém, Julia.

—Já encontrei —replicou.

Ele se limitou a sacudir a cabeça enquanto a soltava.

—Será melhor que vá. —aproximou-se da porta e a abriu para lhe mostrar o caminho.

Mas Julia não o seguiu. Para sua surpresa, a mulher começou a rir.

—É um estúpido arrogante —lhe replicou em um tom envenenado.— Acha que não vejo o que está acontecendo?

Ele a olhou por cima do ombro, surpreso.

—Como disse?

Julia se abraçou fortemente ao próprio peito, com lágrimas nos olhos.

—Diga-me, fez com ela terna e lentamente quando estavam no campo, em suas rústicas férias?

Darius ficou gelado. Voltou-se e foi direto para ela.

—Como se atreve?

As lágrimas tinham desaparecido de seus olhos. Agora se dava tapinhas no lábio, pensativa.

—Mmm, pergunto-me o que diria o rei se inteirasse.

—Se inteirasse do que?

Ela pensou um momento, pesando as palavras. Brandamente, mudou de tática.

—Ouvi o que se passou ontem à noite com Teresa.

—Não se passou nada.

—Precisamente. Quando ouvi que não tinha deixado que Teresa passasse a noite com você, minhas suspeitas se confirmaram. É patético —acrescentou amargamente.— Não trate de negar. Eu sei muito bem que está babando pela princesinha desde que ela mal tinha dezesseis anos.

Darius guardou silêncio um momento, como se tratasse de decidir como manejar o assunto. Aparentemente não podia fazê-lo.

—Se difundir calúnias sobre ela, Julia —lhe disse bruscamente—, acabarei com você. Não brinco.

—Nunca poderá tê-la, e sabe disso — jogou as palavras na cara. — Ela nunca entenderá como eu o entendo. Ela não poderia suportar o ódio que há em seu interior!

Ignorou suas palavras.

—O que vai fazer?

Julia riu, divertindo-se.

—Perdoe, mas isto é tão divertido. Por fim descobri seu ponto fraco. Sempre soube que tinha um em algum lugar, escondido, mas a filha do rei? Ah, claro, sempre gostou do proibido. Parece que o tenho justo onde queria, não acha?

Ele a olhou. Tremia de raiva.

—O que quer?

—A você, querido —respondeu.— Quero a você. Diz que não sei o que é o amor? Sei. O quero há anos. Agora, por fim, sou livre, e se não puder tê-lo —disse friamente—, vou destruí-lo.

Sentiu como se lhe tivessem golpeado com força no estômago.

—Como?

—Vou dizer ao rei que seduziu à preciosa menina de papai.

—Mas ela é pura —gritou.— Não tem provas.

—Não as necessito. Conheço-o, Santiago. Não seria capaz de mentir frente ao rei. Seus olhos o delatariam.

—O que persegue? Dinheiro? —perguntou furioso.— O título?

—As duas coisas aumentam seu atrativo. Mas é a você a quem quero.

—Por que me quer se eu não a quero? Nunca vou apaixonar-me por você.

Limitou-se a sorrir, mas Darius pôde sentir a raiva sob sua fria fachada.

—Digamos que me reconforta saber que você é tão puta como eu.

Darius a olhou fixamente, doído e desconcertado por suas palavras.

—Dou-lhe três dias. Depois desse tempo, ou vem de joelhos a mim me propondo matrimônio ou se prepare a que todos saibam a fraude que é.

Julia ficou nas pontas dos pés para lhe beijar na face, mas ele se esquivou com uma careta e se aproximou da porta.

— Pense.— advertiu.— Precisa mais de mim do que eu necessito a você.

E se foi.

Darius penteou o cabelo com a mão, fora de si. Tentou recuperar o controle.

Não havia nenhum perigo nas ameaças de Julia, pensou, porque estaria morto em alguns dias. O pensamento foi duro, mas reconfortante. Atacou-o de repente uma necessidade desesperada de ver o sorriso inocente e puro da Serafina, seus olhos violetas. Sentia tanto sua falta que lhe doía todo o corpo, como se o tivessem partido pela metade.

Tremia de dor, só em seu quarto. Fechou os olhos com força e levou a parte interior de suas mãos para eles, recordando os beijos que lhe tinha dado nas costas, recordando o sabor de sua pele sedosa entre seus lábios. Sentiu como se o mundo inteiro estivesse suspenso em um vasto abismo, mas não, não podia ir vê-la. Se visse seus olhos uma vez mais, não poderia partir e fazer o que tinha que fazer.

Tratou de afastar a dor como se de um inimigo se tratasse. Aproximou-se da cama e pegou o estojo negro que tinha posto debaixo dela. Reuniu as demais armas, pegou uma mochila de couro e começou a empacotá-las.

Depois da máscara, banhos, um em leite e outro em água morna perfumada, Serafina se deitou um momento no divã do salão enquanto sua criada fazia agilmente a manicura e a cabeleireira cortava as pontas mais secas de seu cabelo. Sentia-se como um elaborado alimento a que estivessem preparando para servir a um faminto gigante.

Sua criada terminou com as unhas no momento em que a cabeleireira colocava com cuidado o diadema de diamantes sobre sua cabeça. Dando ordens a uma criada para que lhes trouxessem um espelho, a cabeleireira explicou as diferentes opções que tinham

com o penteado, recolhendo o cabelo a um lado e a outro, enrolando-o aqui e prendendo-o lá.

—Levarei o cabelo solto —disse.

—Solto? Em um baile? —disse a madame, assombrada.— Acreditarão que é uma selvagem!

Serafina se olhou ao espelho tratando de dominar-se.

—Solto, por favor. — Darius gostava dele solto.

—Mas o decote de seu vestido está pedindo a gritos um coque!

—Então, usarei outro vestido.

—Mas ninguém poderá ver seu pescoço! Seu pescoço é perfeito, como o de um cisne. Se eu tivesse um pescoço assim, cortaria o cabelo à altura das orelhas, como se fosse um homem!

Serafina suspirou com tristeza. Tolerava os arrebatamentos de paixão da cabeleireira só porque era a melhor do reino no que fazia. Nesse momento, alguém bateu na porta. Serafina fez um gesto a jovem criada que segurava o espelho. A garota foi e abriu a porta.

—Para Sua Alteza —disse um mordomo com uma reverência.

—Obrigado —murmurou a criada lhe devolvendo a saudação. A seguir fechou a porta e voltou junto à Serafina, lhe oferecendo o pequeno pacote de veludo.

Ela o aceitou e abriu com curiosidade a caixa. O coração deu um salto ao ver o que continha. No fundo da pequena caixa estava o monstruoso diamante de compromisso.

Tinha sido perfeitamente reparado. Sem uma expressão, sem o mais mínimo estremecimento, pegou o anel de Tyurinov e voltou a colocá-lo no dedo.

—Mais vinho, Alteza? —perguntou a jovem criada, dando um passo adiante com uma bandeja na mão.

—Sim, por favor —murmurou, e quando a garota lhe deu o copo, Serafina o levou a boca e bebeu o vinho avidamente.

Às oito em ponto, olhou-se por última vez no espelho de corpo inteiro.

Era realmente ela, essa pequena confecção rosa? Perguntou-se. Sentia-se enfasiada e perdida, embora a jovem do espelho parecesse a princesa de um conto de fadas, inocente e fresca. Seus cachos de visom negro tinham sido penteados com o diadema de diamantes, o que deixava descoberto seu pálido e bem contornado rosto, enquanto o resto do cabelo lhe caía pelas costas. O vestido de seda era quase branco, tingido apenas de um rosa de concha marinha. As mangas eram estilo filipino e, além disso, cobriria suas mãos e seus braços com luvas longas brancas.

Que ironia, pensou, compadecendo-se. Era justamente esse formoso pacote pelo qual Anatole tinha pago.

Deu um longo gole final ao vinho, deu as costas ao espelho e deixou o aposento com o Els e outras damas seguindo-a de perto.

O mordomo do palácio, bem asseado e uniformizado, golpeou o chão de mármore com sua bengala dourada ao anunciar com voz nasal a entrada da princesa.

Então, Serafina se sentia já bastante bêbada para mostrar-se alegre mas não tanto como para que se notasse. Ao som de trompas, passou a descer as enormes escadas brancas, acompanhada pelo braço por seu orgulhoso pai.

O murmúrio apagado da multidão se confundia com a melodia alegre da orquestra. Seu pai a guiou sob os candelabros pendentes até o estrado onde os esperava sentada sua mãe. Anatole estava também ali e se pôs em pé ao vê-la aparecer.

Esperava-a com as mãos nas costas, como se estivesse de guarda, como se dissesse: "*Ninguém passará!*".

O salvador de Ascensão usava um uniforme de gala. Sua jaqueta azul escura com faixa negra estava profusamente decorada de medalhas de todas as formas e tamanhos, e uma faixa dourada lhe cruzava o peito. Luzia galões em seus enormes ombros e a espada que caía em um de seus quadris brilhava a luz dos candelabros.

Tinha o cabelo recolhido em um rabo de cavalo, mais dourado e brilhante que nunca.

Os convidados olharam espectadores quando seu pai lhe ajudou a subir ao estrado. Achou-se ali de cara com seu prometido. Olharam-se, com mútuo rancor, embora nos olhos de Anatole se adivinhava um brilho de frio desejo, que foi correspondido por sua vez por um de ódio nos de Serafina.

Viu o hematoma em sua mandíbula esquerda e o ligeiro inchaço que evidenciava a briga com Darius. Anatole percebeu esta observação e a reprovou em silêncio.

Ela se limitou a conter uma careta de brincadeira.

Para não perder as formas de cortesia, Serafina saudou com uma ampla e visível reverência Anatole e aceitou o braço que este lhe oferecia. Afastando-se de seu pai, Serafina fez descansar sua mão no antebraço do conquistador e permitiu que a conduzisse até seu assento, junto ao dele.

O tratamento que lhe dispensou essa noite foi de impecável correção, já que seus pais estavam pressentes. De fato, parecia o espírito da simpatia, elogiando ao primeiro-ministro e à rainha enquanto intercambiava histórias de guerra com os generais de Ascensão. Por galanteria, inclusive se prestou a culpar-se pelo assunto com Darius.

Um mal-entendido, falou, obliterando habilmente Darius com sua própria virtude, uma despreocupada nobreza que conferia a seu competidor a imagem de homem volátil e instável. Anatole se tinha dado conta de que se expressasse sua indignação contra Darius, não faria senão envergonhar ao seu pai.

Houve momentos nos quais Serafina queria gritar e derrubar cada buquê de flores perfeito e delicado do estrado, mas se manteve como uma boneca de porcelana, com as mãos no regaço e um marcado sorriso em seu rosto que fazia que lhe doessem as covinhas.

Esse era o destino para o qual tinha nascido, disse a si mesma. Custasse o que custasse, protegeria a seu pai e Rafael para que mantivessem o trono, protegeria seu povo

da guerra. Os pobres recrutas russos de Anatole morreriam em lugar dos cidadãos de seu reino. Era isto justo?

Mal podia olhar ao jovem herói de guerra sem mostrar sua amargura. Ninguém suspeitava de sua verdadeira natureza, pensou. Sem temor que fossem deixados a sós essa noite, Serafina ria de vez em quando de sua falsidade, embora a maior parte do tempo procurasse com os olhos Darius entre a multidão.

Tratou de sentir sua presença como o tinha feito a noite do labirinto e mais tarde, no campo, quando tinha vindo procurá-la com seu cavalo. No dia em que a beijou pela primeira vez.

Esta lembrança à fez tremer.

Soube então que não estava ali essa noite. Não podia sentir nada, e era como se seu anjo guardião tivesse abandonado este mundo. Ainda assim, sentia que o laço que os unia continuava igualmente vivo e poderoso.

O laço do sangue.

E então soube: nunca poderiam estar realmente separados; nem pelos homens, nem pela distância, nem pelo tempo.

No céu como no inferno, eram um só.

Com as mãos nos bolsos e o rosto inexpressivo, Darius esperava em pé no corrimão do pequeno navio alugado que o capitão o conduzisse ao porto de Genova. A neblina das horas anteriores ao amanhecer dificultava a visibilidade, assim tiveram que guiar-se pela luz do famoso farol do século XVI de Lanterna. Seu horripilante brilho passava em rajadas rápidas pelo imenso cais de Porto Vecchio, a cidade nascida à sombra do porto.

Finalmente, a sirene anunciou a chegada do navio ao caís. As luzes do dia mostraram a cidade murada e a catedral que despontava dentre a escuridão. Darius pegou a mochila de couro e a capa do violão que continha seu arsenal de armas e desembarcou.

O sol ainda não tinha saído quando desceu do bote alugado e pôs um pé no caís. Tinha frio e parecia desorientado. Supôs que seria pelo intumescimento da viagem.

O caís tinha um jeito desastroso, flanqueado de tugúrios⁶ e bordéis. Com uma mão pronta para tirar a qualquer momento a adaga e a outra agarrando firmemente a aba da capa, introduziu-se pelas ruas do porto, ignorando os olhares das meretrizes.

Ali foi conduzido para os estábulos onde, depois de inspecionar suas patas e seu halito, comprou um cavalo cinza muito bom para o desmantelado lugar no qual se achava, pelo que imaginou que seria roubado.

Os sinos de São Lorenzo repicavam para a missa da manhã. Darius galopou pelas ruas que rodeavam a cidade murada, iniciando assim uma viagem de quatro dias que o levaria até Milão. Cada passo do animal afastava-o de tudo o que amava, embora em seu interior mantivesse ainda vivo o laço que o unia a Serafina. Estava tranquilo.

⁶ 1. Cabana, abrigo, refúgio.

Tinha amado-a com pureza e bondade, e o que tinha experimentado com ela tinha sido, embora breve, muito mais maravilhoso do que nunca teria imaginado.

Seria uma boa morte. Serafina seria livre e por fim ele poderia ser fiel aos seus ideais.

Capítulo 14

—Meu Deus, Pauline Bonaparte mandara construir uma estátua nua de si mesma! —gritou Els, levantando o olhar da folha de notícias.

Sentada na penteadeira enquanto a madame trabalhava em seu penteado, Serafina olhou com aborrecimento o reflexo de Els no espelho.

A manhã era clara e luminosa, algo que não podia dizer-se de seu ânimo. Doía-lhe um pouco a cabeça do vinho da noite anterior. Tinha esperado toda a noite que Darius aparecesse no baile, mas nunca o fez. Depois, em seu quarto, tinha esperado que entrasse pela porta secreta, embora, certamente, tampouco o tinha feito.

Bebeu um gole de café, e pegou quase sem forças outro pedaço de melão da bandeja do café da manhã para dar-lhe ao seu macaco.

—Ouvii o que acabo de dizer? —gritou Els.— Uma estátua nua!

—Por que tem que me importar o que faça Pauline Bonaparte?

—Essa rameira—murmurou a cabeleireira entre dentes.

Serafina nunca tinha conhecido à irmã mais nova de Napoleão. Só tinha visto uma miniatura dela uma vez e tinha ouvido, como o resto do mundo, as fabulosas histórias que se contavam sobre sua beleza e suas numerosas conquistas. Ao que parecia, Pauline colecionava homens como seu irmão colecionava países.

Infelizmente, a formosa mulher de vinte e cinco anos havia também declarado guerra de forma extraoficial a Serafina desde que alguns jornais tinham começado a fazer apostas sobre qual das duas princesas era mais formosa.

—Mas, Pequeno Grilo, é uma delícia! Tem que ouvir isto —protestou Els.

—Está bem, segue lendo —suspirou desanimada.

Els se deitou de barriga para baixo na cama com dosséis de Serafina para lhe ler a crônica, tratando de atrair a atenção da princesa.

—Aqui diz que a princesa, caramba, que Pauline...

—Princesa! —grunhiu a cabeleireira.

—Que a princesa Pauline pousou para uma nova estátua em Canova (A Venux Victrix) pratimente nua! —Els ria enquanto seguia com a história—: O pobre príncipe Camillo, seu marido, está tão obcecado pelos ciúmes que mantém a estátua encerrada em uma sala vazia da Vila Borghese.

—Se fosse inteligente, o que faria seria trancar a esposa com a estátua — declarou a madame.— Não entendo como um homem tão refinado pode permitir que lhe ponham continuamente os chifres ante o mundo!

A cabeleireira olhou para Serafina.

—Devia lhe ter dito que sim, não acha? —Ante os olhos entreabertos de Serafina, a mulher acrescentou—: Ele é de boa família. Italiano, bonito e rico.

Mas não é Darius, pensou, com as lágrimas lutando por sair de seus olhos. De repente, desfez-se dos cuidados da cabeleireira e cobriu o rosto com as mãos.

Com os cotovelos apoiados na penteadeira, deixou cair à cabeça entre suas mãos, desfazendo com os dedos o penteado quase terminado. Podia sentir o olhar das duas mulheres. Um tenso silêncio invadiu o aposento até que Els murmurou algo à cabeleireira. Serafina ouviu o ruído da porta ao fechar-se e depois viu como sua amiga se aproximava dela e a observava preocupada.

—Grilo, o que lhe ocorre? Pauline Bonaparte não merece isto. O que acontece? Não parece a mesma desde a noite em que chegou do campo.

Não sabia o que responder a isso. A necessidade de ver Darius era tão grande que quase lhe dava medo.

—Els —disse lentamente, sem abrir os olhos—, por favor, procure o coronel Santiago por mim.

Pôde sentir os olhos desconcertados de sua amiga.

—Por quê?

—Não me faça perguntas! Sou a princesa, faça isso logo!

Els cruzou os braços.

—O que está acontecendo? —perguntou.— É amante de Santiago? Fez-lhe mal? Ai, Por Deus, Serafina, está grávida?

—Não, não estou grávida. —Quase desejava estar. Ficou ali sentada, em silêncio durante um momento.— Amo-o tanto. Preciso vê-lo. Só preciso vê-lo — sussurrou com desespero.

Els se sentou em um tamborete junto a ela.

—Conte-me tudo. Agora mesmo. Se não o fizer, irei procurar sua mãe e então poderá contar a ela.

—Não!—olhou a Els horrorizada.— Se minha mãe soubesse as coisas que fiz com Darius, ficaria escandalizada.

Els riu.

—Mas como acha que ela ficou grávida, querida?

Serafina piscou desconfortável por este pensamento e massageou sua fronte palpitante.

—Sabe que nada do que me diga pode me escandalizar. Agora, querida —Els aproveitou para lhe servir mais café—, comece pelo princípio.

Els não pôde evitar um sentimento de compaixão ao escutar o que tinha ocorrido entre Serafina e Darius na vila amarela, o profundamente que lhe amava e como ele tinha cortado bruscamente a relação ao chegar ao palácio, por muito que a tivesse defendido frente a Anatole. Com olhos chorosos, contou-lhe os segredos que Julia Calazzi lhe tinha revelado sobre Darius e como este o tinha mantido em segredo apesar de sua relação.

—Não soube ver em seu momento —sussurrou pensativa—, mas acredito que eu dei mais de mim mesma do que devia. Não pude evitá-lo. Ele me necessita, sei que é assim. —Olhou com os olhos transbordantes de lágrimas sua amiga.— Se pudesse vê-lo uma vez mais —E ficou sem voz.

—Está bem. —Els lhe acariciou o braço para reconfortá-la.— Irei buscá-lo e o trarei.

Serafina se voltou para ela com um brilho de esperança nos olhos.

—Acha que ele virá?

—Assegurar-me-ei de que assim seja —disse Els com convicção.— Nenhum homem escapa tendo tratado dessa maneira à princesa, nem sequer o grande Santiago.

Mas meia hora mais tarde, Els voltou sozinha.

—Onde está? Virá? Deu-lhe minha mensagem?

Sua expressão era sombria.

—Não obtive resposta quando bati na porta de seu quarto, assim procurei Alec para que me dissesse onde encontrá-lo. Alec me sugeriu que Darius podia ter ido cavalgar com Sua Majestade esta manhã, mas encontrei a um dos cortesãos e me disse que não, que Tyurinov tinha ido, mas não Darius. Depois, fui correndo procurar seu irmão — hesitou.

—Els! O que?

—Rafe diz que deixou o quarto de Santiago ontem à noite quando Julia Calazzi foi visitá-lo.

Serafina abafou um grito. Não!

—Seu irmão parecia estar bastante seguro de que Darius não estaria disponível até bem o meio da manhã, se sabe o que quero dizer.

—Julia Calazzi! —lamentou-se.— Ele não faria algo assim, Els, certamente! Esbofeteou-o na última vez que se encontraram. Foi ver se está praticando espada no ginásio ou exercitando com o cavalo?

—Tampouco está ali.

—Talvez foi à cidade fazer algum recado —disse Serafina impotente, sem poder ignorar o terrível pressentimento em seu estômago.

Tudo no passado do Darius fazia pensar na pior das opções: Julia Calazzi!

—Não sei onde está, querida. Sinto muito. A única coisa que sei é que não vou permitir que fiquemos sentadas aqui, abatidas e esperando que apareça. Sei exatamente como mantê-la distraída todo o dia. —Els pegou sua amiga pela mão e a empurrou para a porta.— Vamos às compras!

A rota do norte seguia o vale do rio Scrivia, flanqueado dos dois lados pelas imensas cúpulas dos Alpes italianos. O caminho transcorria por aldeias medievais construídas em espiral ao redor das cúpulas, com campos em terraços semeados de árvores frutíferas e vinhedos.

Darius aliviou a carga ao exausto animal desmontando, contente de poder estirar as pernas e respirar um pouco de ar fresco, uma mudança reparadora na monotonia do caminho. Tudo o que se podia fazer era pensar.

De vez em quando se detinha para deixar seu cavalo beber enquanto ele contemplava a linha sinuosa das montanhas que o rodeavam, seus cumes nevados de um branco irreal que contrastava com o azul do céu. Provou da água cristalina que corria pelo rio alpino e respirou o ar fresco e claro.

Segundo seus cálculos, passaria pela fronteira da Liguria até o Piemonte pela ponta sudeste desta região dominada uma vez pelos reis da Savoya e agora por Napoleão. Pela manhã, chegaria a Lombardia e às grandes planícies do rico delta do Po.

Quando teve à vista a antiga estação do povoado de Busalla, deteve-se para lançar uma olhada ao punhado de edifícios que se dispersavam pelo vale às sombras da montanha.

"Que lugar tão rural e solitário", pensou.

Desmontou, intumescido depois de todo um dia no cavalo. Deixou que o cansado animal descesse a colina e procurou alojamento.

Depois de um frutífero dia de compras, Els e Serafina empreenderam a volta carregadas de pacotes em uma carruagem aberta de quatro portas. Da carruagem no qual percorriam o longo caminho ao palácio, escutaram o estrondo de uma fanfarra de tambores. Tratava-se de uma impressionante demonstração militar que fazia parte do desfile que tinha lugar pelas duas amplas avenidas que chegavam à residência da família real.

Os soldados, elegantemente uniformizados, partiam em intrincada geometria com as armas na mão, um desfile de rifles brilhantes ao sol que se giravam e apoiavam primeiro sobre um ombro e depois sobre o outro. Serafina observou Anatole, em pé a um lado do campo, ante a pequena multidão de público congregado. Com o queixo alto e as mãos nas costas, observava crítico a seus coronéis que comandavam a tropa.

—Os jornais estavam certos. Tem um exército de gigantes —disse Els depois de contemplar com assombro a fortaleza dos soldados russos.

—Está tratando de nos mostrar seu poder —murmurou Serafina com desconfiança.

Quando Anatole a viu do outro lado do percurso do desfile, tirou o barrete⁷ e lhe enviou uma reverência em sinal de reconhecimento. Tentou reprimir a onda de frio que a envolveu ao levantar a mão para lhe devolver a saudação. Depois, desceu-a lentamente.

—Sigamos —pediu.

⁷ 1.Cobertura que se ajusta à cabeça; gorro. Chapéu quadrangular sem aba.

Uns minutos mais tarde, Els e ela entraram no palácio. Tinha esperado o momento e tinha conseguido ser paciente todo o dia, tinha tentado não pensar nele nem pensar muito, mas agora a necessidade de ver, tocar e estar com Darius era uma questão de vida ou morte. Aproximou-se do mordomo de palácio e lhe perguntou por seu paradeiro. Entretanto, Falconi não sabia nada.

Serafina se voltou aturdida a Els.

—Onde pode estar? Temos que achar Alec. Ele saberá.

Els mordeu o lábio.

—Não quero dizer isto, mas possivelmente se foi, Grilo. Se seus sentimentos por você são tão profundos como diz, tem que admitir que seria muito difícil para ele ficar e ver como se casa com outro homem.

—Ele não me deixaria, não ainda! Não quando sabe quanto preciso tê-lo perto durante a boda. Ah, Deus, Els. —pegou o braço de sua amiga para ocultar seu rosto.— E se Tyurinov lhe tiver feito algo terrível? Tiveram essa horrível briga ontem. Você viu esses gigantes de Anatole...

—Tranquelize-se. —Els a pegou pelo braço.— O acharemos. Não tire nenhuma conclusão até que não saibamos algo mais. É muito próprio de Santiago desaparecer sem dizer nada.

Serafina tocou o estômago com as duas mãos.

—Ai, Deus, devo estar doente!

—Possivelmente seu pai o enviou a alguma nova missão secreta.

Serafina abafou um grito.

—Ah, Els, é brilhante! Sim, deve ser isso. —Apertou-lhe a mão e começou a andar com decisão pelo corredor central.— Vamos, meu pai saberá onde está.

Els se apressou para manter o mesmo passo. O coração da Serafina pulsava com força a cada passo. Agarrou-se a essa última esperança, tratando de afastar seus mais escuros presságios.

—É muito próprio de meu pai lhe exigir muito. Por que não pode dar o trabalho sujo a outro, para variar? Seu pobre soldado nem sequer se restabeleceu por completo dos pontos que lhe dei! —Seguiu, nervosa. Pensava que se pudesse continuar falando, poderia ignorar o terrível nó, a certeza profunda no centro de seu estômago.

Por fim, abriu a porta do escritório de seu pai e entrou nele como uma ventania, disposta a lutar se fosse preciso.

—Papai, onde enviou-o? —se deteve bruscamente.

Tudo em seu interior pareceu esfriar-se e morrer. Alec esperava em pé frente à mesa de seu pai. Deu meia volta ao ouvi-la entrar, seu rosto verde e pálido enquanto retorcia o chapéu em suas mãos. Parecia como se quisesse vomitar.

Virado em direção à janela, seu pai nem sequer se moveu de onde estava para olhá-la.

Els apareceu detrás dela, nervosa por entrar na câmara do rei.

—O que ocorre? —Serafina forçou a voz.— Papai, onde está Darius?

Seu pai não respondeu, não se voltou, não fez um só movimento. Limitou-se a seguir com a vista fixa na janela.

Avançou um passo mais na sala.

—Papai? — Atrás dela, Els fechou a porta em silêncio. Serafina começava a ter dor no peito de puro medo. Engoliu saliva.— Alec? —perguntou.

O jovem tenente olhou a figura impassível do rei com incerteza. Depois olhou para Serafina.

—Sinto muito, Alteza.

—Onde está? —Perguntou cada vez mais nervosa.— Onde está Darius?

Por fim, o rei se voltou, o rosto descomposto e pálido.

—Alec suspeita que... acabamos de encaixar as peças faz um momento. O que vou dizer não deve sair desta sala.

—Sim, papai. O que acontece?

—Darius foi tentar —disse com pesar — assassinar Napoleão.

Olhou-o fixamente, tampando a boca com as mãos, horrorizada.

—Jesus, Maria e José —deixou escapar Els.

A mente de Serafina esclareceu o objetivo de tão desatinado plano. "*Sem Napoleão, não há guerra nem necessidade de Tyurinov.*"

Desse modo poderia voltar para ela. Casar-se com ela. Poderiam estar juntos para sempre.

—Ele pode conseguir? —perguntou Serafina.

—Talvez possa matá-lo —disse seu pai—, mas nunca poderá sair vivo dali.

Olhou-a diretamente nos olhos.

—Mas, é Darius, papai. Claro que pode. Ele pode fazer tudo o que se propõe.

—Sua Alteza —disse Alec educadamente, sacudindo a cabeça—, não tenha falsas esperanças. Se o coronel é capturado, o habitual é... a prática comum é... —Alec se deteve, fechando os olhos como se não pudesse suportar dizer.

—Diga o que acontece! —gritou desesperada.

—Não permitirá que os franceses o agarrem vivo. Não deixará que o utilizem como delator. Não tem possibilidade de escapar —disse seu pai zangado.— Se Darius vir que a captura é iminente, envenenar-se-á com arsênico.

Depois de atender ao cavalo e recompensá-lo pelo longo dia de viagem, Darius encheu seus cantis para o dia seguinte na bomba e voltou para a imunda hospedaria, onde o dono lhe ofereceu algo para jantar.

Uma vez em seu cubículo, lavou as mãos, o rosto e o pescoço e se dispôs a examinar seu rifle uma vez mais. Revisou também o resto do equipamento, e comprovou que o arsênico guardado no pequeno envelope não se derramara. Continuando, deitou-se na cama e tratou de dormir, sem despir-se, com a adaga sob o travesseiro.

Mas o sono não chegava.

Era mais cedo do que o habitual. Além disso, cada parte de seu corpo sabia que esta noite estava completamente só. Tentou pensar que tudo pareceria melhor com as primeiras luzes do dia. O sentimento de sua própria morte, como uma segunda presença no quarto, não o deixava fechar os olhos. Negava-se a aceitar sua própria resistência, a de lutar contra a morte que ele devia abraçar. A esperança só conseguiria distraí-lo. Sua missão requeria uma mente perfeitamente clara, uma mente ordenada, sem sonhos nem desejos vãos.

Desejava recuperar essa mesma e adormecida resignação que tinha sentido em seu caminho de volta da Rússia, antes de ver de novo Serafina no labirinto. Mas demorava para chegar.

Tinha sido muito fácil então dar as boas-vindas à morte, porque só teria significado o fim de todo seu sofrimento: a sua tinha sido a coragem dos desesperados.

Agora, tinha visto um lado da vida que nunca pensou que existisse, um lado que valia a pena conservar. O instinto de sobrevivência se debatia entre duas grandes forças no seu interior que o partiam em dois: o amor e o ódio, a morte e a vida.

Tratou de deixar sua mente em branco.

Não queria dormir, mas sabia que se descansasse bem, poderia fazer todo o caminho que restava até Pavia no dia seguinte. A facilidade do caminho lhe permitiria ir mais rápido.

Darius dobrou os braços atrás da cabeça, e cruzou ausente os calcanhares, fechando seus olhos com um sorriso quase imperceptível. *"Pergunto-me o que estará fazendo Serafina neste momento."*

Ficou ali em pé um momento, paralisada de terror. Então, algo em seu interior a fez reagir.

—Não!

Com um grito angustiado, afastou cega de raiva todas as coisas que havia em cima da mesa de seu pai, rompendo com isso a maquete do casco do navio real. Lançou as peças quebradas a seu pai quando este tratou de aproximar-se dela. Golpeou-o ao tratar de consolá-la.

—É por sua culpa! Como pôde fazê-lo? Como pôde fazê-lo? —gritou a seu pai, a Darius, a ninguém em particular, inclusive a ela mesma. — É tudo por sua culpa!

—É suficiente! —grunhiu, ao fim, seu pai, segurando-a pelos ombros. — Tem que se controlar!

Olhou-a como se sentisse o homem mais desgraçado do mundo.

—Não pode morrer. Papai, não pode. Tem que salvá-lo. Envia seus homens para que o detenham.

—Ah, Grilo, ele está com muita vantagem. Tinha tudo bem planejado. —Quando as lágrimas afloraram nos olhos de seu pai, Serafina se aninhou em seus braços para chorar com ele.

Deu-se conta de que Darius tinha sabido todo o tempo o que ia fazer. Essas pequenas coisas que lhe havia dito no campo e que lhe tinham parecido inocentes tinham sentido agora, embora ela não tivesse entendido naquele momento seu duplo significado.

“O que aconteceria se eu não pudesse ir sempre resgatá-la? Deve poder sobreviver sozinha.”

—Esse bastardo, soube todo o tempo — soluçando, apoiou-se fracamente em seu pai enquanto este a segurava em seus braços. — Nem sequer me deu a oportunidade de detê-lo! Como pôde me fazer isto? —repetia uma e outra vez.

Em algum momento, seu pai a deixou nos braços de Els.

—Verei o que posso fazer —disse bruscamente.

Sem deixar de chorar, as duas, Els conduziu Serafina para seus aposentos, que não achava as forças para caminhar sozinha. Era incapaz de ouvir o que sua amiga lhe dizia. Uma única ideia monopolizava a totalidade de sua desgraça.

Ao chegar ao quarto, achou o violão de Darius sobre a cama.

Entre suas cordas havia uma margarida e uma carta dobrada.

Com mãos trêmulas, pegou a fina folha de papel de linho. Desdobrou-a e pôde distinguir apesar das lágrimas as palavras de sua cuidadosa e última missiva.

Meu amor:

Aceite este presente porque lhe é livremente dado. Um milhão de beijos lá onde se encontrar. Minha mariposa, seja livre. Estarei cuidando de você, sempre.

Seu,

DARIUS

Capítulo 15

As pessoas de baixo pareciam formigas de onde ele estava, fumando distraidamente o que pensou podia ser seu último charuto. Atrás das três filas de tropas que vigiavam a rota que Napoleão seguiria para entrar na cidade, os espectadores faziam duas linhas nas ruas e se apinhavam na praça.

Darius estava escondido há quase vinte e quatro horas no teto do imenso Duomo de Milão. Às nove da manhã, as pessoas tinham começado a apertar-se em um barulho que se fazia mais compacto à medida que a carruagem dourada do Papa se aproximava.

Do telescópio dobradiço, Darius podia ver como a delicada mão branca emergia da carruagem coberta de cortinas para benzer a população. Nas horas que seguiram, passaram seis carruagens com cardeais, bispos e vários padres, enquanto todos os sinos da cidade repicavam em uníssono.

Darius observava e esperava com a paciência de um gato. As carruagens de estado continuavam chegando, puxadas, cada uma delas, por seis cavalos engalanados de penas douradas. Tudo era dourado, inclusive os arnês e as rédeas, conforme pôde ver através de seu telescópio.

O tempo passava lentamente. Por seus olhos foram desfilando as carruagens que vomitavam ministros, diplomatas e a nobreza local vestida para a ocasião de púrpura.

Sacudiu a cabeça com ironia ao ver sair às chamadas princesas de Bonaparte, duas delas ruborizadas e a terceira pavoneando-se. Pensou que essa devia ser Pauline, a que sempre fazia comentários ciumentos sobre Serafina.

"Putá."

Às irmãs de Napoleão seguiam seu séquito de honra e os mais experientes da guarda real.

Conforme foram chegando, os convidados eram escoltados fora das carruagens e levados até a catedral aonde entravam pelas grandes portas de ferro. Darius sabia que a oportunidade de dar um tiro claro em Napoleão duraria só uns segundos.

Não tinha que revisar a arma de novo. Tudo estava em ordem.

No dia anterior tinha descoberto que o teto do Duomo era o lugar ideal para cometer o assassinato. Embora sabia que seria difícil enfrentar o sistema de segurança preparado para proteger a cidade, Darius teve a sorte de encontrar um grupo de monges de Pavia que foram também à coroação. Era justo o que necessitava.

Guardou o cavalo em um estábulo local e se disfarçou como um frade, utilizando os amplos hábitos marrons para esconder suas armas e unindo-se depois ao grupo de monges no caminho.

Da conversa dos clérigos pôde deduzir, sem que o surpreendesse muito, que estavam mais excitados por ver o papa Pio VII que a seu novo imperador. Depois de achar alojamento em Milão, o grupo de monges foi convidado a percorrer o Duomo, a catedral gótica maior do mundo segundo o orgulhoso diácono que se ofereceu para lhes mostrar o edifício de maneira extraoficial. O irmão Santiago os tinha acompanhado em sua visita a esta cidade que fervia de orgulho e excitação nestes dias.

Os preparativos para a coroação estavam em pleno apogeu. Os trabalhadores adornavam o altar e a nave tinha sido coberta com montanhas de flores. O diácono mostrou ao grupo de monges o batistério onde o próprio santo Agostinho tinha sido batizado, e depois sussurrou ao grupo que, embora não fosse realmente permitido, mostrar-lhes-ia o teto. Prometeu-lhes cinco vistas da cidade. Nos dias mais claros, conforme disse, a pessoa podia ver inclusive os Alpes Marítimos.

Darius podia vê-los neste momento.

Os monges prosseguiram com a visita, mas Darius se afastou prudentemente deles e se escondeu no que parecia um bosque cheio de pináculos, gárgulas, e um número desconhecido de estátuas que se armazenavam no teto do Duomo. Tinha visto que era o lugar perfeito para sua missão no momento no qual levantou a vista para a agulha central e viu a estátua que a coroava: uma Virgem dourada que vigiava serena a cidade.

Agora, ao amparo da Virgem, moveu-se um pouco para esconder-se melhor entre as figuras de mármore esculpido, deslumbrado pela luz do sol. A brisa soprava fresca, era um dia lindo, e para sua surpresa, Napoleão chegava tarde.

Justo quando tirava do bolso o relógio para ver a hora, as três em ponto, dispararam-se os canhões de celebração que se uniram ao clamor dos sinos da igreja, um som que ressoou em seu peito.

Darius entreabriu os olhos, deixou o relógio a um lado e deu uma última tragada no cigarro. Depois o apagou contra o chão e pegou o rifle já carregado. Molhou os lábios, secos pela brisa constante que se fazia notar a essa altura. Ergueu o rifle e apoiou o cano em uma oportuna saliência da parede que lhe permitiria estabilizar o tiro.

Só poderia disparar uma vez, pensou, mas uma vez que Napoleão fosse atingido, tinha planejado disparar tantas vezes quanto fosse possível antes de ser descoberto.

Seus objetivos eram muito simples.

Matar Napoleão.

Não ser capturado vivo.

Junto ao estojo de seu violão estava o manto marrom de frade. Com o capuz da túnica cobrindo seu rosto e a grande quantidade de monges que havia nestes dias na cidade, achava ter uma oportunidade de escapar do teto e da igreja.

Se isto fosse impossível, tinha o arsênico.

Sua concentração era total. Darius observou friamente o brilho da carruagem imperial, coberto de espelhos e abelhas douradas. O sol da tarde fazia cintilar o chamativo veículo, algo que o deslumbrou por um instante. Entreabriu os olhos.

Puxado por oito cavalos baios adornados na cabeça com penas, a imensa carruagem rodava majestosa no caminho da praça.

Darius começou a sentir tudo: o calor do sol em sua pele e as ovações da multidão que, debaixo dele, davam as boas-vindas entusiasmadas. Com a extremidade do olho, percebeu o revoar de algumas pombas.

Ajustou com uma mão a pequena mira do rifle e, com o dedo no gatilho, concentrou toda sua atenção na carruagem dourada que tinha debaixo.

Tudo parecia mover-se muito devagar.

Primeiro desceu José Bonaparte, depois o mais jovem, Lucien. Os dois vestidos de cetim branco, esperaram junto à porta da carruagem que descesse a imperatriz Josefina, vestida também de branco, com um diadema imperial na cabeça e o pescoço carregado de joias.

Darius viu como deixava com elegância que seus dois cunhados ajudassem-na a descer da carruagem.

Molhou os lábios. A ponta de seu dedo acariciou o gatilho.

Napoleão Bonaparte apareceu pela porta aberta da carruagem.

Darius apontou.

Disparou justo quando o sol se refletia na carruagem, cegando-o.

Ficou petrificado, não podia acreditar.

"Falhei."

Amaldiçoou-se, carregando de novo a arma enquanto via a confusão entre os que estavam junto a Napoleão. Com os canhões e o som dos sinos, não podiam ter ouvido o disparo. Não parecia que a quem tinha alcançado, só sabia que tinha falhado. Quando voltou a olhar pelo visor do rifle, viu que um dos gorilas junto a Lucien jazia no chão. Napoleão tinha dado um passo atrás em direção à carruagem.

Voltou a disparar, mas estava tão nervoso por sua falha anterior que o disparo não conseguiu senão atingir um dos espelhos da carruagem de detrás de Napoleão, justo sobre seus ombros. Então, era muito tarde.

Debaixo, os guarda-costas rodearam a Napoleão e aos outros três Bonaparte, insistindo para que entrassem na catedral.

Darius se desfez do rifle. Com movimentos rápidos e metódicos, desceu da pedra onde estava. O coração lhe pulsava com força quando pegou seu disfarce.

Levara uma capa para seis pistolas pendurada no peito, uma espada e sua adaga de punho de ébano. Tirou duas das pistolas e correu à saída do teto, com a túnica revoando ao vento entre suas pernas e a espada em uma mão.

"Não devia disparar pela segunda vez. Foi uma perda de tempo", pensou, embora muito tarde, porque o primeiro guarda aparecia já pela única saída.

Sabia que havia tropas dentro da catedral. Chegaram rapidamente. Depois do primeiro homem, um esquadrão se jogou pela porta. Darius se deteve o tempo suficiente para considerar se devia lutar com eles para abrir caminho.

—Ali! —gritou um homem, apontando-o.

Darius correu pelo bosque de agulhas disparando no ar.

Se pudesse esquivar-se e rodeá-los até a porta... Mas seguiam vindo mais, vinte homens o esperavam agora na saída. Tirou o capuz marrom e escapou atrás de um par de gárgulas com forma de animal mitológico.

—Ali está!

Rodeou uma das esculturas e disparou as pistolas, primeiro uma e depois a outra. Dois homens caíram.

—Atrás dele!

Pôs-se a correr, com o pulso acelerado. Uma vez mais se escondeu numa esquina atrás de uma estátua, embora seguisse sem estar perto da saída. Podia senti-los cada vez mais perto. Tirou outras duas pistolas.

—Saia com as mãos para cima! —gritaram.

Saiu e disparou em dois mais, depois se jogou para o chão as armas vazias. Sobraram dois tiros, sua espada e sua adaga.

Os soldados franceses continuavam empilhando-se no teto.

— Renda-se! —gritaram-lhe.

Os disparos ricochetearam nas pedras, rompendo a ponta da orelha de uma das gárgulas. Darius afastou a cabeça dos fragmentos de pedra que saíram disparados.

—Não disparem! Não disparem! —gritou um dos franceses aos outros.

"Estão se reorganizando, moços?", pensou com insolência. Sentindo um peso no peito, olhou a direita e esquerda, tentando decidir o melhor caminho para correr.

Começava a pensar que não importava. Sabia que só poderia brincar de rato e gato um momento mais. Eram muitos. Lançou um olhar à figura mutilada e calculou que deviam ser ao menos trinta soldados.

Não importa, disse-se com a boca seca.

A saída estava a sua esquerda, mas devia haver uns doze homens bloqueando-a. Correu para ela, disparando suas últimas duas pistolas e esquivando-se de uma onda de balas antes de afundar-se detrás da estátua de um santo. Amaldiçoando, ficou em pé e desencapou a adaga e a espada.

"Que diabos pode fazer uma espada? Vão fazer queijo suíço comigo."

Falhar contra Napaleão uma vez tinha sido má sorte, falhar duas vezes era inexplicável. Essa repentina e forte esperança, esse desejo de viver não entrava dentro de seus planos.

Deu uma olhada de um lado do ombro do santo e escondeu a cabeça quando os disparos começaram.

A saída estava muito bem guardada para tentar passar.

Ah, Deus, pensou. O arsênico.

Fechou os olhos um segundo e tirou de seu colete o pequeno envelope dobrado. Benzeu-se rapidamente, rasgou o papel do envelope e verteu o pó em sua mão. Respirando com dificuldade, levantou a mão para introduzi-lo na boca.

"Ah, Deus, ah, Deus. Não quero morrer", pensou, erguendo os olhos ao céu.

Então a viu: a Virgem dourada. Sua expressão era tão doce, tão segura, a única mãe que jamais tinha conhecido. Olhou-a impotente e, então, como se ela tivesse soprado com seus lábios, o vento espalhou a pequena montanha de pó branco de sua mão.

Darius afogou um lamento, segurando inutilmente o pó que tinha desaparecido entre seus dedos.

Podia ouvir os franceses cada vez mais perto. Algumas vozes francesas lhe gritaram.

—Renda-se! Em nome do imperador, peço-lhe que se entregue!

O coração lhe golpeava o peito com força, e com as costas junto à pedra do santo, Darius fixou a vista ao beiral.

Era a única saída.

Afastou a base do pináculo com todas suas forças e se jogou contra a borda. Gritaria o nome de Serafina quando saltasse.

A seis passos da borda, os soldados lhe alcançaram e o seguraram contra o chão.

Lutou contra eles como se tivesse enlouquecido, amaldiçoando-os como um demônio, desejando que algum o matasse para que assim sua morte pudesse proteger Lazar. Havia dez homens a seu redor, golpeando-o e lhe dando pontapés. Retiraram-lhe a espada e quando golpeou a um deles com a adaga, outro veio substituí-lo.

Tiveram quase que lhe quebrar o pulso para obrigá-lo a soltar a adaga. Desconhecia a quantos tinha ferido ou matado. Não sentia seus golpes, estava muito zangado para fazê-lo. A fúria crescia em seu interior, possuindo-o. Era como se uma porta terrível se abrisse em seu interior. Era alguém que não conhecia, alguém que saboreava seu próprio sangue. Tinha enlouquecido e seguia ameaçando aos homens mesmo quando estes tinham comprimido seu rosto no chão e lhe algemavam já os pulsos.

Foi conduzido e arrastado pelas escadas principais e metido em uma carruagem que os esperava à porta. Ouviu-os dizer que tinham que levá-lo ao antigo castelo Sforzesco, que servia de estadia às tropas de Napoleão.

Foi uma viagem rápida, já que a fortaleza estava só a umas quadras ao norte.

Enquanto Napoleão se coroava a si mesmo com a coroa de ferro de Carlos Magno, Darius era jogado nas masmorras do castelo.

Golpeado, coberto de hematomas, olhava fixamente aos soldados através das rudes barras.

Seu capitão perambulava entre eles, com os lampiões iluminando seu rosto enxuto e seu cabelo cinza. Darius recordou-se de seu pai. O velho homem devia estar rindo dele no inferno.

—Dir-nos-á seu nome —disse o capitão.

—Venha aqui e deixe que o mate —replicou Darius.

O capitão lhe dirigiu seu sorriso mais cruel. Darius lhe devolveu o olhar, agarrado as barras. Depois afastou e começou a perambular pela cela, tratando de conter a ira. Olhava-os enquanto ia de um lado a outro fazendo soar as correntes de seus pulsos e tornozelos. Ouvia-os discutir baixo. Ao que parecia, tinha matado sete homens e ferido três.

Não podia sentir-se orgulhoso, porque tinha falhado com o único homem a quem queria matar. Tinha falhado. Tudo inútil.

Alguns minutos mais tarde, o capitão ordenou ao carcereiro que abrisse a cela. Entrou acompanhado de uma besta enorme, o cabo do destacamento. O capitão fez um sinal em direção a Darius:

—Reviste-o.

Com uma careta sinistra, Darius ficou rígido quando o cabo lhe golpeou contra o frio e úmido muro. Tiraram-lhe a faixa para que não tentasse pendurar-se com ela e as esporas para que não cortasse as veias. Tiraram-lhe o colete, deixando-o em mangas de camisa. Uma vez feito isto, o cabo o virou e obrigou-o a ficar frente ao capitão.

Darius o encarou menosprezando sua autoridade.

O capitão entreabriu os olhos.

—A valentia não lhe salvará a vida, moço. O que é isto? —O olhar do capitão se fixou no que pendia de seu peito. Deu um passo adiante para colher com a mão a medalha da Virgem.

Darius viu que o capitão fechava a mão para arrancar-lhe e sentiu o puxão da corrente.

—Agarre-a e juro Por Deus que lhe partirei o pescoço —disse com suavidade, fazendo chiar os dentes.

Sem saber muito bem o que fazer, o capitão enfrentou seu olhar um momento e, com uma careta, deu um passo atrás, deixando cair a medalha sobre seu peito.

—Não é mais que uma bagatela. —O capitão deu meia volta e saiu da cela.

Seguiu-lhe o cabo, quem passou a barra de metal para trancar a porta e a fechou depois com o cadeado.

Darius só podia pensar no mal que tinha saído tudo.

Deitada de lado sobre a cama, Serafina esperava em seu quarto, o olhar perdido, que em qualquer momento alguém lhe trouxesse notícias de Darius. Tinha esperado dois dias e, agora, de novo, voltava a fazer-se de noite sem que soubessem nada dele. Perguntava-se se não estaria tornando-se louca, porque de algum jeito estranho estava convencida de que poderia mantê-lo vivo se concentrasse sua mente no amor que sentia por ele.

Tinha o solene juramento de seu pai de que a avisariam no momento que soubessem algo. O som dos soluços de sua mãe ao ouvir a notícia, e a recomendação que lhes tinha dado o primeiro-ministro, ainda ressoava em seus ouvidos:

"Não devemos dar nenhum motivo de suspeita aos russos. A vida deve seguir como se não se passasse nada. Teremos notícias logo. Até então, não podemos fazer outra coisa senão esperar."

Ela tampouco podia fazer outra coisa exceto esperar. Não podia entender por que era a única que achava que Darius poderia ter êxito matando Napoleão.

Possivelmente era porque se tornara louca, como ele.

Sustentava cuidadosamente a pequena nota manuscrita perto de seu coração. Percorreu com o olhar os objetos dele com os quais ela se rodeara na cama: seu violão, as pipas chinesas... e um sem-fim de presentes que ele tinha dado ao longo dos anos. Havia tesouros de todas as partes do mundo, ninharias que a tinham feito feliz sendo uma menina: sapatos de baile de seda gastos de Constantinopla, com ponteiros em espiral; um toucado feito de correntes, das quais pendiam estranhas moedas; uma diminuta peça do templo da Grécia; uma bola perfeita de quartzo violeta extraída de uma mina africana. Mas estes exóticos adornos não eram nada comparado ao que Darius lhe tinha dado dele mesmo: a ternura e a segurança que lhe tinha demonstrado.

E agora, ia dar sua vida por ela.

Não. Negava-se a acreditar que estivesse morto. A mãe bendita cuidaria dele, como sempre tinha feito. Se, se concentrasse com força, profundamente, podia sentir que o laço entre eles continuava vivo e seguro, como uma chama iluminando a escuridão. Fechou os olhos.

"Meu unicórnio, meu campeão, meu lobo. Como tenho saudades de você."

O sangue correu frio por suas veias ao ouvir o golpe na porta.

"É a hora."

Acreditou-se preparada para este momento, mas agora que tinha chegado, não sabia como enfrentar a ele.

Pia apareceu na porta de seu dormitório. A voz tímida da criada se ouviu carregada de preocupação e tristeza.

—Alteza, Sua Majestade me envia para chamá-la.

Como se visse de fora, Serafina se viu a si mesma levantando-se com calma da cama. Olhou o cabelo e saiu de seus aposentos, com os braços caídos de ambos os lados de seu corpo.

Era a princesa real, membro de uma orgulhosa linhagem de setecentos anos, dizia a si mesma cada vez que dava um passo. Por suas veias corria sangue de reis. Suportaria o fatal desenlace com a cabeça alta.

No escritório de seu pai, respirou fundo antes de abrir a porta, e se surpreendeu ao ver que Anatole estava com ele. O ambiente estava carregado de tensão.

Ao entrar, os dois homens a olharam.

—Bem, está aqui —disse seu pai com seriedade.

Anatole forçou uma espécie de reverência. Ofereceu-lhe uma das cadeiras, em frente à mesa de seu pai. Com cuidado, passou o olhar de um homem tenso a outro, e depois se sentou, agarrando as mãos no regaço.

Seu pai se sentou também com pesar e procurou seu rosto.

As mãos de Serafina se retorciam em seu regaço.

—Alguma notícia, papai?

—Nenhuma.

"Graças a Deus. Podia continuar vivo ainda."

—Grilo, a razão de ter pedido para vir aqui é que, em vista das ações de Darius, Anatole acredita que seria necessário adiantar a boda para amanhã.

Ela olhou rapidamente para Anatole.

—Amanhã! Mas isso é impossível.

—Para que esperar, Alteza? —perguntou cortante, com um brilho de aborrecimento em seus olhos de safira.— Perdoe por minha franqueza, mas me tenho sentido bastante perturbado ao descobrir que me tinha oculto uma informação tão importante. Com todos meus receios, senhor —se dirigiu a seu pai—, seu Santiago não pode conseguir.

Desde a última conspiração em que se viu envolvido o Duque de Enghien o ano passado, Napoleão é extremamente cuidadoso em suas aparições públicas. O sistema de segurança do dia da coroação será impossível de penetrar.

—Você não conhece Santiago —disse Serafina.

Moveu a cabeça para onde ela estava.

—Pode ficar invisível? É imune às balas?

—Às vezes.

—Mesmo se conseguir entrar, não sairá dali. Será capturado, e quando se descobrir sua relação com Ascensão, a França se vingará arremetendo contra esta ilha. Não terá êxito, e falhando, põe a todos em perigo, e faz com que a guerra seja inevitável. A segurança de meu amparo é sua única esperança. Nossa aliança deve ser selada antes que o mundo saiba que um homem do círculo próximo a Sua Majestade tentou matar Napoleão. Senhor, ver-se-á imediatamente comprometido.

—E se Darius conseguir? —perguntou Serafina com suavidade.

—Não vai conseguir! Não está entendendo o principal —arremeteu contra ela.— Não lhe preocupa o que possa acontecer a seu pai? A seu povo? Só lhe importa a vida desse miserável espanhol?

—Cuide de suas palavras, senhor —repreendeu-o o rei.

Dirigiu o olhar para ele e voltou a colocar sua máscara de ferro encantadora.

—Perdoe-me. —ajoelhou-se frente a ela e tomou a mão, no que era uma mais de suas cenas frente ao pai.— Serafina, depois que minha primeira esposa Margaret morreu, fiquei arrasado. Disse-me que não voltaria a me casar. Mas quando a conheci e me inteirei da grave situação que atravessava Ascensão, soube que tinha que me oferecer como solução.

—E estamos muito agradecidos de sua generosidade, senhor —disse seu pai com um tom solene—, mas nos deixe que lhe recordemos que nossa filha poderia conquistar o coração de qualquer homem do planeta.

—Papai. —Lançou-lhe um rápido olhar por cima da cabeça dourada de Anatole. Só utilizava o "nos" real quando estava muito zangado. Possivelmente estava começando a ver atrás da máscara brilhante de Anatole, por fim.

—De fato, assim é, senhor —concedeu Anatole.

Serafina olhou para Anatole, perguntando-se havia um só grama de sinceridade atrás de sua repentina expressão de preocupação. Não acreditava. Tudo o que sabia era que tinha que conseguir tempo até que tivessem alguma notícia se Darius tinha conseguido ou não matar Napoleão e se tinha sobrevivido. Se tivesse falhado, necessitaria ainda casar-se com o Anatole, em cujo caso seria um suicídio contrariá-lo.

Tinha que dar um jeito na situação.

—Anatole —utilizou sua voz mais suave e feminina, enquanto lhe punha a mão sobre a sua.— Sabe quão contente estou e o honrada que me sinto de ser sua esposa, mas não vejo necessidade de precipitar as coisas. Minha mãe teve muito trabalho para fazer que tudo seja perfeito nesse dia. Atrever-me-ia a dizer que se expos muito com tanto trabalho, na delicada situação em que está. O banquete, a igreja, os coros, os fogos, Certamente, você sabe tudo isto melhor que eu, assim, por favor, poderíamos manter o dia da boda? —Baixou o queixo e lhe ofereceu um sorriso tímido, sem deixar de olhá-lo.

Anatole a observou, assanhado.

Ela via, pela extremidade do olho, a expressão atônita de seu pai.

—Por favor, Anatole? —disse, convencendo-o.

Ele gaguejou.

—Eu... eu...

Nesta hora, bateram na porta.

—Adiante —ordenou seu pai.

OuvIU um tom de alegria em sua voz profunda. Quando Anatole levantou a vista à porta para ver quem tinha entrado, o rei dirigiu a sua filha uma piscada cúmplice.

Anatole se manteve onde estava, de cócoras frente a ela, sustentando sua mão como se fosse feita de delicada porcelana chinesa.

O mordomo do palácio abriu a porta, fez uma reverência e entregou uma nota ao rei.

—É urgente, senhor —murmurou.

Serafina se deu conta de que mesmo agora podiam ser notícias de Darius e, com o coração na mão, esperou que seu pai a abrisse. Seus olhos aumentaram ao lê-la. Bruscamente, levantou-se da cadeira com um olhar que combinava alegria com a preocupação.

—Grilo, sua mãe está em parto!

—Pelo amor de Deus! —gritou, saltando da cadeira e passando por Anatole.

Seu pai ia já saindo pela porta.

—Anatole, teremos que acabar isto mais tarde. Perdoe minha pouca delicadeza, mas não esperávamos o parto até dentro de três semanas. Minha esposa é forte, mas já não é nenhuma juvenzinha. Devo estar com ela!

Anatole ficou em pé.

—É claro, senhor.

—Eu também! —Serafina correu atrás dele, mas Anatole a pegou pelo braço e a reteve um instante.

—Só umas palavras, Alteza.

Ela estava já na porta, mas seu pai ia na metade do corredor.

—Papai, espere! —chamou-o preocupada, assustada por ver-se a sós com Anatole.

—Solucionem os dois sozinhos — disse seu pai ao despedir-se com a mão.— Considera-o uma lição pré-marital de compromisso. E não esqueça isto, Anatole — acrescentou com tom desenvolto. — Minha filha sempre consegue o que quer.

"Ah, *diabos*", pensou quando seu pai desapareceu pela curva do corredor. Depois dessa pequena representação de suas artimanhas no escritório, seu pai não tinha duvidado em concluir que tinha Anatole na palma da mão, como tinha a outros muitos. Mas a verdade era que não estava segura de que a breve expressão de amor no rosto dele tivesse sido sincera. Ao olhá-lo viu que ele estava estudando-a.

—Deixe que terminemos esta conversa, esposa minha.

Olhou-o cautelosa, sem dizer nada. Com o queixo alto, apoiou-se contra o batente da porta e cruzou os braços.

—Por que quer atrasar nosso matrimônio? —perguntou.

—Por que quer você adiantá-lo?

Ele moveu a cabeça, em sinal de ameaça. Colocou as mãos sobre a porta, por cima de sua cabeça.

—Direi-lhe por que. Porque acredito que está planejando me recusar.

—Isso não é verdade.

—Espero que não seja. Temos um compromisso o um com o outro, os dois. Não sou um homem com quem se possa brincar. Se me insultar, insulta a Rússia, porque sem meu exército, o Czar não é nada. Se insultar a Rússia, Ascensão perderá a amizade com todos os aliados da Terceira Coalizão. Ninguém prestará a mínima ajuda a esta ilha quando for atacada por Napoleão. Nem sequer a Inglaterra.

—Como sabe?

Começou a contar com os dedos.

—Nápoles está perdida. Suécia está muito longe. A força da Áustria se desperdiçou. Inglaterra só dará seu ouro. Mas a população da Rússia é imensa: nós somos os soldados. Somos a carne de canhão.

Serafina estremeceu e afastou o olhar.

—Assim é, minha doce rosa. Vidas humanas. Essa é a moeda com a qual a comprei.

Não quis lhe fazer caso. "*Meu Darius pode fazê-lo!*" —pensou rebelando-se.— "*Matará Napoleão e voltará para mim. Sei que escapará. Tem que fazê-lo.*"

Tinha que sair dali. Sua mãe ia dar a luz. De repente, teve uma ideia.

—Não podemos adiantar a boda porque não me casarei sem que minha mãe esteja presente. Ela necessitará tempo para recuperar-se depois do parto. Anatole, deve respeitar isso.

Ele a olhou fixamente, avaliando a situação.

—Sempre que nasce um menino, alguém da família morre.

Olhou-o desesperada. Como podia dizer algo tão horrível e cruel!

Esboçou um meio sorriso.

—Não imagine que vou adorá-la tanto como seu pai adora à rainha.

—Não me enganaria dessa maneira, Alteza.

Traçou a curva de seu rosto com a ponta do dedo.

—Anatole —sussurrou ele.

Serafina fechou os olhos, procurando a força em algum lugar, ainda golpeada pela crueldade de seu anterior comentário.

—Anatole —repetiu ela em uma humilhante prova de obediência.

Uma vez mais se sentiu apanhada por ele, e desta vez, Darius não viria resgatá-la. De onde tinha tirado Anatole a habilidade para intimidá-la? Ela sempre tinha sido forte, nunca tinha sido presa fácil para os homens.

Tinha intimidado a sua primeira mulher dessa maneira?

Abriu os olhos e os dois se estudaram com hostilidade.

—Nunca tinha falado antes da princesa Margaret.

—Você já sabia de sua existência.

—Assim é, mas nunca me tinha falado dela. Estava apaixonado?

—Muito. Da mesma maneira que estou apaixonado por você.

Levantou uma sobrancelha, atônita, abrindo lentamente a boca.

—O que a surpreende tanto? —perguntou Anatole com uma gargalhada. Tocou-lhe o cabelo.— Me sinto muito atraído por você, Serafina.

"*Isso não é amor*", esteve a ponto de dizer, mas em seu lugar, tratou de utilizar esta oportunidade.

—Nesse caso, me agrade, Anatole, e deixe a data da boda como está. —Dedicou-lhe um de seus sorrisos mais encantadores.

Ele o devolveu, seus olhos brilhantes e frios.

—Está bem —disse suavemente—, trate de me persuadir, Serafina.

Ela se encostou ao batente da porta, encolhendo-se conforme ele ia aproximando-se.

—A que se refere?

—Peça-me isso bem. Acredito que sabe a que me refiro.

Franziu-lhe o cenho, esforçando-se por não dizer o que pensava dele nesse momento.

—Deixará a data da boda como está ou não?

—Se deixar que a beije —murmurou.

Assustada pelo inesperado pedido, baixou a cabeça envergonhada, e a pele dos braços se arrepiou. "*Está bem* —pensou—, *se com isso consigo tempo para Darius.*"

—De acordo.

Anatole deu um passo mais junto a ela e tocou seu rosto para erguer-lhe a boca, segurando firmemente o queixo com uma mão. Serafina estava muito tensa, apoiada contra o batente, com as mãos nas costas. Tentou não fazer nenhuma careta ao ver que ele baixava a cabeça e roçava sua pele.

Encolheu-se apenas, desejando que acabasse de uma vez por todas, mas ele a cercou com a boca, levado por seu próprio ardor. Serafina lutou contra o desgosto, negando-se a abrir a boca apesar dos esforços dele. Segurava-lhe o queixo com força e ela odiava cada toque em seus lábios. Então sentiu o impulso de sua ereção contra seu estômago e pensou que não poderia suportar algo tão repugnante.

—É suficiente, senhor! —gritou com a respiração entrecortada enquanto o afastava de seu lado.

Ouviu uma risada mesquinha atrás dela quando se afastava e limpava a boca com a manga do vestido, enojada.

—Tem muito que aprender, menina — gritou.— Mas já lhe ensinarei para que goste.

Algumas vezes os mandavam ao inferno em russo, outras em espanhol, em inglês, árabe, italiano, só para que seguissem tratando de averiguar sua procedência.

Com estoicismo, tinha frustrado os esforços de seus captores de fazê-lo falar, respondendo só com um sorriso frio e zombador.

Tinham sido amáveis com ele. Na realidade, só tinha um olho arroxeadado, a mandíbula dolorida e umas quantas costelas machucadas. Depois, pensou Darius, as coisas ficariam mais difíceis. Por agora, estavam conservando-o para sua audiência com o imperador.

Sua arrogância era como um escudo para ele. Protegido por este anonimato, calculava uma segunda oportunidade de matar Napoleão no momento em que o levassem junto a ele.

À hora assinalada, o grande cabo com aparência de símio, que lhe prestava o fôlego, deixou de lhe esmurrar o abdômen. Obrigaram-no a ficar em pé e arrastar-se fora da cela até o exterior. Darius pôde dar um rápido olhar à lua e pensar em Serafina e naquela vez em que tinha dançado no jardim ao compasso de seu violão.

Sorriu para si, alheio a todo o resto por uns instantes, mas logo lhe fizeram baixar a cabeça e o introduziram em outra carruagem. "*Consegurei desta vez. Só preciso estar na mesma sala que esse pequeno bastardo.*"

Depois de uma hora de caminho, obrigaram-no a sair da carruagem rodeada de guardas. Viu que se achava ante um grande palácio barroco no meio do campo.

Desconfortável, observou a paisagem e tratou de formar uma opinião dos arredores.

Com a cabeça alta, foi levado e empurrado por corredores nos quais, ao passar, olhavam-no cortesãos e mulheres boquiabertas. Conduziam-no como a um animal selvagem ao qual tivessem capturado para entregar a algum rico colecionador de feras. Seu passo era decidido e arrogante, e sorria friamente às mulheres só para incomodar a seus captores.

Ao final do iluminado vestíbulo, abriram-se ante ele enormes portas e foi empurrado dentro de um grande vestíbulo reluzente. Tratou de guardar o equilíbrio, as correntes ressoando, e caminhou depois com passo decidido e altivo, endireitando seus ombros e erguendo o queixo. Frente a ele, em uma grande mesa da sala de jantar se sentava o homem a quem tinha tentado matar sem conseguir.

"Tudo inútil. Tudo inútil."

Olhou com insolência a Napoleão e Napoleão olhou a ele com desprezo, bastante divertido.

Ordenaram-lhe parar no centro da sala. Estavam jantando. Baixela de prata, anotou em seu inconsciente. Em algum lugar tinha que haver uma faca.

Desdenhoso, olhou com receio a seu guardião e estudou aos outros na sala.

A BeauHarnais se sentava entre seu marido e seu filho, Eugène, o antigo candidato para a mão de Serafina. A imperatriz e Eugène lhe olhavam com temor, enquanto os irmãos de Napoleão observavam-no com essa típica sede de vingança nos olhos, tão própria dos corsos. Dirigiu-lhes um sorriso de desprezo e, depois, para que não passasse despercebida sua insolência, deixou que seus olhos vagassem com liberdade pelas três irmãs de Bonaparte.

Quando viu a princesa Pauline, viu-a inspecionando-o avidamente. Arqueou uma sobrancelha, surpreso ao ver que seus olhos se detinham lentamente em seu peito nu.

—Ei, querida, por que não vem aqui e se ajoelha ante mim? —Darius a chamou com suavidade, sem deixar de olhá-la.

Ela abafou um grito. Um murmúrio de desaprovação inundou a sala.

Darius sorriu. Alguém lhe golpeou as pernas por trás para fazê-lo cair de joelhos. Bateram-no repetidas vezes. "*Ah, lembranças de menino*", pensou. Enquanto esperava que deixassem de lhe bater, divertiu-se ao pensar que quem fosse capaz de comparar a essa fresca corsa com sua princesa não havia obviamente visto nunca Serafina e não sabia o que de verdade significava ser princesa.

Darius ouviu o jovem Eugène limpar a garganta.

—É suficiente, não acham? Há damas presentes.

—Eu não vejo nenhuma —murmurou Darius do chão.

Outro duro pontapé na costela. Deu um grunhido, com todo seu corpo em tensão. Tinham terminado de lhe bater, assim se levantou com dificuldade e olhou de frente a seus captores com uma careta arroxçada.

Napoleão parecia divertir-se, inclinado comodamente no braço de seu assento, acariciando a barriga com uma mão dentro do colete.

—Aproxime-se, homem misterioso. Deixe que o vejamos.

Mais alegre, Darius caminhou para ele, localizando com a extremidade do olho as facas que havia na mesa.

—Aí está bem —murmurou o capitão, e o deteve uns três metros do imperador.

—Eu gostaria de saber o que tem que dizer a seu favor antes que o sentencie.

Darius ficou pensando.

—Só que foi um objetivo muito pequeno, general.

Este comentário lhe custou outra severa surra.

—Isto começa a me aborrecer —grunhiu Darius enquanto os soldados o esmurravam e se retiravam finalmente.

—Quem é? —perguntou Napoleão de forma amistosa.

Darius ficou em pé uma vez mais e se esforçou por manter-se erguido, os olhos em chamas. Cambaleou ligeiramente, desejando com todas suas forças parecer alto e tranquilo.

—Ninguém de importância —replicou.

—Por que tentou me matar?

Encolheu os ombros.

—Eu não gosto de você.

Napoleão olhou-o fixamente uns segundos, com uma expressão de profunda concentração, e depois sorriu bruscamente.

—É possivelmente o bastardo mais presunçoso que conheci em minha vida. Levem-no. Pela manhã, quero saber todos seus segredos.

—Como? Não haverá uma execução rápida? —grunhiu Darius.— Se uma morte rápida foi suficiente para o duque de Enghien, também é para mim.

Os olhos de Napoleão se entrecerraram, acalorado.

—No devido tempo —lhe prometeu apertando os dentes. Enviou a seus homens um violento sinal para que o levassem.

Ao ver que os homens se aproximavam para agarrá-lo de novo, Darius se jogou violentamente sobre a mesa para agarrar a faca mais próxima. As mulheres gritaram.

O cabo com aspecto de símio e alguns homens o detiveram, fazendo-o tropeçar com as correntes e o reduzindo de maneira ainda mais desagradável.

Napoleão ficou em pé, lançando com fúria o guardanapo.

—Matem-no! Agora!

Darius levantou o olhar de entre a pilha de homens que o rodeavam e fixou os olhos em Napoleão. O imperador se aproximou de sua esposa para protegê-la.

Quando finalmente deixaram que Darius ficasse em pé, manteve o queixo alto e os passos em um perambular preguiçoso como amostra de valentia, embora estivesse ferido. Não esperava com muito entusiasmo as horas que tinha por diante. Olhou sobre seu ombro uma última vez e viu como a princesa Pauline seguia com o olhar seus movimentos.

Os guardas o empurraram para as portas.

—Esperem! —ouviu—se uma voz gritando atrás deles.

—O que ocorre, Paulina? —repreendeu-a Napoleão.

—Minha dama de honra sabe quem é —disse a princesa Pauline.

De costas a eles, Darius ficou gelado.

Sua mente o levou a essa manhã, uns dias atrás, quando tinha expulsado Cara, a amiga traidora de Serafina, ao desterro.

—Você, volte — ordenou o capitão.

De repente, sentiu um nó frio e doentio no estômago. Com uma maldição silenciosa, Darius obedeceu a contra gosto. Não lhe coube nenhuma dúvida, a pequena loira de olhos azuis que estava em pé junto à Pauline odiava-o profundamente. Tinha prometido vingar-se e ele rira dela.

—É o conde Darius Santiago —disse Cara, com um tom de triunfo em seus olhos alpinos.— O rei Lazar o adotou como filho e é o favorito da princesa Serafina. Ascensão pagará qualquer preço para tê-lo de volta vivo.

Napoleão começou a rir suavemente, com a cabeça para trás.

—Não funcionará —começou Darius—, Lazar nunca negociaria com homens como você.

—Não? Lembro-me dessa história em que salvou a vida do rei —quase em troca da sua— e sei que, apesar de todas suas políticas liberais, Lazar é um italiano da velha escola. Antepõe a lealdade a todo o resto.

—Não funcionará —disse Darius de novo, com o coração acelerado.— Não sou tão valioso.

—Já veremos.

—Deveríamos ter sabido que não se tratava de um delinquente comum. —A vista de Pauline se afastou rapidamente de seu corpo.

Darius a olhou, como se fosse enjoar.

Cara seguiu com a vista fixa nele, triunfante, de braços cruzados.

Napoleão riu.

—Levem-no, façam que se sinta cômodo. Tenho muito que lhe agradecer, Santiago. Fez que tudo seja muito mais fácil para mim. Para que declarar uma guerra quando posso utilizá-lo para conseguir a armada? E, além disso, há essa maravilhosa princesa sua. Se atuarmos rapidamente, podemos tirá-la das mãos de Tyurinov e colocá-la nas suas, o que lhe parece? —disse, em direção a seu enteado.— Embora por outro lado —Napoleão se voltou para Josefina e lhe beliscou a face—, possivelmente me desfaça de ti, mulher mais velha, e me case eu mesmo com essa criatura.

Capítulo 16

Embora a amargura de seu fracasso se ia fazendo cada vez maior com o passar do tempo, Darius tentou manter uma aparência despreocupada ao ser conduzido por uma dúzia de guardas até uma rica antecâmara sem janelas da ala mais distante do palácio. Enviaram-lhe um médico para que lhe examinasse os ossos quebrados e os golpes, e depois sua mão direita foi libertada das correntes para que pudesse comer a escassa ração de comida e água que haviam trazido.

Estava tão nervoso que era incapaz de comer algo. Mas logo sua educação militar lhe recordou a necessidade de encher o estômago. Comeu com rapidez, sem vontade, enquanto olhava aos soldados. Ninguém falava. Esperaram que terminasse de comer e depois voltaram a algemar suas mãos. Por último, encerraram-lhe e puseram alguns homens na porta para vigiá-lo.

Deitou-se na cama com um suspiro de desgosto, sobre o grosso colchão, incapaz ainda de compreender como tinha chegado a esta situação. Por que não estava morto?

Nem sequer sua refinada insolência tinha conseguido fazer com que o matassem. Estava certo de que o lascivo comentário sobre a irmã de Napoleão faria o milagre.

Apoiou o antebraço sobre sua testa para tratar de clarear a cabeça, mas uma e outra vez sua mente voltava para o momento no qual tinha falhado o primeiro tiro em Napoleão. Não entendia como podia lhe haver saído mal. Estava ainda emocionado pelo engano. E agora que o perigo iminente tinha passado, a humilhação começava a pesar sobre seus ombros.

"Tudo inútil. Tudo falhou."

Tinha dado uma boa amostra de arrogância, mas aqui, no silêncio, seu orgulho fora reduzido a pedacinhos e não sentia o mínimo indício de autocompaixão. Supunha-se que tinha sido treinado, que era um agente de alto nível, um assassino e, entretanto, tinha cometido um engano de principiante ao disparar de forma prematura. Depois, no momento no qual se supunha devia ter tomado o arsênico, tinha mostrado seu verdadeiro rosto. O pequeno e abandonado trombadinha cigano que tinha sido durante muitos anos emergiu de novo, arruinando seus planos, dizendo, ao diabo, não, não mataria a si mesmo. Tinha sobrevivido muito para acabar assim. Esta era a parte que mais o envergonhava.

Depois de tantos anos esforçando-se por ser melhor pessoa, no momento crucial, tinha demonstrado ser o mesmo de quando os reis o acharam pela primeira vez. No momento da verdade, tinha escolhido sobreviver a morrer com honra.

E por que devia ser esta opção uma surpresa para ele? Pensou com aborrecimento. Honra! Estava farto e cansado de tanta honra. Olhe onde o tinha levado.

Levantou-se e perambulou pelo aposento para tratar de aplacar um pouco seu nervosismo, arrastando as correntes como um fantasma em um castelo. Nesse momento, ouviu vozes de homens que discutiam em voz baixa do outro lado da porta.

Tratou de afinar o ouvido, todos seus sentidos alertas. "*Meu Deus, o que se passará agora?*"

—Está louco? Fará que formem todos um conselho de guerra!

—Só faça-o —disse outro—, vão pagá-lo, não?

De repente, quatro soldados irromperam no aposento e caminharam para ele.

—Ah, assim está acordado, ei, galo de briga? Vamos.

Darius os olhou horrorizado ao compreender que se o tiravam do quarto no meio da noite era porque Napoleão tinha mudado de ideia.

Era a hora.

Começou a suar. Ia ser executado pelo batalhão de fuzilamento, como fizeram com o jovem Borbón, Duque de Enghien.

Tratou de acalmar-se enquanto os soldados lhe tampavam os olhos com uma venda negra. Cego e com os pulsos atados, voltou a reviver o pânico profundo de impotência que havia sentido tantas vezes em sua infância.

Pensou em Serafina e se tranquilizou um pouco. Tinha falhado em tudo e eles iam tirar-lhe a vida, mas não poderiam nunca lhe arrebataram o orgulho. Levantou o queixo. O coração lhe pulsava com força, mas não pôde resistir de tentar conhecer seu destino.

—Ah, assim por fim encontraram as balas com as quais me matar —disse friamente enquanto lhe tiravam do quarto.

Ouviu suas risadas.

—Está ficando nervoso, não é, pequeno?

—Apodreça no inferno.

Alguém o golpeou. Recuperou o equilíbrio e caminhou com cuidado, incapaz de ver por onde iam.

—Escadas. Sobe —grunhiu um homem a seu lado.

Subiram umas longas escadas. *Subir? Pensou. Não deveriam estar indo ao pátio, onde o esquadrão pudesse disparar nele de costas ao paredão?*

—Aqui. —O guardião não parecia muito feliz quando se detiveram.— Entre.

Ouviu que abriam uma porta. Alguém o empurrou pelas costas. Tropeçou para diante e caiu quase como em uma reverência.

—É todo seu —grunhiu o guardião, e fechou a porta atrás dele.

Darius se esforçou em ouvir algo, mas o aposento estava completamente em silêncio. Sentiu uma presença. Napoleão?, perguntou-se, esperando o golpe, esperando a dura bota em seu rosto ou nas costelas.

Mas só havia silêncio. Tinha muito orgulho para perguntar algo.

Saltou ligeiramente quando mãos suaves pousaram sobre seu braço. Cheirou o perfume de uma mulher. Então entendeu tudo.

"Ai, Deus —pensou—, aqui estamos de novo."

—Deixe que o ajude a levantar —disse uma voz com sotaque parisiense, cuidadosamente escondido sob um acento corso.— Não tenha medo. Agora está seguro.

—Maldição se estou —murmurou de forma imperceptível.

Sacudiu-se da mão que o acariciava com violência e ficou em pé, o corpo completamente tenso. A atadura que cegava seus olhos foi retirada e viu que se achava junto a um toucador iluminado por velas. Pauline Bonaparte estava diante dele vestida com uma camisola de cor dourada, bastante transparente.

Sem surpreender-se, olhou-a sem dizer uma palavra.

Dedicou-lhe um pequeno sorriso de boas-vindas.

—Olá.

Darius franziu o cenho.

—Sabe quem sou?

Limitou-se a olhá-la com desprezo, sem dizer nada.

Ela fez um gesto coquete.

—Sente-se. Teremos uma breve conversa, senhor. Quer um drinque?

Sua única resposta foi um olhar inexpressivo.

—Muito bem. Sente-se.— disse, divertida.

Quando ela se virou, ele examinou com rapidez o aposento procurando uma forma de escapar. Esta situação podia lhe ser muito útil, pensou. Tinha que ser muito cuidadoso, entretanto, porque podia ouvir os guardas que vigiavam a porta. Cautelosamente, dirigiu-se ao centro e se sentou.

A mulher de cabelo castanho voltou com um copo de vinho e se sentou junto a ele.

—Compartilharemos —disse, sorridente. Tomou um gole e depois lhe pôs a taça debaixo de seus lábios.— Vamos, bebe um pouco.

Ao vê-la beber, decidiu que nunca tinha conhecido a uma mulher em que confiasse menos. Era muito difícil de decifrar.

Retirou a taça dos lábios dele com um sorriso e a levou aos seus. Depois, dobrou as pernas e passou o braço que tinha livre pelo espaldar do assento. Assim sentada,

examinou-o. Darius mantinha a cabeça baixa, embora com a extremidade do olho seguia explorando o escuro aposento.

Ela começou a lhe acariciar a nuca com a ponta dos dedos. Darius apertou a mandíbula. Tocou-lhe o queixo, insistindo para que voltasse o rosto para ela.

Ele encontrou seus olhos com reticência.

—Têm um hematoma no olho. Isso não está bem.

Darius não disse nada.

Pauline sorria e o olhava como se avaliasse o que via, enquanto roçava sua face com os dedos.

—Pobre, valente Condé —murmurou. Acariciou-o com os dedos o ombro e o braço.— Talvez possa aliviar um pouquinho sua dor.

Ele retrocedeu, com um olhar de desprezo.

—Quem acha que sou?

—Já sabe, Condé, paguei muito por um pouco de seu tempo. Acaso não se alegra de estar fora de sua masmorra? Não imagina o muito que posso ajudá-lo. Poderia ser um pouco mais atencioso.

—Perdoe-me, tive um dia muito duro —disse, apertando os dentes.

Ela riu, contente.

—Então —disse, enquanto acariciava seu próprio joelho—, é amigo da esplêndida princesa Serafina. Quanto de amigo?

Ele a olhou com desconfiança.

—É sua amante?

Ele entreabriu os olhos.

—Sua Alteza é solteira e pura.

Pauline tremia de raiva.

—Minha dama de companhia, Cara, que costumava trabalhar para Serafina, diz que a princesa passou toda sua vida apaixonada por você. É isso verdade?

—Como poderia saber eu? —respondeu.— Se supõe que eu não sei essas coisas dos membros da família real.

—Ela lhe importa? —inclinou-se para frente com uma chama calculista em seus olhos escuros.

Nem em mil anos falaria de Serafina com esta gata diabólica.

—Cara a traiu. É tudo o que sei —disse.

Permaneceram em silêncio muito tempo. Darius olhava de vez em quando à janela, aceitando o fato de que era muito alta para saltar. Podia ouvir os guardas do outro lado da porta, rindo por tê-lo trazido ante ela dessa maneira, como se fosse um garanhão, uma vulgar meretriz.

Podia representar esse papel. Conhecia-o bem: era um papel que tinha representado desde os treze anos, idade em que descobriu que era particularmente desejado pelo sexo feminino.

Mas agora, depois de Serafina, as carícias das demais mulheres o deixavam doente.

Uma vez mais, ela se aproximou e lhe pegou o queixo para que a olhasse.

—O que ocorre, Condé? Não foi tão tímido antes. —Fez descansar a mão em sua coxa e começou a acariciá-lo.

"Deus, tenho que sair daqui."

Bem nessa hora, seus olhos repararam na presilha dourada que segurava o cabelo escuro da francesa.

Tratou de tranquilizar-se. Afastou a vista da presilha ao aproximar-se Pauline. Ela começou a lhe acariciar o peito e a lhe beijar a face perto da boca.

—Desejo-o desde o primeiro momento em que o vi. É possivelmente — murmurou— o homem mais bonito que vi em toda minha vida.

Na única coisa que ele podia pensar era em pôr as mãos sobre essa presilha.

A respiração de Pauline ia se fazendo mais forte conforme ia lhe acariciando a parte superior da coxa.

—Formoso estrangeiro, não deixarei que lhe façam mal. Sentia-se sozinho em sua cela?

Fechou os olhos para que ela não pudesse ver sua expressão de aborrecimento ao sentir como deslizava as macias e cálidas mãos dentro de sua camisa rasgada, e lhe acariciava o peito, os quadris, o estômago. Darius sabia exatamente o que estava fazendo: utilizá-lo para ferir a Serafina.

Sem saber como, conseguiu permanecer ali sentado, embora pensasse que desprezava mais a essa mulher que a todas as demais juntas.

Estremeceu ao sentir uma mão na virilha, uma mão lasciva que o buscava por debaixo das calças.

—Que divino, agora entendo tanta arrogância —ronronou. Acariciou seu braço e até o osso saliente de seu pulso.

Depois se sentou em seu regaço, escarranchada, e se encostou nele, beijando-lhe o pescoço.

Darius engoliu forte.

—Não me deseja? —Chupava-lhe o lóbulo da orelha enquanto fazia convites obscenos.

Tinha que conseguir a presilha.

Ela se deteve ao sentir umas mãos que lhe acariciavam por fim a curva das costas, uma carícia exploradora que atravessou a fina seda de sua camisola.

—Ah —sussurrou triunfante—, sabia que mudaria de opinião se o persuadissem um pouco.

Foi lentamente lhe percorrendo as costas com suas mãos algemadas.

—Pauline, Pauline —cantarolou em voz baixa—, como poderia resistir? Sua beleza é legendária.

Ela gemeu por ele, traçando uma linha por seu estômago e seus seios, acariciando-se a si mesma. Darius continuava falando para distraí-la enquanto com os dedos ia subindo das costas até o pescoço e do cabelo até que por fim roçou a presilha.

—Talvez outros não possam satisfazê-la —sussurrou—, mas eu vou lhe dar o que nunca teve, duro e rápido. E muito profundo, Você gostaria?

Enquanto ela gemia e se retorcia de prazer, ele tirou a presilha de seu cabelo e a escondeu entre os dedos. Moveu-a de um lado a outro até que sentiu a ponta da agulha no buraco do cadeado.

—O que lhe agrada, milady? Quer que fique em cima de você? Ou quer me montar? Quer que a ate? —Era uma conversa a que estava acostumado, perguntas que tinha feito muitas vezes, mas esta noite estava exagerando tudo, divertido ao ver o efeito que produzia nela.— Possivelmente deveria pôr meu pênis aqui —sussurrou, lhe assinalando com o dedo o centro das costas através da seda.— Quer que a sodomize, Pauline? O que me diz?

—Ai, é perverso —ofegou, entregue.

—Muito —sussurrou. Com as mãos nas costas dela, sentiu como o mecanismo do primeiro cadeado cedia com um pequeno clique. Beijou-a com mais força enquanto abria o segundo cadeado e tirava as algemas dos pulsos. Depois se afastou dela, pegou-lhe o pescoço com a mão esquerda e com a direita lhe tampou a boca.

Ela ficou petrificada, com os olhos muito abertos pelo assombro.

—Fica quieta e não faça nenhum ruído, ou temo que terei que quebrar seu pescoço.

Pauline abafou um grito.

—Entendeu-me?

Assentiu com a cabeça enquanto o rubor do desejo desaparecia de suas faces. Darius esperou um momento para ouvir o ruído dos guardas do outro lado da porta.

Guardavam silêncio.

—Dê-me a mão direita.

Pauline obedeceu. Passou uma das algemas por seu pulso.

—Desça de meu colo. Lentamente. Vamos para cama.

Pauline olhou-o acesa.

—Não para isso — zombou.

Ela desceu com cuidado de onde estava sentada, sem deixar de olhá-lo. Darius pegou a venda que tinham utilizado para lhe tampar os olhos e a amordaçou com ela. Fê-la

rodear o quarto até a cama e, passando a corrente das algemas por um dos postes, maniatou-a à cama.

—Agora, me diga — apertou com uma mão o pescoço, em sinal de ameaça—: Como saio daqui? Quando lhe tirar a mordaca, responder-me-á. Não tente mentir. Se gritar, asfixio-a. Entendeu?

Assentiu com a cabeça.

Lentamente, desceu a atadura enquanto o olhava com fúria seu rosto.

—Por essa porta —ofegou, enquanto assinalava uma pequena porta.— É o quarto de minha criada. Conecta com o corredor de serviço, mas não os conheço muito bem.

Darius voltou a lhe colocar a mordaca, satisfeito. Não tinha armas, mas se pudesse despistar os guardas e escapar pelos jardins do palácio Mombello, poderia solucionar logo esse pequeno problema. Poderia tomar a primeira carruagem que encontrasse no caminho e voltar para Pavia, onde tinha deixado o cavalo cinza que o levaria de volta à costa.

—Está bem. —Procurou pelo quarto algo que pudesse usar como arma. Um enorme candelabro de estanho foi o melhor que pôde achar. Agarrando-o como se fosse um porrete, cruzou com ele a porta da criada e se deteve, para olhá-la pela última vez.

—Ah, me esquecia: como sei que morre de vontade de saber, Serafina é mais bonita que você, mil vezes mais bonita, mais sensual e imensamente melhor pessoa que você. Ela é uma verdadeira princesa. —Olhou-a com desdém.— Você, pelo contrário, não é mais que uma puta barata com coroa. E sim, eu sou seu amante.

Ela esperneou, amaldiçoando-o atrás da atadura. Darius sorriu friamente por cima do ombro, e desapareceu.

Ao chegar ao corredor de serviço, passou-lhe pela mente que talvez pudesse localizar Napoleão e matá-lo por fim.

"*Ficou louco?* Esquece esse condenado heroísmo e saia daqui de uma vez por todas."

Percorrendo com uma mão a cálida parede, desceu pelo corredor sem fazer ruído. Escondeu-se no armário dos artigos de limpeza ao ver duas criadas no vestíbulo, absortas em sua conversa. Esperou que passassem para sair e seguir seu caminho, correndo por um lance de escadas, no final do corredor. Sabia que seria difícil mas possível saltar da janela do primeiro piso, no caso de não encontrar a porta de saída.

Ao final das escadas, achou uma porta e viu que estava aberta.

Lançou um olhar a seu redor, com o candelabro preparado. A única pessoa no vestíbulo era um mordomo uniformizado, dormitando em seu posto da porta do salão.

Darius abriu a porta.

—Psst.

O mordomo se espreguiçou e olhou a seu redor. Darius lhe fez um gesto para que fosse.

Um instante depois, Darius saiu do vestíbulo do pessoal de serviço uniformizado de azul claro, peruca branca e uma bandeja de pratos cobertos com tampas de prata no ombro. Caminhou lentamente, com passos firmes e o rosto inclinado ligeiramente do lado da bandeja. Procurava furtivamente uma forma de escapar. Sentia-se ridículo vestido dessa forma, embora funcionasse, porque nenhum dos cortesãos com que se ia encontrando lhe prestava a mínima atenção. Depois de uma curva, achou-se com outro corredor que tampouco parecia ter saída.

Uma criada saiu de um quarto e desceu correndo até o vestíbulo.

Olhou os pratos cobertos de sua bandeja e olhou-o com desaprovação.

—Por que demorou tanto?, Hoje estão lentos os da cozinha?

Assustado, assentiu.

—Está bem, será melhor que se apresse. Os planos de guerra abriu seu apetite e lhe asseguro que nenhum deles está de muito bom humor —murmurou.

—Merci —disse.

A mulher seguiu andando. Darius olhou a porta aberta, com o coração na mão, os cabelos da nuca arrepiados sob a incômoda peruca. Seu sexto sentido lhe dizia que tomasse cuidado. Fosse o que fosse que estivesse tratando-se nessa sala, algo lhe dizia que tinha que ver com Ascensão, com seu rei, com ele.

Nesse instante, ouviu gritos no vestíbulo, e uns passos rápidos. Pensou que tinham-no descoberto. Mas antes que pudesse sequer dar uma olhada, três soldados empurraram-no de lado para poder passar.

—Saia do meio, lacaio! —Desapareceram na sala. — Imperador, o prisioneiro escapou!

—O que?

Houve uma explosão de murmúrios e maldições entre o grupo de franceses. Tudo o que Darius podia fazer era ficar a um lado, e esconder o rosto atrás da bandeja, enquanto os generais de mais alto nível da França saíam a toda pressa da sala com Napoleão no meio. Precipitaram-se e desapareceram pela curva do vestíbulo.

Darius estava tão assustado que temeu que seu coração tivesse deixado de bater.

—Chega tarde —lhe disse o último do grupo. O rechonchudo e feio comandante se dirigiu a ele com andar de pato.— O que há nos pratos?

Darius manteve a cabeça inclinada ao descer a bandeja de seu ombro com uma mão. Levantou uma das tampas.

—Só isto. —Estampou a tampa no rosto redondo do comandante, fazendo-o cair.

Rapidamente, arrastou o corpo inconsciente do homem ao interior da sala que tinha ficado vazia e fechou as portas. Tirando com um tapa a irritante peruca, deu duas passadas para aproximar-se da mesa central, onde tinha desdobrado um grande mapa da Europa adornado com alfinetes de cores.

Uns alfinetes vermelhos chamavam a atenção sobre a pequena ilha de Ascensão, perto da bota da Itália. Darius contemplou o mapa com atenção.

"Claro. A costa ocidental! Aí é onde atacarão!"

Apressou-se a revisar as páginas de notas para memorizar cada detalhe. Cifras, armamento, linhas de fornecimento. Estudou a última página que achou ainda de mais interesse.

Para fazer desembarcar as tropas em Ascensão, a França necessitava os navios de seu recente aliado, Espanha. Entretanto, a armada da Espanha já não era tão grande como no passado. O ataque não teria lugar até que o almirante Villeneuve terminasse com Horatio Nelson.

Destruir Nelson era a primeira prioridade de Bonaparte, leu, porque embora a frota de Ascensão se unisse à armada franco-espanhola, a invasão da Inglaterra não teria êxito enquanto o temido almirante inglês sulcasse os mares.

De repente, Darius ouviu mais gritos no vestíbulo. Pôs tudo em ordem de novo para que não soubessem que seus planos tinham sido descobertos. Em lugar de sair pela mesma porta ao vestíbulo, meteu-se por uma porta alta e branca e se achou em uma escura sala de música. Saiu pelo outro extremo até outro corredor.

Depois de entrar em um suntuoso salão, fechou as portas para não escutar os gritos do exterior, muito perto para sentir-se cômodo.

Cruzou de um extremo ao outro a sala e abriu a janela. Havia quinze pés de altura. Subiu ao batente e, abraçando o corpo com força, atirou-se de repente.

Com um grito de dor, caiu rodando por um leito de flores. Depois correu para as portas, com o coração pulsando como se fosse explodir de um momento a outro.

O palácio Mombello estava rodeado de extensos jardins. Correu a campo aberto, contente de que fosse de noite, mas sem esquecer que estava desarmado.

Ofegando, jurou que deixaria de fumar se saísse dali vivo. Chegou quase sem fôlego às portas, onde se viu abordado por três sentinelas. Atacou primeiro um que bloqueava o caminho, golpeando-o no queixo e roubando-lhe a espada. Voltou-se depois para os outros, feito uma fúria, ao limite de suas possibilidades quando dois mais se uniram à refrega. Derrubou dois deles com a folha da espada, mas o terceiro homem atacou-o pelas costas e tratou de asfixiá-lo. Lutando por recuperar o ar, Darius golpeou ao homem no ombro e deixou escapar um grito pelo esforço ao lhe cravar a espada.

O suor rodava por sua fronte e lhe chegava até os olhos. Sem perder um momento, secou a sobancelha com o braço. Ainda levava o ridículo uniforme arroxeadado.

Cercando ao último homem que ficava em pé, enfrentaram-se com um ruído de espadas. O capitão dos sentinelas entrou em ação em cima de um cavalo branco.

Darius esquivou-se do golpe do outro homem, enquanto o capitão balançava sua espada cavalgando para onde ele se achava. Ao voltar-se, vulnerável, o homem do chão investiu contra ele. Darius fez um movimento rápido para se esquivar e lhe replicou com uma investida. Afundou a espada em seu estômago com um frio olhar de ferocidade. O soldado caiu de joelhos.

Depois se voltou para lutar com o capitão que seguia no cavalo. Em pouco tempo, o homem caía à terra junto a seus homens. Darius abriu por fim as portas de ferro, pegou o cavalo com umas suaves palavras e subiu à sela com um salto.

Pouco tempo depois, galopava em cima de um cavalo branco para a liberdade.

Desespero.

Serafina levava horas sentada em frente à galeria de retratos, olhando o quadro de tamanho original de Darius, que tinha servido de modelo para a miniatura que ela tinha em seu quarto.

A figura do espanhol parecia dominar o longo corredor. Era como se fosse capaz de enfrentar a todos os perigos, com seu olhar selvagem de ônix. Contra o escuro fundo do tecido, o branco colete e a espada de prata brilhavam com a luz de sua inata nobreza, a pureza de um cavalheirismo que só Darius tinha sido incapaz de reconhecer.

Seis dias e ainda não tinham tido notícias dele.

Serafina deixou escapar um longo e agônico suspiro. Quando finalmente teve forças para afastar-se do quadro, levantou-se pesadamente e deu uns passos, com um som de saias fantasmagórico. Deteve-se ao pé do quadro e beijou seus dedos, roçando depois com eles o canto do retrato. Pesavam-lhe tanto os membros que foi um triunfo levantar o braço. Depois, saiu da galeria pelo outro extremo.

Continuou para o vestíbulo com passos lentos, como perdida. Ouviu um som amortecido de vozes masculinas proveniente de um dos quartos dianteiros. Ao virar a esquina, viu que uma multidão de jovens se reuniram na sala de bilhar. A sala devia estar cheia, porque uma dúzia deles ficaram em pé no corredor, junto à porta. Aplaudiam e assobiavam uma e outra vez, gritando vivas e palavras quase furiosas de aprovação.

De repente, Serafina empalideceu ao ouvir a voz séria e zangada de seu irmão.

—Santiago é uma inspiração para todos nós! Somos uns covardes? Esta política de paz a todo custo é uma desgraça para a humanidade! Já veem o que está se passando, minha irmã foi vendida para que esse touro nos proteja! Vamos permitir isso?

Serafina os escutava horrorizada.

—Os russos riem de nossa covardia, e com razão, porque não somos capazes de lutar nossas próprias batalhas! —continuou.— Este matrimônio é contrário a sua vontade!

O coração lhe pulsava com força quando entrou na sala de bilhar a empurrões. Eles se voltaram surpreendidos.

—Princesa!

—Deixem-me passar, estúpidos! —fez-se um espaço entre eles, entrando na sala. Mal podia acreditar no que via.

Perto de duzentos jovens cavalheiros e oficiais se apinhavam no salão para apoiar seu irmão. Seu ânimo de excitação instável se apalpava no ar. Brilhavam-lhes os olhos, os rostos acesos. Pareciam a ponto de amotinar-se, cada qual mais entusiasmado por provar seu valor, e ela, pensou Serafina assustada, era a bandeira ao redor da qual se congregaram.

Ficaram em pé para aplaudi-la ao entrar, gritando exagerados cumprimentos, dando golpes no chão com os pés, assobiando. Ela olhou a todos, assustada.

—Detenha-os! —gritou, mas faziam muito ruído para que a ouvissem.

Ignoraram-na.

Viu seu irmão sobre a mesa, no centro da grande sala, com alguns de seus amigos mais próximos sentados ao redor dele. O tenente Alec estava também ali.

Caminhou para eles. Os jovens lhe abriram caminho entre a multidão.

Os vivas espontâneos por sua pessoa se repetiram uma e outra vez. Olhou fixamente ao príncipe com uma súplica nos olhos, mas ele não fez conta, ocupado como estava em liderar esta multidão volátil, saboreando pela primeira vez o poder.

—Detenha-os! —gritou finalmente com todas suas forças, o rosto corado de ira.

—Nós lutaremos por você, princesa! —gritou um jovem a sua direita.

—Não, isso não é o que quero! —gritou, e lhe esfriou o sangue ao ver que os outros tomaram a promessa do moço. Sem saber o que fazer, foi examinando a todos: jovens e confiantes rostos, alguns bonitos, outros inexpressivos. Finalmente, seu olhar acabou no de seu irmão.

Estava-lhe fazendo gestos, com a covinha mais proeminente que nunca e o mesmo queixo de seu pai.

"Matar-nos-ão. Não tem ideia do que está fazendo. Está começando uma guerra aqui."

Gelada pela certeza, caminhou para a mesa de bilhar.

Ali, dois sorridentes membros da Guarda Real puseram um joelho no chão, oferecendo-se como degraus para que ela pudesse subir à mesa. Rafael lhe estendeu a mão de cima. Ela a aceitou e subiu com cuidado sobre os oficiais e depois ficou em pé na mesa. Enquanto os homens que rodeavam os oficiais felicitaram e lhes deram tapinhas nas costas como se fossem tolos, Serafina se voltou para seu irmão.

—Rafael, dispersa esta multidão imediatamente. Não vê que está incitando-os para que se rebelem contra papai?

—Papai nem sempre tem razão —disse zangado. Depois tratou de acalmar-se e tomou sua mão afetuosamente entre as suas. Dedicou-lhe um sorriso de condescendência.— Irmã, este é um assunto de homens. Não terá que se casar com Tyurinov e nos vingaremos dos franceses por matar Darius!

Estremeceu ao ouvi-lo.

—Rafe, não tem nada que fazer nisto. É papai o que faz a política.

—Ele se tornou brando, Grilo! Nunca devia dar seu consentimento e vendê-la dessa maneira! Lutaremos! —gritou à multidão avivada.

Eles o aplaudiram, erguendo seus protestos.

—Mas fui eu que concordei!

Tudo era inútil. Desceu da mesa e fugiu dali, sem prestar atenção às palavras de admiração que outros lhe dedicavam, galanteria sem dúvida exagerada.

—São uns estúpidos! São todos uns inconscientes e arrogantes estúpidos e não deixarei que morram por mim! —Saiu correndo, sem fazer caso dos outros, fugindo ao jardim. Fora estava escuro e a calidez da noite era atravessada pela chuva. Ficou ali em pé, desesperada, deixando que a chuva lhe clareasse a cabeça.

Sim. Só havia uma solução. Mudou de direção.

Começou a correr. A grama estava escorregadia e úmida para a sola de seus sapatos de seda. Não deixou de correr até chegar aos estábulos. Gritou para que selassem a égua, mas os moços se limitaram a olhá-la, como se intuíssem suas intenções.

Ao chegar junto a Diamante, um dos moços do estábulo se aproximou dela.

—É tarde para montar, Alteza, e o tempo está imprevisível.

Ela apertou os dentes.

—Eu adoro a chuva. Saia de meu caminho.

—Princesa, não deveria ao menos levar um dos criados com você? —perguntou outro com cautela.

—Não tente me proteger! Estou cansada de que todos o façam! —Com um grito surdo de impaciência, caminhou em direção ao estábulo de Jihad. Desatou as bridas do animal de um poste junto ao estábulo, Jihad estava tão nervoso como ela e aceitou o bocado mais facilmente do que ela tinha imaginado.

Os moços se aproximaram preocupados.

—Sua Alteza não tentará montar essa besta, não é?

—É muito perigoso!

—Não podem me deter! —desafiou-os.

Abriu a porta da baia e pôs as rédeas sobre o pescoço de Jihad. Depois, por pura força de vontade montou no animal, escarranchada. Agarrou as rédeas e ordenou ao animal que saísse dali.

—Saiam de meu caminho se não quiserem que os pise —ordenou aos moços.

Eles se afastaram. Serafina se encolheu junto ao animal ao sair do estábulo. Jihad sacudiu a cabeça excitado.

—Alteza, aonde vai? —perguntou o mais velho dos criados.

Ela apressou Jihad para sair do recinto e galopar na noite, rumo ao promontório que dava ao mar.

Estaria com Darius para sempre.

O galope de Jihad era como o vento. A cabeça lhe dava voltas pelo efeito da velocidade e da imprudência.

Com a cabeça descoberta e molhada pela chuva, deteve-se à beira do promontório, enquanto o vento da noite açoitava seu gasto vestido. A duzentos pés de profundidade, esperavam-lhe as rochas e o mar infinito.

Ela tinha passado ali horas e horas no passado, esquadrinhando o horizonte, esperando ver seu navio, sempre esperando sua volta.

Mas desta vez ele não voltaria.

Desmontou e ficou de joelhos.

Se morresse, ninguém teria que começar uma guerra por ela.

Se morresse, poderia estar com Darius para sempre.

E se tirasse a própria vida, o sacrifício de Darius teria sido em vão.

Ele tinha morrido para salvá-la; se tirasse a vida, trairia tudo o que tinha querido para ela. Tinha abandonado-a, tinha amaldiçoado-a com a carga de uma vida em que nunca conheceria a alegria e o amor de novo.

—Ah, desconsiderado trombadinha cigano — sussurrou ao mar.

Escalou a borda da rocha e chorou até que já não ficaram lágrimas.

Os três peixeiros genoveses estavam aterrorizados. Darius lhes dedicava de vez em quando olhares intimidantes para que seguissem trabalhando e distrair assim sua curiosidade sobre ele: esse homem louco de olhos selvagens que tinha requisitado seu pequeno bote e tinha ameaçado-os de cortar a garganta se não o levassem imediatamente a Ascensão.

la sentado no tombadilho, abafado por sua própria humilhação, gasto e com as armas na mão. Só faltavam algumas horas para encontrar-se com Serafina. Sabia que não poderia evitar controlar seu temor e sua vontade de vê-la.

Tinha muito em que pensar para passar o tempo. Sua experiência em Milão o tinha mudado, tinha acabado com todas suas ilusões sobre a honra, havia dissolvido todos os castelos no ar e mentiras que tinha alimentado com os anos. Ele não era um cavalheiro, não podia pretender sê-lo por mais tempo. Não, voltava a estar arruinado, uma criatura de instinto de sobrevivência, como o tinha sido uma vez quando vagava pelas ruas de Sevilha. Mas agora sabia o que necessitava.

Já não lhe importava se fosse mau.

la tomá—la para ele. Só a tomaria. Ninguém mais poderia tê-la, pensou, com o instinto a flor da pele. Ela era dele.

Embora tivesse falhado e nunca a merecesse. Embora Lazar o repudiasse. Embora não soubesse como ser o marido de ninguém e lhe aterrorizasse que pudesse ser como seu pai, possessivo com ela, controlador. Ela era dele e nada mais lhe importava.

Deus.

Capítulo 17

Na véspera da boda, Serafina era a concha vazia do que uma vez foi.

Já não podia esperar nada. Se Napoleão tivesse morrido, o mundo inteiro teria sabido. Se Darius estivesse vivo, teria mandado alguma notícia.

Casar-se-ia com Anatole pela manhã. Nada disto parecia real. Teria Darius morrido só? Tinha sofrido muito? Tinham sido seus últimos pensamentos para ela?

Não tinha respostas. Não saber o que tinha sido dele era pior que ter ouvido a terrível verdade de uma vez por todas.

Procurou um pouco de ópio para dormir. A pequena flor de estufa nem sequer podia suportar sua dor. Via com desprezo como tinha passado com os dias do vinho ao uísque e de este ao láudano. O doutor assim o receitara.

Os moços do estábulo tinham contado ao responsável o que tinha feito, que tinha tirado Jihad para uma galopada sob a chuva. Esse excelente criado se viu obrigado a informar a seus pais de seu perigoso comportamento. Eles tinham tentado falar com ela. Não vê-lo a deixara doente. Tanto amor a punha doente. Ante a tragédia do autossacrifício de Darius, reconfortaram-se um ao outro. Sua perda, sua devastação tinha servido, de certa maneira, para uni-los mais, assim como o nascimento do bebê, ante quem Serafina se sentia de todo indiferente.

Tinha sido menino e o chamavam Lorenzo. Não lhe importava. Por que devia ser sua mãe quem desse a luz a um menino fruto do amor, mas não planejado, um acidente?

Era um escândalo. Tinha quase quarenta anos. Durante duas décadas, sua mãe tinha contado com a devoção de um dos dois melhores homens do mundo. Alguma vez lhe daria a oportunidade de ser feliz? Golpeada pela vida aos vinte anos, Serafina rechaçava os intentos de seus pais por incluí-la em seu pequeno mundo perfeito.

Viu-se agindo da mesma maneira que Darius, evadindo todas suas perguntas de preocupação, dizendo simplesmente que não se sentia bem. Haviam-se por fim rendido ao ver sua teimosia e a tinham enviado ao doutor para que a examinasse.

Tampouco lhe tinha aberto sua alma. Podia lhe haver dado o diagnóstico em duas palavras: "*Darius morreu*". Ela se sentia morta em seu interior, em coma. Mas o láudano era seu anjo da guarda.

Seus doces sonhos devolviam Darius, o sentimento de sua pele de mel dourado, o som de sua risada zombadora, seu sorriso agri-doce de melaço e depois, voltava a desvanecer-se.

"*Cruel* —pensou.— *Cruel*."

Agora estava deitada em sua cama com dosséis.

A cada lado da cama, duas velas acabavam entre um montão de cera em que se esculpiam estranhas formas.

Não era sua intenção dormir logo outra vez esta noite. Eram apenas nove e meia quando se deitou. Sua intenção tinha sido ler um pouco, mas não podia concentrar-se e o livro pesava muito para poder sustentá-lo. Tinha os braços muito fracos e o corpo lhe

pesava muitíssimo. E era como se não pudesse levantar as pálpebras. O láudano a fazia estar cansada quase todo o tempo, embora a dose não fosse muita. Se, se entregasse à necessidade de dormir, talvez pudesse conjurá-lo para que viesse visitá-la em sonhos, ele, seu amante demônio.

Seu último pensamento antes de ficar adormecida tinha sido o de que poderia dormir sua vida longe, sob a branca e pura neve da terra de Anatole.

Esquecimento. Escuridão. Ausência de dor.

As horas passaram.

O suave som da parede não conseguiu penetrar de todo em seu sono. Na distância, ouviu os gritos de seu pequeno macaco, mas isto não era algo anormal. Sonhou que estava no interior de uma grande cripta negra, adormecida, com um quilômetro de terra entre ela e a luz.

—Princesa.

Ah, agora entendeu do que se tratava esse negrume. Estava na tumba com Darius. Seu cérebro sonolento tirava o fio de uma história para ela. Seguiu-a como Ariadne, a princesa do labirinto do Minotauro. Ele estava aqui, em algum lugar da escuridão, só tinha que achá-lo. Estava perdido no labirinto e ela tinha que salvá-lo. Ele esperava-a.

Chamou-o em seus sonhos e as três sílabas musicais de seu nome ecoaram no negro corredor, como o sussurro de uma canção, um suspiro Daaariuuuss.

Ele respondeu a sua chamada com uma voz suave e pausada.

—Princesa, acorde. Estou aqui.

"*Não, não quero despertar*", pensou angustiada. Porque agora podia sentir sua proximidade. Tinha que ver seu rosto uma última vez, embora fosse horrível, embora ele fosse o Minotauro no labirinto e fosse matá-la no momento em que a encontrasse.

Um as notas suaves a rodearam, o som de uma mão rasgando as cordas do violão, como a brisa sobre um lago iluminado pela lua. Abriu os olhos e viu uma silhueta alta e sombreada através da gaze esbranquiçada do mosquitoireiro de sua cama.

Olhou-o perplexa, sem saber se estava acordada ou adormecida. Não se atrevia a respirar por temor de que sua querida aparição desaparecesse.

Como se o tumulto formasse um círculo mágico que não pudesse ser cruzado, ele caminhou ao redor da cama, esbelto e elegante, sem tirar seus luminosos olhos de seu rosto.

—É tão formosa que me dói —sussurrou— aqui. —levou a mão ao coração, contemplando-a enquanto se aproximava lentamente.

Apertou os lençóis, tampando com eles o peito, olhando-o como se fosse um fantasma. Ele tinha vindo do outro mundo para levá-la com ele. Estariam juntos por toda a eternidade. Só precisava lhe dar sua alma. Como se ele não a possuísse já.

—Não tenha medo.

—É real? —ofegou, o coração acelerado.

Rodeou-a pela direita e ficou à cabeceira. Olhou-o sobressaltada, enquanto sua mão bronzeada transpassava o mosquitoireiro.

Pôs o joelho sobre a cama e o colchão se afundou com o peso.

—Diga-me isso você —ofegou ele, e se inclinou para ela. Beijou sua boca, uma carícia acetinada, lhe roçando os lábios com seu fôlego quente.

Emitiu um grito abafado e se lançou a seu pescoço. Ele a atraiu para si, abraçando-a enquanto se mantinha em pé junto à cama. Os braços que rodeavam seu corpo eram fortes, reais e quentes, e a barba de uns dias lhe roçava o pescoço. Começou a tremer de maneira descontrolada, sem saber o que dizer, apertando-o nos braços, agarrando-se a sua pele para que não desaparecesse.

—Ai, Meu Deus, Darius! Diga-me que é real, pelo amor de Deus. Diga que está vivo!

Acariciou-lhe o cabelo, com as mãos trêmulas.

—Shhhh, anjo. Sou real. Estou aqui.

—Por favor, me diga que está vivo! —gritou, incapaz ainda de acreditar. Ria, chorava, soluçava, tudo ao mesmo tempo. — Está ferido? Deixe que o veja.

Com mãos trêmulas, afastou-o para poder acariciar seus ombros. Fez-lhe esticar os braços e revisou com o olhar o estado de seu corpo. Estava cheio de hematomas, um pouco gasto e a roupa era apenas alguns farrapos.

—Serafina, voltei. Estou bem —disse com convicção.

Olhou-o nos olhos e manteve o olhar um momento para fixar o que via. Seus olhos se encheram de lágrimas. Sem uma palavra, abraçou-o com todas suas forças, apertando os olhos.

Aspirou a superfície de sua pele, para embriagar-se com seu aroma: senti-lo em seus braços era embriagador, tão quente, tão forte e seguro. Vivo. Milagrosamente vivo.

Uma e outra vez deu graças aos céus, e lhe percorreu com suas mãos para assegurar-se de sua presença, para assegurar-se de que não era nenhuma ilusão. Agarrou-se a ele.

Rodeou seu talhe com seus braços, para tranquilizá-la. Ela se apertou contra ele, enquanto ele a balançava com ternura.

—Cale-se, tudo está bem agora, anjo. Estou aqui.

Abraçou-o ainda mais forte, com lágrimas de alívio no rosto, muito comovida para falar.

Tinha voltado para ela, como sempre o tinha feito no passado. Machucado mas a salvo, tinha escapado da tumba. Estava vivo e isso só podia significar que Napoleão tinha morrido.

Meu Deus, ele tinha conseguido.

Tinha enterrado ao tirano da época, e saído das garras do leão ileso.

O grande Santiago tinha conseguido o impossível.

Uma vez mais.

—Ah, descarado! —afastou-se dele para olhá-lo com fúria nos olhos, lhe dando um pequeno golpe no peito. Antes de lhe dar as boas-vindas como herói, far-lhe-ia saber o que pensava.— Como pôde me fazer isto? —gritou.— Como pôde me mentir todo o tempo, e depois ir para que o matassem? Pensei que tinha morrido. Passei um inferno por sua culpa. Um verdadeiro inferno!

Ele se limitou a olhá-la com atenção, como perdido, e deu de ombros.

—Sinto muito. Tinha que protegê-la.

—Tinha que me proteger —repetiu ela. E levantou os braços.— Como posso continuar zangada com você se me dá uma resposta como essa?

—Não se zangue, por favor. Não esta noite. Estive no inferno e voltei. Bateram em mim, dispararam. Cavalguei até que já não podia me manter na sela e depois caminhei quase cem quilômetros e juro que fiz tudo por você, Serafina. —Manteve o olhar sob sua franja.— É tudo o que me importa.

—Ah, Darius. —Ela sacudiu a cabeça e retirou o cabelo de seus olhos.— Meu formoso louco, nunca voltarei a perdê-lo de vista. —Atraiu-o a seu peito em um terno abraço.

Ele a rodeou com seus braços, apoiou a cabeça em seu ombro e pôs seu rosto sobre o seu pescoço, contra ela. Serafina apertou o protetor abraço e segurou sua cabeça contra o ombro dele.

—O que vamos fazer agora, meu amor? —sussurrou.

Ele sacudiu a cabeça.

—Fiquei sem planos.

—E Tyurinov? Devo sabê-lo. Meu casamento é em —olhou por cima de seu ombro e procurou com o olhar o relógio do aparador, depois se voltou para ele com um sopro— nove horas.

—Não! Não se casará com ele, nunca! —Afastou-se com o cenho franzido.— Nunca se casará com ele! Não é nenhuma peça de xadrez, Serafina, e nunca deixarei que a utilizem dessa forma. Quis lhe dizer isso antes de ir, para que não se preocupasse, mas não podia me arriscar. Se tivesse conhecido minhas intenções, admita-o, faria algo para me impedir. Teria ido a seu pai para conseguir o que queria, mas foi o precipitado consentimento de seu pai o que provocou tudo isto. Anatole Tyurinov é mais bruto do que nem você nem seu pai possam imaginar. Mas amanhã, prometo-lhe, descobrirá a verdade. Agora, me beije, pelo amor de Deus.

Ela obedeceu com alegria.

—Quero-o, meu maravilhoso e valente lunático —sussurrou, abraçando-se a ele com força.— Devo-lhe a vida.

—Não me deve nada —disse, apoiando-se no vazio de seu pescoço e emitindo um suave e melancólico suspiro.— Só deixe que fique.

Beijou-a no cabelo.

—Não irá a nenhum lado —disse.— Deite-se junto a mim e descanse. Está exausto. Pedirei um pouco de comida e de bebida.

—Tudo o que quero está aqui.

Esta afirmação tão doce e simples lhe chegou ao coração. Afastou-se e pegou seu rosto com as duas mãos.

—Ah, pobre menino —disse com doçura.— Olhe-se. O que lhe fizeram? Parece um desastre. Olhe esse olho arroxeadado e sua mandíbula torcida.

—Mmm —murmurou. Tinha começado a lhe beijar o pescoço e a deslizar suas mãos por seus quadris e suas coxas.— As beijará por mim?

Assim o fez, com o rosto entre suas mãos.

—Parece-me incrível que esteja aqui. Ah, Deus, queria morrer sem você. Darius, me diga que nunca voltaremos a nos separar. Diga que não voltará a me assustar assim de novo.

Ele afundou a cabeça e desenhou com seus lábios um colar de beijos, começando por uma orelha e passando pelo pescoço até a outra.

—Quero-a, Serafina. Essa é a razão pela qual fui lá. Nunca amei a outra mulher exceto você.

Devia estar sonhando, e não queria despertar. Serafina moveu a cabeça extasiada, os olhos brilhantes.

—Eu também o quero muito. Muito. —Fez descer a mão desde seu rosto até o peito. Acariciou lentamente o "V" de sua pele dourada que se sobressaía ali onde tinha a camisa rasgada .

Seu abraço se fez mais forte e suas carícias mais lentas. Saboreou a firmeza de suas linhas e a suavidade de seu bem esculpido estômago. Um tremor percorreu seu corpo ao contato de suas carícias. Ela fechou os olhos. Podia sentir o calor de sua pele sob a mão e a respiração mais profunda.

—Deus, como senti sua falta! —sussurrou, enquanto deslizava a mão sob seu peito e o apertava em toda sua plenitude. Baixou a cabeça para poder ver melhor seus seios através da fina musselina da camisola. Tinha um olhar pensativo quando lhe beijou a testa.

Darius levantou a cabeça e a olhou diretamente nos olhos. Nenhum dos dois se moveu. O desejo prendia entre eles como o fogo, em silêncio. Darius murmurou seu nome. Depois, tomou o rosto com as duas mãos e dobrou sua cabeça ligeiramente, beijando-a na boca.

Dobrou sua cabeça na outra direção e a beijou de novo. Ela sentiu como subia sua necessidade do centro de sua masculinidade como uma onda imensa. Era mais forte que outras vezes.

Moveu-a um pouco para baixo na cama e a beijou com deliciosa ternura enquanto a fazia deitar-se sobre as costas e a cobria com seu forte e poderoso corpo.

Com os cotovelos apoiados na cama, embalou-lhe a cabeça com as duas mãos e cobriu com beijos suaves e ternos seu rosto, suas pestanas, suas sobrancelhas, faces e

queixo. Por último, beijou-a nos lábios durante o que parecia uma eternidade, antes de levantar a cabeça para ver a beleza de seus lábios molhados e vermelhos pelo desejo.

O que Serafina viu em seus olhos foi fogo, uma necessidade agônica e uma pergunta. Como resposta, lhe rodeou a nuca com sua mão e o atraiu avidamente para ela, lhe abrindo a boca com seus beijos.

Darius gemeu e lhe arrebatou a boca, possessivo. Endireitou-se com ajuda das mãos sobre ela, sem deixar de beijá-la. Lentamente, foi esfregando seu corpo com o dela. Depois tirou a camisa rasgada e manchada de pólvora, deixando descoberta a perfeição de seus abdominais. Ela mordeu o lábio ao ver como inchava o volume entre suas pernas, debaixo de suas calças. Ele a olhava com um sorriso carregado de arrogância enquanto atirava ao chão a camisa com um movimento do pulso.

O coração de Serafina se contraiu ao ver que ele voltava a mover-se sobre ela uma vez mais. Inclinou-se para lhe beijar o peito. Podia sentir o calor de sua respiração através da musselina, seu cabelo como a seda e sua bronzada pele aveludada que tremia por suas carícias.

Darius pegou a camisola com as duas mãos e puxou-a fortemente para cima, deixando descobertas as pernas. Sem deixar de beijá-la, mordiscou seu lábio inferior, obrigando-a a abrir mais a boca para que recebesse seus beijos mais profundos. Serafina aproveitou para moldar com suas mãos os músculos de seus braços, cobrindo-o de carícias, maravilhada pela dureza de seus músculos. Sentiu como um calafrio, mescla de temor e admiração: nunca conseguiria domesticar este homem.

Ninguém o faria.

Afastou-se dela ligeiramente e terminou de lhe tirar a camisola puxando-a pela cabeça. De repente, sentiu um acanhamento desconhecido. Embora tivesse estado nua diante dele outras vezes, com o cabelo espalhado pelo travesseiro, sentiu um repentino rubor nas faces. Inexplicavelmente, sentiu o impulso de cobrir-se com as mãos. Era verdade que nunca lhe tinha importado despir-se frente a ele antes. Mas desta vez era diferente, e os dois sabiam.

Darius se deteve, endireitando-se. Olhou-a sorridente, com uma calidez carregada de ternura nos olhos. Percorreu sua perna com a mão, em uma carícia segura e suave.

—Está pronta para isto —murmurou convencido.

—Sim, acredito que sim. Sei que o amo. Sim —disse com decisão.

—Relaxe. —Sorriu suavemente e depois se inclinou e a beijou no estômago sem deixar de olhá-la. Suas longas pestanas mal a roçavam quando beijou seu quadril e depois, cada uma de suas coxas.

A gentileza de seus beijos acelerou seu sangue até convertê-lo em fogo líquido. A noite era quente, mas o ar se sentia fresco sobre sua pele suada.

Darius acariciou com a boca a parte baixa de seu ventre.

—Que... que está fazendo?

— Amando-a, princesa.

Abriu os olhos assombrada. O coração lhe pulsava cada vez mais depressa ao ver como ele inclinava a cabeça e lhe beijava cuidadosamente o monte de Vênus. Sentiu um fôlego quente infiltrando-se por sua pele e mesclando-se com a onda de umidade que percorria sua pélvis. Parecia incapaz de mover-se. Fechou os olhos e esperou, seduzida e desconcertada.

Ele continuava acariciando-a lentamente com os dois dedos. Gemeu de prazer.

O colchão se moveu quando Darius afundou o rosto entre suas coxas para beijá-la uma vez mais. Os beijos continuaram um momento, cada vez mais delicados. Depois começou a explorá-la com o polegar. Darius conseguia que de sua garganta escapassem notas suspensas no ar, tão habilmente como se, se tratasse das cordas de seu violão.

Ruborizou-se ao sentir uma língua em seu interior. Mas logo a fez converter-se em sua criatura, sua escrava inconsciente. Acariciou-a cada vez mais profundamente com sua longa e inteligente língua, penetrando-a, bebendo dela. Serafina se retorceu trêmula, mas ele segurou seus quadris com firmeza, forçando-a a suportar o prazer mesmo que soubesse que sua mente claudicaria com isso.

Bruscamente, engatinhou sobre ela de quatro. O rosto suave quando tomou sua boca e a deslumbrou com um beijo. Acariciava seus ombros enquanto ele se dobrava para desabotoar as calças. Com impaciência, Serafina o ajudou a tirá-las.

Ah, tinha esperado tanto este momento, pensou faminta. Subiu o olhar para encontrar-se com seus olhos. Pôde ver que compartilhavam o mesmo pensamento.

A pequena medalha da Virgem caiu entre seus seios quando ele a cobriu com seu corpo, tocando-a com seu ventre plano, com a dureza assustadora de sua potência.

O peito de Serafina se movia com dificuldade contra o dele, cuja respiração era profunda e acelerada pela urgência. Sentiu um doloroso vazio e soube que só ele poderia enchê-lo.

Ele a rodeou com os braços e lhe deu um beijo na face, perto da boca.

—Não me deixe nunca, Serafina. Não me deixe —lhe disse com voz rouca.

Sem deixar de olhá-la com esses olhos atormentados e cheios de angústia, encheu-a lentamente, com toda a delicadeza de que era capaz, explorando cada parte sua, unidos em uma só criatura fruto do amor. Darius fechou os olhos e se deteve na delicada membrana de sua inocência. Ela abriu os olhos, com curiosidade, e viu lágrimas prateadas em suas pestanas.

Sobressaltada, atraiu-o para beijá-lo. Podia sentir seu pulso dentro de seu corpo. Darius segurou com cuidado a parte inferior de suas costas, erguendo-a com uma mão. Roçaram mutuamente suas faces, tremendo.

—Amarei-a toda minha vida —sussurrou, e depois empurrou uma vez, até o infinito.

Ela gemeu, com os olhos muito abertos, tratando de absorver a dor. Tinha o queixo sobre seu ombro, assim podia ver a parte superior do dossel da cama.

Darius se desculpou em voz baixa enquanto lhe acariciava o cabelo. Olhou-a com ansiedade. Abriu muito os olhos ao ver que as lágrimas rodavam por suas faces e caíam até o travesseiro.

—Tanto dano lhe tenho feito? —perguntou preocupado, tratando de retroceder.

—Não, não. —Ela se levantou um pouco e lhe acariciou o rosto com as mãos. A dor se mesclava com a alegria, a alegria de saber que agora o círculo estava completo.

— Agora, marquei-o com meu sangue.

Darius a olhou com profunda devoção antes de beijá-la.

Lentamente, seus beijos e suas carícias foram desvanecendo a dor. Tanta ternura havia em suas peritas carícias que seu corpo se abriu como uma flor. Ele esperou que ela estivesse preparada, beijando seus ombros, lhe acariciando o cabelo e o rosto. Serafina percorreu com suas mãos a suavidade de suas costas, as curvas compactas de suas nádegas e a magreza de seus quadris. Podia sentir o percurso completo de seus músculos enquanto a segurava em seus braços.

Darius tremia cada vez que lhe tocava.

—Eu adoro quando me acaricia —disse.— É curador. —Com os olhos fechados, aninhou seu rosto entre suas mãos.— Se perder seu amor, deixarei de viver.

—Nunca perderá meu amor, Darius.

Ele estremeceu.

—Sempre soube que poderia vir a você quando estivesse preparado, e que você me amaria —sussurrou.— Essa certeza me manteve vivo. —Sustentou-a com mais força e começou a mover-se lenta e profundamente em seu interior.— Deus, Serafina, quero me dar a você por completo.

—Sim, Darius —respirou.

—Tenho medo.

Ela acariciou suas costas.

—Nunca lhe farei mal.

Seus fervorosos lábios pousaram sobre sua sobrancelha. Ao falar, sua voz foi um murmúrio apenas imperceptível.

—Tudo o que sempre quis é ser suficientemente bom para você.

Como resposta, ela pegou seu rosto anguloso entre as duas mãos e beijou-o, deixando a alma nesse beijo.

—É, Darius. Sempre o foi.

Um som angustiado saiu de sua garganta.

—Não me querera.

—Sempre o quereirei. Se entregue a mim, Darius —murmurou.— Não lhe farei mal. Quero-o.

Darius pôs as mãos dela sobre sua pele, seu peito e seus quadris, como se suas carícias não fossem suficientes.

—Quero-o —lhe dizia ela repetidas vezes. Mas ele não deixava de tremer.

Cobriu-lhe o corpo de carícias.

—Se entregue ao meu amor, Darius. Renda-se. Não mais segredos. Agora está seguro. Protegê-lo-ei e o guardarei e dar-lhe-ei tudo que necessitar.

Quando ele baixou o olhar para ela, seus olhos transbordavam de lágrimas. Ela segurou um segundo seu olhar e depois fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, rendida por completo a ele. Sentiu uma única lágrima sobre sua garganta. E depois sentiu seus beijos apaixonados. Darius fazia amor, tomando tudo aquilo que sempre tinha querido.

O prazer foi tingido de êxtase. Ela experimentou a sensação mais estranha de plenitude e abundância. Possivelmente tinha que ver com o láudano, mas enquanto ele a amava, sentiu-se como uma árvore carregada de fruta, contente de saber que podia alimentar a esse homem faminto e sedento, nutri-lo, dar-lhe prazer. Então, essa estranha sensação minguou e sua união se transformou no princípio do fogo.

Sua delicadeza se transformou em impaciente desespero. Seu corpo se pôs a suar. Já não se tratava de fingir ser um Don Juan para deslumbrar a sua conquista.

Agora era um homem perdido e solitário conseguindo por fim o que sempre tinha necessitado. Tanta cobiça a afligia, mas ela ia satisfazendo-o pouco a pouco, dando tudo o que lhe pedia. Darius a balançou e ela se moveu com ele como se fossem um, lhe rodeando com suas pernas, cravando seus calcanhares entre suas musculosas curvas. Tratou de agarrar-se a ele, gozando com sua penetração. Saboreava cada sensação produzida por suas longas e vigorosas investidas. Dar-se desta forma era o êxtase supremo.

Darius se moveu mais depressa.

Sentiu como pegava uma mecha de seu cabelo e, ao abrir os olhos, viu que ele os tinha fechado e que seu rosto finamente esculpido estava transfigurado por uma dor selvagem. Ao vê-lo soube que estava perdendo o controle. Acariciou-lhe o flanco, o cabelo, desejosa de ver como seria quando ele se deixasse levar por completo.

Não teve que esperar muito.

Gemendo uma e outra vez, respirou com dificuldade.

—Ah, venha para mim, anjo. Posso explodir.

Quando baixou a cabeça, ela colocou sua língua em sua quente e formosa boca, em um beijo que a levou até o limite.

Ela era dele e ele dela.

Um gemido torturado dele fez que ela cortasse a última corda de seu controle. Sucumbiu em um estado irracional de êxtase, gemendo e ofegando em angustiosa liberação enquanto seu corpo se convulsionava com o dele. Com um grito selvagem, ele empurrou de novo e pegou seu ombro. Ela pôde sentir a injeção de sua essência quando ele se rendeu por fim com um grito profundo de liberação.

Agarraram-se um ao outro, exaustos, ofegantes e cobertos de suor.

Depois de um momento, quando ela esteve segura de que sua saúde não se havia visto ressentida, deixou escapar um suspiro trêmulo e lhe rodeou com seus braços exaustos. Darius se aninhou contra ela. Olhou-o e sorriu, feliz e serena. Ele a beijou na face

e fechou os olhos fazendo descansar a cabeça sobre seu ombro, o nariz largo e aquilino à altura de seu pescoço.

Ficaram assim deitados um momento, abraçados e felizes. Serafina não queria mover nem um só músculo de seu corpo.

De alguma forma, recuperou as forças depois de um momento e pôde levantar a cabeça e olhar a hora. O relógio marcava três.

Sabia que sua mãe, a cabeleireira e quem sabe quantas outras mulheres viriam a seu quarto cedo para começar a prepará-la para uma boda que nunca teria lugar. Ao menos, não com Anatole, pensou. Deixou que seu olhar vagasse com um delicioso sentimento de prazer e posse sobre o corpo inerte e longo de Darius, e foi então que uma ideia perversa começou a tomar corpo em sua mente.

Observou a cera derretida da vela, absorta com a ideia.

Darius se aproximou. Enredando-se com seu cabelo, suspirou com os olhos fechados.

—Esteve maravilhosa —lhe sussurrou. Sobre ela, sentia o peso de seu ágil e musculoso corpo, agora sim relaxado por completo.

Ela sorriu ausente e beijou-o na testa.

—Tive um grande professor.

Darius riu. Suspirou e, por fim, ficou adormecido.

Embora o peso de seu corpo a fizesse respirar com dificuldade, não deixaria que a soltasse por nada do mundo. Aproveitou para inspecionar com um olhar rápido os pontos de sua ferida e depois apertou seu abraço ao redor de seus grandes ombros. Sua respiração era profunda e suave. Ficou adormecido. Serafina, pelo contrário, seguia meio acordada, inquieta pela ideia que revoava em sua cabeça.

"Não, não deve! Nem sequer pense nisso."

Mas, honestamente, raciocinava consigo mesma, não havia já utilizado sua posição umas semanas antes quando tinha exigido seu guardião?

Agora acabava de lhe dar sua virgindade. Acaso não tinha direito a esperar que ele fizesse o mais honorável? Tinha sido muito cortante quanto ao de que não se casaria com Anatole, mas não havia dito nada de suas próprias intenções. O que aconteceria se continuasse sem lhe pedir que se casasse com ele? Como ia esperar pacientemente, esperar e esperar? Na realidade, não fazia Darius o mesmo com seus assuntos quando era necessário, atuando por sua conta quando achava que fazia para beneficiá-la? Sabia muito bem que agora se tratava do benefício do homem a quem amava e, também, do seu próprio. Ele tinha que criar raízes, deixar um trabalho tão perigoso. Necessitava de alguém que cuidasse dele, e ela seria a encarregada de fazê-lo. Entretanto, apesar de todas estas razões havia algo que lhe dava medo.

"Não posso deixar que se vá de novo. Não poderia suportar."

Embora o abraçasse com ternura e delicadeza, em seu interior se fazia a mais difícil das batalhas. Via-o dormir confiante junto a ela. Odiaria-a se fizesse isto a suas

costas, à maneira do próprio Santiago. Gabou-se fazia umas semanas de que nenhuma mulher conseguiria até-lo. Amava sua liberdade.

"*Liberdade!*", pensou impaciente. A toda-poderosa liberdade de Darius não tinha significado a não ser uma maneira de estar preparado para fugir e esconder-se dela no momento em que as coisas ficassem complicadas entre os dois.

O que aconteceria se ele tivesse posto um menino em seu ventre já? O pensamento a fez tremer de alegria.

Sim, ele devia ter já muitos filhos, decidiu, doída por sua fantasia. Era tão bom com as crianças! Seus filhos lhe ensinariam a brincar. E quem melhor para ser mãe de seus filhos que ela mesma?

Julia Calazzi? Zombou deste pensamento. Essa mulher não merecia nem o cuidado de um gato. Julia nunca poderia alcançar as reservas de doçura que havia em seu coração, nem tocar o fogo da pureza cavalheiresca de sua alma. Com um pouco de aborrecimento, lembrou-se dos segredos que Julia lhe tinha revelado sobre Darius, e com eles, sua mente terminou de convencer-se.

Amava Darius e Darius a amava. Necessitava-a. Sabia que assim era. Não podia continuar deixando antepor seus temores à felicidade de ambos. Era imprudente, perigoso, mas o fazia por seu bem.

Com movimentos delicados, desfez-se do peso de seu corpo sem o despertar e rodando até a beira da cama, levantou-se em silêncio e afastou o mosquitoireiro. Fez uma careta de dor e ao olhar-se, viu os restos de sangue seco entre suas coxas.

Voltou o olhar para Darius que dormia profundamente. "*Que formoso!*" Agora eram um só.

Não lhe importava saber as amantes que teriam desfrutado de seu corpo no passado. Os dois compartilhavam uma união mística em corpo e alma, pertenciam-se por completo o um ao outro. Tinha lhe marcado com seu sangue e lhe pertencia.

Agora que o tinha ganho e que havia resolvido o perigo que ameaçava seu país, pagaria qualquer preço para conservá-lo. Cobriu seu corpo nu com o penhoar azul real e caminhou à sala de estar dourada e pêssago do lado. Acendeu uma vela e bateu depois à porta de sua criada.

—Pia? —disse em voz baixa, enquanto abria um pouco a porta.— Pia, acorde, necessito de sua ajuda!

Uns minutos mais tarde voltou para o dormitório, tremendo por sua própria imprudência. Darius seguia dormindo placidamente e em seus ouvidos ainda ressoavam os protestos inúteis de Pia.

Voltou para a cama nas pontas dos pés. Viu-se tentada a deixar vestida a camisola azul, por puro decoro, mas a surpresa devia parecer autêntica. Assim a tirou e a deixou cair ao chão antes de meter-se de novo na cama. Darius dormia de barriga para baixo.

Levantou-lhe com cuidado o braço e deslizou debaixo dele, da maneira em que estavam antes. Deu uma olhada sob os lençóis e respirou aliviada ao ver que tinha postas as calças, embora fosse nos pés. Como medida final, retirou um pouco o lençol em cima

para que a pequena mancha escarlate de seu sangue virginal ficasse descoberta. O coração lhe pulsava com força quando se aninhou nos braços do Darius e lhe colocou a cabeça sobre seu peito.

Afastou-lhe o cabelo do rosto e lhe deu um beijo. Ele se revolveu e a olhou com um sorriso sonolento.

—Foi a algum lugar? —murmurou.

—Ao banho.

—Que horas são? —Levantou a cabeça do peito da Serafina e procurou com o olhar o relógio.

—Cedo. Dorme —sussurrou.

—Mmm —suspirou, e voltou a deitar-se, relaxado.

Serafina lhe beijou a fronte com ternura, lhe acariciando enquanto ele ficava adormecido em seus braços, tranquilo e completamente confiante. Fechou os olhos um momento, agitada pela dúvida.

"Por favor, não me odeie por isso. Não posso perdê-lo outra vez. Se você não lutar por nosso amor, fá-lo-ei eu."

Com o olhar posto na janela aberta, viu as primeiras luzes do amanhecer, douradas e violetas, como uma promessa secreta.

O cenário estava pronto.

Esperou.

Capítulo 18

O escândalo foi descoberto às cinco da manhã.

Despenteado e meio adormecido, Darius levantou a cabeça e entreabriu os olhos.

Serafina olhou-o, com a boca seca e o coração acelerado.

—O que acontece, amor?

Darius percorreu o quarto com o olhar.

—Ouço algo.

Maldição! Tinha esquecido que este homem tinha um sexto sentido como os gatos.

Nesse momento, ouviu o golpe da porta que dava acesso a seus aposentos e vozes familiares que pronunciavam seus nomes com ira. Ao mesmo tempo, Darius perjurou em algum idioma desconhecido para ela. Pôs-se em movimento, rodando longe dela enquanto subia as calças.

—Merda, merda, merda —dizia em voz baixa.

Ela estava paralisada, não deixava de olhar à porta.

—Serafina! —gritou seu pai em um tom de pânico.— Abre a porta! Querida, abre a porta!

Pôde ouvir o som de uma chave que rodava na fechadura, mas ainda então foi incapaz de mover-se. Com os olhos muito abertos, voltou-se e olhou a Darius. Ele a olhou, apanhado, com o rosto pálido.

Não havia tempo de reagir. A porta do quarto se abriu de repente e bateu contra a parede. Em pé, na entrada, estava o rei.

—Sera... —começou, e depois se deteve.

"Ah, Deus", pensou, apertando forte os olhos quando o silêncio caiu sobre ela como uma laje de chumbo. Darius e ela permaneceram imóveis, com o lençol cobrindo-os até a cintura.

A mãe caminhava atrás de seu marido. Serafina fez uma careta de dor ao ouvir a voz aterrorizada de sua mãe.

—Serafina! Lazar, está bem? Estão bem?

—Ah, assim parece —disse seu pai, com a expressão mais fria que jamais tinha escutado.

Sua mãe se deteve junto a ele, e olhou por debaixo de seu braço.

Darius engoliu forte.

O olhar de raiva do pai passou de Serafina a ele.

—Deus Bendito! —gritou a mãe.

Serafina viu seu pai abrir e fechar os punhos. Sua voz parecia calma.

—É um filho da puta.

Serafina gritou ao ver que seu pai carregava contra a cama, rasgava o mosquitoireiro e arremetia contra Darius. Tirou-o da cama.

—Papai!

—É um filho da puta! —bradou, jogando Darius contra o muro.

—Lazar, detenha-se! —gritou a mãe.

—Minha filha! —gritou para Darius, levantando o punho e preparando-se para golpeá-lo.

Darius não piscou, nem tratou de defender-se. Ficou olhando para o rei, com uma expressão completamente neutra, exceto por um brilho de insolência em seus olhos.

—Confiava em você —grunhiu.— "*Não envie damas de companhia*", disse-me e eu nem sequer o questionei. Mentiui-me, filho de uma cadela!

—Não lhe bata, papai, não é culpa dele!

O punho não terminou o percurso. O rei olhou por cima de seu ombro a sua filha, com seus olhos negros acesos de fúria.

—E você, pequena fresca —disse apertando os dentes.— Certamente que tem parte de culpa. Sua mãe e eu pensávamos que a tínhamos educado melhor! Onde aprendeu a agir como uma vadia?

Olhou-o durante um segundo, emocionada e depois replicou.

—Papai! Não sou nenhuma vadia! Eu o quero!

Dirigiu um olhar de súplica a sua mãe, mas a rainha se afundou em uma cadeira próxima, e havia coberto seu rosto com as duas mãos.

Serafina queria engatinhar sob a cama e esconder-se ali. Darius seguia em silêncio, com o queixo alto, arrogante, embora incapaz de levantar o olhar.

—Vai ter que me explicar muitas coisas, magnífico —disse seu pai friamente a Darius.— Quero vê-lo em meu escritório para que me conte todas suas mentiras. — Liberou-o com um olhar de desprezo e olhou a sua filha com desgosto antes de caminhar para a porta.

—Papai? —perguntou Serafina ao vê-lo passar. — Papai, por favor.

Ele se virou e a apontou com o dedo indicador.

—Quanto a você—estava tão zangado que lhe tremiam as pernas—, Deus, pensei que lhe tinha ensinado algo! Sua criada veio a nós com expressão angustiada dizendo que tinha ouvido ruídos e que temia que lhe tivessem tirado a vida. Temíamos por sua vida e olhe o que encontramos! Imprudente, teimosa e impetuosa moça! Vejo que é minha culpa, por tê-la criado mal desta maneira! — explodiu e depois se voltou para Darius. — E não acredite nem por um momento que vai se livrar desta, senhor. Casar-se-á com ela. Agora será seu problema.

—Não sou nenhum problema —disse miseravelmente, e quando pensou que nunca se havia sentido mais humilhada em toda sua vida, Anatole apareceu pela porta, vermelho de ira, com os olhos tão brilhantes e enfurecidos que pareciam capazes de derreter um pedaço de gelo.

—Que demônios está fazendo você aqui? —perguntou o rei.

Anatole ignorou-o e olhou para Serafina.

—Assim é verdade.

—Isto é um assunto de família, senhor, vá-se! —repetiu o pai, dirigindo-se para ele com indignação.

—Anatole, por favor, nos deixe —disse a rainha com uma serenidade forçada.

Então Anatole a atravessou com a brutalidade de seu olhar, e se concentrou depois na pele rosada de Serafina e na cama desfeita, com uma expressão de brincadeira e luxurioso aborrecimento. Das sombras, Serafina pôde sentir como o instinto assassino de Darius tomava forma e crescia em seu interior.

—Tinha um criado vigiando-a de noite, milady, porque sabia que era muito formosa para ser pura —disse friamente. — A única pergunta era saber quem eram seus amantes e quantos eram. Agora vejo que estava certo. Menos mal que não me casei com você. —Chamou-a de algo em russo que não necessitou tradução.

A reação de Darius foi imediata, mas o pai interceptou-o e imobilizou-o contra a parede de novo, embora menos forte desta vez. Darius fez uma careta de impotência, e olhou ao rei com fúria.

Anatole olhou a Darius como se fosse atacá-lo.

—E você é homem morto.

—Ah, me poupe. —grunhiu Darius.

Anatole olhou ao rei.

—Desprezo esta ilha. Brindarei quando Napoleão a arrasar com suas tropas.

—Napoleão está morto! —gritou Serafina triunfal entre lágrimas. Ela indicou a seu herói.— Darius o matou!

Todos olharam a Darius, emocionados.

Por um momento, houve um silêncio profundo. Levantou o olhar e afastou despreocupadamente o cabelo de seus olhos.

—Na realidade —disse—, falhei.

Qualquer um podia ter ouvido a bolinha de pó que caía pelo ar, como se o silêncio pudesse descer.

Quase sem sentido, Serafina se virou e afogou um grito para ele, sem saber se tinha ouvido bem.

—Como diz?

O rei soprou com desprezo, sacudiu a cabeça e saiu do aposento, roçando Anatole ao passar. O russo o seguiu um momento depois, rindo friamente.

De novo, o silêncio.

Com a cabeça baixa, Darius seguia em pé contra a parede onde o pai de Serafina lhe tinha deixado.

Serafina se sentou emocionada junto à cabeceira, com os lençóis lhe cobrindo o peito.

Sua mãe se levantou segurando-se aos braços da cadeira para ajudar-se. Colocou as saias do vestido e caminhou, com a cabeça alta, até a porta. Serafina a observou, com o coração na mão.

Houve um momento no qual a rainha ficou na porta, com uma mão no trinco.

—Darius —disse tratando de guardar a compostura.

—Sim, senhora.

—Decepcionou-me.

—Sim, senhora.

—Mamãe! —Serafina gritou, porque sabia que estas últimas palavras eram as que mais podiam machucar a Darius.

—E você —disse cortante, voltando-se para a Serafina—, não posso pensar em nada que possa lhe dizer. Uma vez mais, não importa nada que não seja fazer as coisas do seu jeito. Deixou em ridículo seu pai e o príncipe Tyurinov. Agora, o que fará Ascensão? Teremos que ir à guerra. Se algo ocorresse a Rafael... —Parecia incapaz de terminar a frase.

—Isso é tudo o que lhe importa? —gritou Serafina, enquanto sua mãe dobrava as mãos sob o peito e levantava o queixo.— E o que se passa comigo? O que acontece com Darius? Não lhe importa o que ele teve que passar?

—Se queriam-se, esta não era a maneira de fazê-lo. Ao menos podiam ter sido mais discretos. —A rainha olhou primeiro para Darius e depois para Serafina.

A seguir recolheu a saia e saiu do aposento.

—Ai, Meu Deus! —Serafina estava a ponto de chorar. Ocultou o rosto entre suas mãos e depois olhou a Darius com ansiedade.

Ele continuava em pé exatamente onde lhe tinha posto seu pai. Apoiava-se contra a parede, cabisbaixo e com os olhos fechados.

Olhou-o fixamente.

—Falhou? —Seu grito foi inesperado. Serafina encolheu as pernas e se cobriu com o lençol até o peito. Ele levantou a vista para ela. Apontou-o furiosa com o dedo.— Não mencionou esse pequeno detalhe, Santiago!

—Assim é. —Seus lábios marcados desenharam um sorriso sarcástico.— Ainda me quer, querida?

Desconfiada, olhou-o fixamente, tentando compreender o que acontecia. Nenhuma desculpa? Nenhuma explicação? Desculpas?

—Enganou-me! —gemeu.— Me mentiu de novo!

—Não lhe menti. Não me perguntou. Não é culpa minha que assumisse o que queria assumir.

—Não é sua culpa? —resfolegou.— T-tomou minha virgindade com falsas pretensões e agora as vidas de meu povo estão em minhas mãos!

—Você que quis. Nós dois quisemos.

Olhou-o boquiaberta.

—Não tem remorsos.

—É você tão inocente?

Olhou-o com cautela.

—A que se refere?

—Vamos, Serafina. Acha que sou estúpido? Essa foi uma feia, mas conveniente interrupção.

Agarrou o lençol com mais força e o apertou ao corpo furiosa. Seu coração começou a pulsar de novo.

Com um sorriso zombador e frio, ele sacudiu a cabeça lentamente.

—Essa é minha princesa. Sempre consegue o que quer.

—Do que me acusa? —gritou, embora soubesse perfeitamente que era culpada.

—Não poderia ao menos admiti-lo?

—Não admito nada!

A cicatriz em forma de meia lua de sua boca se enrugou pelo desprezo.

—Deixou a cama vinte minutos antes, anjo.

—Darius —sussurrou, sentindo que a boca lhe secava.

—Boa estratégia, Serafina. No minuto em que baixo a guarda, aproveita para me jogar isso, devo lhe ter ensinado bem, não? Arruinou-me —disse.

—Arruinado? Não! —esforçou-se, com os olhos muito abertos.

—Em somente uns minutos, destroçou tudo pelo que trabalhei e construí em vinte anos.

—O que destruí, suas mentiras? Ah, como poderia viver sem suas mentiras? —gritou.— A verdade é tudo o que saiu à luz aqui! Fez o que fosse necessário, Darius, porque a única forma de conseguir que seja honesto é forçando-o a sê-lo. Mentiria sobre tudo se pudesse sair graciosamente disso! Tem que ser pego com as mãos na massa!

—Por isso me estendeu uma armadilha? —gritou furioso.— Jogando de Deus com minha vida? E como se atreve a desconfiar de mim? Se minto, é porque tenho boas razões. Como se atreve a assumir que a seduziria e sairia fugindo de você?

Ela cruzou os braços.

—Ah, como se nunca tivesse feito isso com as mulheres!

—Com você não sou assim.

—E como é, Darius? Porque de verdade eu gostaria de saber.

—Nem sequer me deu a oportunidade de fazer bem as coisas.

—A oportunidade? Dei-lhe três anos! Esquivou-se e me afastou de seu lado continuamente. Por que ia pensar que desta vez seria diferente? Não queria perdê-lo de novo!

—Está bem. Sabe o que? —Seu sorriso era de gelo ao agarrar a camisa. — Acaba de tornar-se esposa minha —acrescentou com insolência.

Vestiu a camisa e cruzou o quarto com grandes passadas, saindo pela porta normal em lugar da passagem secreta. Ao sair, bateu a porta.

"Renda-se, não lhe farei mal", pensou com amargura, repetindo mentalmente suas palavras.

Darius saiu com passo rápido pelo corredor, a ponto de estalar, não, sangrando por dentro. Quantos anos tinha passado protegendo com devoção a essa diabólica e malcriada pequena Rainha de Sabá? Quantos riscos estúpidos tinha sofrido, quantos litros de sangue tinha derramado?

Não podia recordar quando se havia sentido tão ferido em toda sua vida de adulto, mas a verdade estava clara. Não era o fato de que o tivesse apanhado para o matrimônio. Isso lhe doía muitíssimo, mas não era a parte mais dolorosa. O pior era saber que um ordinário mortal capaz de falhar um tiro não fosse suficientemente bom para ela. No momento em que tinha admitido seu engano, tinha olhado-o com repulsão. Sob todo esse discurso de rendição e verdade subjazia outra coisa: sua princesa só queria um herói.

Devia tê-lo sabido. *"Tudo inútil. Tudo inútil."*

Que diabos ia fazer agora com uma esposa? Pensou angustiado. Mas que outra opção tinha, mantê-la como amante?

Tudo o que tinha sabido era que a desejava. Só de pensar nisso fazia desejá-la de novo, apesar do desastre. Zangado consigo mesmo por esse apetite básico e irracional por ela, foi para seus aposentos, onde se aseou e trocou de roupa. Depois, abriu a caixa forte onde tinha o informe que tinha elaborado para Lazar em Moscou.

Fechou a caixa de novo e cruzou a porta.

Com uma mão no trinco, deu um último olhar ao aposento, perguntando-se voltaria para ele alguma vez. Sem cerimônias, puxou a porta para fechá-la atrás dele.

Conforme ia se aproximando do corredor principal, sentia a presença de dúzias de pessoas nos salões e corredores próximos. O estômago lhe fez um nó. Abraçou-se, certo de que o escândalo estava servido.

Era o destino, pensou. Ali estava ele: o bode expiatório. Vestido de negro, caminhava só pelo vestíbulo junto a grupos sussurrantes de mulheres cobertas de sedas e cavalheiros de coletes acetinados. Podia ouvir o que diziam, e lhe doía profundamente. Entretanto, manteve o queixo erguido durante todo este percurso da vergonha, sem deixar de olhar para frente.

—Sempre soube que faria algo assim.

—Aposto que leva planejando isso há anos.

—Deviam ter se dado conta. Pode-se tirar um menino da rua, mas não se podem tirar as ruas do menino.

—Como pôde lhes fazer isto depois do que Suas Majestades têm feito por ele?

—Pobre e temerária moça. Acaba de tornar-se uma perdida!

E depois, o mais doloroso de todos:

—Diabos, todas podem dormir com Santiago, mas não se casar com ele.

Ao final desse túnel de mesquinharia, surgiu uma figura voluptuosa.

O coração de Darius se afundou ainda mais, mas seguiu caminhando até que Julia Calazzi lhe bloqueou o passo.

Deteve-se quando ela ficou diretamente frente a ele. Olhou-o com uma expressão de ódio puro.

De repente, as joias de sua mão brilharam ao esbofeteá-lo. Darius mal teve consciência das risadas e aplausos que provocou no salão e em todo o vestíbulo.

Lentamente, voltou seu rosto para ela, a face visivelmente vermelha, e um olhar assassino nos olhos.

—Nunca lhe perdoarei isto —assobiou ela. — Lamentará. E isto, meu amor, é uma promessa.

Roçou-lhe ao passar e afastar-se dele, golpeando o chão com seus altos saltos.

Darius revisou os dentes com a língua e esfregou a face. Suspirou e se obrigou a seguir adiante.

Para seu alívio, fez todo o caminho até o escritório do rei sem ter que encontrar-se com o príncipe herdeiro. Se esse jovem tempestuoso o tivesse desafiado por seduzir a sua irmã, Darius não saberia o que fazer. Com uma mão na porta do escritório de Lazar, deteve-se para procurar a força que lhe faltava. Abriu a porta e entrou como o tinha feito centenas de vezes antes.

Lazar estava em pé junto à janela, de costas a ele, com os braços cruzados.

—Está sobre a mesa —disse em um tom inexpressivo e profundo.

Darius lhe observou com cautela e se aproximou. Justo como tinha esperado, o rei e o arcebispo haviam já assinado uma licença especial e estavam esperando que ele o fizesse. Darius pegou a folha.

—Agora, saia daqui. —Sua voz era cortante como uma vara.— decidi que não quero ouvir mais suas mentiras por hoje.

Darius apertou a mandíbula e olhou ao teto.

—Senhor, há muito mais que não sabe.

—Estou certo de que é assim. E tem, provavelmente, uma boa razão para me haver enganado como o fez, me deixando em ridículo como o velho estúpido que sou. Mas no momento, tudo o que posso dizer é que confiei em você e me traiu.

—Senhor!

O rei levantou a mão, ainda de frente para a janela.

—Não quero ouvi-lo, Santiago. O que fez, desonrar a minha filha, é indesculpável. Sei que ela não te importa como se eu quisesse que um marido a amasse e a agradasse. Sei que tudo o que sente pelas mulheres é uma mescla de luxúria, controle e desprezo. Mas esse pequeno e teimoso diabinho escolheu-o, e terá que viver com o que escolheu. Assim, saia daqui e leve-a com você. Chamá-lo-ei quando me sentir preparado para ouvi-lo, se é que alguma vez estarei.

As palavras de Lazar o feriram mortalmente, mas enquanto Darius se inclinava em uma reverência, à ira substituiu a dor.

—Como se atreve? —ouve-se dizer. Seu coração pulsava com força.

Lazar se voltou, com uma sobrelanceira arqueada pelo assombro.

—Perdão? —disse com um tom de condescendência real.

—Como se atreve? —esforçou-se, embora lhe tremessem as pernas.

Lazar entreabriu os olhos.

—Está esquecendo quem sou eu, moço.

—Não, é você quem se esquece de mim, Lazar. Esquece-se de tudo o que tenho feito por você. Dediquei toda minha vida a seu reinado e sua família. Pedi-lhe alguma coisa para mim? Algumas vezes me perguntei se significava algo para você além da utilidade que lhe reporto. E não me diga que não a amo! —explodiu, tremendo enquanto lutava por conter seu ultraje.— Foi a você a quem torturaram em Milão por ela, a você a quem humilharam? Não, senhor, você estava aqui na comodidade de seu lar, gabando-se com esse... esse animal russo!

Lazar o olhou fixamente, comovido por sua incomum demonstração de sentimentos.

Darius recuperou logo a compostura e depositou o documento amarrado com couro sobre a mesa de mogno.

—Sugiro-lhe que leia isso, Majestade —disse orgulhoso.— É o informe que escrevi em Moscou sob suas ordens. Pelo que arrisquei minha vida, para reunir a informação.

O informe que você ignorou. Dê uma olhada e saiba exatamente o tipo de marido ideal que tinha escolhido para sua filha. —Virou-se e começou a caminhar para a porta. Então, deteve-se.— De qualquer forma —disse com distante despreocupação—, atacarão pela costa oeste. Os franceses estão esperando que Villeneuve termine com Nelson. Depois, atacarão.

—Isso é o que diz. Mas como posso saber que não é uma mentira também? —desafiou-lhe Lazar.

Desconcertado e doído, Darius sacudiu a cabeça.

—Ao diabo, Lazar. Quando necessitar a alguém para que ganhe a guerra, não bata a minha porta. Abandono-lhe a sua sorte.

Virou-se sobre seus calcanhares e começou a afastar-se, aborrecido.

—Acha que não posso arrumar isso sem você, não é, estúpido arrogante? Quem sabe o que terá feito a minhas costas! Estou lutando batalhas desde antes que você nascesse! —O rei o seguiu.

Darius agitou a mão por cima de seu ombro em um gesto de desprezo e nem sequer se incomodou em fechar a porta ao sair.

Capítulo 19

Na ala de convidados do palácio, o ultrajado Anatole descarregava sua ira com o embaixador enquanto recolhia seus pertences e se preparava para sacudir o pó de Ascensão de suas botas.

Em outras partes de Belfort, outros membros da comitiva de nobres russos empacotavam também suas coisas e os criados e soldados do desfile carregavam os baús nas carruagens para serem levados ao cais. O navio que os levaria de volta a Rússia estava a ponto de zarpar.

Dentro da catedral da praça principal da cidade, as flores murchavam no altar, os músicos recolhiam seus instrumentos e o coro de crianças voltava para o colégio com as asas de seus trajes de anjo caídas.

Por toda a cidade, os convidados faziam perguntas uns aos outros tratando de saber o último sobre o Grande Cancelamento, enquanto os pobres desfrutavam do suntuoso banquete que tinha sido preparado para a nobreza da ilha. Grupos de operários começaram a tediosa tarefa de retirar a decoração para a boda real que nunca aconteceria.

Em algum lugar, pensou Serafina, Napoleão estaria esfregando as mãos como o grande rufião que era.

Els parecia ser a única pessoa que não tinha desprezado Serafina. Ao despedir-se, a ruiva se ofereceu para atendê-la, mas por muito que Serafina desejasse a companhia de sua amiga, sua casa ia ser bastante difícil no momento, e não desejava colocar Els na incômoda posição de mediadora entre um confronto entre marido e mulher.

Teria Pia, angustiada pela culpa, para atendê-la. Serafina subiu à carruagem ocultando o rosto sob uma sombrinha, para não ser vista pela multidão que se amontoava às portas do palácio. Darius montava Jihad enquanto ladrava ordens aqui e lá a Alec e aos outros soldados da Guarda Real, que, liberados de seguir servindo Darius, tinham insistido em protegê-los, em vista da ameaça de morte que Tyurinov lhes tinha prometido.

Serafina segurava com força a bolsa em seu regaço, brincando nervosamente com os laços enquanto, uma vez mais, o grupo se afastava do brilhante palácio e saía pela porta principal. Não podia imaginar o que o destino lhes proporcionava agora, e não estava segura de querer averiguar.

Julia Calazzi sentia-se como se todo seu mundo desse voltas em uma espiral de ódio, raiva e medo. Precipitou-se pelo vestíbulo até a ala de convidados, tentou controlar suas emoções para poder concentrar-se na tarefa que tinha frente a ela.

Como se a perda de Santiago não tivesse sido suficiente, sua criada lhe tinha entregue, durante a refeição a notificação de uma demanda judicial. Seu maior credor tinha remetido um informe detalhado de seus delitos à corte civil.

Sabia que teria que agir rapidamente antes que outros seguissem o exemplo.

Sua crise financeira a ameaçava. Os rumores de escândalo se expandiam como a pólvora. Quando os lojistas da cidade e outros credores o ouvissem, dar-se-iam conta de que o dinheiro de Santiago não deveria satisfazer suas dívidas. Com a ilusória promessa de que seria logo sua esposa, tinha-os mantido calados durante meses pela notoriedade de seu nome e os pequenos adiantamentos de dinheiro que ela lhes tinha ido dando.

Agora sabia que estava perdida. Tinha temido o futuro antes, mas só agora havia uma possibilidade real de que pudesse passar o resto de seus dias cada vez menos de juventude no cárcere.

Sua última esperança estava em procurar refúgio em Anatole e deixar a cidade com ele.

Confiava em ser aceita como amante. Deus sabia que tinham compartilhado mais que um único inimigo. Seu ego devia estar provavelmente mais ferido que o seu, pensou, iludida, mas ela saberia como voltar a fazê-lo sentir-se um homem.

Sapateando no chão, correu pelo corredor de convidados até sua suíte. Em sua passagem viu o grupo de lacaios russos que levavam de um lado a outro as coisas de Anatole, preparando a iminente partida. Armou-se de coragem ao aproximar-se da porta aberta do príncipe, porque tinha estado ouvindo já do corredor como se lamentava nessa linguagem gutural e ameaçadora sua.

Ao dar um passo para a porta, viu que estava dando ordens para alguns homens, que pareciam crianças ao seu lado. O príncipe estava de costas a ela, uma visão imponente de grandes ombros e longa cabeleira dourada que lhe caía selvagem pelas costas. Julia arrumou o cabelo com um pouco de nervosismo, umedeceu seus lábios pintados e ressecados, e deu uma olhada ao aposento.

Depois de receber suas ordens, os três homens se inclinaram em uma reverência ante o príncipe e deixaram o lugar. Anatole ficou onde estava, olhando ao chão, absorto em seus pensamentos. Julia se moveu a um lado enquanto os três homens a roçavam ao sair. Só ficavam no aposento dois criados que seguiam guardando coisas nos baús de viagem.

—Anatole.

Seu corpo se retesou visivelmente ao ouvir a chamada. Girou a cabeça como um autômato, estranho e mecânico, com um brilho nos olhos. Seu instinto feminino lhe enviou de maneira instantânea sinais de aviso, mas ela não podia permitir-se atendê-los.

Retirou-se do batente da porta e caminhou languidamente para ele.

—Anatole, querido, que dia tão horrível para você. Não posso acreditar no que lhe fizeram.

—O que quer? —ruminou.

Ela deslizou as mãos por seus robustos bíceps, saboreando a musculatura que se sobressaía sob o tecido azul escuro de sua jaqueta. Com uma expressão dura e proibida, olhou-a fixamente.

—E então?

—Pensava no que poderia fazer com uma amiga neste momento —murmurou com um cativante sorriso. Sem mostrar seu medo, ergueu as mãos e colheu com delicadeza uma mecha de seu cabelo loiro e a pôs atrás da orelha. Depois, acariciou-lhe o peito com os dedos. — Mas há algo mais, Anatole. —deteve-se, baixando as pestanas.

—Sim? —perguntou impaciente.

Levantou os olhos para ele intensamente.

—Leve-me com você.

—Por que ia fazê-lo? — A pergunta vinha acompanhada de um olhar selvagem.

—Anatole — repreendeu-o com um sorriso de cumplicidade—, isso deveria ser já bastante claro.

Ele fechou os olhos e jogou a cabeça para trás.

—Julia, Julia, não entendeu nada.

Franziu o cenho e começou a responder.

Antes de saber o que a golpeava, pegou-a pelos ombros de forma violenta e a levantou do chão.

—Mentiu-me! —grunhiu.

—Não, não lhe menti! —gritou automaticamente, petrificada. Seus olhos safira brilhavam desmedidos e seu apertão lhe doía no mais profundo. Parecia fora de si, um guerreiro descomposto.

—Desça-me! —gemeu.

Empurrou-a longe dele.

Ela cambaleou para trás, recuperando com dificuldade o equilíbrio. Ficou paralisada como o cervo diante do caçador, sem atrever-se quase a respirar. Anatole ficou onde estava, com o cabelo sobre os ombros e o peito palpitante.

—Você, Julia — replicou. Deu um passo para ela.

Cravou-lhe o olhar como uma flecha, com uma súplica de terror para os criados que estavam do outro lado da sala, atrás dele. Tinham o rosto pálido e fixo nela.

Anatole indicou o chão, com o olhar fixo nela.

—Veio para mim e me pediu que salvasse Santiago e, por lhe fazer caso, deixei que arruinasse meu futuro. —Deu outro passo lento para ela, e outro. A opulência, o poder e a pura ameaça saíam dele. Estava hipnotizada, segura de que ia morrer. — Irmãos, disse. Por que tive que escutá-la?

—Só tratava de ajuda-lo —sussurrou, com o coração na mão. Deu um passo atrás, mas não havia lugar onde esconder-se.

Quando ele deu outro passo para ela, como uma montanha infranqueável, sua resposta foi impulsiva, não premeditada.

Deixou-se cair de joelhos e baixou a cabeça, tomando a mão, lhe suplicando clemência.

—Por favor, Alteza, me leve com você. Farei o que me pedir, não terei outros amantes exceto você. Encontro-me na miséria. Anatole, tenho medo. Juro que não voltarei a lhe causar problemas. Ajude-me. —Beijou sua mão, sua voz em um patético sussurro. — Ajude-me, me ajude.

Quando por fim se atreveu a olhá-lo, só pôde captar uma faísca de fria satisfação em seus olhos. Depois, afastou a mão das dela, levantou-a e lhe golpeou o rosto com o dorso.

O golpe a fez cair ao chão. Ficou sem respiração, deitada no chão brilhante. Por um momento, não foi capaz de ouvir nada. Viu suas grandes botas à altura de seus olhos e o viu virar-se e afastar-se dela sem dizer uma palavra.

Julia recuperou a respiração com um gemido e tratou de sentar-se lentamente. Os dois criados continuavam em pé, paralisados, olhando-a, emocionados, embora não de todo surpreendidos pela atitude de seu amo. Quando levou a mão trêmula à boca e tocou o fio de sangue que caía dela, os dois criados lhe voltaram às costas com rapidez e continuaram trabalhando.

Em um estado de completa comoção, Julia ficou pouco a pouco em pé e saiu da suíte de Anatole. Desceu pelo corredor cobrindo com a mão a ferida e o olhar perdido à frente.

Mal sabia onde estava, e caminhava como se estivesse em transe. Passou um número indefinido de aposentos nas quais havia pessoas que ela conhecia. Alguns a chamaram, mas ela era incapaz de responder, perdida em um abismo irreal e vazio.

"*Bateu-me. Bateu-me.*" Custava-lhe acreditar. Ao final do corredor principal, deteve-se, sem saber muito bem aonde ir ou o que fazer.

Começou a tremer.

Uma onda insuportável de dor a invadiu. Tratou de engoli-la sentindo-se golpeada, e caminhou atordoada para a sala vazia mais próxima: um pequeno salão.

Fechou a porta atrás dela e caminhou até uma cadeira. Em lugar de sentar-se, desabou no chão, com o olhar perdido. Então, começaram a aflorar os primeiros soluços, e um momento depois, chorou como não o tinha feito desde que era pequena.

Conforme as sombras da tarde se foram alongando até converter-se em escuridão, seus soluços terminaram por ser silenciosas lágrimas. Lágrimas salgadas que a picaram ao chegar à ferida de sua boca machucada. Anatole lhe tinha partido o lábio. Na escuridão da sala, tocou o rosto, perguntando-se se Anatole lhe teria arroxado também o olho. Acaso importava?

Nesse momento, alguém abriu a porta e o salão se inundou de luz. Nele entraram, com passo decidido, meia dúzia de jovens em companhia do príncipe herdeiro.

Estavam envolvidos em estúpidas brincadeiras masculinas.

Julia se encolheu envergonhada tratando de esconder-se. Sentada no chão, junto à cadeira, dobrou os joelhos e segurou-os com as mãos, afundando seu rosto entre seus braços.

—Céus, olhem quem temos aqui!

—Encontramos o tesouro escondido, moços! É nossa noite de sorte.

—A Divina Julia!

—O que está fazendo aqui só e às escuras, amor?

Ela lhes deu as costas ao ver que se aproximavam, escondendo o rosto.

—Saiam daqui —disse sem olhá-los.

—Julia? —reconheceu a voz do príncipe Rafael.

—Deixe-me sozinha. —Como um coelho apanhado na armadilha, não se moveu. Em seu reduzido campo de visão, tudo o que podia ver eram umas botas negras reluzentes que a rodeavam. Tremeu com a sensação irracional e terrível de que em qualquer momento estes homens começariam a golpeá-la e pisoteá-la.

Podia sentir como o príncipe baixava os olhos para olhá-la com curiosidade.

—Deixem-nos a sós —disse de repente a seus companheiros.

Imediatamente, ouviu as maliciosas brincadeiras e as risadas às quais estava acostumada.

—Sei, Sei, Se i, os deixemos a sós?

Julia queria gritar de raiva por haver sempre recebido este tipo de comentários.

—Saiam! —ordenou Rafael, cortando-os com um tom autoritário.

Em um momento, seus amigos os tinham deixado a sós.

Ela ouviu fechar a porta e sentiu um pouco de alívio, embora ele seguisse ali, intrometendo-se em sua humilhação. Pôde cheirar o perfume limpo de colônia cara quando se ajoelhou junto a ela. Julia seguia sem olhá-lo.

—O que aconteceu? —perguntou com calma.

—Nada.

—O que lhe aconteceu?

—Nada.

—Julia. Olhe para mim. Quero ajudá-la.

"Com certeza que sim", pensou amargamente.

O moço teve a audácia de lhe tocar o rosto, a parte que não estava ferida, porque ela tampava com sua mão a parte que Anatole tinha golpeado. Ao tocá-la, entretanto, Julia se sacudiu e foi então que ele o viu. O príncipe blasfemou.

—Julia, me olhe.

Ela engoliu forte e levantou a cabeça, encontrando-se com seu olhar zangado e assassino. Era só um moço, alguém a quem mal conhecia e, entretanto sentiu que se ele dissesse algo incorreto, acabaria por desmoronar-se.

Ninguém a tinha visto neste estado. Ninguém.

Apesar de toda sua inteligência e sofisticação, não podia dizer uma palavra. Estava muito perdida para esconder-se.

—Quem lhe fez isto? — sussurrou Rafael, furioso, com os olhos cheios do fogo sagrado da juventude. Tocou-lhe meigamente o rosto.

Ela gemeu irritada e se afastou.

—Ninguém. Golpeei-me com a porta.

—Quem foi, Julia? Ordeno-lhe que me diga.

Ela se voltou para ele, cansada, com uma voz amarga.

—O que vai fazer?

—Vou matá-lo — respondeu.

Ela afastou o olhar. Sacudindo a cabeça, começou a rir enquanto caíam umas lágrimas frescas por suas faces.

—Os duelos estão proibidos, Alteza.

—Diga-me o nome do patife.

—O que vai fazer, me proteger? — disse, apática. — Defender minha honra?

—Sim.

Por fim, olhou-o, estudando-o um momento. Possivelmente era mais homem do que tinha pensado.

O Príncipe Rafael Giancarlo Ettore di Fiore tinha sido abençoado pelo sol: tinha um cabelo loiro claro e olhos verdes amáveis de loiras pestanas. Era atraente e educado, com um corpo atlético e bronzeado pelo sol depois de horas de esporte e navegação em veleiro ao redor das ilhas Eolias e Sicília. Era conhecido por ser um demônio, embora suas travessuras eram perdoadas entre risadas e piscadelas. Era a cara amável do reino, o olho direito da rainha e o orgulho e a alegria do rei.

Julia fixou os olhos no menino de ouro. Podia, certamente, contar com os dedos de uma mão as vezes que o moço tinha estado com uma mulher, pensou. Ai Deus, e era rico!

Moveu-se com lentidão e ergueu a mão para lhe acariciar o rosto, em um gesto maternal. Sua face era como o veludo. Tanta inocência a comoveu, sem saber por que. Ao falar, ouviu-se fazê-lo com uma voz suave irreconhecível.

—Só conseguiria que o matassem, querido.

—Ao demônio se assim é — disse sem alterar-se. — Quem foi? Porque não sairá ileso desta.

O movimento era perigoso, pensou. Deixou cair a cabeça, hesitando, hesitando. Ele era o herdeiro, só um menino, e não queria que lhe fizessem mal, embora, ah, em

algum pequeno e vulnerável rincão de seu coração, morria porque alguém, embora só fosse por uma vez, protegia-a.

—Diga-me o nome dele, Julia.

Respirou profundamente.

—Tyurinov.

—Certo —disse o príncipe suavemente, com um brilho de cólera em seus olhos.— irei vê-la quando terminar com ele. —levantou-se e se encaminhou à porta, com os ombros retos.

Ela levantou os olhos, emocionada. "O que fiz?" Assustada, tratou de chamá-lo para que voltasse. Esforçou-se para que sua voz parecesse despreocupada.

—Não tem por que arriscar sua vida para dormir comigo, querido. Todo mundo sabe disso.

Ele se deteve, voltou e se agachou junto a ela. Colocou uma mão sobre seu rosto, com uma desconhecida ternura.

—Triste e bela Julia. —Olhou-a com amabilidade.— Talvez o tenha esquecido, mas sei que há muito mais em você que isso. Fique aqui. Enviarei o médico para que cuide de você.

Beijou-lhe a fronte e partiu.

As seis dessa tarde, o grupo chegou ante uma tranquila igreja de campo a cinco quilômetros ao oeste da vila amarela.

Eixos chiaram quando a carruagem se deteve. Pia a olhou desconcertada. Serafina não disse nada, encerrada em si mesma, com as mãos no regaço. A porta da carruagem foi aberta bruscamente do exterior. E ali estava ele.

—Fora —ordenou Darius, fazendo um gesto à criada para que saísse.

Pia fugiu. Depois, Darius entrou na carruagem.

Pôs uma caixa de veludo negro sobre o regaço de Serafina e se sentou frente a ela, com os braços dobrados, observando sua reação com um rosto frio, anguloso e duro.

—O que é isto?

Fez um gesto de impaciência com uma de suas mãos enluvadas de negro.

Serafina abriu a caixa e achou três formosos anéis: um, com um único rubi; outro, com um rico grupo de ametistas e diamantes; e o terceiro, uma aliança de ouro simples.

—Escolhe uma.

Levantou os olhos e se deteve em seu rosto tenso.

—Por que tem todos estes anéis?

—Porque os tenho.

—Ah —disse friamente, doída.— Outro segredo. Suponho que terei que ir me acostumando.

—Assim é. Escolhe um e deixa que sigamos com isto.

Ao recordar o monstruoso diamante que Anatole lhe tinha dado, apressou-se a escolher o anel de ouro simples. Fez ele deslizar entre seu dedo e enrugou o cenho ao comprovar que o anel servia perfeitamente. Olhou-o com suspeita.

—Fica bem. Perfeito, agora poderemos acabar com isto. —Saltou da carruagem e não a esperou para ajudá-la a descer. Enquanto caminhava para a igreja, entregou a caixa negra de veludo à criada. — Toma.

—O que é isto, senhor? —perguntou Pia, assombrada.

—Algo para sua aposentadoria. Lealdade, Pia — repreendeu-a — alguns de nós sabemos como recompensá-la. —Correu para as escadas e entrou com grandes passadas na igreja.

Serafina apertou os dentes e o seguiu para que os casassem.

Alec e Pia foram as testemunhas. Os únicos convidados foram os guardas e alguns criados, além de alguma viúva piedosa que por casualidade estava visitando seu marido morto no cemitério da igreja. As emoções de Serafina foram de protesto. No altar, pegou-se ao braço de Darius porque era o único que tinha.

Mesmo que visse sua fortaleza, irritou-se ao saber que agora ele seria seu guardião a sério, assim como seu senhor e professor. Esperava que não tentasse utilizar sua posição com ela.

A cerimônia avançava, mas ela só via o movimento dos lábios do padre, sem poder absorver nenhuma de suas palavras. Consequira o que queria, mas certamente, não da maneira que tinha imaginado.

Quando chegou o momento no qual Darius tinha que lhe pôr o anel no dedo, olhou-a por um segundo, e seus olhos se encontraram. Pensou em como tinha feito amor com ele na noite anterior, a forma em que se olharam então, quando tinham sido um só. O calor, o desejo lhe percorreu o corpo. Viu em seus olhos um vislumbre de selvagem e feroz confusão, mas ele escondeu esta expressão e afastou os olhos, alto e orgulhoso, mais inalcançável que nunca, seu perfil perfeito e inexpressivo. O homem de seus sonhos —seu para sempre agora—, e a odiava.

—Eu os declaro marido e mulher. Bem, vamos, pode beijá-la —disse com amabilidade o velho padre.

Santiago deu um pulo, como se tivesse estado dormindo em pé durante toda a cerimônia. Ela apertou os dentes, sabendo que estava desdenhando-a.

Seu novo marido se inclinou e lhe deu um mecânico beijo em cada face. O gesto foi tão brando e vazio de significado, que sentiu como se lhe tivesse esbofeteado o rosto em lugar de beijá-lo. Lágrimas de dor e raiva queriam sair de seus olhos, mas se tinha proposto ser tão fria e distante como ele. Tomou seu braço quando ele o ofereceu e se deixou levar pela igreja, com a máscara de distante correção convenientemente colocada. Nenhum dos dois sorriu.

De novo na carruagem, começou a odiar-se por ter pensado alguma vez que ele poderia perdoá-la por seu pecado: tinha o apanhado como o teria feito uma donzela da aldeia com o filho de seu senhor.

A culpa lhe parecia menor quando pensava em todas suas mentiras. Estava certa de que o que tinha feito não era muito pior que todas suas falsidades. Com o olhar fixo no exterior, a carruagem começou a andar em direção à vila amarela.

Algumas horas antes, Darius lhe dissera que tinha comprado a casa antes de sair para Milão. Por que um homem que pensava que ia morrer necessitaria uma casa?

Não sabia, mas para que ia perguntar-lhe se estava certa de que lhe responderia com outra de suas mentiras?

Achou-se pensando lamentavelmente na guerra que teria lugar, imagens horríveis de um conflito que ela tinha provocado. Tinha as mãos manchadas de sangue. Seu diabólico amor estava maldito, como ela estava também.

Ao chegar, seu marido de há apenas meia hora a ignorou para dedicar-se a seus homens, seus cavalos, o que fosse, menos ela. Serafina subiu lentamente os amplos e pouco profundos degraus da vila, enquanto contemplava mal-humorada as sebes disformes e crescidas de erva e a pintura deteriorada.

Deteve-se no vestíbulo, recordando a maneira como o tinha visto a última vez: cheio de fumaça, com sangue por todos lados, caótico. Os homens feridos e moribundos se espalhavam pelo chão, tinha sido um campo de batalha.

Seu olhar vagou pelas paredes, onde ainda podiam ver-se nervuras de sabão, restos dos trabalhos de limpeza. Ao menos não havia manchas de sangue nem cinzas, pensou agradecida. Subiu pesadamente as escadas em direção ao dormitório rosa.

Em pé na entrada, deu uma olhada no quarto, e de repente teve vontade de chorar, porque queria que esse formoso e desconsiderado mentiroso voltasse a abraçá-la. Caminhou para a cama e se sentou nela. A última vez que tinha adormecido ali, ainda era virgem.

Afundada em sua própria miséria, deixou cair o olhar ao chão e percorreu com os olhos os desenhos do tapete: a pastoral idílica, o baile das jovens donzelas celebrando o mês de maio. Recordou que havia um esconderijo embaixo. Nada no mundo era o que parecia, pensou. Nada.

Engasgou com a tristeza. A quem queriam enganar? Este matrimônio nunca teria êxito. Por que não tinha visto o evidente antes de dar um passo tão importante?

Na noite anterior, o amor cego deve tê-la intoxicado, o alívio e o desespero deviam tê-la confundido.

O fato de que fosse seu marido não significava que não pudesse deixá-la. Só significava que teria que inventar alguma desculpa antes de partir sem escrúpulos. Depois, seria livre para ir embora. Deus sabia que era muito criativo na hora de inventar desculpas. Supôs que o melhor era que começasse a acostumar-se a ideia de como seria.

Devia ser forte porque seu último desaparecimento quase a tinha destruído e não poderia passar por esse desespero de novo.

Ao ouvi-lo no jardim dar ordens impaciente a suas tropas, caminhou atordoadá até a janela e observou-o através das cortinas.

Escarranchado em seu magnífico e selvagem corcel negro, o sol do entardecer iluminava as crinas e a cauda do animal. Esquentava a pele de Darius em um tom de âmbar e se refletia em seu cabelo negro azeviche.

Seu marido, como um deus, pensou Serafina friamente. Ah, não podia resistir a este homem. Essa era uma boa razão para desprezá-lo. Tinha utilizado seu magnífico físico contra ela, e sua macia e irresistível voz para adormecer sua moral pouco estrita até fazê-la desaparecer, e sua deliciosa boca...

De repente, Darius levantou a cabeça para olhar para onde ela estava, como se houvesse sentido que o espiava. Viu-a na janela. Quando seus olhos se encontraram com os dele no pátio de paralelepípedos, sentiu um brilho de hostilidade. Olhou-a com dureza e moveu o cavalo para afastar-se com essa elegância e maestria espanhola, as rédeas em uma mão e os tornozelos com as esporas flexionados.

Bárbaro arrogante e insolente! Pensou com aborrecimento. Por que agia como se fora ele o ultrajado? Como se atrevia?

Voltou sobre seus calcanhares e se afastou da janela, com os olhos em chamas. Era a princesa real e, por Deus, não se moveria deste quarto até que esse insolente espanhol viesse prostrar-se aos seus pés. A maneira em que dirigisse este conflito sentaria um precedente para o resto de seu matrimônio. Não pretendia viver o resto de sua vida como a inocente que engolia suas mentiras.

Se quisesse ser livre, estava disposta a aceitar que partisse, mas se pretendia ficar, teria que se ver com ela.

Chamou Pia para ajudá-la a tirar a roupa da viagem e vestir um simples vestido campestre. Tinham trabalho para fazer. A vila necessitava de muitos acertos se ia servir como algo mais que residência temporária. Por sua parte, ia converter a habitação rosa em seu próprio território. O lugar que o espanhol utilizasse como acampamento não lhe importava, ou assim ao menos disse a si mesma. Por ela, bem podia utilizar o estábulo. Certamente, não compartilharia a cama com ela.

Julia pensou que tinha esquecido a maneira de rezar, mas desde o momento em que Rafael desapareceu de sua vista, encomendou-se com todas suas forças a Deus. "*Faça que Anatole tenha ido, faça que esteja já no navio. Não mate a esse moço.*"

Tal e como lhe havia dito o príncipe, um médico veio rapidamente ajudá-la. O amável doutor a acompanhou ao seu quarto, sem deixar que outros a vissem.

Depois de uma angustiosa espera, alegrou-se de ver que, depois de tudo, Deus tinha escutado as preces de Jezebel, ou talvez fosse que um destino maior esperava ao futuro jovem rei.

Rafael se deteve junto a sua porta umas duas horas depois para lhe informar com pesar que tinha sido muito tarde para vingá-la de Tyurinov. Rafael disse ter galopado rápido até o porto, só para averiguar que o navio dos russos acabava de partir. Sentia muito.

Julia rodeou-o com os braços e abraçou-o tão forte como pôde, com os olhos fortemente fechados.

O moço não lhe fez nenhuma pergunta, nem tentou entrar em seu quarto. Limitou-se a abraçá-la em silêncio tanto tempo como ela quis, desejou-lhe boa noite e disse que voltaria para vê-la como estava na manhã seguinte.

Enquanto o moço se afastava pelo corredor, Julia se inclinou sobre o batente da porta, observando-o com os braços cruzados. Como se pudesse sentir seu olhar, voltou-se, viu-a e ergueu a mão para saudá-la levemente com um sorriso misterioso nos lábios. Ela devolveu por sua vez a saudação e soube então que tinha que possuí-lo.

Capítulo 20

Os muros que marcavam os domínios da vila amarela uma vez tinham parecido abraçar a ele e Serafina e proteger seu amor fantasioso da dureza do mundo exterior.

Entretanto, depois de uma semana de horrível matrimônio, esses mesmos muros pareciam marcar agora os limites de sua jaula. Sentia-se preso.

"Tenho que sair daqui."

Darius entrou com o cavalo a meio galope pelas neblinas cinza do entardecer. O exercício de Jihad compreendia uma volta ao redor do perímetro da propriedade.

A parede que Darius ia deixando à direita era como uma longa fita cinza. O cavalo ia a seu passo levantando a terra macia com seus cascos.

A situação com sua nova esposa seguia como no princípio: falavam pouco e, quando o faziam, com fria cortesia. No passado, tinha sido uma vantagem que fossem tão parecidos, os dois obstinadamente orgulhosos e ardilosos, mas agora se convertera em um impedimento, pois cada um esperava para ver quem seria o primeiro em desculpar-se ou em fugir.

Fora dos muros da propriedade, as coisas eram igualmente tristes. A França tinha declarado guerra. Um punhado de navios da armada franco-espanhola tinha começado a bloquear Ascensão para enfraquecê-los até o dia ainda desconhecido da chegada de Villeneuve.

Com os franceses ancorados nos limites das águas territoriais de Ascensão, as fragatas do rei tinham formado uma linha de combate para defender a ilha. Até o momento, não se tinha disparado um só tiro. Por agora, a situação se limitava a uma mútua observação marítima, não muito diferente da situação que vivia seu matrimônio, pensou Darius.

Os diplomatas trabalhavam fervorosamente para chegar a uma solução pacífica, mas toda a ilha se preparava para o inevitável. O Parlamento tinha declarado o racionamento e o toque de silêncio nas cidades. Os rumores diziam que o rei estava desejoso de atacar.

Darius podia bem imaginar por que Lazar queria um adversário de altura com quem desafogar sua raiva pelo que lhe tinham feito sua filha e seu antigo homem de confiança.

Os franceses demandavam também que Darius fosse entregue para ser julgado, algo que o rei não estava disposto a aceitar. A única prova que tinham de que Darius Santiago, respeitado diplomata da corte de Ascensão e afilhado do rei, tinha tentado assassinar Napoleão em Milão era a palavra de uma jovem traidora contrariada.

De fato, Lazar tinha se mostrado indignado pela acusação, e se tinha prestado junto a outros vinte nobres de Ascensão como álibi de Darius durante esses dias. E quem podia atrever-se a questionar a palavra do rei Lazar Di Fiore?

Darius sabia que Lazar continuava considerando-o um vil e imoral sedutor de inocentes. Que o rei o defendesse era só uma questão política, ou possivelmente uma forma de proteger sua filha, já que de uma coisa estava certo Darius: junto a seu louro, o gato e seu macaco, ele era o mascote de Sua Alteza, a princesa.

Dois dias antes, entretanto, pôde esquecer-se, embora fosse temporariamente, do torvelinho sentimental no qual se achava, ao receber uma carta de um colega e amigo do serviço de inteligência britânica, sir James Richards. De seu lugar de licença na Sicília, Richards lhe dizia que o príncipe Tyurinov não tinha deixado a zona. Aparentemente, o glorioso Anatole tinha conduzido seu navio ao porto de Malta, onde de algum jeito tinha sido avisado de que o Czar Alexander tinha dado ordens de detê-lo no momento em que retornasse a Moscou. O navio russo continuava ali, embora ninguém tenha visto Tyurinov desde há alguns dias.

Richards convidava também Darius a visitá-lo na Sicília se tivesse interesse em participar do que o inglês chamava uma "intrigante empresa".

Darius não tinha a menor ideia do que isto significava, mas morria de vontade de ir, e ter algo interessante para fazer.

Richards era um excelente agente e um perito com as armas e, sem dúvida, tinha algo engenhoso escondido sob a manga. Darius tinha estado refletindo sobre essa "intrigante empresa" quase constantemente, como o fazia agora. Diminuiu o passo de sua montaria ao trote e depois cortou as rédeas para deter-se frente ao lago no qual ele e Serafina tinham passado um dia de excursão, no que parecia já um tempo muito remoto.

Deixou vagar o olhar por este paraíso perdido, coberto pela bruma. A linha de árvores distantes ao fundo se estendia, irregular, sob a palidez do céu.

Devia unir-se à equipe de Richard, pensou, porque que sentido tinha ficar aqui? Nas poucas ocasiões nas quais Serafina o tinha olhado, tinha-o feito com uma recriminação amarga, dolorosa e zangada que tinha escurecido seus preciosos olhos violetas. Sabia que o desprezava, mas o que podia fazer ele?

Sentia-se paralisado, impotente e assustado.

Deus, o que tinha feito com sua vida? Pensou com amargura. Desde o próprio dia de seu nascimento soube que Serafina Di Fiore seria sua perdição. Uma vez mais, seu instinto premonitório cigano tinha estado certo. Ainda estava recuperando-se da primeira vez que a beijou quando, sem dar-se conta, viu-se sendo o marido da deusa da época. Podia exigir seus direitos como marido quando quisesse e, entretanto, aterrorizava-o aproximar-se dela. Aterrorizado pelas acusações que poderiam sair de sua boca se lhe desse a oportunidade de falar. Não queria ouvir o inútil e falso que era. Não dela. Qualquer

dia, sua estranha e maravilhosa mariposa abriria suas asas e voaria longe. Sabia que assim aconteceria. Era o que as mulheres faziam quando alguém as necessitava.

Com uma vontade de ferro, estava determinado a controlar de uma vez por todas sua necessidade dela, de fazer-se invulnerável a ela uma vez mais, embora soubesse que esse seu silêncio a separaria dele.

"Se não falar com ela, a perderá para sempre."

O pensamento o impacientava. O que poderia lhe dizer agora, quando ela pensava que cada palavra que saía de sua boca era uma mentira?

Tocou o animal com suas esporas e percorreram a galope o curto caminho que os afastava do lago. Ali, Darius desceu do cavalo e tentou sentir-se da maneira como se sentira nesse lugar antes, quando era seguro abrir-se a ela porque ia morrer e tudo era temporário.

Esse sentimento lhe escapava, inalcançável.

Nem sequer podia desculpar-se, porque se, se desculpava de verdade, significaria que teria que tentar mudar, pensou enquanto olhava ao lago, e isso era algo que não tinha intenção de fazer. Respeitava-a muito para lhe dar uma falsa desculpa. É que não podia compreender que se era um mentiroso, era porque o necessitava? Que possivelmente a verdade, toda a verdade sobre ele, era muito lamentável para ser compartilhada com ninguém? Não podia ver que algumas vezes uma mentira era tudo o que um homem tinha?

Enquanto seu cavalo levava a boca uns punhados de capim fresco, Darius penteou com as duas mãos o cabelo e emitiu um suspiro longo e profundo. Sentia-se apanhado.

"Vou ficar louco. Estou obcecado por ela. Não posso me esconder para sempre."

"Diga-lhe e conte tudo —lhe dizia seu coração.— Confie nela."

Este pensamento era muito entristecedor. Subiu de novo ao cavalo e cavalgou, cavalgou em círculos infinitos pelos limites de sua jaula.

Julia despertou com o moço abraçado a ela e umas confusas imagens à luz da vela da noite anterior em sua mente.

O sabor de chocolate de seu moço amante persistiria em sua boca para sempre. Tinha sido uma semana estranha. Encerrou-se em seu quarto, alegando enfermidade, para esconder ante outros a humilhação de seu rosto golpeado. O único visitante que admitia era Rafael. Não era útil tentar desanimar ao jovem para que viesse vê-la. Vinha cada dia, supostamente para animá-la. Ela conhecia a inevitável consequência, mas, para seu divertimento, ele queria conhecê-la primeiro. Julia tinha o sombrio sentimento de que tentava salvá-la.

Durante toda a semana, suas visitas tinham sido inocentes, enquanto esperava que seus hematomas se curassem e calculasse o que poderia obter de tudo isto.

Cada momento com o príncipe contava como um golpe baixo contra Darius Santiago. Todo dia, sentavam-se na pequena antecâmara e jogavam xadrez. O moço fazia

infinitas perguntas sobre sua vida, embora Julia evadissem quase todas. Ele devia adivinhar seus problemas econômicos, porque Lhe tinha entregue uma grande quantidade de dinheiro, sem fazer perguntas, limitando-se a dizer que estava contente de poder ajudar uma amiga.

Certamente, a soma total do que ela devia era três vezes o que seu benfeitor Lhe tinha dado, mas ela cuidou muito de dizer-Lhe. Em seu lugar, começou a desejar desesperadamente que ele se desse conta e deixasse de vir vê-la.

Os machucados de seu rosto melhoravam dia a dia. Na tarde anterior, Rafael tinha aparecido na porta com uma caixa de bombons. Comeram o chocolate enquanto jogavam xadrez e, então, sem saber por que, ele tinha rodeado a mesa e a tinha beijado. Um beijo, isso tinha sido tudo. Depois, tinha-Lhe dedicado um sorriso lento e misterioso, um sorriso que quase derreteu o que uma vez foi seu coração.

Nessa tarde, deixou-se ver no salão agora que podia esconder o hematoma com uma ligeira camada de maquiagem. O príncipe apareceu com passo firme e arrogante uma hora mais tarde e, sem saber como, por volta das onze, terminou com ele no quarto de Rafael.

Seu entusiasmo não tinha limites, sua energia e seu apetite eram assombrosos. Suas carícias não eram de modo algum recatadas quando tomou o seio com a boca.

O sentimento do corpo de uma mulher era novo para ele. Era tão diferente dos homens que tinha conhecido! Fizeram amor sentados na beira de sua grande cama esculpida, mas logo se achou rindo ao ouvir que era sua primeira vez. Ela afastou com beijos seus reparos. A segunda vez, sentou-se escarranchada em cima dele e Lhe fez controlar seus impulsos, Lhe ensinando a dar prazer. Era um aluno qualificado.

Muito qualificado, pensou Julia divertida, enquanto percorria suas aveludadas costas com a mão e, pela terceira vez, levava-a ao clímax com uma ternura que ela não tinha experimentado em muito tempo, se é que o tinha feito alguma vez.

Não gostou.

A maneira como ele a abraçava depois Lhe era desconfortável. Isto não podia durar, era claro. Pelo amor de Deus, tinha dezenove anos. Ela tinha vinte e sete.

Ele seria rei algum dia e ela era uma alma enfasiada. Um número incontável de homens tinha dormido com ela e, entretanto, só este menino, com seu cabelo banhado pelo sol e seu gesto temerário, havia de algum jeito conseguido Lhe chegar à alma. Não estava certa de poder perdoá-lo por isso.

Antes ou depois, a rainha saberia desta relação. Não podia haver uma inimizade pior que Allegra di Fiore no relativo a seu filho. Felizmente, Sua Majestade estava ocupada com o recém-nascido, com o escândalo de sua filha e com a ameaça de guerra dos franceses. Entretanto, terminaria inteirando-se antes ou depois e então, o que poderia fazer Julia? Pedir-Lhe-iam que partisse. Mas para onde iria?

Que estúpida tinha sido por deixar que este jovem imberbe a enrolasse. Só podia atribuí-lo ao feito de que a tinha encontrado no momento de maior debilidade, quando suas esperanças se frustraram, seus credores a tinham cercada e seu rosto sangrava pelos golpes.

No momento, o favorito de mamãe dormia como um cachorrinho despreocupado em cima dela, sem movê-lo o mínimo quando Julia o pegou pelos ombros e o fez rodar longe dela.

Levantou-se silenciosamente e inspecionou os arredores enquanto vestia as ligas e as meias. Fixou-se no relógio: eram já sete e meia. Sei, ficaram acordados até tarde, pensou. Depois, a enorme e desordenada escrivadinha de Rafael chamou sua atenção. Com uma expressão ardilosa, olhou por cima do ombro para comprovar que Rafael dormia e se aproximou depois à mesa. Começou a abrir as gavetas, uma a uma e bisbilhotou seu conteúdo.

O que ali pudesse achar era imprevisível. A experiência lhe tinha ensinado que sempre podia descobrir algo útil. Duvidava que o moço tivesse algo que esconder. Na realidade, era mais o costume o que a levava a revolver entre suas coisas.

Mas o tesouro que procurava estava justo sobre a mesa, como se pedisse a gritos ser descoberto. Desenrolando com cautela o manuscrito, olhou de esguelha ao príncipe para assegurar-se que seguia adormecido. Seu corpo musculoso e bronzeado continuava imóvel, estendido sobre os lençóis com seu rosto infantil e angelical.

Julia examinou o pergaminho. A princípio, pensou que se tratava de algum projeto escolar. Depois, deu-se conta de que o que tinha ante seus olhos eram os legendários túneis secretos di Fiore.

Ao vê-los, seu coração começou a palpitar com força.

Existia uma lenda que dizia que o rei Bonifácio, O Negro, fundador do palácio real, tinha ordenado construir túneis subterrâneos na ilha para poder evacuar a família real em caso de invasão ou emergência. Em setecentos anos, ninguém alheio à família real tinha conhecido jamais o segredo, exceto, talvez, esse espanhol a quem odiava com todas suas forças.

Percorreu com o olhar o detalhe dos desenhos.

"Estúpido moço. Como pode deixar isto aqui para que possa encontrá-lo?" Com os olhos ardendo, levantou o olhar para ver que seu jovem Adonis seguia dormindo.

Os franceses estavam ancorados na baía.

"Volta a colocá-lo em seu lugar, Julia —lhe sussurrou sua débil consciência. — Se der isto aos franceses, arrebatá-lo-á o futuro. Talvez, até a vida."

Uma traição como essa podia matar a ternura e a simples bondade que o tinha levado a ela tão perigosamente.

Mas a força do hábito era muito forte. Seria rica. Poderia ir a qualquer lugar que quisesse. Não teria já que depender das criaturas mais preguiçosas da terra: os homens. O menino se afundaria ou aprenderia a nadar. O mundo era uma selva, sua vida branda uma ilusão. Disse a si mesma que era a lição mais valiosa que podia lhe dar.

"Deixemos que Santiago o salve", pensou acidamente. Terminou de vestir-se com rapidez. Tremiam-lhe as mãos. Depois caminhou silenciosamente à porta com o pergaminho.

Deteve-se na soleira para olhá-lo pela última vez.

Algo em seu interior se rompeu para sempre nesse instante. Com a amargura nos lábios, sentiu um tremor profundo por todo seu corpo.

"*Menino estúpido*", pensou. Voltou-se e saiu do quarto, fechando a porta silenciosamente.

No meio da manhã, Darius chegou à vila uma vez mais.

Deixou Jihad com o cavaliço e caminhou até a casa, temendo o vazio e solitário dia que tinha diante. O que ia fazer com seu tempo?, Perguntou-se.

Havia já terminado qualquer possibilidade de trabalho com o qual poderia matar o tempo.

Ao caminhar pelo vestíbulo, passou pela sala de jantar e viu que sua jovem esposa escrevia algo sentada junto à mesa do café da manhã. Foi só um olhar furtivo que lhe permitiu ver como o sol da manhã se refletia em seu cabelo sedoso de marta zibelina e brilhava sobre sua pele pérola. Inclinação a cabeça absorta na tarefa que a ocupava, enrolando um cacho no dedo, o que indicava que era algo importante. Darius passou com rapidez em direção a seu escritório, sem saudá-la sequer.

Tomou o café da manhã na biblioteca. A comida lhe queimava na boca de pensar que a tinha tão perto e, entretanto, não podiam estar juntos.

Finalmente, afastou a comida aborrecido e se limitou a beber café, lendo por enésima vez a carta de Richards. "*Uma intrigante empresa*"

Que bom seria sentir-se útil outra vez e ter algo que fazer em lugar de estar sentado todo o dia, pensando nas múltiplas razões pelas quais não era suficientemente bom.

Nesse momento, houve um golpe na porta e um instante depois, sua muito formosa e nobre esposa entrou no aposento. Tinha o queixo altivo, com uma expressão de arrogante frieza. Tanto aprumo real o aterrorizava.

Darius se levantou apenas para fazer uma reverência.

—Senhora.

Ela respondeu à saudação, com o olhar fixo no chão.

—Venho lhe dizer que vou à cidade para contratar alguns artesãos. Quero fazer algumas melhorias na casa. Os jardins estão horríveis. O telhado necessita de um acerto. E, certamente, devemos pintar. Devemos também remodelar os banheiros e quero armários novos para a cozinha. —Dirigiu-lhe um insolente olhar, como se esperasse, ou melhor, como se o desafiasse, a se negar a isso.

Não o fez.

—As reparações que menciona começaram já, em realidade —replicou ausente.

Estudou-o com ar de superioridade.

—Estas mudanças são só o começo. A metade dos móveis caem aos pedaços. A maioria dos aposentos estão fora de moda. Redecoraremos tudo depois das obras. — Uma vez mais, esperou com suficiência a que ele se negasse.

Mas não lhe importava. Seus bolsos estavam cheios, além disso, nunca deixaria que as coisas fossem muito longe. Comprar era, ao fim e ao cabo, o prazer de sua vida.

—Confio que saberá dar o toque de moda a isto —disse.— Na realidade, conheço um bom arquiteto chamado Signori Ambrosetti.

—Tem seu escritório na cidade? Irei vê-lo.

—Não tão rápido —disse amável, embora firme, detendo-a com um gesto.— Eu me encarregarei de lhe chamar e trazê-lo aqui, dessa forma você poderá lhe mostrar o que quer que faça. Ordenar-lhe como lhe agradar, se deseja, mas não quero que vá à cidade.

Serafina cruzou os braços. Ele examinou sua resposta.

—Vou à cidade.

—Não, não é seguro.

—Por quê? —perguntou.

—Porque o digo eu —replicou. Não tinha intenção de lhe falar da possibilidade de Tyurinov ter voltado. Não havia nada confirmado. Por que preocupá-la então com algo que era problema dele? Poderia solucioná-lo só e estava claro que não tinha nenhum sentido assustá-la e lhe amargurar a vida.— O Signori Ambrosetti precisará revisar a propriedade de toda forma. —alisou a jaqueta e se sentou de novo.

—Darius.

Para enfatizar o fato de que para ele a conversa tinha terminado, esforçou-se por provar um bocado do café da manhã, com ar despreocupado. A omelete ficara fria e empapada. Asquerosa, pensou enquanto mastigava. Não valia a pena tanto sacrifício.

—Darius!

—Não.

—Olhe isto. —Balançou no ar umas folhas e as pôs sobre a mesa. Depois deu um passo atrás, com as mãos na cintura.— Não queria lhe mostrar isto, mas não resta outro remédio para que entenda por que devo ir à cidade.

—O que é isto? —murmurou ao agarrá-los. Pareciam uma coleção dessas colunas de fofocas dos jornais que ela costumava ler. Deu uma olhada à cabeceira e se engasgou com a omelete.

—Estão rindo de nós por todos os lugares —declarou.

Limpou a garganta bebendo um gole de café quente e ficou olhando fixamente o jornal. O assunto tinha sido impresso no dia no qual se fez público o escândalo.

Aparecia em grandes manchetes: "*Em flagrante delito!*".

—Meu Deus!

Junto à manchete, aparecia uma caricatura desumana. Ele aparecia com o peito nu no jornal, grunhindo, com a espada em alto frente a uma multidão de pessoas zangadas que rodeavam a cama, enquanto Serafina, com seus cachos ao vento, aparecia de joelhos junto a ele, presa a sua cintura.

"*É minha!*", dizia ao pé da caricatura.

Darius olhou a imagem durante um momento e depois, lentamente, começou a rir.

—Acha que é divertido? —gritou zangada.

—Bom —disse—, podemos rir ou chorar.

—Podemos fazer mais que isso, Santiago! Argg, fica sofrendo em silêncio, como sempre, se for o que quer, mas eu vou encarregar-me disto. Vou à cidade. Pensam que nos escondemos aqui envergonhados, mas eu lhes mostrarei! Irei à cidade, com a cabeça muito alta e mostrarei a todos eles que me importa um nada o que pensam.

—Sei —disse cético, e ficou a ler o artigo.

Enquanto isso, Serafina caminhou de um lado a outro da biblioteca, reprimindo sua energia e sua fúria.

Darius se afundou ao ler a coluna final da capa. Tinha um pequeno título chamado: "*Problemas no paraíso?*", e dizia que seu matrimônio era já um desastre.

Como demônios podiam saber isso? Pensou zangado. Esses malditos jornalistas deviam ter estado espiando-os de alguma forma.

Do outro lado da sala, Serafina se voltou, com os braços cruzados.

—Então, virá comigo ou não?

—Serafina, pela oitava vez lhe digo, não vai a lugar nenhum.

—Claro que irei! —Com um repentino olhar de ódio, caminhou para a escrivaninha e rodeou com os braços a borda, inclinando-se para ele, os cachos ao vento e seus olhos violetas ardendo, magnífica em todo seu caráter.— Estou ficando louca aqui! Não há ninguém com quem falar nem nada que fazer!

Ele a olhou fixamente, bastante assombrado, e depois se desfez de encantamentos.

—Ainda assim, continuará aqui.

—Por quê? —perguntou.

—Porque o digo eu.

—Não sou sua prisioneira! —gritou, dando um murro na mesa, justo em cima da carta de sir James Richard.

Darius baixou os olhos a sua mão fechada e os levantou depois para ela.

—Acalme-se —disse, chiando os dentes.

—Ah, devo ser como você? Sem emoções? Vou à cidade e não poderá me deter!

Darius ficou em pé, sem negar-se a perder o controle.

—Sou seu marido e me obedecerá. Isso é o que você queria, não? É para isso que arruinou minha vida.

—Arruinar sua vida? —gemeu. Antes que pudesse detê-la, pegou a bandeja do café da manhã e a jogou pelo ar. O prato se quebrou no chão e os ovos frios se estamparam contra a parede.

—Sei! Agora arruinei também seu café da manhã. —Serafina virou sobre seus calcanhares e saiu da sala, com os punhos fechados e os cachos flutuando a suas costas.

Durante um momento, Darius não soube como reagir. Não tinha visto esse comportamento desde seus dias de menina. Então, repentinamente, ficou furioso.

—Criança! —gritou, correndo atrás dela.— Volta aqui e limpe o que fez!

Saiu ao vestíbulo e viu que ela corria escada acima.

—Quantos anos tem: sete, oito, minha pequena esposa? —Seguiu-a zangado.

—Afasto-se de mim! Odeio-o! Não quero voltar a vê-lo!

Deteve-se, emocionado. "*Odeio-o?*" Nunca lhe havia dito uma coisa assim antes. Tinha-a pressionado mais do que podia suportar?

—Serafina!

—Vá embora, Darius! Sei que vai fazê-lo! Vá e acaba de uma vez. —Olhou-o do alto da escada, com os cachos caídos sobre seus ombros, as faces rosadas e os olhos cheios de lágrimas.— Talvez seja uma imatura, mas não sou a única! Dei-me conta de que só me queria porque era algo proibido. Excitava-o porquê pensava que não poderia me ter. Agora que me tem, já não é emocionante e tudo o que quer é voltar a ser livre. Assim vá embora! E esquece esse estúpido arquiteto. Duvido que vamos viver aqui muito mais tempo.

Afastou-se do corrimão e desapareceu. Darius podia ouvir seu pranto ao correr pelo corredor em direção a seu quarto. Depois ouviu o golpe inevitável da porta do dormitório rosa.

"*Meu Deus!*", disse-se cabisbaixo. Incapaz de mover-se, fechou os olhos com força.

"*Perdi-a.*"

Este pensamento foi entrando em seu cérebro. Abriu os olhos e olhou ao chão, dando-se conta de que sua atuação tinha sido um último esforço por aproximar-se dele. E se dava conta agora. Serafina tinha lhe entregue um ramo de oliveira e ele não tinha feito senão pôr fogo ao broto.

Agora o deixaria. Podia senti-lo, tinha-o ouvido em sua voz.

Com a garganta seca, levantou os olhos para o lugar vazio que tinha deixado na parte superior das escadas.

"*Não me deixe.*"

Com um movimento impulsivo, subiu as escadas de dois em dois.

Capítulo 21

—Abre a porta. —Era a voz de seu marido do outro lado da porta.

Serafina caminhava de um lado a outro do quarto, empacotando, zangada, suas coisas em uns quantos baús de viagem. Olhou a porta fechada. Não choraria mais frente a esse bastardo cigano sem compaixão. Ia para casa.

—Deixe-me entrar.

—Você ganhou, Darius. Não quero vê-lo! Vá embora! —Estava farta do poder que exercia sobre ela, farta de ser sua escrava.

O trinco virou.

—Não vai deixar-me, Serafina.

—Asseguro-lhe que não penso ficar aqui sozinha! —gritou contra a porta.

—Ninguém se vai.

—Mentira! —replicou-lhe por detrás da porta.

Houve um momento de silêncio no qual parecia que Darius fosse explodir.

—Serafina, abre a maldita porta —disse tranquilo.— Quero vê-la.

Limitou-se a olhar de esguelha a porta e a colocar as roupas no segundo baú.

—É um jogo de crianças —disse com uma brincadeira do outro lado da porta. Depois, Serafina ouviu seus fortes passos que se afastavam pelo corredor.

Agora sim, foi-se. Afastou-se dela uma vez mais, pensou com amargura. Rendia-se muito facilmente.

Ela tinha sido sempre a única disposta a lutar por seu amor. Não lhe importava. Amava-o tanto que lhe doía o corpo inteiro, mas seus sentimentos por este semideus eram tão pouco correspondidos agora que ela era sua esposa como quando tinha sido uma louca apaixonada aos dezesseis anos. Estava farta. Estava ainda dando voltas a isto quando, uns três minutos mais tarde, o trinco fez um clique.

Enquanto guardava um pouco de roupa íntima no baú, deu uma olhada por cima do ombro à porta. Depois, seus olhos se abriram assombrados ao ver que o trinco voltava a soar e girava.

A porta se abriu e Darius irrompeu no quarto, balançando o extremo de uma presilha que levava na mão. Uma curva presunçosa e zombadora enrugava a cicatriz de sua boca.

—Vai me ouvir —disse estalando a língua com impaciência.

Ela se ergueu junto ao baú de viagem e se voltou para enfrentá-lo, utilizando como escudo a camisa dobrada que levava no braço.

Darius fechou a porta de um golpe atrás dele. Serafina estremeceu um pouco pelo estalo. Seu marido caminhava lentamente para ela.

—É minha esposa —disse ao aproximar-se.— Não irá a nenhum lugar sem minha permissão, e não voltará a se encerrar com chave no quarto.

—É meu marido —replicou—, atua em consequência.

Dirigiu-lhe um sorriso tenso e deslizou depois o olhar em direção aos baús meio cheios.

—Onde pensa que vai?

—Não chorarei mais por você, Darius Santiago —disse enquanto seguia com os preparativos, evitando seu olhar.— Sei que está desejando sair correndo, assim faça isso. Sinto me haver intrometido em sua vida.

—Sente? —Parecia maravilhado, com as duas sobrancelhas no alto.

Ela tratou de esquadrihar seu rosto, sem saber se a pergunta era sincera ou sarcástica.

—Sim, sinto muito —quase lhe cuspiu.— Foi um ato caprichoso e egoísta apanhá-lo assim para que se casasse comigo. Certamente, equivoquei-me. Pensei que poderia ajudá-lo, mas não tem sentido tentar chegar a você. Não cederá nem um palmo.

Suas faces se ruborizaram.

—Não cederei? Arrisquei minha vida por você!

—Mas eu nunca lhe pedi que o fizesse! —Deixou cair o montão de meias que levava no braço guardando as de forma desordenada no baú e se voltou para olhá-lo.— Ah, para estar seguro, tem seus heroísmos para defender-se, não? Mas admite, Darius: eu sou a única que correu riscos aqui, os verdadeiros riscos, os que contam! Dei-lhe tudo, meu ser inteiro. Eu sou muito mais séria com você do que você é comigo, e não sei que mais posso lhe dar para que deixe de ter medo.

Ele parecia emocionado.

Serafina suspirou e baixou o queixo, tocando a fronte com os dedos.

—Não quero fazê-lo infeliz por mais tempo. Sei que está ficando louco aqui. Não posso suportar vê-lo assim e saber que eu sou a causa. A única coisa que quero é lhe dar o que necessita. E está claro que a única coisa que pensa é em sua preciosa liberdade. Assim vá embora, Darius. Não me deve nada. Só é seu sentido da honra o que o mantém aqui, e não penso me aproveitar disso. Sobreviverei sem você. Virou-se e baixou os olhos ao baú meio cheio, completamente desolada.

Podia sentir sua tensão, e seu olhar lhe queimava as costas.

—Não quero que vá —sussurrou, com voz rouca. Mas quando ela quis virar-se, surpreendida, a vulnerabilidade que tinha acreditado ouvir em sua voz se desvaneceu, como se ele também, tivesse ouvido e lutado contra ela.

—Não pode ir. Precisa de mim —disse com rude insolência.— O que fará sem mim? Onde irá?

—Voltarei para meus pais e com as pessoas que se preocupam comigo, suponho.

—Maldição, eu me preocupo com você! Não me vê aqui? Por que outra razão ia estar aqui se não essa? Quero-a.—disse asperamente.

Com os braços cruzados, Serafina se voltou para ele com cautela.

—Grande declaração.

Voltou a tentar.

—Quero-a.—disse desta vez com um grunhido.

Ela suspirou pela maneira em que se esforçava em dizê-lo.

—O que sente por mim não é amor, Darius. O que sente por mim é um jogo de xadrez no qual você é o professor e eu o pequeno peão que move pelo tabuleiro.

—Como pode dizer isso? —disse, o rosto esculpido avermelhado de ira, e um brilho de pânico que começava a crescer em seus olhos. — Por que acha que fui para Milão?

—Porque preferia morrer a ter que me abrir seu coração. Se de verdade se importar, poderia tentar me dizer a verdade de uma vez.

—Quer a verdade? É isso o que a faz feliz? —gritou sarcástico.— Bem! Traga uma cadeira, princesa! Dir-lhe-ei algumas verdades, querida. Mas não me culpe depois por destruir suas ilusões.

Ela se deteve, escondendo seu assombro ao ver que ele tinha aceito.

—Sente-se.—disse.

Tranquilamente, Serafina se sentou no tamborete da penteadeira. Pôs suas mãos no colo e esperou. Darius começou a vagar pelo aposento, afastando com um pontapé um dos baús que se interpunha em seu caminho.

—Quer que lhe diga a verdade? Está bem. O que importa já? Não tenho nada a perder —murmurou. Depois levantou os olhos para ela e a indicou com o dedo.— Em primeiro lugar, tem que abandonar essa estúpida ideia de que qualquer tipo de guerra aqui foi sua culpa ou de que suas mãos estão manchadas de sangue. Isso é absurdo! É culpa de Napoleão, não sua, entende-me? Você não é mais que uma menina. Ele é o tirano. Ele é o agressor, mas a única coisa boa que teve minha grande falha de Milão foi que pude obter informação vital sobre seus planos de guerra. Os franceses não poderão empreender nenhum ataque de grande escala até que o almirante máximo da Espanha, Villeneuve, destrua a armada britânica. Encontrará seu dragão assassino em Horatio Nelson, princesa, e se não em mim.

Ela absorveu esta informação, com o olhar baixo.

—É um alívio ouvir isto —disse em voz baixa—, tomara me houvesse dito isso faz uma semana. Estive me torturando por isso.

—Ah, mas isto não foi mais que o começo. Quanto ao glorioso Anatole, quando chegar a Rússia, será procurado como traidor e —hesitou — assassino de sua esposa.

Seus olhos se abriram desmesuradamente.

—A princesa Margaret?

Darius assentiu.

—Deixou-a abandonada na neve uma noite em pleno inverno russo. Foi seu castigo por dar dias livres a alguns criados enquanto ele estava fora. Ao voltar para casa

descobriu e lhe deu uma surra por desafiar sua autoridade, depois a jogou de casa. Morreu de hipotermia. Tudo o que levava era uma camisola.

—Que horrível —respirou, incapaz de achar sua voz.— Que cruel! Ah, Darius, como pôde lhe fazer isso?

—Suponho que teria suas razões —disse amargamente.— Sempre as têm.

—Por que não me disse isto antes? Concerne-me diretamente.

—Não podia. Simplesmente, não podia. —O cabelo de sua franja cobria seus olhos.

—Por quê?

—Não queria que soubesse que existiam homens assim no mundo. Era muito horrível.

—Pior que vê-lo matar Philippe Saint-Laurent?

—Sim, para mim.

—Por quê?

—Digamos que é um assunto para o qual tive alguma experiência anterior.

Suas palavras lhe fizeram recordar algo.

—O que é isso de ser conde? Importar-lhe-ia me explicar isso senhor?

Olhou-a desconfiado.

—Sabe?

—Julia Calazzi me disse isso. —Encolheu os ombros.

—O título não significa nada. O assunto não é que o tenha, mas sim meus meios irmãos não o têm.

Estudou-o atentamente.

—E seu pai?

—Está morto.

—Sei que veio lhe pedir ajuda.

Ele assentiu com um sorriso amargo.

—E você a deu.

—Não pense nem por um momento que se tratava de caridade. Só há um motivo pelo qual lhe dava o dinheiro.

—Para se desfazer dele o antes possível?

Sacudiu a cabeça enquanto um sorriso frio curvava de novo sua boca.

—Vingança.

—Não o entendo. Ajudou-o. Como pode ser isso vingança?

—O controle sobre seu destino, querida —disse tenso, e voltou a caminhar de um lado a outro no quarto. — Negar-lhe o dinheiro seria muito misericordioso.

Primeiro tranquilizei-o, o fiz pensar que suas desgraças se acabaram. Tinha-o em meu poder, dependia de mim. Tão agradecido, o grande adulator —disse com desprezo—, e depois... —Voltou-se. — Bom, já sabe o que se diz. O Senhor nos dá e o Senhor nos tira.

—O que lhe fez? —sussurrou.

—Nunca devia vir me pedir ajuda.

Ela o olhou fixamente, seu sangue havia lhe tornado fria.

—Matou-o, Darius?

—Não. Pensei fazê-lo, mas não estava à altura. Em lugar disso, deixei-lhe acreditar que poderia recuperar sua antiga posição e, depois, sem lhe advertir, deixei de pagar suas dívidas. Ele se matou, sabe? Morreu por enfermidade na prisão, velho, abandonado e só. Um justo castigo. Há algo mais que queira saber, esposa minha?

Emocionada por esta revelação, tentou engolir seu medo.

—Pois, não sei. Há algo mais que queira me dizer?

—Está bem, me deixe ver a verdade! Ela quer a verdade —meditou em voz alta, com as mãos nas costas, sem deixar de vagar pelo quarto. Olhou-a de soslaio.— Bem, suponho que lhe deveria dizer antes que outra pessoa lhe diga, se não quiser que voltemos a estar como ao princípio.

—Dizer o que?

Ele levou a mão à cabeça, penteou o cabelo, respirou fundo e a olhou diretamente nos olhos.—Quando fui capturado em Milão, Pauline Bonaparte pediu que me tirassem da cela e me levassem a seu dormitório, onde tentou me seduzir. Utilizei-a para escapar.

Serafina se levantou de seu assento, horrorizada.

Darius riu cinicamente.

—Você fez? —começou, mas sua voz se quebrou. Não podia dizê-lo. Partia-lhe o coração.

—Fiz o que? —perguntou-lhe, insolente.

Era como se todo seu mundo fosse vir abaixo.

—Divertiu-se com ela, Darius? —perguntou em voz baixa, quase em um sussurro.

Olhou-a com ternura do outro lado do aposento e, durante um momento, voltou a ter esperança.

—Não, querida — murmurou.— Todos meus pensamentos eram para você.

Engoliu forte.

—Está mentindo?

—Maldição, Serafina! —Tinha vontade de gritar. Caminhou a grandes passadas para ela e a pegou em um forte abraço.— Quero-a? Estou lhe mentindo? Diga-me você —grunhiu, e depois a beijou fervorosamente.

Serafina se encolheu junto à dureza de seu corpo um instante, sentindo um desejo explosivo quando ele abriu seus lábios e encheu sua boca com a fúria de seu beijo. Deslizou uma mão entre a massa de seu cabelo, enredando-se no pescoço com os dedos. Deteve-se com uma respiração entrecortada e quente.

—Ah, mulher —respirou.— Saia de minhas veias.

—Nunca —sussurrou.

Ele a atraiu para si e a beijou grosseiramente. Serafina lhe rodeou o pescoço com os braços e se lançou em um último esforço aos braços de seu marido. Darius gemeu ao sentir o desejo de seus beijos, com o coração palpitando a mil por hora em seu peito. Ela se apertou a ele, sentindo a necessidade por ele que mostrava seu próprio corpo. Não podia permitir-se nenhuma falha. Tinha que manter a cabeça serena, porque o desejava com tanto desespero que tinha medo de não voltar a gostar dela.

Utilizaria sua beleza, seu corpo, sua fome masculina e qualquer outra arma que tivesse para escravizá-lo. E assim, já não queria ir-se de seu lado.

Afastou-se um pouco de seus beijos e o contemplou fixamente, com os olhos acesos e os lábios arroxeados.

—Venha à minha cama —sussurrou.

Darius arqueou uma sobrancelha.

—Meu Deus. A dama sabe o que quer.

—Sim, quero você. Quero isto. —Pôs a mão sobre a dureza entre suas pernas.

Ele lambeu a delícia de seus lábios, sem deixar de olhá-la sob a franja. Queria-a, mas não estava seguro do que estava passando. Ela se vangloriou de sua incerteza.

—O que ocorre? Tem medo? —Suas palavras eram uma provocação. Empurrou-o para trás, sobre a cama.— Estou certa de que não tem medo de mim, de um pequeno grilo que beija o chão por onde pisa. Que ameaça poderia ser para você, o grande Santiago? Vamos, Darius. Uma última vez antes que partamos. —Agarrou-lhe a mão e o conduziu à cama.

Pego pela mão, seguiu-a, mas na beira da cama, ficou atrás dela e a abraçou pelas costas.

—Não vai me deixar. Ninguém irá a nenhum lugar —murmurou, ainda incapaz de desfazer-se de seu orgulho.

Ao sentir sua superioridade, seguiu lhe confundindo com seu palavrório.

—Sou eu quem o deixa —repetiu, com o coração a cem.

Darius ficou calado. Depois, trocou seu abraço e acariciou com sua mão direita a parte dianteira de seu corpo, acariciando-a como só ele sabia fazê-lo.

—Não, porque sou eu quem a deixará primeiro.

Não se amedrontou. Não acreditava.

—Bem. Vá—disse.

—Não me fará em pedaços, Serafina. Ninguém vai fazer-me mal.

—Bem.

—Não necessito de ninguém.

—Me alegre por você.

Colocou os dedos entre suas pernas, passando a mão através de sua roupa. Tentou não estremecer de prazer.

—Eu não queria este matrimônio. Você me obrigou a isso.

—Quer dizer que ao tomar minha virgindade, atuava de forma desonrosa? Que não tinha intenções de se casar comigo?

Assobiou ao considerar suas palavras, sem dúvida consciente de que o tinham descoberto.

—Não —grunhiu.

Serafina riu.

—Ah, Santiago, tudo o que sai de sua boca são mentiras. Pôde conter seu desejo de fazer amor comigo inclusive quando dormimos juntos nesta cama, assim sei muito bem que podia tê-lo contido também essa noite, se tivesse querido. Segue, segue mentindo. Eu sei a verdade: necessita-me muito mais que eu a você.

—Dir-lhe-ei o que vou fazer. Tomarei —sussurrou— e depois a deixarei.

—Já veremos.

Empurrou-a suavemente para que caísse de barriga para baixo sobre a cama, lhe acariciando um momento as costas. Depois, subiu sobre a ela. Serafina podia sentir a potência e a graça de seu esbelto e delicioso corpo enquanto se acomodava sobre ela, cobrindo-a, sentindo a dureza de seu peito sobre as costas.

O desejo era selvagem. Podia sentir os batimentos acelerados de seu coração, sua ereção sob as calças empurrando-a nas costas. Darius lhe afastou o cabelo para poder ver a nudez de seu pescoço. Beijou-o, e Serafina estremeceu ao notar o fôlego quente atrás de seus lóbulos. Acariciou-lhe o pescoço com a língua, enquanto massageava suavemente seu cabelo com a ponta dos dedos.

Serafina mordeu o lábio, com os olhos fechados, e lutou contra o prazer que ia lhe roubando os sentidos.

Darius fez deslizar sua mão entre o colchão e seu peito. Começou a tocá-la com suavidade, ritmicamente, sem deixar de saborear a curva de seu pescoço com longos e impetuosos beijos. Ela sentiu como abria a boca e lhe mordida ligeiramente a nuca. Uma onda de instinto bárbaro a transpassou, inundando suas veias enquanto ele permanecia em silêncio, dominando-a, possuindo-a.

Serafina não podia deixar de ofegar ao reconhecer este primeiro gesto de dominação. Beijou-a uma vez mais. Seus lábios pareciam suaves sobre sua pele quente.

Estremeceu ao sentir a força de um desejo gratuito: era vergonhoso.

—É minha —sussurrou.— Não o esqueça.

—Ah, odeio-o —respirou.

De repente, Darius a fez rodar para poder lhe ver o rosto e ficou escarranchado sobre ela. Lançou-se a frente, capturando suas mãos com as suas. Esmagou seus lábios contra os dela, ansioso, desesperado. Invadiu sua boca com um beijo profundo e voraz, sem deixar que respirasse. Ela abriu a boca faminta também, e achou que ele voltava a puxá-la com frenesi, como se não pudesse satisfazer-se nunca. No fundo, esse vazio era aterrador. Com mãos trêmulas de desejo, Serafina lhe tocou todo o corpo, acariciou-lhe os ombros, os braços e suas fortes costas.

Sem deixar de beijá-la, despiu-a grosseiramente, com umas mãos quentes e trêmulas. Ao ver que não conseguia lhe desabotoar os botões, optou por rasgar com fúria o vestido para deixar descoberto seus seios.

Nem sequer teve tempo de ofegar. Logo sua boca foi selada de novo com a dele enquanto, mais abaixo, suas mãos retiravam os pedaços de tecido rasgados e acariciavam seus seios. Darius gemeu de prazer. Um momento depois, inclinou-se sobre ela e os sugou com a gulodice de alguém que morre de fome.

Serafina se desfez ao sentir o toque insistente e úmido de seus lábios em seus seios. Como podia ter ganho tão rápido, pensou. Ah, porque era muito mais experiente e desumano que ela. Ao pensar nisso, sua vontade se dissolveu no prazer, deslumbrada por seu mistério. Na maneira em que a tinha agarrado, não podia lhe tocar onde ela queria, e havia pouco que pudesse fazer para detê-lo. Embora na realidade, tampouco tentou com muita insistência livrar-se dele.

Só podia lutar contra o prazer e a fraqueza que sentia por ele. Tratava de manter o bom senso, mas um quente sentimento crescia em seu ventre como uma espiral que entra no centro de sua alma e se estende por seus membros, lhe fazendo arquear o corpo embaixo dele de forma involuntária. Brigou mentalmente consigo mesma, tratando de manter o controle. Darius aproveitou esta batalha interna para atormentá-la ainda mais, e lhe subiu as saias até os quadris, acariciou-lhe as coxas e a seguir entre as pernas. O rubor subiu a suas faces ao ver que ele tinha descoberto a verdade de sua resposta.

Deixou escapar um som de satisfação ao achar com os dedos o úmido fluido. Ela ardia ao ser tocada desta maneira, incapaz de controlar seu corpo. Proibiu-se, não obstante, render-se. Não estava disposta a lhe dar essa satisfação. Deixar-lhe-ia que começasse a excitar-se pelo contato de sua pele e logo se inverteriam os papéis e seria ela quem recuperaria o controle.

Segurou cada um de seus músculos, tentando não fazer nenhum movimento. Darius emitiu uma risada suave e maliciosa enquanto roçava com a boca sua orelha, deixando que seu quente fôlego a acariciasse e lhe pusesse os cabelos em pé. Serafina tremeu de prazer ao sentir a pressão de seus dedos no centro de seu clitóris.

—Assim quer fazer disto uma competição, não é verdade? —murmurou.

Serafina apertou os dentes, sem responder. Com os olhos fechados, tentava concentrar-se na perigosa fonte de prazer que constituía esse dedo polegar que fazia círculos lânguidos e ligeiros em sua parte mais íntima. Seduzindo-a. Rindo-se dela.

Lutou com todas suas forças para não mover-se. Seu peito se movia acima e abaixo ao ritmo de uma respiração curta e profunda. Estava empenhada em conter sua paixão por este homem.

—Muito bem, milady —sussurrou.— Me obriga a jogar sujo.

E então, a fonte de seu prazer se fez ainda mais desumana.

Serafina perdeu a conta das vezes em que ele a tinha levado a beira do clímax só para que ela resistisse. Não sabia quantas vezes tinha acontecido, mas o quarto recebia já a brilhante luz do dia quando por fim se rendeu a ele. Cada vez que continha a respiração, ele se molhava de novo no mar de prazer até que sua necessidade se fazia insuportável, seu desejo uma agonia. Por fim lhe suplicou, perdida já a razão, um pedido bárbaro com a qual lhe rasgou a roupa e o atraiu sobre seu corpo suado. Tocou sua pele por todos os lados, acariciando-o, colocando-o dentro dela, sem fazer caso de sua vergonha.

Seus olhos negros brilharam vitoriosos. Darius contemplou seu rosto enquanto a penetrava tão profundamente que sua ponta tocou a beira de seu útero. Depois retrocedeu um pouco se deslizando por suas paredes internas, que o seguravam, molhadas.

Cheia dele por fim, mal reconheceu o grito de alívio que emitiram seus lábios.

—Ah, Darius.

—Está bem, princesa —disse, com uma voz rouca de desejo.— Seja boa e eu lhe darei isso.

"*Arrogante, pagão!*" Tanto poder sobre ela a irritava. Jurou que o dominaria antes que ela admitisse sua derrota. Ele tinha feito em pedacinhos seu controle e agora sua única esperança era fazer o mesmo com o seu.

Abriu os olhos e olhou-o entre a bruma espessa de desejo que os envolvia. Seus olhos estavam fechados e a franja lhe caía sobre eles. Mordia o lábio enquanto empurrava e tirava lentamente seu membro com um movimento profundo de prazer, saboreando a cada segundo. Serafina gemeu, incapaz de mitigar sua resposta. Enrolou-se nele, com um movimento sinuoso e ondulado.

—Mmm, sim querida, assim.

—Ah, Darius, não posso suportar.

—Não me falte, anjo. Ainda não. Não até que eu diga —ofegou.

Afundou-se nela outra vez e qualquer pensamento se dissolveu.

Era uma batalha perdida. O tempo não tinha sentido. No meio da tarde, Darius fez coisas em corpo e alma que nunca pensou fossem possíveis, fê-la sentir coisas que nunca havia sentido antes, uma mescla de rasgão espiritual e êxtase, dominação e completa rendição, suspiro e gemido. Eram imortais, enredados juntos na mesma rede de ouro, incapazes de escapar um do outro, encerrados em um combate de amor, partidos entre uma mútua necessidade e desconfiança, lutando os dois pela dominação.

Rodaram e lutaram na cama, enrolando as mantas e umedecendo os lençóis com seus corpos suados e exaustos. Darius arranhou com seus dedos a pálida pele da Serafina. As unhas de Serafina se cravaram na bronzeada pele de Darius. Morderam-se, deixaram-se marca. Em seus desejos de conquista, Serafina cedeu em tudo, permitiu-lhe todas as posturas, todos os caprichos que ele demandava, glorificada pela sensação de encontrar-se com sua pele em todos lados, uma pele aveludada que chupava com desejo, e uma boca cicatrizada da qual bebia com amargura.

—Que doçura, que doçura —sussurrava Darius, afogando-a em beijos enquanto seu duro e palpitante corpo cobria o seu, fazendo-o vibrar desde dentro.

Por fim, ele se achou tão fora de controle como ela, bêbado pelo excesso de prazer. Amar tão grosseiramente lhe tinha reduzido à barbárie. E, entretanto, ela era apenas consciente de seu triunfo, reduzida ao irracional abandono de seus instintos. Eram dois animais copulando, emparelhando com fúria, lutando, com unhas e dentes, para aferrar um ao outro.

Para finalizar, levantou-se com ajuda de suas mãos sobre ela, tomando-a com impulsos largos e vigorosos, com o rosto tenso de selvagem êxtase. A luz do sol se refletia em sua pele impecável. Flashes de brilhos preciosos desenhavam os músculos bem definidos de seu abdômen e seu volumoso peito. A luz e as sombras contornavam seu rosto anguloso, enfurecido e tenso pela paixão. Serafina se pegou a seus braços, o segurando como se fosse sua vida, enquanto seus quadris bombeavam sobre ela. A violência do ritmo endureceu seu corpo, até que por fim cravou os calcanhares no colchão e se arqueou, emitindo um grito quebrado de alívio.

O clímax a golpeou com tremores intensos e rígidos que a partiram em duas. Cegada pela chama de luz de suas terminações nervosas, a exaltação era de tal transcendência que começou a soluçar, acariciando com as mãos a pele aveludada dele. Sentia como se fosse morrer por uma chama de luz, o sacrifício de uma virgem devorada pelo deus.

Darius a seguiu até o limite. Sentiu-a chegar, perdido e débil, gemendo sua rendição, enterrado até o mais profundo de Serafina, seu corpo dourado completamente rígido. Mordeu seu ombro com os dentes e suas mãos se agarraram fortemente a seus quadris, para que não se movesse ao deixar sair seu sêmen dentro dela, em pulsações magníficas e tensas.

Paralisou-se sobre ela e nenhum dos dois se moveu, sem saber quanto duraria aquilo. Os dois ficaram vazios, desorientados e descobertos.

"Pesa muito —pensou Serafina depois de um momento. — Não vou poder ir amanhã."

Esta observação fora de sentido parecia ser tudo o que ficava do poder de sua mente. Ele devia lhe haver sorvido o entendimento. Darius começou a rir preguiçosamente sem razão aparente. Com cautela, Serafina ficou olhando-o embevecida: o homem mais bonito do mundo.

—Ah, pequeno Grilo —brincou tristemente, os olhos fechados enquanto lhe acariciava o joelho dobrado. — Acredito que estamos empatados.

Sorriu-lhe envergonhada e se virou de lado, deixando repousar a face sobre a mão. Com a outra mão, acariciou suavemente o rígido estômago do homem que tinha ao lado. Ao olhar com incerteza seu fino rosto cinzelado, viu que tinha os olhos fechados.

"O que vamos fazer agora?"

Suas pestanas se abriram para olhá-la com ternura enquanto lhe acariciava o rosto.

—Ainda vai deixar-me? —murmurou.

Havia tanta ternura e amor em seus olhos, que sentiu um nó na garganta. Aproximou-se dele e lhe rodeou com os braços. Foi bem-vinda. Apoiou a cabeça sobre seu ombro e saboreou o indulto. Darius lhe acariciou o cabelo e a segurou entre seus fortes braços.

Com a face sobre seu cabelo, a intimidade do momento foi uma bênção para os dois. Sentia-se segura em seus braços, embalada pelos fortes e lentos batimentos de seu coração. Serafina pensou no perto que tinham estado de perder o um ao outro para sempre.

Um momento depois, beijou-lhe o cabelo e respirou com força, disposto a romper o silêncio.

—Perguntou-me uma vez que como me tinha feito esta cicatriz. —Fez um gesto em direção à linha em forma de meia lua de seu rosto. — Quero lhe dizer agora.

Naquele momento não podia. —deteve-se.

Ela não se moveu, esperando.

—Ah, isto é duro —sussurrou, fechando os olhos.

—Tome o tempo que necessitar, querido—murmurou, lhe acariciando o peito.

Ele evitou seus olhos e manteve um tom inexpressivo em sua voz.

—Tinha oito anos —disse.— Eles voltavam a brigar, como sempre. Tentei, tentei que ele viesse atrás de mim para que a deixasse em paz. Meu pai, quero dizer, e a quem chamavam minha mãe.

Ela conteve a respiração, todos seus sentidos atentos a suas palavras. Era a primeira vez que falava de seus pais dessa forma, como se tivesse vindo ao mundo só e por sua própria vontade.

—Interpus-me entre os dois. Não sei o que pensava que poderia fazer frente a um homem maior naquele tempo. —Baixou a cabeça com o esboço tenso de um sorriso.— Se limitou a me dar um golpe para me afastar de seu lado. Golpeou-me no rosto com uma garrafa de vinho.

Serafina fechou os olhos, sentindo o golpe.

—Foi uma sorte que não se rompesse, porque me pegou com ela muito forte na boca aberta —murmurou, tocando a cicatriz com os dedos, como se a ferida ainda estivesse aberta.— Tentei ajudá-la. Não sei por que me incomodei. —Sua voz se reduziu a um agônico sussurro.— Era só uma rameira, e a odiava.

Ela fez uma careta. Podia sentir sua vulnerabilidade. Já não era o homem que tinha matado com suas mãos a uma dúzia de homens, a não ser um menino machucado que se agarrava a ela como se fosse seu brinquedo, sua única tábua de salvação e companhia.

—Não o era. Ah! O que estou fazendo? —deteve-se de repente, aborrecido.— Não quer ouvir isto!

—Claro que sim. Conte-me.

Fechou os olhos um momento, com a voz abafada.

—Não posso.

Ela acariciou seu peito para acalmá-lo.

—Demore quanto quiser. Está fazendo-o muito bem.

—Não é uma questão de tempo! É patético. Embaraçoso. Ser tão fraco. Sentia-me impotente.

Serafina lhe pegou o queixo com as mãos e o obrigou a olhá-la.

—Olhe para mim —sussurrou.

Ele a olhou com tristeza.

Ela retirou o cabelo de seus olhos.

—Cheguei até aqui, não é? Nada pode mudar meu amor por você.

Seus olhos se encheram de angústia.

—Ainda me ama?

—Ainda o amo —sussurrou, incapaz de lhe esconder seus sentimentos.—
Sempre.

Baixou os olhos em silêncio com uma expressão de profunda tortura. Ela se inclinou e lhe beijou docemente a cicatriz, lhe acariciando a face enquanto seus lábios se moviam suavemente sobre a forma de meia lua. Darius sussurrou um gemido quando viu que procurava seus lábios. Ela podia sentir como respondia a suas carícias.

Ao voltar-se para procurar seus lábios, pegou seu rosto com as duas mãos e a beijou profunda e carinhosamente. Depois fechou os olhos.

—Preciso estar seguro de você —sussurrou.— Seguro de que não se voltará contra mim nem nada.

Ela sentiu que tinha que abrir seu coração.

—Darius, me olhe nos olhos.

Fez isso. Acariciou-lhe o rosto, como ele fazia com o seu.

—Amei-o toda minha vida, só a você. Sei que tem medo. Eu também tenho.

Ele assentiu com a cabeça e afastou seus olhos dela. Depois de um momento, puxou-a pela mão e a segurou. Não tinha nem ideia do que devia lhe dizer, mas fosse o que fosse, estava preparado.

Nesse instante, o silêncio tenso e difícil que os envolvia foi interrompido por um clamor de gritos que vinha do exterior, o som de homens e cavalos que se moviam rapidamente.

Ante seus olhos, Darius ficou alerta, voltando a cabeça em direção à janela. O momento de vulnerabilidade e emoção tinha desaparecido.

—Darius.

—Quieta. —Não respirou, alerta, com os olhos entreabertos. Cobriu-a com seus braços para protegê-la.

Ela se desesperou.

—Darius!

—Um minuto. —Soltou-a e se levantou lentamente da cama.

Serafina olhou seu corpo nu e esbelto. Contemplou-o, perdida. Ele agarrou as calças de caminho à janela e depois se escondeu atrás da cortina para olhar para fora.

—Volte. Estou certa de que não é nada —tentou.

Darius vestiu as calças canela e entreabriu os olhos enquanto afastava apenas as cortinas para ver melhor o que se passava fora.

—É seu irmão.

Que estupidez! Elevou os olhos ao céu, impaciente.

—Darius, volta comigo. Não é o momento de distrair-se com Rafe e seus ridículos amigos.

—Está só. —Seu tom frio e suave lhe arrepiou a pele. Olhou-a fixamente, com essa antiga expressão de morte em seus olhos.— Algo vai mal. Posso senti-lo.

Capítulo 22

—Coronel, o príncipe herdeiro está aqui!

—Estou aqui, Alec. —Darius descia pelas escadas, estranhamente responsivo e animado.

"*Tinha estado perto*", pensou com um frio tremor enquanto cruzava a grandes passadas o vestíbulo em direção à porta aberta. Deus, tinha estado a ponto de cometer o maior engano de sua vida. Teria sido uma forma estúpida de danificar as coisas, tirar todas suas misérias depois da incrível tarde de sexo que os havia tornado a unir. Sentia-se culpado por havê-la deixado em meio de uma conversa tão importante, mas graças a Deus, o destino tinha intervindo e lhe tinha dado a oportunidade de sair gracioso do assunto antes de dizer algo mais. Nunca voltaria a deixar-se fraquejar dessa forma.

Fora, o príncipe Rafael retinha as rédeas de seu baio, que fazia soar nervosos os cascos sobre o caminho de paralelepípedos. Darius saiu a seu encontro.

—O que ocorre?

O jovem saltou do cavalo e correu para ele.

—Dentro — apressou-o Rafael, empurrando-o pelo ombro para a porta da vila.

Entraram no salão de dia. Darius viu que a mão do Rafael tremia ao fechar a alta porta branca atrás deles.

—O que acontece?

O jovem príncipe deu meia volta, com o rosto pálido. Respirava com dificuldade e parecia que ia vomitar.

—Meus mapas. Ontem à noite... Julia.

Darius conteve a respiração.

—Quando despertei, os mapas tinham desaparecido. Santiago, ela se foi! — gritou.— Ninguém a viu, nem sequer sua criada! Acredito que devem ser os franceses do porto. Tudo o que teria que fazer é subornar algum pescador para que a levasse ali. Poderia dizer um preço e os franceses o pagariam.

—Não precisarão esperar Villeneuve, com certeza. —disse Darius, pensativo.— Disse alguma palavra disto ao seu pai?

—Não! Sabe que me mataria, Santiago! Ele já pensa que não posso fazer nada bem! Além disso, estive ocupado nas muralhas do porto. Já dispararam os primeiros tiros.

—O próprio rei está ali?

—Sim, aquele velho estúpido! É ele quem está dando ordens aos canhões. Os franceses começaram a bombardear há umas duas horas.

Darius começou a amarrar os fios. Se os franceses tinham os mapas, o bombardeio seria certamente uma distração para manter a atenção no porto enquanto eles moviam os homens até os túneis.

Rafe estava ficando branco ao dar-se conta das implicações.

—O túnel principal desse quadrante cruza a muralha. Atacarão de trás, ah, Meu Deus, meu pai ficará preso.

—Vamos. —Darius lhe bateu o ombro com força, mas Rafael seguia imóvel, com o olhar perdido, como hipnotizado.

—Vão morrer.

—Não, se nós entrarmos antes nesse túnel. Vamos! — Puxou forte o braço do moço para afastá-lo da parede em que se apoiava. — Alec! —bradou, e começou imediatamente a dar ordens. Saiu fora e pediu uma carruagem de seis cavalos. — Depressa! —Depois entrou no armazém e deixou as portas abertas. Ordenou a seus homens que carregassem a carruagem com os oito barris de pólvora que havia trazido fazia umas semanas.

Rafael tratou de recompor-se e ficou a ajudar aos homens.

Com a mente alerta e clara, Darius se sentiu ele mesmo pela primeira vez desde o humilhante engano de Milão. Voltou para a casa, com a intenção de fazer-se com seu habitual arsenal de armas, e rezou para que Deus lhe desse a oportunidade de redimir-se esta vez.

O sargento Tomas seguiu de perto em seu caminho para as escadas.

—O que ocorre, coronel?

—Reúne o seu esquadrão e os arme bem. Vamos cavalgar fora daqui e pode ser que tenhamos que entrar em batalha.

—Sim, senhor! —O veterano oficial saiu correndo.

Sem deixar de pensar em suas armas, armazenadas em um pequeno e espartano quarto do segundo andar, Darius chegou ao patamar e olhou para o alto da escada.

Então se deteve, era uma visão?

Vestida apenas com sua camisola azul, Serafina esperava em pé no alto das escadas, com a vista fixa nele.

Conteve a respiração e olhou a sua esposa.

Ela manteve a cabeça alta, em uma pose de nobre princesa, mas sua pele brilhava depois das horas de amor passadas. Tinha a cabeleira desordenada e lhe olhava inocente, com seus olhos da cor dos lilases e da eternidade.

—Vai sair? —perguntou cuidadosa, com sua voz suave.

—Há uma crise —sussurrou, o eco de uma desculpa que tinha tentado lhe dar uma vez, umas semanas antes. Tampouco então tinha acreditado nele.

—Entendo. —Afastou os olhos e olhou a mão com a qual pegava o corrimão.

Alguns homens entraram no vestíbulo atrás dele e lhe perguntaram algo. Assustado, respondeu-lhes brevemente e grunhiu para que se fossem. Sua maldita mulher estava de camisola. Este não era lugar para eles. Depois que se foram, Darius se voltou para ela, levantando os olhos para olhá-la. Ela continuava imóvel. Seu silêncio era aterrorizante.

—Querida, tenho que ir —disse suavemente.

—Acredito em você. —Não o olhou, mas ele interpretou seu dar de ombros como um desafio, sem deixar de olhar a mão do corrimão.— Estarei aqui.

Caminhou para ela.

—Serafina, tenho que fazer isto.

—Sei. Estas coisas passam. Suponho que é inevitável sendo a mulher do cavalheiro mais valente do mundo. —Por fim lhe olhou e lhe sorriu com valentia— Tome cuidado.

—Não está zangada?

—Estou orgulhosa de você —respondeu, e as lágrimas estalaram em seus olhos— Mas eu... eu acredito que é importante que falemos disto. Se não, não acredito que tenhamos qualquer futuro.

Darius não disse nada. Limitou-se a contemplá-la.

Justo nesse momento, o sargento Tomas gritou de fora que a carruagem estava preparada e que os vinte homens estavam preparados já para montar. O olhar de Serafina voou para a porta, depois, olharam-se um ao outro. Darius seguia bastante assombrado. *"Orgulhosa de mim?"*

—Falaremos quando voltar, Darius? —perguntou de chofre.

Ele procurou seus olhos, com o coração pulsando como os tambores de guerra.

—Está bem —mentiu, assentindo com a cabeça— Agora tenho que ir. —Não podia suportar vê-la um segundo mais, era como olhar a um anjo cujo rosto estivesse inundado de luz. Virou-se e começou a sair.

—Está me mentindo de novo! —gemeu atrás dele.

Ele se deteve, a meio caminho, mas sem virar-se.

—Como pode me olhar nos olhos e mentir?

Lentamente, voltou-se e ergueu o olhar para o alto da escada, onde Serafina permanecia em pé olhando-o com seus formosos olhos. Ficou frio.

—Tem razão. Isso foi uma mentira —disse— Alegro-me de que nos interromperam. Fez-me vulnerável um momento, mas nunca te contarei nada mais, e me acredite, não quereria saber dos fatos.

—Então acabamos. —Afundou os ombros ao baixar a cabeça.— Não me ama. Que confiante fui.

— Não a amo?

—Não. Você não queria este matrimônio. Eu o obriguei. Fui uma idiota por pensar que poderia fazê-lo feliz. Não se abrirá para mim, nunca será honesto comigo. Tudo o que faz é manipular e mentir. É mais forte que eu, mais preparado, e à mínima oportunidade, parte-me o coração. Assim vá, faça o que tenha que fazer. Nunca me amará, Darius. Rendo-me. — sentou-se no degrau onde tinha estado em pé e afundou a rosto entre suas mãos.

Darius a olhou um bom tempo, lutando por afastar a ira que crescia em seu interior.

—Não a amo? —repetiu sem sentido.

—Disse uma vez que me amava, mas devia ser outra de suas mentiras.

—Não, você é a que mente nesse ponto, querida—disse com um tom frio, cada vez mais zangado.

Olhou-o de novo, com lágrimas nos olhos. Essas palavras tinham surpreendido até mesmo a ele. Tratou de deter-se, mas não pôde. A dor seguia em seu interior, lutando por sair.

—De que fala?

A ira saiu a ferveras. Aproximou-se dela e a olhou fixamente.

— Na primeira noite que fizemos amor. Disse-me que me amava. E eu, eu acreditei em você —seguiu falando, tocando o peito com a mão, como um penitente. Podia ouvir o tom angustiante de sua própria voz, mas já não lhe importava. — Mas a verdade saiu à luz quando averiguou que tinha falhado em Milão, não é verdade? Assim é —disse com desprezo como resposta a seu olhar de profundo terror—, desprezou-me. Só se deu a mim porque pensou que era o grande herói! Queria um campeão, o grande assassino, não é verdade? —Abriu os braços para mostrar-se ante seus olhos e depois os deixou cair— Tentei ser o homem que você queria, mas falhei o maldito tiro. Foi um tiro muito difícil. Mas isso não lhe importava, princesa. Falhei e não preenchi suas fantasias. Não te importo absolutamente, Serafina. E como poderia? Não a culpo. Como alguém poderia? Sei o que sou.

—E o que é? —sussurrou, olhando-o, com o rosto pálido.

—Quer saber? Quer saber quem é seu cavalheiro, Serafina? —perguntou com fria e amarga insolência. — Pode acaso compreendê-lo? Não acredito que possa, minha pequena e protegida princesa. —Uma dor aguda se filtrou no centro de seu escuro coração.

—Diga-me.

—Quer saber? Quer saber como se sente quando sua mãe partiu de seu lado desde os dois anos e não se preocupou por você ou por quem lhe bate quando ela não está? Como se sente quando não volta nunca mais? Quer saber como é que seu pai não o deixa usar roupas novas aos quatro anos, para que as outras crianças não lhe falem, mas lhe atirem pedras e o chamem de sujo e fraco, porque segundo seu pai é isso o que merece? —Suas palavras eram como facas, tão afiadas como envenenadas— E ser abandonado na rua aos dez anos? Poderia lhe dizer muito sobre isto. Tem vontade de vomitar já? Pois ainda não terminei, princesa, aqui é onde começa o bom. Porque então vieram as lutas nos becos para sobreviver e a busca de comida nas lixeiras. E se o comer algo podre não o adoece o suficiente para morrer, engula o orgulho e pede ajuda na casa dos desabrigados, mas não pode ficar porque um dos monges não deixa de te pôr as mãos em cima. E então aprende que há uma coisa para a qual é muito bom, que demônios? Está entendendo, Serafina? Entende o que lhe digo?

Serafina cobriu a boca com a mão e olhou ao chão, chorando, escutando suas palavras que carregavam contra ela como um touro enlouquecido, com as bandeiras flutuando em seu negro lombo.

—Tinha treze anos e vi coisas que poderiam bastar-lhe durante três vidas. Endurece-se, e a mentira é uma necessidade, a sobrevivência depende dela. Não lhe importa o que tenha que fazer ou dizer. Não deixa que nada lhe toque. Não se atreve a precisar de alguém e não confia em ninguém em um milhão de anos, nem sequer no anjo que Deus mandou para salvá-lo.

Ela soluçava, com a cabeça entre as mãos.

Seu peito respirava com dificuldade.

—Estou vazio, Serafina. Não sou nada e não tenho nada para te oferecer.

Exceto o som de seu pranto, tudo era silêncio a seu redor.

—Bem, agora já sabe. Satisfeita?

Levantou o olhar, chorando como se lhe tivessem partido o coração. Darius podia ver como tremia.

—Não espero que esteja aqui quando voltar, esposa minha —acrescentou amargamente enquanto se virava para sair. Ela se levantou e começou a descer as escadas, uma a uma, como uma menina. Parecia tão vazia que Darius pensou que ia cair, então correu para ela. Serafina se sentou no meio da escada e se recostou contra o barrote do corrimão.

Olhou-o enquanto se sentava junto a ela. Ele pensou que teria medo dele, mas quando desceu até a altura de seus olhos, ela o rodeou com os braços como se não quisesse deixá-lo partir. Aferrou-se a ele e apoiou a cabeça em seu ombro, sem deixar de chorar.

—Não me deixe agora —sussurrou.

Darius fechou os olhos. O sentimento de seus braços lhe rodeando era quente e maravilhoso. Inalou o perfume de baunilha e limão que vinha de seu cabelo e suspirou.

—É a única coisa pura em minha vida, Serafina —disse, com uma voz suave mas firme.— Tudo o que quis sempre foi construir um bonito muro ao redor de seu pequeno jardim e fazer com que estivesse segura nele, e feliz. Um pequeno paraíso para você.

Ela se afastou um pouco para lhe ver o rosto, com seus olhos avermelhados pela dor e os lábios trêmulos. Darius soube então o que tinha que fazer. Unir-se a esta garota? A esta criatura irreal, a este anjo? Que classe de conjuro o tinha feito pensar que era bom o suficiente para ela? Seu coração se afundou nos abismos mais profundos. Entretanto, era a única solução.

—Tê-la protegido, Serafina, é a única coisa em que posso pensar com orgulho —se esforçou a dizer— Fiz o que pude por ti. Ao menos, tentei. Mas olhe o que foi de você. Olhe o que lhe estou fazendo agora. Nunca deveria chorar, mariposa. Nunca devia se apaixonar por mim. Ela agarrou-se a sua camisa e um protesto apareceu em seus olhos violetas.

—Mas essa é sua natureza —continuou com ternura, lhe acariciando o cabelo.— Puro amor, alegria e generosidade. Esse é meu anjo. Que sorte tive em te ver crescer e compartilhar sua vida. —Sacudiu a cabeça, tratando de evitar seus olhos— Não devia nunca se procurar, sabendo como sou, sabendo que só poderia poluí-la. Foi muito egoísta de minha parte. Mas te necessitava tanto...

—Como eu o necessito também —sussurrou, agarrando-se com mais força a sua camisa, como se pudesse sentir o que pretendia fazer.

Darius limpou uma lágrima de sua face com o dedo.

—Devo deixá-la agora, Serafina. Sabe que é momento de dizermos adeus.

—Não, Darius! Equivoca-se! —sussurrou frenética.— Necessito de você aqui.

—Não, ainda não entende —disse, impaciente.— Há algo profundamente mau em mim. Não sei o que é, só sei que não pode ser consertado e que não posso evitar.

—Claro que pode! Juntos podemos.

—Não! Olhe o que lhe fiz. Fiz que atirasse a comida contra a parede como se estivesse louca.

Ela fez uma careta.

—Fiz isso só para chamar sua atenção.

—Beber? Tomar láudano? Sei tudo isso. Quase acabou com sua vida. Quase consegui que acabasse com sua vida.

—Mas Darius, achava que estava morto! É meu amor, meu melhor amigo! Estava muito alterada!

—E esta tarde? —sussurrou zangado.— Falando com você como se fosse a rainha da Babilônia?

—Desejava-o.

—Serafina! Isso é o que mais medo dá!

Segurou-lhe o rosto com as mãos e lhe olhou suplicante.

—Darius, pare. Sei que sofreu coisas que talvez nunca chegue a compreender, mas o quero. A você. Não quero nenhum campeão, quero você, e o aceito tal...

Ele se afastou, cada vez mais zangado.

—Digo-lhe que não! Não me ouve? Não posso! Não sei como!

Serafina não se alterou, tomando sua mão.

—Pode. É meu Darius, pode fazer tudo. Fez antes. O que acontece é que tem medo. Deixa de correr. Nunca o alcançarei se não me permitir. Deixa que meu amor o cure, Darius.

Acariciou-o e seu carinho fez que perdesse o que restava de autocontrole, ainda quando sabia que essa ternura lhe penetrava o coração.

—Por que tenta me destruir? —gritou, agarrando por um tapa a medalha de prata da Virgem e tirando-a do pescoço para atirá-la depois ao chão.— Não posso fazer isto! Nunca quis me casar com você! —destrambrelhou, os olhos acesos de angústia.— Por que é tão cruel comigo? Por que me faz desejar o que não posso ter e o que não posso ser? Por que não pode me deixar em paz? Por que não me deixou morrer em Milão como queria?

—Não, Darius! —disse aterrorizada. Depois tratou de agachar-se.— Pegarei a medalha. Voltará a usá-la.

—Não a quero —disse fora de si, apertando os dentes. Agarrou-a pelos ombros, fechou os olhos e a beijou na testa.

—Darius —sussurrou.

Darius moveu o rosto acariciando suas sobrancelhas.

—Quero-a , Serafina. E por essa razão —sussurrou— a deixo livre. Liberto-a de nosso laço de sangue. Vá agora, enquanto sou suficientemente forte para deixar que o faça.

—Darius! —gritou enquanto estendia seus braços.

Com elegância, ele desceu as escadas e caminhou depois para a porta, com o sangue correndo por suas veias como se por elas pudesse descarregar toda sua ira.

—Darius!

Deteve-se na soleira, sem voltar-se.

—Não esteja aqui quando voltar. Vá para casa, como tinha pensado fazer. Se não partir primeiro, eu o farei.

Serafina gritou atrás dele ao ver que saía pela porta e descia os degraus da entrada. Dirigiu-se cegamente para a carruagem que o esperava. Subiu ao assento do condutor, junto a Rafael e estalou o chicote nos cavalos. Ia morrer hoje. Encontrou certo alívio com este pensamento. Só rezou para que pudesse alongar seu próprio desaparecimento o suficiente para salvar Lazar e a seus homens do massacre.

Capítulo 23

Com os barris de pólvora bem seguros a carruagem estalava pelo caminho rumo ao oeste. Darius conduzia enquanto Rafael vigiava o carregamento. Os homens cavalgavam em formação atrás deles. Depois de uma corrida exaustiva de quase duas horas, chegaram ao bosque de pinus pouco povoado que cobria a boca dos túneis do lado oeste.

Deixaram a carruagem no caminho, e rastrearam durante meia hora pelos matagais que se espalhavam aqui e lá, incapazes de achar a boca do passadiço, que estava bem escondida. Por fim, Rafael pôde localizá-la.

Tiveram que romper sarças e vinhas para limpar a boca da cova. Darius acendeu a tocha que deixava sempre à entrada de todos os túneis, para resolver o completo negrume de seu interior.

Este túnel, comprovou enquanto a chama chispava, era suficientemente grande para que três homens pudessem caminhar em pé por ele. À luz da tocha, começaram a exaustiva tarefa de levar os barris de pólvora pelo bosque, colina acima, rodeando os matagais e entrando no túnel. O suor pelo esforço os fez tremer logo na frieza do túnel.

Darius continha a respiração cada vez que tinham que passar as tochas, extremando a cautela com a carga de explosivos. Amontoaram os barris, em forma de pirâmide, umas trezentas jardas no interior da caverna. Quando descarregaram o último barril da carruagem, Darius ordenou ao sargento Tomas que levasse seus homens ao alto do caminho para que estivessem a uma distância segura da explosão.

Os homens montaram de novo nos cavalos enquanto Darius dava um pontapé ao último barril para abri-lo. Depois, Rafael e ele o levaram dentro e foram deixando cair uma fileira de pólvora negra pelo chão do túnel até a pirâmide com outros barris.

No momento no qual por fim ficaram em posição, suados e tensos, escutaram em silêncio os ecos amortecidos que vinham do interior da caverna.

Os dois se voltaram para olhar para o negrume do túnel, de onde provinham as vozes. Não podiam ver ainda a luz das tochas, mas podiam ouvir suas vozes e o ruído de um número indefinido de botas.

—Pobres bastardos —murmurou Darius. Esperava que a terra os esmagasse antes que o fogo os consumisse. Ser queimado não era maneira de morrer.

Não sabia exatamente quão longe o fogo se estenderia em ambas as direções ao explodir os barris, como tampouco sabia quantas centenas de soldados incautos morreriam quando a terra os paralisasse.

—Vamos. —Rafe o puxou pela manga.

Puseram-se a correr. Darius pegou a tocha antes de sair da caverna.

—Saia daqui —ordenou ao moço, fazendo um gesto em direção à carruagem com uma mão e sustentando a tocha com a outra.

Rafe o deteve.

—Eu o farei, vá com seus homens.

Darius zombou.

—Não seja ridículo. Eu sou dispensável. Você é o herdeiro da coroa. Saia daqui. Eu o alcançarei.

—Eu provoquei o problema. É minha responsabilidade —disse Rafe com um tom estranho, duro e nervoso, que em nada se parecia com o tom real que Darius conhecia.

Olhou-o fixamente.

—Raffaele! Não seja estúpido. Isto é extremamente perigoso.

—Sei que é. Agora vá. É uma ordem, Santiago.

—Está-me dando ordens? —perguntou desconfiado.

Rafael manteve o olhar frio.

—Isso mesmo. Vá. Agora! Espere-me junto aos outros.

Darius cedeu, bastante assombrado. Olhou a seu redor em busca de um lugar onde esconder-se. Depois se dirigiu ao seu jovem cunhado com um recém-adquirido respeito.

—Há um grupo de arbustos ali —indicou.— Sugiro que corra o mais rápido que possa até eles.

Rafe se limitou a lhe fazer um gesto de assentimento para que partisse, os olhos verdes-dourado e o cabelo despenteado pelo vento. Darius compreendeu que havia algo que o jovem homem devia fazer. Por isso, embora não gostasse, Darius saltou à carruagem, fez-se com as rédeas e tocou os cavalos para que comesçassem a andar. Enquanto se afastava, olhou por cima do ombro ao moço.

Rafe seguia em pé no meio do caminho poeirento.

—Vou matar centenas, talvez milhares de homens de uma vez, Santiago. —O cafajeste lhe gritou atrás.— Isso é inclusive melhor que sua media!

—Tente só não voar pelos ares também —murmurou. Depois, apressou aos cavalos ao galope e conduziu a carruagem até a cúpula.

—Ao chão, ao chão! —ordenou a seus homens.

Minutos depois, uma grande explosão rasgou as profundidades da montanha. Os cavalos relincharam assustados, empinando. Darius tampou os ouvidos, sentindo a onda expansiva de calor. O estrondo continuou e continuou até que a própria colina caiu. Quando o ruído se deteve por fim, Darius estava já em pé correndo colina abaixo.

—Raffaele!

—Alteza! —gritaram os homens.

Alguns começaram a correr de volta ao caminho. Darius se uniu a eles, com o coração na mão. Ao aproximar-se do lugar, viram que a boca do túnel tinha desaparecido.

Felizmente, tinham colocado os explosivos bastantes dentro para que o fogo não se propagasse pelo bosque.

O pó cobria tudo. Os homens correram para os arbustos. Embora alguns dos pássaros piassem ainda nas árvores, o lugar ficou estranhamente em silêncio, como se nada tivesse se passado.

—Rafe!

Entreabrindo os olhos contra a luz brilhante do meio-dia, olhou para baixo no caminho e viu uma figura que saía de uma pequena guarida entre os arbustos. O moço tossia e estava coberto de pó e cinza, mas intacto.

O sargento Tomas se apressou em lhe dar seu cantil. Rafe lhe deu um grande gole.

—Vencemos! —disse com voz rouca e uma débil careta. Sob a imundície podia ver-se a palidez de seu rosto— Vamos ver como está meu velho homem.

Festejando o êxito do príncipe, caminharam todos de volta à carruagem e se colocaram logo em caminho.

Podiam ouvir os canhões de onde estavam, que era a vários quilômetros de distância. Quando chegaram finalmente à sombra da alta muralha defensiva de onde se disparavam as armas de longa distância para conter os navios do porto próximo, a refrega parecia estar a ponto de terminar, a julgar pelo som.

Darius pôs a mão em viseira para poder ver as almenas, envoltas em uma nuvem de fumaça pelos canhões. Através da fumaça negra, pôde distinguir a potente figura do rei caminhando de um lado a outro atrás da linha de fogo.

—Condenado cabeça louca —murmurou Darius, sacudindo a cabeça. Como rei, Lazar não tinha direito a expor-se ao fogo, mas Darius sabia bem que estava tratando de ventilar seu orgulho ferido como pai contra o inimigo.

Ao que parecia, o exíguo intercâmbio com os franceses só tinha estimulado o apetite de Lazar para a batalha. Ordenava a seus homens que disparassem uma e outra vez, sem importar que o inimigo tivesse deixado de disparar.

Rafe e Darius trocaram um sinal de cumplicidade.

—Terminemos com isto —grunhiu o príncipe.

—De acordo. —Darius saltou da carruagem.

Enquanto caminhavam para a torre e subiam as escadas de pedra que levavam às almenas, Darius sentiu esse apertão familiar de ira no estômago. Sabia que ia enfrentar Lazar pela primeira vez desde sua separação. Sentia-se um pouco como quando era menino e tinha que apresentar-se ante seu pai depois de alguma pequena travessura.

Ao chegar ao alto da escada, se deslocaram pelas almenas e olharam ao mar. Ignorando as olhadas que recaíam nele, Darius considerou a situação.

Os franceses se retiravam a suas posições de bloqueio, uma distância precavida longe do alcance das armas de Lazar. Observou a formação de navios, mas seus pensamentos estavam muito mais longe, em Serafina.

Justo agora, pensou, os cinco guardas que tinha deixado para cuidar dela estariam provavelmente ajudando-a a carregar esses baús de viagem que tinha estado empacotando. Secou-lhe a boca ao pensar na vila vazia que teria que enfrentar quando

voltasse para casa. A casa. Ou o que fosse. Alegrava-se de haver dito a Serafina seus segredos mais desagradáveis, pois dessa forma a tinha a obrigado a partir, e isso era muito melhor que esperar junto a ela que decidisse deixá-lo. Ao menos, agora que tudo tinha acabado, pensou, não teria que esperar que o fio da força caísse. Algum dia, o agradeceria.

Ele, não tinha nada mais que fazer a não ser seguir com sua vida. Se Ascensão não o queria, iria a Sicília e ajudaria Richards em sua "*intrigante empresa*".

Continuava dando voltas ao assunto quando ouviu uma voz profunda e fria junto a ele.

—Você.

Darius se voltou, com as costas para o muro de pedra. Lazar caminhava para ele como um leão grande e furioso.

Darius levantou a mão para acalmá-lo.

—Só vim ajudar.

—Não trate de me enganar, Santiago —grunhiu.

Darius deixou cair o olhar, sem poder acreditar que o homem mantivesse a hostilidade por ele.

—Está bem. Vou embora. Perdoe-me.

—Não vai a nenhum lado até que tenha umas palavras com você!

Darius esteve a ponto de rir.

—Senhor. —retirou-se da parede, já que havia uma grande queda daí para o mar, e a pessoa nunca podia conhecer as intenções de um pai italiano ultrajado. — Vou daqui, não se preocupe —disse. Voltou-se e começou a afastar-se dele com tranquilidade, friamente.

Lazar enfrentou-o .

—Ai! —Darius grunhiu ao tocar o chão, de joelhos, estendendo as mãos bem a tempo contra o chão.

O grande rei não tinha ideia de sua própria força. Darius rodou, esquivando-se do golpe.

—Deixe-me em paz! Casei-me com ela, não?

—Só porque o pilhei, tinha tudo bem planejado! —O rei tentou lhe dar um murro.

Darius se esquivou e seguiu tratando de retroceder.

—Isso não é verdade! Teria me casado com ela de qualquer forma!

Só então soube Darius que o que dizia era verdade.

—Depois de tudo o que tenho feito por você, assim é como me paga. Seduzindo a minha pobre menina inocente!

Darius riu.

—Ah, tenho algumas notícias para você sobre sua inocente menina, velho cabeçudo. Quer ver as marcas de suas garras em minhas costas?

Lazar deixou escapar um bramido de fúria e lhe golpeou a cabeça com o punho.

Darius se encostou à parede da torre e se voltou para ele, rindo-se dele.

—É isso, verdade? Não pode aceitar que sua pequena tenha crescido e se foi de seu lado!

—Confiava em você! Acha que sou cego e surdo, que não sei de suas conquistas? Deitou-se com todas as putinhas do reino, mas não podia deixar em paz a uma jovem inocente! Seduziu-a como seduziu a todas as demais!

—Não! —deu um passo para Lazar e empurrou-o. — Não é como com as outras! Não sabe nada disso!

—Como se atreve? —replicou, lhe devolvendo o empurrão.

—Por que não deixa de me atribuir sua própria culpa? Por que não pode admitir que se confundiu prometendo-a a Tyurinov? Não tinha nenhum direito a assinar esse compromisso sem ter ouvido antes meu informe. Mas se enganou! Se não tivesse sido por mim, esse engano nos teria custado sua vida. Sou eu que se preocupou o suficiente por ela para averiguar a verdade. Você a vendeu por uma solução fácil!

Lazar gritou furioso e se lançou de novo contra Darius. Rodaram pelo chão de pedra.

—Por que não veio para mim imediatamente, quando soube sobre a primeira esposa de Tyurinov? Poderia acusá-lo de traição por não me dizer isso! Rugiu Lazar.

—Porque você, Majestade, é muito alterável. Olhe-se agora. A situação exige sutileza. Maldição, me deixe em paz, já tive suficiente! —Darius gritou enquanto lhe dava uma cotovelada no rim. Virou-se, liberando-se, e lhe pegou o pescoço por trás como se fosse sufocá-lo. Seguro de que tinha deixada clara sua postura, Darius o deixou cair e se afastou alguns quantos passos, levando-se furioso a mão à franja. Mal deu as costas, foi atacado de novo.

Desta vez, o grande homem tirou o melhor de si mesmo e lhe imobilizou a cabeça debaixo do braço.

—E o que me diz das damas de companhia? —perguntou.

Darius tratou de soltar-se inutilmente do apertão que lhe oprimia o pescoço como uma laje de pedra.

—Sinto muito, menti! Mas era o que ela queria.

—Ela o obrigou? Disse-lhe que mentisse?

—Não —grunhiu.— Mas sei como essas mulheres a incomodam. Ninguém soube nunca como dirigir essa garota a não ser eu, sabe. Nem sequer você pôde! Deixa que o domine e o tem comendo na palma de sua mão! Eu só queria estar com ela. Isto é tão ruim assim? Maldição, Lazar, ela era minha única esperança.

O rei olhou-o fixamente um momento.

—Isso acredito —declarou, estrelando suas costas contra o chão. Com os punhos na cintura, Lazar ficou em pé sobre ele como um Jeová colérico, com o pé plantado no peito de Darius.

Darius não tinha vontade de brigar mais. O pavimento era até confortável, tão cansado que estava.

—Responda-me uma coisa —disse Lazar, com um tom mais inquietante.

—O que? —murmurou Darius, levantando a cabeça.

—Ama-a?

Voltou a deixar cair a cabeça contra a pedra aquecida pelo sol, e depois fez uma careta de dor pelo golpe. Ficou ali, com os olhos fechados. Desafiando-o.

—Ama-a? —perguntou.

—Por que acha que fui matar Napoleão, velho estúpido? Só queria que fosse livre.

—Sabia que não havia forma de voltar vivo.

—Sim.

—E ainda assim, foi.

—Sim! Amo-a! O que quer saber? Amo-a mais que a minha própria vida.

Seu pai cruzou os braços e acariciou o queixo, baixando o olhar para ele.

—Certamente, tira-me do sério, Santiago.

—É mútuo, senhor.

—Santiago.

—O que? —grunhiu.

—Se amava tanto a minha filha que estava disposto a morrer por ela, por que diabos não veio me pedir sua mão?

—Porque haveria dito que não —disse cansado.

—Acredita nisso?

—Talvez tivesse aceito por obrigação, porque o salvei daquela bala.

—Sou o rei. Não tenho porque fazer nada.

Darius olhou-o fixamente, anti-social e de mau humor.

Lazar sacudiu a cabeça.

—É estúpido, orgulhoso e obstinado. Mas magnífico. Teria aceito, e estaria condenadamente contente de fazê-lo. —Retirou a bota do peito de Darius e lhe ofereceu a mão para ajudá-lo a se levantar.

Darius o olhou desconfiado, muito cansado para mover-se.

—Haveria dito que sim? A mim?

Lazar riu ligeiramente, triste, e moveu a cabeça, com a mão estendida.

—Levante-se, filho.

—Quer me ajudar a limpar, não é? Sim, é um bom gato —murmurou suavemente. Falava com seu peludo gato branco e o acariciava, agachada junto a ele enquanto comia as sobras do café da manhã de Darius que ela tinha jogado contra a parede.

A casa amarela estava tranquila ao entardecer.

Deixando que o gato desfrutasse do festim, Serafina se levantou com uma expressão de tristeza no rosto e se dispôs a limpar com um trapo úmido as manchas da parede. A única coisa que podia pensar era em quão mau sua raiva a tinha deixado aos olhos de Darius. Ele tinha conhecido a fome, e ela, entretanto, atirava um bom prato de comida pelo chão para que pudesse ser comido só pelo gato.

"Criança malcriada", pensou culpando-se.

Maravilhara-se muitas vezes de sua capacidade para a violência, mas na noite anterior ficou assombrada, ao voltar a vista atrás e recordar quão terno tinha sido sempre com ela, tanto como amante, como quando a tinha cuidado em menina. Darius se tinha endurecido por uma existência horrível, e de algum modo, tinha conseguido manter sempre acesa uma pequena chama de humanidade. Esse era o fogo que brilhava sempre em seus olhos de ônix, a doçura comovedora da qual falavam suas canções.

Sabia que não queria vê-la de novo depois das coisas que lhe tinha revelado, mas não estava disposta a deixá-lo ir assim, nem agora nem nunca. Nunca voltaria a estar só de novo, nem teria que enfrentar sozinho os demônios do passado. Tinha-lhe contado seus segredos só para afastá-la de seu lado, sabia, entretanto, o que tinha conseguido era selar sua devoção por ele. Finalmente, tinha entendido muitas de suas reações que antes a tinham deixado perplexa. Amava-o completamente, tanto ao cavalheiro pecador que havia nele, como ao pequeno menino perdido que era. Havia, por fim, encontrado o propósito de dar-se a ele.

Uma vez terminados o trabalho de limpeza dos restos do café da manhã, com a ajuda do gato, foi procurar a medalha da Virgem sagrada que ele arrancara do pescoço.

Encontrou-a na entrada do salão de dia. Ao pegá-la, viu que a corrente se partira sem possibilidade de ser arrumada. Levou-a ao quarto rosa e a meteu no joalheiro que havia sobre a escrivaninha. Bisbilhotou nele, determinada a achar uma boa substituta.

Ainda limpando o nariz de tanto chorar, extraiu cuidadosamente uma corrente de ouro da massa de colares e anéis que havia na caixa.

Era ainda mais fina que a original de prata. Não ia muito bem, mas ao menos era mais forte. Com cuidado, colocou a argola da medalha pela corrente e guardou depois o conjunto no bolso, desfrutando ao pensar no momento em que voltaria a colocá-la a no pescoço.

Talvez fosse uma mera superstição, mas não gostava de saber que ele estava aí fora fazendo algo perigoso sem seu amparo.

Aborrecida e um pouco solitária, brincou em seu bolso com a corrente, distraída enquanto vagava de um aposento a outro, impaciente por sua volta.

Onde quer que olhasse, a vila amarela trazia à sua mente imagens nostálgicas, lembranças dos momentos que tinha compartilhado com Darius neste mágico lugar, tanto bons, como maus.

Evitou a biblioteca, onde o tinha atormentado e ferido o orgulho. Deitou-se um momento sobre a mesa reluzente da sala de jantar, olhando o afresco de Marte e Vênus agarrados na rede dourada de Vulcano. Por fim, decidiu voltar para o quarto e tratar de ficar apresentável para quando seu marido retornasse. Em seu caminho para as escadas, entretanto, entreteve-se um pouco mais em suas explorações pela casa. Cheia de curiosidade, dirigiu-se ao único aposento onde nunca tinha entrado, uma porta estreita ao final do corredor.

Abriu a porta com cuidado e se achou pela primeira vez em seus domínios.

Percorreu com o olhar o pequeno e espartano quarto. A estreita cama, mais adequada para um criado, estava lindamente feita. O cobertor era marrom e o lençol branco. Junto à cama havia uma prática vela colocada em cima de uma miserável mesa. Seus óculos de ler estavam também sobre a mesa. Vê-los ali a comovia de algum jeito. Mostravam-lhe uma parte dele vulnerável e humana, que sempre lhe tinha sido oculta.

Em uns ganchos postos sobre a parede esquerda pendiam, de forma ordenada, suas roupas. Todas iguais, todas negras. As cortinas de lona estavam limpamente corridas tampando a janela. Nenhuma pintura na parede que pudesse dar cor a sua aparência indefinida. Fez-lhe um nó na garganta ao ver este lugar deprimente. Era o quarto mais triste que jamais tinha visto.

"Isto não é vida, Darius. Isto é uma cela. Mas lhe prometo que o tirarei daqui."

Justo no momento que empurrava a porta com um tapa, ouviu cascos no exterior e o som dos cinco guardas que gritavam com nervosismo. Não podia ser Darius, pensou, porque as vozes dos homens soavam hostis. Então, seus olhos lançaram faíscas. Ficou gelada ao ouvir o gutural acento russo.

Sob um pavilhão de lona próximo ao lugar da batalha, Darius tomou uma grande janta de herói com o rei, o príncipe herdeiro e os altos oficiais. Todos lhe deram parabéns por sua boda.

Estavam todos tão contentes por ele, que Darius não achava a forma de lhes dizer que na realidade seu matrimônio tinha fracassado. Sua derrota em Milão não era nada comparada a esta.

Sua mente voltava uma e outra vez a sua esposa enquanto os homens falavam da batalha e concordavam que suas defesas eram melhores do que esperavam. Quando Rafe começou a alardear como enfrentariam ao Villeneuve quando chegasse, Lazar expressou a opinião de que, conhecendo os nervos de aço e a experiência de Horatio Nelson, Villeneuve não voltaria nunca das Índias ocidentais.

Finalmente, Darius deu uma cotovelada no príncipe para que lhe confessasse o que tinha acontecido com Julia e os túneis.

Lazar estava ainda gritando ao moço quando Darius os deixou, rindo-se ao ver a discussão entre pai e filho, que se gritavam gesticulando como italianos. Deixou seus homens na festa. Ganharam a celebração e, por sua parte, queria estar a sós com sua dor quando chegasse o momento de enfrentar à solidão da vila amarela.

Durante toda a viagem de volta, o ânimo de Darius era desinteressado e triste. Sentia-se cansado pelos esforços do dia, satisfeito da comida e levava o cavalo a um passo preguiçoso e lento, como se quisesse alongar o momento no qual teria que enfrentar à casa vazia.

Começava a perguntar-se se tinha sido o melhor dar por terminada sua relação com Serafina. Se Lazar achava que a merecia, talvez não fosse tão mau como pensava.

Não podia seguir assim, odiando-se a si mesmo. Não tinha sentido, pensou. Se não tinha podido achar a maneira de que o matassem, teria que aprender a viver consigo mesmo, fosse como fosse e necessitaria que ela o ajudasse a fazê-lo. Ela era sua fortaleza, sua melhor amiga. Era a razão de sua vida e ele a tinha afastado de seu lado.

O caminho estava tranquilo. Não viu ninguém em todo o percurso. Viu alguns pássaros que se lançavam entre os arbustos. Um pouco mais longe, um falcão remontava o vôo, fazendo círculos no ar como em uma espiral.

O dia, que tinha sido quente, refrescava agora com o entardecer. Conforme ia aproximando-se da casa, sua ansiedade crescia por não saber se acharia ali ou não a sua esposa. Tinha-lhe ordenado que partisse, mas a pessoa nunca sabia quando ela escolheria obedecer ou desafiá-lo. Neste caso, não estava certo do que preferia.

Agora que sabia toda a verdade sobre ele, não queria ficar ao seu lado, isso certamente.

Pensou por um momento nas coisas que mais gostava dela e nas que mais sentiria falta: suas travessuras, sua faísca; seus beicinhos e seu cenho franzido, quando estava em seu papel de Rainha de Sabá; e a doçura de seus braços lhe rodeando enquanto ficava adormecido.

A ideia de voltar para sua antiga vida sem ela lhe era insuportável, mas tudo o que podia fazer agora era esconder seu desespero sob uma aparência de estoica resolução. Tanto se ela decidisse ficar como ir embora, nos dois casos, ele aceitaria sua decisão com equanimidade.

A luz do sol ia desvanecendo-se no céu do oeste conforme o entardecer dava lugar à noite. Cansado, deixou-se levar através das altas portas de ferro e guiou o cavalo para o estábulo. Seu coração encolheu, ao não ver ninguém. Nenhuma vela iluminava a janela. Todos se foram.

Deteve-se no pátio de paralelepípedos, com as mãos nos bolsos enquanto contemplava a casa que tinha comprado. Deus, como poderia suportar entrar aí?

Não, disse a si mesmo. Era como devia ser. Ele nunca a tinha merecido, não verdadeiramente. Era muito nobre para ele, muito formosa, muito pura. Estaria melhor sem seu louco espanhol.

"*Abra-se para mim*", ela havia dito, como se essa fosse a coisa mais simples do mundo. Recordou a vez em que lhe disse: "*O que tenho que fazer para que confie em mim?*".

Não sabia. Um milagre, possivelmente. Algum tipo de milagre para voltar trás no tempo e lhe dar um pai que não o esmurrasse, e uma mãe que não o adorasse para depois

abandoná-lo como se em lugar de ser seu filho fosse um pequeno gato de rua perdido a quem alimentar quando se sentisse generosa.

Darius apertou a mandíbula, ali em pé, sem querer pensar em tudo aquilo, embora soubesse que era justamente o centro do problema. Porque o que se interpunha em sua felicidade atual era seu antigo passado.

Visto de forma racional, sabia que sua mãe tinha sofrido tantos abusos como ele e se viu obrigada a abandoná-lo. Mas se afundasse neste pensamento, a um nível mais visceral, odiava-a quase mais do que odiava a seu pai, ainda quando sabia que não era justo. Seu pai tinha abusado dele, mas sua formosa e encantadora mãe tinha partido seu coração, tinha o traído. Ela tinha sido seu único aliado e depois o tinha abandonado.

Se não tivesse sido tão pequeno e impotente... Se tivesse sido suficientemente forte para protegê-la, pensou. Mas tudo o que tinha podido fazer era cuidar dela depois que seu pai batia nela e a maltratava.

Supunha que tinha terminado por achar a algum outro rico protetor para cuidar dela, alguém que não tivesse medo de seu pai. Teve a oportunidade de escapar e o fez, sem pensar duas vezes. Nem sequer se despediu.

"Putá —pensou, com uma careta fria de desprezo—, putá, putá."

Sua traição lhe doía tanto que normalmente não suportava pensar nela. Era mais fácil recordar os golpes e as surras de seu pai que pensar em seu maravilhoso sorriso e talvez ele tivesse estado castigando todas as mulheres que tinha conhecido depois, lhes mostrando quão rameiras eram. Mostrando que ele era o único que tinha o controle, o único que podia deixá-las.

Não tinha mais que estalar um dedo para ter todo um círculo de mulheres adorando-o. Podia fazer com que ficassem aos seus pés em apenas olhá-las e depois as deixar sem um arranhão.

Até agora.

Até que a criatura mais pura da terra tinha flutuado junto a ele e tinha dado-lhe de beber do leite de seu corpo.

Tinha ganho esta vez? Podia considerá-lo uma vitória, a afastar de seu lado deliberadamente para que não tivesse que enfrentar um possível abandono?

"Ao diabo com isso."

Sobreviveria.

De repente, se pôs em movimento, forçando-se a entrar na casa vazia. Arrastou-se pelos baixos degraus da entrada e abriu a porta.

Ao cruzar a soleira e entrar no escuro saguão, ouviu um golpe surdo de madeira ao mesmo tempo em que sentia uma chicotada de dor na cabeça. Viu estrelas vermelhas, imprecisas, negras. Deu-se conta muito tarde de quem tinha vindo cumprir sua promessa.

Tinham-lhe golpeado de novo.

"Graças a Deus que ela partiu."

Ao menos, pensou, desta vez era alguém que tinha a capacidade de matá-lo.

Depois, nada.

Capítulo 24

Havia uma pequena oportunidade de sair correndo pela porta de trás e voar até os túneis que a levariam de forma segura a seu esconderijo, mas quando Serafina ouviu os disparos e os breves gritos lhe indicando que os homens que a protegiam tinham morrido, abandonou qualquer pensamento de escapar.

Darius voltaria logo para casa e sabia que era a ele a quem procuravam. Alguém tinha que acautelá-lo.

Assim ficou.

Tinha encontrado o caminho para a entrada secreta construída no chão do quarto rosa. Estava cheio de teias de aranha e era claustrofóbico. Desconhecia o tempo que tinha permanecido ali em silêncio enquanto eles revistavam o quarto.

As pesadas botas russas pisaram virtualmente suas costas sobre o chão de madeira. Tinha contado duas vozes de homem conversando enquanto procuravam pelo quarto, mas podiam ser mais.

Sabia que Anatole estava em algum lado da casa. Podia sentir sua gélida presença.

Rezou para que Darius não viesse, mas se esforçou em idear um plano em caso de que assim fosse. Considerou as armas de que dispunha e se perguntou o que faria seu rude e ardiloso marido em seu caso. Conhecia a resposta: o que fosse necessário.

Tomara tivesse feito mais ruído ao entrar.

Nesse caso, teria podido lhe gritar para deixá-lo em guarda, mas se deu conta de sua chegada só quando começaram os disparos. Tinham-no pegado.

Silêncio, silêncio. Saiu sigilosamente de seu esconderijo e se preparou o mais rapidamente que pôde para sua missão suicida. O coração pulsava com força. As mãos lhe tremiam descontroladas e rezou para que não terminassem matando aos dois.

Percorreu o corredor junto a uma das paredes e chegou silenciosamente às escadas. Ouviu Darius no andar térreo. Zombava deles e insultava-os enquanto faziam com ele o que quer que estivessem fazendo.

As vozes vinham da biblioteca. Não podia entender o que diziam por que a discussão era em russo, mas podia reconhecer o tom insolente. Soube que tinha as costas contra a parede.

"*Já vou*", disse-lhe em silêncio.

"*Darius.*"

A cabeça lhe dava voltas, doía-lhe a mandíbula e o mundo lhe parecia um lugar impreciso, por isso talvez tinha acreditado ouvir esse doce e cristalino sussurro em sua cabeça. A voz dela.

"Meu querido Darius, estou aqui com você."

A ilusão o reconfortava enquanto olhava com o cenho franzido aos russos mais enormes que jamais tinha visto em sua vida, dois gigantes loiros escolhidos cuidadosamente pelo general. Teria se sentido inclusive ferido em seu orgulho de que Tyurinov houvesse trazido só dois, se não fosse pelo fato de que era ele quem estava amarrado à cadeira.

Tyurinov o ameaçava, seus olhos azuis cravados nele.

—Então, Santiago, pensou que ia deixar que escapasse depois de me deixar em ridículo ante o mundo inteiro. E agora averiguo que estive escrevendo a meu primo para lhe falar de mim. —O general se limitou a fazer um sinal com a cabeça antes de dar um passo para trás.

Um dos gigantes voltou a trabalhar de novo. Darius apertou os dentes, reprimindo o desejo de gritar. Tratou de convencer-se de que a dor que sentia ao respirar e o sangue que saía de seu nariz e da comissura de sua boca não eram sérios. Enquanto esperava que a ronda de golpes terminasse, limitou-se a olhar à frente, as coxas compactas do gigante, ignorando os golpes por pura força de vontade. Foi então quando a segunda visão angélica do dia apareceu na soleira da porta.

Ao vê-la, deixou de sentir dor. "Ahhh." Todo seu corpo se afundou na cadeira aliviado, como se ela tivesse vindo lhe rodear com seus braços suaves e fazer que estes tipos se fossem. Era uma boa coisa que fosse só uma alucinação, fruto de uns golpes na cabeça.

"Meu anjo."

Sorriu-lhe apenas, encantado e um pouco assombrado pela maneira em que sua deusa tinha escolhido manifestar-se esta noite em sua visão privada. Se hoje nas escadas lhe tinha aparecido como um anjo inocente cheio de luz, esta era a Serafina que só se atrevera a imaginar quando estava muito excitado nas noites.

Usava uma camisola de gaze escarlata bastante indecente. Tinha umas longas mangas que lhe cobriam inclusive as mãos e um decote muito baixo que deixava ver seus cremosos seios. Seus cachos negros e selvagens flutuavam ao redor de seus ombros e segurava na mão um copo de vinho.

Em todo seu esplendor erótico, este produto luxurioso de sua imaginação era uma tentação malévola, uma sereia; a tigresa que tinha aparecido nesse encontro final e incrível dessa tarde.

Viu como inclinava seu corpo voluptuoso contra a porta, em uma pose soberba.

—Oh! —disse com uma voz que parecia surpreendentemente real.

Os três russos se voltaram.

—O que estão fazendo em minha casa? —perguntou friamente erguendo ligeiramente as sobrancelhas. Começou a brincar com os dedos em seu decote, afrouxando o laço.

—Ai, Meu Deus! —disse Darius.

Um dos gigantes gaguejou. Os olhos de Anatole se arregalaram.

Irradiando pura sensualidade, aprendida talvez depois de uma vida estudando as mulheres do palácio, ficou em ação antes que algum deles, estúpidos machos, pudessem reagir.

Foi letal.

Seu passo era docemente traidor ao aproximar-se dele, com a seda vermelha rodeando suas pernas como em um sonho, seu rosto pálido fixo em uma máscara de fria beleza.

—Vejo que encontrou o Don Juan de meu marido.

Darius a olhou horrorizado ao ver que deixava sem esforço a um lado os gigantes, tão facilmente como se fossem duas grandes e estúpidas mulas de carga. Sustentava a medalha da Virgem ante seus olhos e a balançava como se fora um pequeno pêndulo.

—De onde saiu isto? Não, não se incomode em me responder. Estou farta de suas mentiras.

Com uma careta nos lábios, colocou a corrente em sua mão, lhe tocando a parte de trás do cabelo para tranquilizá-lo. Quando ela o pôs de volta, olhou-a suplicante.

"Saia daqui! Está tentando que a matem?"

Tyurinov começou a rir lentamente.

"Não está acreditando", tratou de lhe dizer Darius com o olhar. Mas viu que seu jogo não tinha feito senão começar.

Os gigantes olhavam em silêncio à mulher enquanto esta se voltava para Tyurinov, com os braços cruzados, lhes permitindo descaradamente que a inspecionassem com seu ávido olhar.

—O que vai fazer com ele? —perguntou-lhe em tom aborrecido.

—Que jogo é este, querida? —grunhiu o príncipe com seu difícil acento, os olhos ardendo de desagradável desejo. Aproximou-se dela.

—Bom, ele já serviu a meus propósitos, não acha?

—Ah, sim? Conte-me.

Fez um beicinho.

—Ah, ainda está zangado comigo. —aproximou-se dele e lhe cravou um dedo em sua casaca azul.— Anatole, nos despedimos tão abruptamente. De verdade acredito que devemos falar.

Darius ficou branco.

—Serafina. —Não queria que ficasse a sós com este bruto.

—Ah, cale-se! —replicou-lhe, deixando-o desconcertado.

—Vão matá-lo, e no que me diz respeito, merece isso. —Voltou a olhar a Tyurinov de novo com um encanto frio e calculista. — Os maridos podem ser tão aborrecidos. A viuvez combina muito mais com meu estilo.

—Casados há quinze dias e já está cansada dele? —perguntou Tyurinov, olhando-lhe de perto o rosto.

—Este presunçoso? —Olhou a Darius, mas evitando seus olhos, como se não pudesse suportar encontrar-se com seu olhar. — Como amante, possivelmente. Mas como marido? Enganou-me. Nunca quis me casar com ele. Seduzi-o para que tratasse de matar Napoleão algo no que falhou —disse, entreabrindo os olhos. — Mas me mentiu ao não me dizer que tinha falhado, sabe?, E me pediu sua recompensa debaixo de falsas pretensões.

—Por que não quis se casar comigo? —perguntou Anatole.

—Anatole, Anatole, querido. — Bateu-lhe no peito para tranquilizá-lo, levantando a cabeça até encontrar seus olhos. — Não é que não queria me casar com você. É que não queria me casar. Ponto. Eu gosto de minha liberdade. Estou segura de que sabe o que é ser adorada por todos. Por que ia escolher só a um? Meu raciocínio, simplesmente, era que se devia me casar com alguém, meu marido seria suficientemente brando de caráter para poder controlá-lo. E você não me parece um homem assim.

Isto pareceu aplaca-lo um pouco.

—De fato, não o sou.

—Santiago, pelo contrário — olhou-o — bom, poria a mão no fogo se eu pedisse.

—Quanto tempo foi seu amante?

—Ah, sempre compartilhamos certa atração física —admitiu—, mas desde que me enganou, neguei-me a lhe dar o que queria. Assim, sabe o que faz? —perguntou-lhe coquete—Sai carrancudo em busca de qualquer outra mulher, embora se zangue se me interesse por qualquer outro homem —mentiu.— E eu lhe pergunto, Anatole, acha que preciso tolerar um homem que não me aprecia? —Acariciou-lhe, pondo em ação todas as suas curvas.

O olhar de Tyurinov seguiu a rota de suas mãos. Não podia lhe tirar os olhos de cima e Darius estava começando a se preocupar o bastante. Estava certamente desempenhando seu papel com todas as consequências.

—Esteve deixando-a sozinha de noite? —grunhiu o general, virtualmente babando.

—Muitas noites —ronronou ela.

—Bom, isso é imperdoável.

Darius queria matá-lo pela maneira como a olhava, mas mordeu a língua sem atrever-se a dizer nada que pudesse piorar ainda mais as coisas. Havia uma possibilidade bastante remota de que esta maldita criatura soubesse o que estava fazendo. Deus sabe que quase tinha conseguido convencer a ele. Por seu aspecto, podia ter estado dizendo aos russos que a lua era feita de queijo azul e eles teriam acreditado, muito ocupados em olhar seus seios.

Deu uma olhada de fúria a seu redor tratando de achar uma maneira de liberar-se, mas quando sua esposa se aproximou ainda mais de Tyurinov e começou a brincar com um de seus galões dourados, Darius decidiu, com os olhos em chamas, que seu rebelde Pequeno Grilo estava muito necessitado de uma reprimenda.

Enquanto falava, ele se ia ficando cada vez mais furioso. Isto era uma farsa, não?

—Anatole —disse docemente—, não poderiam seus homens terminar com meu marido? Quero falar com você. A sós.

—É impossível —disse ofegando.

Sorriu-lhe friamente.

—Estou assustando-o?

Anatole riu suavemente, com os olhos brilhando pela provocação. Depois fez um gesto a seus homens.

—Matem-no.

—Espere. —balançou-se sobre Darius e lhe rodeou os ombros com os braços, lhe colocando os seios justo sob o rosto.

Senhor, seu vestido era decotado.

—Disse-lhe que teria o que merecia, maldito patife.

Darius a olhou sem poder acreditar no que estava se passando, assombrado. "*Vai me deixar aqui?*" inclinou-se para ele e lhe deu um beijo na parte da boca que não sangrava. Depois, seus lentos e brandos beijos foram transladando-se para seu pescoço em um alarde de sedução. Assombrou-se de que pudesse lhe fazer tremer de desejo, apesar do dolorido corpo devido aos golpes.

Deixou que os homens a olhassem enquanto ela se colocava entre suas pernas abertas e lhe abraçava mais forte. Furioso, olhou aos homens que olhavam detrás as curvas do final de suas costas.

Serafina continuou beijando-o outro momento mais, deslizando as mãos embaixo das dele, que estavam atadas atrás da cadeira. Suas carícias se detiveram ao achar a corda.

De repente, Darius sentiu um estranho puxão em seus pulsos. Quase se sufocou em seu beijo quando suas mãos caíram, livres. Reagiu imediatamente e voltou a deixar as mãos onde estavam para que os homens não se dessem conta do que tinha feito.

Sem ser vista, pôs-lhe um pequeno objeto cilíndrico na mão. Darius soube imediatamente que se tratava do cabo de uma pequena faca. Deu-se conta então de que a tinha tido escondido sob as longas mangas do vestido. Apertou a arma com os dedos.

Darius não moveu um músculo ao ver que o soltava com um travesso sorriso nos lábios, sem deixar de olhá-lo.

—Adeus, marido —disse despreocupada, e sentiu as faíscas que brotaram de seu mútuo olhar.

—É uma descarada sem coração —grunhiu Darius, e foi tudo o que pôde fazer para que seu tom parecesse duro, porque a alegria e a pura devoção por essa magnífica e descarada criatura o queimava no mais profundo de seu ser, fazendo-o recuperar a última grama de fortaleza que restava.

Entendeu tudo agora, o significado de sua pequena representação. Olhou-a fixamente, sentindo-se como se lhe tivessem tirado um véu dos olhos.

Pensou na menina de há muitos anos, a que esperneava e chorava quando tentavam afastá-la da cabeceira de sua cama. A seu lado, enquanto ele lutava por sua vida.

Lealdade. Lealdade absoluta.

Por ele.

Isso era amor, e ela o havia dito alto e claro, em uma linguagem que ele pudesse entender.

—Pensarei em você e em suas conquistas quando gastar sua fortuna.

—Faça-o —disse alongando as palavras, sem deixar de olhá-la.

Tocou em Tyurinov, cujos olhos como safiras a seguiam excitados.

—Venha comigo, Anatole.

Mas então o sangue de Darius gelou.

Tyurinov deslizou a mão sobre o ombro de sua esposa. Virou-a e a pôs contra a parede. Darius só pôde ver um brilho de terror em seu rosto.

—Justo aqui, minha doce e quente fêmea —disse, enquanto a cobria contra a parede com seu grande corpo.— Seu marido desfrutará do espetáculo.

Os dois gigantes loiros começaram a rir.

—Vê bem daí, espanhol? —perguntou Tyurinov enquanto desabotoava as calças.— Deixa que lhe ensine como se faz. Quando eu e meus homens terminemos com ela, não ficará nada para você.

Darius reprimiu uma maldição.

Os dois gigantes se olharam divertidos. O de sua direita só tinha utilizado os punhos, mas o da esquerda levava um taco de beisebol na mão. Com o coração acelerado, Darius apertou forte o cabo da faca, preparado para agir.

Serafina olhou para Anatole, horrorizada, enjoada contra a parede. Seu ex-noivo a segurava pelos ombros. Sem aviso, selou os lábios com os seus, frios e secos.

Fora de si, golpeou-o e tratou de afastar-se da solidez de seu peito, mas ele só ria e respondia a seus golpes lhe espremendo cruelmente os seios.

Tratou de ajoelhá-la à altura de sua virilha, mas perdeu o equilíbrio quando levantou a perna, e ele utilizou a manobra para lhe separar as pernas com o joelho. Teve que agarrar-se a sua cintura para não cair. Desceu as calças com uma mão, expondo-se com rapidez e subindo depois o vestido por cima das coxas. Serafina ouviu os ruídos histéricos que saíam de seus lábios, mas toda resistência era inútil. Ele era um gigante e não tinha vergonha, não tinha sentimentos, nem remorsos. Dobrou o joelho, agachando-se, preparado para penetrá-la. Arranhou-lhe o rosto.

Ele a esbofeteou.

—Fica quieta e aceite.

Gemendo de assombro, levantou o olhar para ele, com o rosto corado. Não podia acreditar que a tivesse golpeado. De repente, houve um horripilante grito e um disparo que parecia proceder de onde estava Darius.

Com os olhos acesos de paixão, Tyurinov se voltou, ofegando. Com este movimento, sua mão se achou com algo duro que se sobressaía de seu quadril. Seus dedos se encontraram com couro, metal e madeira.

"Uma pistola."

Antes que soubesse sequer o que estava fazendo, tirou a pistola de Tyurinov de sua capa e pressionou com o canhão sua garganta nua.

Ele ficou gelado.

Serafina sentiu como sua ereção desaparecia.

—Dá um passo atrás —disse, tremendo, respirando com dificuldade.

Anatole obedeceu.

—Vista-se —acrescentou desgostosa.

Enquanto subia as calças, Serafina olhou ao longe e viu a Darius, enredado em uma briga mortal com um dos homens de Anatole. O outro estava morto, sua garganta uma massa de sangue no chão.

Com uma mão, o gigante loiro tratava de estrangular Darius. Com a outra, segurava o pulso direito de Darius. O braço de seu marido tremia ao tratar de pôr a faca no pescoço do russo.

Anatole deu um passo para eles.

—Não se mova —disse com um tom de aço, segurando a arma com as duas mãos.

Ela a olhou com um sorriso cruel e frio.

—Baixe a arma. Nem sequer sabe como usá-la.

—Já descobrirei. —Pôs o dedo no gatilho.

Fez uma tentativa de dar um passo para trás.

Ela se aproximou, a arma firmemente segura entre suas duas mãos.

Olhou-a enquanto ria suavemente.

—Não vai disparar em ninguém.

Ela engoliu forte, perguntando-se se não seria verdade o que dizia, porque não se sentia capaz de apertar o gatilho. Não estava segura de poder matar ninguém, nem sequer a ele.

Mas não teria que fazê-lo, pensou para si enquanto o suor começava a rodar por sua sobancelha. Em qualquer momento, Darius se liberaria do russo e terminaria com isto.

Deu uma olhada rápida em direção aonde estava ele, justo no momento em que o russo lhe golpeava nos joelhos com o taco de beisebol. Darius gritou furioso mas, quando o russo investiu contra ele, cravou a faca no estômago do homem. O russo veio abaixo sobre ele com um chiado dilacerador que se transformou em um rugido, depois ficou ali deitado, ofegando com um fio de sangue quase negro saindo de seu abdômen.

Serafina engoliu com repulsa.

Anatole não mostrou nenhuma reação ante a morte de seus homens.

A pistola cambaleou ligeiramente em suas mãos, enquanto seu olhar passava de Anatole a Darius. Seu marido estava no chão, com o rosto convulso de dor. Olhou Anatole sob a franja.

Anatole deu as costas a Serafina e se dirigiu para ele. Ao ver que Darius não se levantava, compreendeu que não podia.

Um tremor transpassou suas costas.

—Darius.

Não disse nada. Livrou-se do agora inconsciente russo e ficou de quatro, com ajuda da perna direita. Ajoelhou-se sobre a direita e tratou de levantar-se.

Anatole se inclinou e lhe golpeou no rosto, lhe devolvendo ao chão junto ao homem morto. Darius o amaldiçoou e tratou de ficar outra vez em pé.

Anatole riu e deu outro passo para ele, olhando-o com desprezo.

—Levante-se, menino bonito. Quero acabar com você.

—Anatole —disse Serafina. Uma gota de suor rodou por sua face. Apontava-lhe às costas.— Se voltar a tocá-lo, Mato-lhe.

Fazendo rodar o corpo do outro homem, Anatole a olhou com arrogância por cima do ombro. Depois se afastou dela, em pé junto a Darius.

—Não, não o fará. —Sem dizer nada, voltou a golpeá-lo.

Darius tratou de evitar o golpe encolhendo o corpo e ela apertou o gatilho.

Anatole emitiu um gemido, dando tombos para trás enquanto seu sangue se espalhava salpicando a Darius e o corpo do homem morto. Tudo parecia mover-se com lentidão. Serafina viu Darius voltar-se ante o fio de sangue. Tyurinov caiu de joelhos, tratando de segurar seu peito. Olhou para baixo, depois levantou a cabeça e a observou estranhando. O sangue caía por seus dedos, enquanto tratava de pressionar o peito com suas mãos.

Serafina deixou cair a arma e olhou-o, sem poder afastar os olhos ao ver que o sangue saía a jorros por sua boca.

Seus olhos se escureceram. Caiu de rosto, para um lado e permaneceu ali no chão, com os olhos azuis abertos. Respirou várias vezes com um som retumbante de impotência, e depois deixou de respirar, imóvel.

Darius e Serafina se olharam em silêncio.

Capítulo 25

—Ajude-me —disse com voz rouca enquanto corria para ele.

Ela se ajoelhou junto a ele, com o coração acelerado.

—Acredito que tenho o joelho fraturado — esforçou-se em dizer.

—Pode se levantar?

Assentiu com a cabeça, o rosto muito pálido. Ajudou-o a ficar em pé com dificuldade. Não podia dobrar a perna direita. Ofereceu-lhe o ombro direito para que se apoiasse nele. Por uma vez, não discutiu. Lentamente, dolorosamente, cruzaram a sala.

—Pode subir as escadas?

Assentiu com uma careta de dor, a mandíbula tensa e os lábios brancos. Pondo uma mão no corrimão e a outra no ombro dela, Darius se obrigou a subir um degrau atrás do outro, tratando de não fazer cair o peso em seu pé direito. Ela olhava-o com ansiedade, horrorizada ao vê-lo sofrer dessa maneira. O suor caía por seu rosto. Sua respiração era profunda e tremia junto a ela.

—Quase chegamos – animou-o suavemente.

Ele não disse nada, afundando os dedos em seu ombro para agarrar-se com força a ela.

Era como se tivesse passado uma hora quando por fim chegaram ao alto da escada e seguiram lentamente pelo corredor, balançando-se até o quarto rosa. Finalmente, Darius se sentou na cama, aliviando assim o peso dos braços sobre os ombros dela.

Apertou o maxilar, aguentando a dor enquanto subia a perna direita sobre a cama. Com cuidado, Serafina lhe ofereceu ajuda. Deitado na cama, ofegou de dor.

—Obrigado.

Serafina estava já acendendo uma vela e tirando a cesta de costura onde guardava seus instrumentos médicos. Cada vez que lhe vinha a visão de Anatole olhando o peito ferido, tratava de afastá-la com força, longe, muito longe.

A primeira coisa que fez foi lhe cortar as calças até o joelho, retirando com cuidado o tecido. Ficou pálida ao ver que o golpe de seu joelho era do tamanho de uma laranja. O golpe não tinha chegado a fazer uma ferida na pele, mas toda a zona estava vermelha e arroxeadas.

Olhou Darius e viu que a contemplava com uns olhos grandes e cheios de ansiedade.

—Está fraturada?

—É possível, esperemos que seja só uma contusão —disse.— Não saberemos até daqui a alguns dias, quando o inchaço baixar. Ah, como desejaria que tivéssemos um pouco de gelo. —moveu-se para a cabeceira, acomodando para ele os travesseiros. Umedeceu um dos panos e limpou com delicadeza o sangue seco de seu lábio partido.

—Meu pobre menino, olhe-se —murmurou. Ele a olhou enquanto limpava seu rosto com o pano frio e úmido. Acariciou seu cabelo e se inclinou para beijá-lo na testa, lhe transmitindo força e serenidade com o contato. Ele a abraçou de repente, atraindo-a para ele. Serafina apertou-o com todas suas forças. Darius afundou os dedos na suavidade de seu cabelo.

—Está bem? —sussurrou.— Deus, essa foi a coisa mais horrível que vi em minha vida. Golpeou o seu lindo rosto.

—Estou bem, Darius. Não me golpeou tão forte. Além disso, ajuda saber que teve o que merecia —acrescentou com gravidade.— E você? Está bem?

—Agora estou. —E a abraçou com mais força.— Não me deixe nunca, Serafina. Não me deixe nunca.

—Não o farei. Nunca pensei em fazê-lo. —Conteve algumas lágrimas.— Tudo irá bem, não é? Temos o resto de nossas vidas. Temos.

Ele acariciou seu cabelo, com o desespero de seus olhos de ônix refletindo-se nos dela.

—Sim, sim, teremos o resto de nossas vidas, asseguro-lhe.

—Sim. —Fechou os olhos e o beijou na face.— Amo-o, Darius. Tem que se convencer disso de uma vez por todas!

—Sim —sussurrou.— Sei. E eu também a amo. Deus, pensei que a tinha perdido!

—Nunca. —retirou-se um pouco e pôs a mão sobre sua face carinhosamente.— Agora tenho que ir tirar um pouco de água fria do poço. —Não tinha nenhum desejo de descer e voltar a ver os corpos mortos, mas pensou que poderia fazer isso por ele— Vamos pôr umas compressas frias em seu joelho e depois o enfaixaremos para que não inche mais. Isto vai melhorar, prometo-lhe. Quer uísque?

Negou com a cabeça com seriedade, mas então reconsiderou a oferta.

—Por favor —disse envergonhado.— Isto dói como o diabo.

—Vê, não foi tão difícil aceitar? —disse-lhe enquanto punha uma dose para cada um.

Levantaram os copos para saudar e depois beberam. Olharam-se, os dois fazendo caretas, com os olhos chorosos. Darius lhe devolveu o copo vazio com um olhar de desdém.

Ela sorriu sem querer, sacudindo a cabeça.

—Adoro-o, Santiago.

Ele a olhava da forma mais estranha.

—É uma selvagem, Serafina.

Lançou-lhe um sorriso devastador.

—Claro, tenho que ser semelhante a meu marido, não acha?

—Boa resposta para uma flor de estufa!

Fez-lhe uma careta de brincadeira. Justo nesse momento, ouviu o som distante de uns cascos e umas risadas masculinas. Serafina ficou tensa de forma instantânea, temendo que mais homens de Tyurinov tivessem chegado. Voou em direção à janela e abriu ligeiramente as cortinas, inspecionando o exterior.

—É Alec com o resto de seus homens! —exclamou.— Graças a Deus! —afastou-se da janela e foi para a porta.— Fique aqui deitado e tente relaxar, Darius. Eu irei pegar água fria e mandarei Alec procurar o agente de polícia e o médico para que o examine. Eu me ocuparei de tudo.

—Serafina.

Ela deteve-se, com a mão no trinco da porta, e se voltou para ele com curiosidade.

Tinha o rosto pálido, mas se recuperou um pouco ao arquear uma sobrancelha em direção dela.

—Não saia deste quarto até que troque de vestido.

Seu rosto desenhou uma careta e depois, o rubor subiu a suas faces.

E então, de repente, Darius estendeu os braços e sorriu como só ele podia fazê-lo.

—Venha aqui, pequena cafajeste.

Alegremente, Serafina correu para ele.

Ele a atraiu para a cama e a fez deitar-se sobre as mantas, de lado, enquanto lhe beijava todo o rosto.

—Amo-a, amo-a, amo-a! —disse-lhe entre beijos e beijos.

Serafina riu, sem fôlego. Quando por fim se deteve e ficou em silêncio, olhando-a, ela deslizou seus braços ao redor de seu pescoço, sem deixar de desfrutar de tão terno olhar.

—Amo-o—sussurrou.— Não há uma parte de você que não queira. Lembre-se disso.

Ele assentiu.

—Farei. Ainda não posso acreditar que arriscou sua vida por mim.

—Por que não? Você o fez sempre por mim.

Ele parecia desconcertado.

—Ficou por mim. Entrou nessa sala por mim quando podia, quando deveria ter pensado em sua própria segurança. Sinto-me... —Sacudiu a cabeça.

—O que é que sente?

—Como se minha vida acabasse de começar. —Fechou os olhos um momento— Estive me escondendo de você, Serafina. Tinha tanto medo que me comportei com você como um bastardo. E você teve tanta paciência comigo.

—Porque merece isso, Darius.

Voltou a abrir os olhos, perplexo, sem poder dizer nada mais.

Ela levantou um pouco a cabeça e beijou seus lábios, lentamente, acariciando com seu fôlego a cicatriz em forma de meia lua de sua boca. Quando terminou de beijá-lo e deixou descansar a cabeça outra vez sobre a cama, ele sorriu como um menino pequeno.

Ficaram em silêncio, desfrutando de sua mútua companhia. Serafina penteou com os dedos seu sedoso cabelo negro e lhe retirou a franja dos olhos. Viu que ele a olhava da forma mais estranha. Moveu a cabeça.

—Casar-se-á comigo? —perguntou-lhe de repente.

—O que? —gritou surpreendida.

—Nunca tive a oportunidade de perguntar lhe isso — murmurou com um leve dar de ombros.

Ela fingiu refletir sobre o assunto.

—Bom, diabos, Santiago. Não sei. É um grande passo. Acha que está preparado?

—Estou preparado —sussurrou, com os olhos reluzindo sob suas longas pestanas.

Ela riu e abraçou-o forte.

—Por fim! —exclamou. — Estou esperando que me pergunte isso desde que tinha quatro anos!

—Então acredito que terei que recuperar o tempo perdido.

—Mmmm —rindo, atraiu-o para si para que a beijasse.

Epílogo

27 de outubro de 1805

—Ai, Serafina, está linda! —gritou Els enquanto a seguia ao segundo andar da casa amarela.— Não estranho que não voltemos a vê-la na corte. Transformou este lugar em seu próprio paraíso!

Serafina fez uma careta de prazer e retirou uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. Conduziu depois sua amiga à sala de jantar.

—Olhe o afresco. —Apontou o teto, onde as cores da pintura barroca tinham sido restauradas. Marte e Vênus tinham sido surpreendidos em seu tecido de ouro sem que parecesse que isso lhes importasse.

Els riu, maravilhada.

—Recordam um casal que conheço.

Serafina riu.

—Venha, mostrarei o salão de dia. Tem tanta luz que tenho um limoeiro crescendo ali.

O final da remodelação da casa tinha coincidido com o da ameaça de guerra que tinha mantido em guarda à ilha durante cinco meses. Nesse dia, Serafina e Darius eram os anfitriões da festa campestre que celebrava a ocasião.

Uma semana antes, enquanto Ascensão começava a colheita de uvas, o almirante Horatio Nelson perdia sua vida, mas derrotava a Villeneuve e acabava com a armada franco-espanhola em Trafalgar.

Napoleão já não tinha intenção de atacar Ascensão, muito menos à Inglaterra. Sua ameaça de invasão tinha terminado para sempre.

Conforme Serafina ia mostrando a biblioteca a sua amiga, dava-se conta de que as aterradoras lembranças de Tyurinov e seus homens começavam a desaparecer.

A habitação parecia diferente agora. Tinha-na remodelado por completo e reluzia com a pintura nova e cremosa. Tapetes de cores claras tinham substituído àqueles manchados de sangue. Apesar da importância do homem ao que tinha matado, o Czar Alexander tinha intervindo para suspender as investigações sobre o ocorrido naquela noite.

O jovem rei tinha escrito a Darius para elogiar a valentia de Serafina e agradecer a informação que Darius lhe tinha enviado confirmando a suspeita de que Tyurinov tinha assassinado a sua primeira mulher. Agora que Tyurinov tinha encontrado seu final em Ascensão, era mais fácil para o Czar pôr os detalhes de seus crimes sobre a mesa.

Ao receber a carta do Czar, Darius lhe tinha explicado tudo àquilo que podia ler-se nas entrelinhas. Se Tyurinov tivesse seguido vivo, seu julgamento teria sido um terrível escândalo para o próprio Czar, por ser seu primo. Teria também polarizado os partidários de Tyurinov no exército e os nobres conservadores contra a administração.

No referente à família da princesa Margaret, o Czar dizia em sua carta que lhes tinha apresentado pessoalmente suas condolências e lhes tinha explicado a verdade do que acontecera. Agora que Anatole tinha morrido, sentiam-se reconfortados pensando que a morte de sua filha tinha sido vingada.

Els a tirou de seus pensamentos.

—Eu adoro a cor. —Sorriu enquanto dava uma volta pela sala.

A ruiva se desfazia em elogios pelas antiguidades gregas que se viam aqui e acolá. A vista de Serafina foi parar à mesa do escritório. Os óculos de Darius jaziam ali, sobre o grosso livro de sua empresa de comércio marítimo.

Embora continuasse trabalhando como conselheiro diplomático especial para o Escritório de Assuntos Exteriores, o papel do próspero príncipe comerciante ocupava a maior parte de seu tempo. E estava agradecida a Deus por isso. Tinha trabalhado já muito para seu país de adoção, e outros homens estavam agora à frente para as missões difíceis. Gostava de brincar com ele lhe dizendo que o mundo não se acabara embora ele não o administrasse, depois de tudo.

As duas mulheres continuaram com a visita e subiram as escadas que conduziam ao segundo andar.

Els se voltou para ela.

—O que pensa de Alec?

Serafina escondeu um sorriso.

—Ah, é muito doce. Muito honrado. Um bom homem.

—Entretanto, puritano e bastante insosso —replicou Els cautelosa, franzindo o cenho.

—Talvez necessite de alguém que o anime um pouco.

Els bufou, embora ruborizada. Serafina riu e seguiu lhe mostrando os demais aposentos, até que por fim chegaram ao dormitório rosa.

—Ah, o ninho de amor.

—Els! —Desta vez foi Serafina a ruborizada.

Els suspirou.

—É tão afortunada. Uma vida maravilhosa, um marido maravilhoso, uma casa maravilhosa.

—Sei —murmurou, com os braços sob o regaço. Els percorreu o quarto e foi olhar pela janela.

Serafina desceu os olhos e viu seus pés descalços na borda do tapete. Fixou-se nas cores puídas que representavam às jovens criadas dançando no mês de maio, rodeadas de um mundo de flores coloridas.

—Seu pobre irmão. —Els suspirou com a vista no exterior. Quando Serafina se aproximou para olhar lhe fez uma indicação com um movimento de cabeça. — Olhe, não tornou a ser o mesmo.

Sob um céu azul e brilhante, os campos luminosos se estendiam em todas as direções, tão longe como podia alcançar a vista. Um pouco mais perto, uma luz dourada de entardecer banhava a vila e a todos seus hóspedes, que se sentavam em um círculo para desfrutar da paisagem no jardim. Sua mãe presidia o grupo no centro, com seu pequeno adormecido nos braços, o príncipe Lorenzo. Pia se sentava a seu lado, pronta para ajudá-la, olhando ao menino com um sorriso satisfeito. Junto ao muro do jardim, seu pai estava agachado examinando as últimas rosas vermelhas.

Entretanto, Rafe tinha se sentado além de outros, com as pernas estiradas em uma cadeira, e seu formoso queixo apoiado no punho de sua mão, como se contemplasse com preocupação o horizonte.

Serafina moveu a cabeça preocupada. Dava-lhe muita pena.

— Dizem que viram Julia Calazzi em Roma — confidenciou. — Ao que parece, ofereceu-se como criada de Pauline Bonaparte.

— Não! — gemeu Els.

Ela assentiu, afastando-se da janela e sentando-se na cama.

— Deus os cria e eles se juntam, não acha? Julia podia ser capturada facilmente, mas Rafael não permite. Disse a Darius que tudo o que quer é que vá falar com ela e lhe pergunte por que fez isso.

Els sacudiu com tristeza a cabeça e seguiu olhando ao príncipe.

Um alegre clamor de criançada chegou de repente até elas de longe. Serafina sorriu reconhecendo o som. "*Chega tarde.*"

— Esse não pode ser seu marido, ai, Meu Deus! — disse Els, atônita. — Não posso acreditar nisso.

Sorrindo, Serafina se levantou outra vez para ir à janela.

— Ah, sim, O Flautista. — uniu-se a Els, rindo do espetáculo.

Balançando os laços das cornetas, o grande Santiago e sua comitiva caminhavam penosamente pelo vale dourado em direção a casa.

Els se voltou e a olhou surpreendida.

— Seu marido vem rodeado de crianças!

— São as crianças dos camponeses da zona. Vêm vê-lo quase todo dia.

As crianças se penduravam em seus braços, saltavam a seu redor e estiravam o pescoço ao máximo para lhe oferecer seus sorrisos, falando todos ao mesmo tempo.

Darius não parecia particularmente chateado. Já mais perto, indicou a mesa cheia de comida do jardim. Correram em massa como uma tribo de selvagens, sem prestar atenção aos personagens da realeza presentes.

Els olhou-os boquiaberta.

Darius pôs as cornetas sobre a grama e se dirigiu depois para saudar o rei. Os dois homens altos e morenos ficaram falando em pé um momento. Depois de fazer provisão da comida da mesa, as crianças se apressaram a correr para Darius, com a boca cheia de bolachas e brincando com os ossos do frango como se fossem pequenas fortificações.

Golpearam-lhe até que por fim ele fez conta, rindo, deixando-se cair na grama com eles em cima.

—É assombroso —disse Els.

—Está mimando a todos e cada um deles —replicou Serafina com uma sobrelheira no alto. — Utilizou as sobras de madeira dos carpinteiros para lhes fazer uma casa de jogos. Lê-lhes, intercede em suas brigas. Agora diz que quer comprar um pônei para lhes ensinar a montar.

—Parece ciumenta —Riu Els.

—Não —disse suavemente. — Eles são meus cúmplices. Estão me ajudando a lhe fazer sucumbir ao amor.

Embaixo, as crianças se tranquilizaram um pouco e deixaram Darius se levantar. Em realidade, ficaram todos atônitos ao vê-lo utilizar sua magia cigana para tirar uma moeda dourada da orelha de um dos pequenos.

Darius fez brandir a moeda no ar e sorriu abertamente. Todos gritaram e voltaram a jogar-se em cima dele.

Els sacudiu a cabeça sem dar crédito ao que via.

—Parece-me que será melhor que dê a esse homem um filho.

—Na realidade... —Serafina ficou vermelha.

Els se voltou desconfiada, seus olhos verdes fixos nela, assombrada.

—Grilo!

Serafina sorriu com acanhamento, de uma cor rosa brilhante.

Els a rodeou com os braços.

—Ah, me alegro tanto por você!

Serafina lhe devolveu o abraço, rindo-se com lágrimas nos olhos. Depois, baixou o olhar e pegou as duas mãos de sua amiga, estreitando-as com carinho.

—Acabo de saber. Estou desejando dizer-lhe.

—Ainda não sabe?

—Queria esperar esta noite, quando todos se forem.

—Não, não! Deve dizer-lhe agora, e assim poderá compartilhar a alegria com todas as pessoas que lhes querem —disse Els, com a voz trêmula pela emoção. Afastou rapidamente a lágrima que caía por sua face.

—Mmm —refletiu Serafina. — Talvez tenha razão.

—Certamente que tenho! Vamos, vá dizer-lhe enquanto vou procurar algo de comer antes que esses pequenos diabinhos acabem com tudo.

Abraçadas, voltaram para a multidão do jardim. Els lhe dirigiu um olhar sem fôlego, e depois se afastou com o olhar posto em Rafe. Viu que seu irmão devolveia o olhar a Els, mas ela passou ao largo, direta para o mago de olhos de ônix que jazia no chão rodeado de crianças.

—Ei, crianças, olhem quem vem: nossa fada madrinha — disse Darius entregue a audiência, olhando-a com um toque de picardia.— Devem se comportar bem. Se forem bons, fará que seus desejos se tornem realidade. Assim como fez com os meus.

—E se forem maus, transformarei todos em sapos —concluiu Serafina, em pé junto a eles, com as mãos na cintura vendo como gritavam e riam da ameaça.

—Eu quero ser um sapo! —gritou um.

Serafina estendeu as mãos sobre ele.

—Abracadabra, pé de cabra. Agora são todos sapos!

—Sou um sapo, sou um sapo! —gritaram, e começaram a saltar como se fossem.

Darius olhou para as crianças saltitantes e depois arqueou uma sobrancelha em direção a sua mulher, olhando-a sob a franja.

—Não está mau.

—É o menor de meus poderes —sorriu. — Venha comigo —lhe disse suavemente—, tenho algo para lhe dizer.

Deu um salto para levantar-se e a puxou pela mão. Caminharam um junto ao outro enquanto lhe guiava até a cobertura de parreiras próxima. À sombra de seus verdes ramos, ele a pegou em seus braços e a beijou meigamente.

Serafina acariciou seu rosto recém-barbeado, lhe abrindo os lábios para saboreá-lo.

O desejo percorreu aos dois. Darius se afastou um pouco dela, e suspirou contendo esse tremor, fazendo ver o muito que lamentava a inconveniência das visitas. Limitou-se a lhe acariciar o cabelo e a afundar-se em seu olhar.

—O que queria me dizer, amor? —murmurou depois de um momento, lhe acariciando o pescoço com a boca.

Serafina sentiu um tom de ansiedade, mas ao levantar a vista e achar o brilho quente e terno de seus olhos escuros e aveludados, todos seus temores se desvaneceram.

—Em primeiro lugar queria dizer-lhe o muito que o quero, Darius.

—Ah, e eu a você. —Seu sorriso se fez maior.— E a segunda coisa?

—Bom, —Deslizou as mãos por seu pescoço e se aproximou de seu ouvido, para dizer-lhe em voz baixa.

Todos os convidados levantaram o olhar para ouvir o som profundo, envolvente e maravilhoso de uma risada que vinha de baixo da parreira. As crianças, curiosas, aproximaram-se para investigar, e uns minutos mais tarde, conduziam-o sem turba para a festa, agarrados pelo braço, Serafina vermelha e Darius exultante de alegria.

—O que acontece com vocês dois agora? —grunhiu-lhes Rafael de sua cadeira.

Darius estendeu um braço, voltando-se para todos eles.

—Família —disse, incapaz de conter o sorriso—, temos que lhes anunciar algo.

A festa não tinha feito nada além de começar.

Nota histórica

Em 31 de julho de 1798, Horace Nelson queimou a frota francesa na baía de Abukir. Por este motivo, Napoleão não pôde nunca superar o poderio marítimo dos britânicos.

A carência de uma frota forte supôs sempre um problema para Napoleão, e marcou o limite de seu poder, apesar de todas suas vitórias em terra.

Não parece por isso difícil imaginar para o propósito desta história que Napoleão procurasse a aliança com qualquer país que tivesse uma boa armada, especialmente um país vizinho a sua Córsega de procedência. Aqueles que leram O príncipe pirata recordarão como o rei Lazar de Ascensão se fez já com uma excelente frota sob seu mandato.

Outro aspecto que dá consistência histórica a este argumento é o fato de que a vida de Napoleão esteve sempre cheia de traições. Minhas investigações demonstram que inclusive utilizava sócias para confundir aqueles que queriam matá-lo. As ameaças de assassinato o preocuparam bastante, e delas, a Grande Conspiração, foi a que mais o contrariou. Que um franco-atirador tentasse matá-lo de vez em quando era uma coisa, mas o que descobriu sobre a Grande Conspiração foi que um punhado de assassinos tinham sido contratados pelo governo britânico para matá-lo. Napoleão se sentiu tão indignado que jurou invadir a Inglaterra e colocá-la de joelhos. Entretanto, essa falta de poderio no mar continuava sendo um problema. Minhas fontes asseguram que pensou inclusive em fazer voar globos aerostáticos para transportar a suas tropas sobre o Canal da Mancha! Em lugar disso, obrigou a Espanha a aliar-se com ele e tomou o controle do que ficava da Grande Armada. Mas antes de atrever-se a invadi-los, precisava desfazer-se de seu velho pesadelo, o indomável Nelson.

Enquanto isso, William Pitt dirigia a Terceira Coalizão, uma aliança de países que tinham como objetivo terminar com Napoleão e entre eles estavam a Inglaterra, Rússia, Austria e Nápoles.

Para fazer mais verossímil a história, utilizei outros dois fatos históricos, como são as misteriosas circunstâncias que rodearam a sucessão ao trono do Czar Alexander depois do assassinato de seu enlouquecido pai e o desejo de Napoleão de casar seus irmãos e seu enteado com algum membro da realeza para legitimar seu império. Eugène Beauharnais terminou casando-se acidentalmente com uma princesa da Baviera em 1806. De fato, depois de sua coroação em Milão (não houve tentativa de assassinato nesta ocasião, isto é pura ficção), Napoleão voltou para Paris, deixando Eugène como vice-rei com somente vinte e cinco anos de idade. Eugène é ainda recordado na Lombardia como um soberano progressista e benevolente.

Quanto a Ascensão, não a acharão em nenhum mapa: trata-se de um reino totalmente imaginário. Entretanto, apoiei-me no que conheço da Sicília e Córsega para descrever sua topografia, seu clima e outros muitos aspectos de sua fisionomia.

Por último, aprendi das cartas do poeta Percy Shelley que os dois venenos preferidos naquela época para o suicídio eram o ácido prusiano e a essência em azeite das amêndoas amargas. Entretanto, ao tratar-se de dois venenos líquidos, não eram válidos para o propósito da trama, pelo que tive que equipar Darius com um veneno em pó. Por isso utilizei o arsênico, embora este composto não se transformou em um veneno comum até uma década ou assim depois. Espero que o leitor perdoe esta e outras licenças que tomei nesta história, e que não esqueça que em altares da imaginação, todo o resto é secundário para a história. Ao menos, esta é minha opinião!

Obrigado por visitar comigo o reino mítico de Ascensão. Espero vê-los de novo quando o solitário príncipe Rafael, desonrado pelo rei Lazar depois de suas pouco respeitáveis caminhadas, se apresente uma última oportunidade de provar que é válido da coroa na ausência de Lazar.

É claro, no momento no qual se faz com o poder, todos os demônios cairão sobre Ascensão.

Os cortesãos, ansiosos de lhe arrebatam o poder, desafiarão-no, as pessoas seguirão pensando nele como em um libertino e resistirão a sua autoridade e uma grande seca ameaçará as colheitas da ilha. E se por acaso isto fosse pouco, aparecerá um misterioso Robin Hood que ataca as carruagens reais. Mas ante os olhos da insolente e empobrecida lady Daniela Chiaramonte, Rafael di Fiore não é mais que o "príncipe encantador".

Até logo!

Com todo meu carinho,

Gaelen

PRÍNCIPES DO MAR

Príncipes do Mar 01 - O Príncipe Pirata – Distribuído.

Príncipes do Mar 02 - A Princesa – Distribuído.

Príncipes do Mar 03 - O Príncipe Azul - A ser liberado.